



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**MARCOS ERONI PIRES**

**NANOSSINTAXE  
DOS DOMÍNIOS VERBAL E PREPOSICIONAL  
NAS CONSTRUÇÕES DE INVERSÃO LOCATIVA  
DO PORTUGUÊS**

**CAMPINAS  
2016**

**MARCOS ERONI PIRES**

**NANOSSINTAXE  
DOS DOMÍNIOS VERBAL E PREPOSICIONAL  
NAS CONSTRUÇÕES DE INVERSÃO LOCATIVA  
DO PORTUGUÊS**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Charlotte Marie Chambelland Galves (Unicamp)

**Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pelo aluno Marcos Eroni Pires e orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Charlotte Marie Chambelland Galves**

**CAMPINAS  
2016**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

P665n Pires, Marcos Eroni, 1985-  
Nanossintaxe dos domínios verbal e preposicional nas construções de inversão locativa do português / Marcos Eroni Pires. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa - Sintaxe. 2. Língua portuguesa - Verbos. 3. Língua portuguesa - Preposições. 4. Gramática comparada e geral - Aspecto verbal. 5. Gramática comparada e geral - Preposições. 6. Ordem (Gramática). I. Galves, Charlotte, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Nanosyntax of verbal and prepositional domains in constructions of locative inversion of Portuguese

**Palavras-chave em inglês:**

Portuguese language - Syntax

Portuguese language - Verb

Portuguese language - Prepositions

Grammar, Comparative and general - Verb aspect

Grammar, Comparative and general - Prepositions

Order (Grammar)

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutor em Linguística

**Banca examinadora:**

Charlotte Marie Chambelland Galves [Orientador]

Teresa Cristina Wachowicz

Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais

Marcello Modesto dos Santos

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

**Data de defesa:** 06-06-2016

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Charlotte Marie Chambelland Galves

Teresa Cristina Wachowicz

Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais

Marcello Modesto dos Santos

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Elisângela Gonçalves da Silva

Maria Clara Paixão de Sousa

Emilio Gozze Pagotto

IEL/UNICAMP  
2016

**Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.**

**Marcos Eroni Pires**

**Nanossintaxe dos Domínios Verbal e Preposicional  
nas Construções de Inversão Locativa  
do Português**

**Orientadora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Charlotte Marie Chambelland Galves (IEL/Unicamp)

**Banca Examinadora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Cristina Wachowicz (UFPR)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais (FFLCH/USP)

Prof. Dr. Marcello Modesto dos Santos (FFLCH/USP)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sonia Maria Lazzarini Cyrino (IEL/Unicamp)

**Suplentes:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisângela Gonçalves da Silva (UESB)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Clara Paixão de Sousa (FFLCH/USP)

Prof. Dr. Emilio Gozze Pagotto (IEL/Unicamp)

*“There’s no PLACE  
I’d rather be  
(...)”*

## RESUMO

---

Este trabalho investiga, a partir do modelo teórico da nanossintaxe (Svenonius *et al.*, 2009; Starke, 2011), que conjuga, de certa forma, as abordagens minimalista (Chomsky, 1995 e obras posteriores) e cartográfica (Cinque, 1999), a inversão locativa em português, tanto na variedade europeia quanto na brasileira. Assumindo uma visão não lexicalista do fenômeno, a análise explora a confluência dos domínios verbal e preposicional em busca de uma possível combinação de traços que evidencie a ocorrência das construções de inversão com um elemento locativo e/ou direcional fronteado. Para tanto, a pesquisa assume uma decomposição ricamente detalhada do sintagma preposicional (PP) em seis diferentes projeções, conforme Pantcheva (2011): LUGAR, ALVO, FONTE, ROTA, ESCALA e LIMITE; já para a decomposição do evento verbal, adota-se o modelo de Sintaxe de Primeira Fase de Ramchand (2008), em que verbos denotando causa, processo e resultado são rotulados segundo os seus primitivos semânticos, respectivamente, em INICIADOR (*init*), SOFREDOR (*proc*) e RESULTADO (*res*), organizados em uma relação hierárquica e combinados consoante as especificidades de cada verbo. O português brasileiro (PB), especialmente, revela-se uma língua particular por não exibir somente estruturas típicas de inversão no padrão V2 com verbos inacusativos e inergativos, mas também construções com verbos transitivos sem tema e/ou agente e com argumentos locativos sem a presença explícita de uma preposição. Para o *Spell-out* e a linearização das entradas lexicais estocadas no léxico, é assumido que os PPs locativos e direcionais formam-se em português a partir de movimento de núcleo, assim como se admite o sincretismo espúrio na lexicalização do PP quando combinado com verbos de movimento. Na análise da inversão locativa em português, o estudo conclui que o fenômeno trata-se de um evento pontual com um PP locativo em posição de complemento, ou seja, a estrutura combina uma projeção verbal codificando os traços [*init*, *proc*, *res*] com um PP remático locativo de caráter argumental, capaz de subir para domínios mais altos e ocupar a posição de [Spec,TP], exibindo um comportamento típico de sujeito; para os casos inovadores do PB, acontece uma alternância causativa em que o argumento causador dá lugar ao PP locativo.

**Palavras-Chave:** inversão locativa, nanossintaxe, preposições, evento verbal, locativos.

## ABSTRACT

---

This dissertation investigates, from the nanosyntax framework (Svenonius *et al.*, 2009; Starke, 2011), which joins, in a sense, the minimalist (Chomsky, 1995 and following works) and the cartographic approaches (Cinque, 1999), the locative inversion in Portuguese, in both the European and the Brazilian varieties. Assuming a non-lexicalist vision of the phenomenon, the analysis explores the confluence of verbal and prepositional domains in order to obtain a possible combination of features that shows the occurrence of inversion constructions with a fronted locative and/or directional element. In order to do that, the research takes a fine-grained decomposition of the prepositional phrase (PP) in six different projections, according to Pantcheva (2011): PLACE, GOAL, SOURCE, ROUTE, SCALE and BOUND; for the decomposition of verbal event, Ramchand's (2008) First Phase Syntax model is adopted, wherein verbs denoting cause, process and result are labeled according to their semantic primitives, respectively, in INITIATOR (*init*), UNDERGOER (*proc*) and RESULT (*res*), organized in a hierarchical relation and matched depending on the specificities of each verb. Brazilian Portuguese (BP) proves to be a particular language because besides showing typical structures of inversion in V2 format with unaccusative and inergative verbs, it also contains constructions with transitive verbs without theme and/or agent and locative arguments with no explicit preposition. To *Spell-out* and linearization of lexical entries stored in the lexicon, it is assumed that the locative and directional PPs form in Portuguese from head movement on, as it is assumed the spurious syncretism in lexicalization of PP when it is combined with verbs of movement. In the analysis of locative inversion in Portuguese, the study concludes that the phenomenon it is a punctual event with a locative PP in position of complement, that is, the structure combines a verbal projection encoding the features [*init, proc, res*] with a locative rhematic PP functioning as argument, able to raise to higher domains and occupy the position of [Spec,TP], displaying a typical behavior of the subject; for innovative cases of BP, there is a causative alternation in which the causer argument gives way to locative PP.

**Keywords:** locative inversion, nanosyntax, prepositions, verbal event, locatives.

## LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

---

<b>Figura 1</b> – Posição do PP em relação a V .....	57
<b>Figura 2</b> – Posição do PP-LOC em relação a V .....	58
<b>Figura 3</b> – Posição do PP-DAT em relação a V .....	59
<b>Figura 4</b> – Sentenças V2 com PP-LOC, PP-TMP e PP-DAT .....	61
<b>Figura 5</b> – Ordem [PP V (S)] com PP-LOC e PP-DAT .....	63
<b>Quadro 1</b> – Quadro-resumo das classes verbais segundo a Sintaxe de Primeira Fase ..	141
<b>Tabela 1</b> – Sentenças matrizes com ordem linear V2 .....	54

## LISTA DE ABREVIATURAS

---

ABL	ablativo ( <i>ablative</i> )
ACC	acusativo ( <i>accusative</i> )
Agr	concordância ( <i>agreement</i> )
ALL	alativo ( <i>allative</i> )
AP	sintagma adjetival ( <i>adjectival phrase</i> )
C	complementizador ( <i>complementizer</i> )
CASTL	<i>Center for Advanced Study in Theoretical Linguistics</i>
COM	comitativo ( <i>comitative</i> )
CP	sintagma complementizador ( <i>complementizer phrase</i> )
DAT	dativo ( <i>dative</i> )
DEF	definido ( <i>definite</i> )
DP	sintagma determinante ( <i>determiner phrase</i> )
DS	estrutura profunda ( <i>deep structure</i> )
e(c)	categoria vazia ( <i>empty category</i> )
EGR	egressivo ( <i>egressive</i> )
EL	elativo ( <i>elative</i> )
EPP	Princípio de Projeção Estendida ( <i>Extended Projection Principle</i> )
ERG	ergativo ( <i>ergative</i> )
F	(traço de) foco ( <i>focus feature</i> )
FEM	feminino ( <i>feminine</i> )
FV	vogal final ( <i>final vowel</i> )
GEN	genitivo ( <i>genitive</i> )
ILL	ilativo ( <i>illative</i> )
INFL	flexão ( <i>inflection</i> )
InfP	sintagma infinitivo ( <i>infinitive phrase</i> )
<i>init</i>	INICIADOR ( <i>Initiator</i> )
<i>initP</i>	sintagma de INICIADOR ( <i>Initiator phrase</i> )
INS(TR)	instrumental ( <i>instrumental</i> )
IP	sintagma flexional ( <i>inflectional phrase</i> )
LCA	Axioma de Correspondência Linear ( <i>Linear Correspondence Axiom</i> )
LEPP	( <i>left-EPP</i> )
LOC	locativo ( <i>locative</i> )
LocP	sintagma locativo ( <i>locative phrase</i> )
N	nome ( <i>noun</i> )
NOM	nominativo ( <i>nominative</i> )
NP	sintagma nominal ( <i>nominal phrase</i> )

O	objeto ( <i>object</i> )
P	preposição ( <i>preposition</i> )
PB	português brasileiro
PE	português europeu
PERF	perfeito ( <i>perfect</i> )
PL	plural ( <i>plural</i> )
PP	sintagma preposicional ( <i>prepositional phrase</i> )
PP-DAT	sintagma preposicional dativo
PP-LOC	sintagma preposicional locativo
PP-PAS	sintagma preposicional passivo
PP-TMP	sintagma preposicional temporal
PRET	pretérito ( <i>preterite</i> )
<i>pro</i> /PRO	“prozinho”/“prozão”
<i>proc</i>	SOFREDOR ( <i>Undergoer</i> )
<i>procP</i>	sintagma de SOFREDOR ( <i>Undergoer phrase</i> )
REC.PST	passado recente ( <i>recent past</i> )
REPP	( <i>right-EPP</i> )
<i>res</i>	RESULTADO ( <i>Resultee</i> )
<i>resP</i>	sintagma de RESULTADO ( <i>Resultee phrase</i> )
RP	( <i>relator phrase</i> )
S(UBJ)	sujeito ( <i>subject</i> )
SG	singular (singular)
Spec	especificador ( <i>specifier</i> )
SS	estrutura superficial ( <i>superficial structure</i> )
T	(núcleo de) tempo ( <i>tense</i> )
t	vestígio ( <i>trace</i> )
TERM	terminativo ( <i>terminative</i> )
TP	sintagma temporal ( <i>tense phrase</i> )
V/v (“vezinho”)	verbo ( <i>verb</i> )
VP/vP	sintagma verbal ( <i>verb phrase</i> )
WCO	( <i>Weak Crossover</i> )
XP	sintagma (qualquer)

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 1 – O FENÔMENO DE INVERSÃO LOCATIVA</b> .....	18
1.1 Uma análise léxico-funcional .....	21
1.2 Uma análise discursiva .....	23
1.3 Uma análise formal .....	27
1.3.1 Abordagem pré-minimalista .....	27
1.3.2 Abordagem minimalista .....	30
1.4 Síntese do capítulo e perspectivas .....	44
<b>CAPÍTULO 2 – INVERSÃO LOCATIVA NO PORTUGUÊS</b> .....	46
2.1 Estudos sobre a inversão locativa em PE .....	46
2.2 Dados históricos do PE e a gramática V2 .....	51
2.3 Estudos sobre a inversão locativa em PB .....	64
2.4 Síntese do capítulo e perspectivas .....	72
<b>CAPÍTULO 3 – DECOMPOSIÇÃO DO SINTAGMA PREPOSICIONAL E A NANOSSINTAXE</b> .....	74
3.1 O domínio preposicional .....	74
3.1.1 O <i>Evento de Movimento</i> .....	74
3.1.2 Preposições .....	76
3.1.3 Semântica das preposições .....	80
3.1.4 Sintaxe das preposições .....	83
3.1.5 Decomposição do núcleo Trajetória .....	87
3.1.5.1 Trajetórias de ALVO e FONTE .....	88
3.1.5.2 Trajetórias de ROTA .....	91
3.1.5.3 Trajetórias de ESCALA .....	92
3.1.5.4 Trajetórias de LIMITE .....	94
3.2 Nanossintaxe .....	96
3.2.1 Princípios da nanossintaxe .....	99
3.2.2 Linearização da estrutura .....	109

3.3 Síntese do capítulo e perspectivas .....	117
<b>CAPÍTULO 4 – DECOMPOSIÇÃO DO EVENTO VERBAL .....</b>	<b>119</b>
4.1 A Sintaxe de Primeira Fase .....	121
4.1.1 O núcleo de INICIADOR .....	123
4.1.2 Os núcleos de SOFREDOR e de RESULTADO .....	124
4.1.3 Argumentos de verbos estativos .....	127
4.2 Derivando as classes verbais .....	129
4.2.1 Verbos de causação e processo .....	131
4.2.2 Verbos de causação, processo e resultado .....	134
4.2.3 Verbos estativos .....	137
4.2.4 Alternâncias transitivas .....	138
4.3 Síntese do capítulo e perspectivas .....	140
<b>CAPÍTULO 5 – CONFLUÊNCIA DOS DOMÍNIOS VERBAL E PREPOSICIONAL .....</b>	<b>143</b>
5.1 Entrada lexical dos PPs locativos e direcionais e o movimento de núcleo .....	145
5.2 Sincretismo espúrio .....	154
5.3 Fusão dos domínios verbal e preposicional na inversão locativa .....	160
5.4 Argumentos preposicionais sem P na inversão locativa .....	168
5.5 Síntese do capítulo .....	172
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>174</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>178</b>

## INTRODUÇÃO

---

O objetivo deste trabalho é examinar, à luz de preceitos gerativistas, mais precisamente a partir da abordagem teórica da nanossintaxe, como se dá o fenômeno de inversão locativa em português. A inversão locativa é caracterizada por apresentar um sintagma preposicionado veiculando um sentido espacial ou direcional em primeira posição na estrutura, com a consequente inversão entre o sujeito lógico da sentença e o verbo, como exemplificado em (1).

(1) Na festa chegaram várias crianças fantasiadas.

Como defendido por vários autores, como Coopmans (1989), Hoekstra & Mulder (1990), Bresnan (1994) e Levin & Rappaport Hovav (1995), o fenômeno de inversão locativa se restringe a verbos intransitivos, mais precisamente, a verbos inacusativos e alguns inergativos que veiculam movimento, além de transitivos passivizados. Porém, o português europeu, segundo Pereira (1998), parece apresentar uma gama maior de possibilidades, permitindo verbos claramente transitivos, como em (2) abaixo.

(2) Neste hotel recebeu o rei os seus convidados.

Indo mais além, Avelar & Cyrino (2008, 2014) demonstram que o português, particularmente na variedade brasileira, sendo agramatical na europeia, apresenta construções ainda mais inovadoras, como aquelas em (3) abaixo, em que o verbo transitivo é ergativizado, como em (3a), ou, simplesmente, há a supressão do argumento agentivo, conforme (3b). Por fim, uma construção bastante peculiar ao português, principalmente o do Brasil, é aquela mostrada em (4) a seguir, em que um argumento com uma noção espacial, sem a presença de uma preposição, funciona como o sujeito da sentença, configurando-se como uma construção de sujeito locativo, na esteira de pesquisas como as de Pontes (1987), Galves (1998), Munhoz (2011), Munhoz & Naves (2012) e Andrade & Galves (2014).

(3) a. Naquele bairro aluga casas de todos os preços.  
b. Na casa do João cozinha todos os dias.

- (4) Essa loja vende muitos artigos importados.

Como se percebe a partir da análise de poucos exemplos, a inversão locativa, em um sentido estrito, somente é percebida claramente em exemplos como aqueles representados em (1) e (2), em que há o alçamento do termo locativo e a inversão entre o verbo e o sujeito lógico da sentença. Por seu turno, o que acontece em exemplos como aqueles em (3) é melhor definido como um caso de alternância causativa, um fenômeno linguístico relacionado à estrutura argumental dos elementos predicadores de uma língua. Nos exemplos apresentados em (3a) e (3b), com os verbos *alugar* e *cozinhar*, respectivamente, parece ocorrer uma mudança na estrutura argumental de tais verbos, canonicamente exemplificados como nas estruturas em (5) abaixo. Apesar disso, na falta de um melhor termo que congregue construções como aquelas exibidas em (1)-(4) e objetivando um tratamento uniforme à pesquisa, nesta tese trataremos todas as ocorrências com um elemento locativo precedendo o verbo como casos de “inversão locativa”.

- (5) a. O meu pai aluga casas na temporada de verão.  
b. O João cozinha frango com quiabo todos os dias.

Sendo assim, restringir o estudo da inversão locativa ao exame em torno da sintaxe da oração ou das propriedades lexicais dos verbos presentes na estrutura é ignorar um amplo leque de possibilidades em que a construção pode figurar. Considerando, portanto, o caráter abstruso de tal fenômeno linguístico, a presente pesquisa pretende lançar um escrutínio maior para as propriedades intrínsecas do verbo e, também, das preposições que estão em jogo no fenômeno sintático.

Para esse empreendimento, utilizaremos a nanossintaxe, um novo modelo para a arquitetura da gramática que vem sendo desenvolvido na Universidade de Tromsø, na Noruega, por pesquisadores como Fábregas (2007), Ramchand (2008), Caha (2009), Starke (2009, 2011), Svenonius *et al.* (2009), Pantcheva (2010, 2011), Taraldsen (2010) *inter alia*. Entendida como uma teoria não lexicalista, a nanossintaxe pode ser vista como uma agenda de pesquisa que conjuga o programa minimalista de Chomsky (1995 e obras posteriores) e o modelo cartográfico iniciado por Cinque (1999), conforme definem Ramchand & Svenonius (2014).

Por meio da nanossintaxe, pretendemos mostrar que os sintagmas preposicionais podem ser decompostos em diversos outros núcleos funcionais, exibindo, portanto, uma

complexa e detalhada hierarquia funcional, como defendido por Pantcheva (2011). Acreditamos que as preposições encabeçando um argumento locativo e/ou direcional apresentam características peculiares em relação aos demais tipos de preposições e, também, em relação aos outros argumentos presentes na estrutura derivacional de uma construção de inversão locativa, o que as possibilita serem licenciadas em contextos e posições específicos. Aliado a isso, também acreditamos, nos moldes do sistema de Sintaxe de Primeira Fase desenvolvido por Ramchand (2008), que os verbos podem ser decompostos em projeções mais específicas. Portanto, nossa hipótese de trabalho para explicar o real funcionamento das construções de inversão locativa, em especial, no português, já que essa língua exhibe algumas peculiaridades, perpassa pela exata combinação entre os traços presentes no tipo verbal e no argumento locativo.

Vale lembrar que, como objetivamos descrever e explicar os mecanismos de funcionamento dos argumentos preposicionais e dos tipos de verbos envolvidos no fenômeno de inversão locativa, não recorreremos aqui, como é de praxe nos estudos sob a perspectiva gerativista, a explicações baseadas na ancoragem das sentenças em contextos discursivos, posto que as expressões linguísticas são a manifestação de um conhecimento imanente ao cérebro humano, como defendido por Chomsky (1986a, 1995).

Sendo assim, esta tese está dividida da seguinte forma:

No Capítulo 1, é descrito o que é e como se configura o fenômeno de inversão locativa, principalmente no inglês, em que já existe uma vasta literatura. Para além de uma abordagem puramente gerativista, é apresentada a inversão locativa segundo modelos léxico-funcionais e discursivos.

No Capítulo 2, por sua vez, nos concentramos em estudos de inversão locativa para o português, tanto europeu como brasileiro. Além do mais, apresentamos dados históricos do português europeu coletados do Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe, que foram quantificados a fim de se analisar o percurso histórico do fenômeno até os estágios contemporâneos da língua.

No Capítulo 3, é discutida a categoria das preposições (e, por extensão, das adposições), concentrando-se em aspectos sintáticos e semânticos. Com o objetivo de pôr em evidência a riqueza de primitivos composicionais em tal categoria, é feita uma detalhada divisão do sintagma preposicional, enriquecendo-o com núcleos bem específicos. Nesse capítulo também é apresentada a teoria da nanossintaxe, com seus princípios e pressupostos importantes para o nosso trabalho.

No Capítulo 4, é a projeção verbal que é posta em rigorosa análise, com a sua divisão em, especificamente, três primitivos semânticos, que, sob diferentes combinações, abarcam todo o conjunto lexical de uma língua.

Por fim, no Capítulo 5 analisamos as particularidades envolvidas na construção de inversão locativa em português, conjugando os estudos empreendidos nos capítulos prévios para os domínios verbal e preposicional sob uma única ótica.

## CAPÍTULO 1

### O FENÔMENO DE INVERSÃO LOCATIVA

---

O fenômeno de inversão locativa consiste no fronteamento de um sintagma preposicionado (PP, do inglês *Prepositional Phrase*) locativo para a posição inicial da frase, ocupando o sujeito da oração, por sua vez, a posição pós-verbal. Fala-se de inversão porque há, de fato, uma inversão entre o sintagma nominal (NP, do inglês *Nominal Phrase*)/sintagma determinante (DP, do inglês *Determiner Phrase*) sujeito e o verbo, além do fronteamento do PP, com a ordem canônica [NP/DP V PP] sendo substituída pela ordem [PP V NP/DP]. Como ressaltam Torrego (1989) e Bresnan (1994), nas construções de inversão locativa o termo “locativo” deve ser entendido em um sentido mais amplo, servindo para agrupar qualquer tipo de localização espacial e direções, bem como suas extensões para domínios locativos abstratos e temporais.<sup>1</sup> Esse fenômeno opera em diversas línguas, como mostram alguns exemplos abaixo em inglês, francês e espanhol, respectivamente, com os elementos locativos destacados em itálico.<sup>2</sup>

- (1) a. *Down the hill* rolled a ball.  
 b. *À la fête* sont arrivées cinq filles.  
 c. *En el cuarto* entraron tres extranjeros.

Os estudos sobre a inversão locativa comumente procuram analisar o caráter argumental do verbo, o estatuto dos PPs e DPs na estrutura oracional, além das possíveis funções discursivas que esses elementos podem exercer. Algumas das propriedades gerais exibidas pela inversão locativa, correntemente descritas na literatura, podem ser acompanhadas a seguir.

---

<sup>1</sup> Estamos assumindo que ambos os constituintes locativos e temporais podem participar de uma construção de inversão locativa. Nesta tese, contudo, será dado um enfoque exclusivo aos locativos, com a discussão sobre os temporais aparecendo para efeitos de contraste, como na contabilização de dados de *corpus* no Capítulo 2, ou para reforço na argumentação, como no Capítulo 5.

<sup>2</sup> Optamos, ao longo de toda esta tese, em não apresentar a tradução dos exemplos para o português, pois algumas sentenças resultam agramaticais ou marginalmente aceitas quando se mantém a ordem inversa, sendo que, caso queiramos boas sentenças em português, é necessário recorrer à ordem canônica, o que descaracteriza a análise do fenômeno em discussão.

Em um dos primeiros trabalhos sobre o tema, descrito sob o nome de “advérbio preposto” (*adverb preposing*), Emonds (1976) observou que o fenômeno geralmente ocorre sempre que o verbo está no tempo passado ou presente, apesar de haver algumas divergências sobre a aceitabilidade de algumas sentenças em inglês. Os exemplos abaixo, com sentenças exibindo auxiliar modal (2a), progressivo (2b) e perfectivo (2c) não são aceitáveis; sentenças passivas com o verbo *be* são geralmente permitidas, contudo, quando há a combinação de auxiliares precedendo o verbo lexical, os casos de inversão não são possíveis, como atestam (2d) e (2e).

- (2) a. \*Down the hill may roll the baby carriage.  
 b. \*Out of the house was strolling my mother’s best friend.  
 c. \*Down the stairs has fallen the baby.  
 d. \*On that table has been put a valuable book.  
 e. \*Into the room may have been walking John.

Outra propriedade importante da inversão locativa é que ela apenas ocorre em sentenças raízes<sup>3</sup>, o que sugere que o fronteamento do locativo e/ou a inversão verbo-sujeito são transformações que agem na raiz. Nos exemplos mal formados em (3) abaixo, Emonds mostra que a agramaticalidade se deve à topicalização do PP e não à inversão propriamente dita.

- (3) a. \*He denied that down the hill rolled the baby carriage.  
 b. \*It is possible that out of the house strolled my mother’s best friend.  
 c. \*He regretted that down the stairs fell the baby.

Apesar de o fenômeno de inversão locativa estar restrito a locativos, como o próprio nome sugere, nem todos os PPs locativos podem sofrer inversão locativa, como se vê em (4).

- (4) a. Onto the ground had fallen a few leaves.

---

<sup>3</sup> Como notado por Coopmans (1989), certas sentenças encaixadas, que na verdade podem ser qualificadas como sentenças assertivas, revelam-se como exceções a essa observação, como pode ser visto nos exemplos abaixo, extraídos de Kim (1998, p. 49).

- (i) a. We all witnessed how down the hill came rolling a huge baby carriage.  
 b. We suddenly saw how into the pond jumped thousands of frogs.

- b. \*Onto the ground had split a few sailors.

Bresnan (1994) observa que o PP locativo invertido em (4b) é um adjunto, no sentido de que ele descreve a localização do evento, mas não necessariamente descreve a localização do sujeito, ou seja, o constituinte *sailors* necessariamente não está implicado a estar *on the ground*; diferentemente, em (4a) o PP locativo descreve a localização do sujeito. Logo, conclui-se que apenas PPs locativos que funcionam como complemento permitem a inversão.

Outro interessante fato é que o verbo na inversão locativa não concorda com o PP frontado, mas sim com o DP mais à direita, que é o sujeito lógico da sentença, como exemplificado em (5).

- (5) a. In the swamp was/\*were found a child.  
b. In the swamp were/\*was found two children.

Por fim, outra característica bastante importante do fenômeno de inversão locativa é que verbos transitivos não permitem a inversão, como revela a agramaticalidade dos exemplos em (6) abaixo, que tomam um objeto direto em sua estrutura.

- (6) a. \*Into the room rolled John the ball.  
b. \*Down the street walked the old nanny her dog.  
c. \*Onto the track ran the jockey the horse.

As análises de inversão locativa apresentadas na literatura são bastante variadas e distintas. O estatuto do DP, por exemplo, varia de proposta para proposta, assim como há discussão quanto à posição exata do PP locativo na derivação. Nas próximas seções veremos, de modo não exaustivo, três grupos de análises: começaremos apresentando conjuntamente as análises de Bresnan & Kanerva (1989) e Bresnan (1994), que adotam uma perspectiva léxico-funcional; em seguida, veremos como Levin & Rappaport Hovav (1995) concedem um papel preponderante às funções discursivas; e, por fim, apresentaremos propostas formais de análise do fenômeno de inversão locativa, iniciando pela de Coopmans (1989), que adota uma teoria gerativa pré-minimalista, e finalizando com a de Doggett (2005), que já emprega conceitos da versão minimalista (Chomsky, 1995, 2000, 2001) da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1986a).

A apresentação de tais propostas, sob diferentes perspectivas, tenciona evidenciar o caráter complexo da inversão locativa quando ela é analisada por vertentes lexicalistas ou, simplesmente, quando ela é reduzida ao estudo das operações sintáticas dentro do domínio oracional. Em vista disso, a proposta desta tese, por meio da teoria nanossintática, é expandir o estudo para uma análise integrada dos domínios verbal e preposicional, objetivando determinar, a partir de um verdadeiro compósito funcional e estrutural, quais traços estão atuando conjuntamente na formação do fenômeno linguístico.

### **1.1 Uma análise léxico-funcional**

Utilizando dados do inglês e do chichewa (pertencente à família bantu, grupo etnolinguístico localizado, majoritariamente, na África subsaariana), línguas tipologicamente distintas, a análise de Bresnan & Kanerva (1989) e Bresnan (1994) aborda uma tese essencialmente lexicalista para explicar o fenômeno da inversão locativa. Embora utilizando alguns princípios gerativistas, a análise dos autores adota crucialmente os pressupostos da Gramática Léxico-Funcional (do inglês, *Lexical-Functional Grammar*), em que há uma intrínseca correspondência entre a estrutura temática e as funções sintáticas, ou seja, ela opera com as estruturas argumental, categorial e funcional de forma paralela, apesar do caráter formal muito distinto entre uma e outra.

No nível oracional, por exemplo, essa teoria tem a capacidade de descrever que o agente de um verbo se realiza como sujeito e, no caso de não haver agente, o sujeito será o tema. As funções dos argumentos vêm, então, subespecificadas do léxico para as possíveis funções sintáticas de superfície que podem assumir; essas funções, por sua vez, podem alternar para se atingirem as exigências das funções discursivas. Exemplificando, a função sintática de tema/paciente é lexicalmente subespecificada e pode ser realizada tanto como sujeito quanto como objeto, dependendo do contexto.

O fenômeno da inversão locativa é revelador da arquitetura da gramática universal, pois não apresenta a correspondência canônica esperada entre as categorias gramaticais, os papéis temáticos e as funções sintáticas. Reconhecendo o estatuto inacusativo da inversão locativa (além de alguns inergativos e transitivos passivizados também serem aceitos), para os autores é fundamental que haja um certo contexto semântico constituído pela presença das funções temáticas de [tema, locativo] para que tal fenômeno aconteça. Nesse

caso, a inversão locativa aparece quando o locativo é predicado de um tema que é focalizado, fazendo com que o locativo seja o sujeito e o tema, um objeto inacusativo.

Para Bresnan (1994, p. 114), a estrutura gramatical e as funções sintáticas da inversão locativa são iguais em inglês e chicheŵa. Porém, quanto à representação categorial, os locativos divergem nas duas línguas, sendo categorizados como PPs em inglês e como NPs em chicheŵa. Acompanhem os exemplos em (7) abaixo no chicheŵa e sua respectiva tradução para o inglês em (8).

- (7) Ku-mu-dzi uku ku-na-bwér-á a-lendô-wo.  
 17-3-village 17.this 17SUBJ-REC.PST-come-FV 2-visitor-2those<sup>4</sup>
- (8) To this village came those visitors.

No inglês, por exemplo, não há um sujeito gramatical, há um sujeito lógico representado pelo objeto focalizado *those visitors* e um sujeito funcional representado pelo complemento oblíquo PP *to the village*, que não exhibe, por sua vez, propriedades morfológicas ou estruturais de um típico sujeito; já no chicheŵa, pelo contrário, o PP *kumudzi* pode ocupar a posição estrutural de sujeito, pois ele, na verdade, é um NP.

Bresnan esclarece que essa diferença na representação categorial dos locativos em inglês e chicheŵa deve-se a uma profunda diferença tipológica nos sistemas gramaticais das duas línguas, segundo a qual os locativos são categorizados ou em gênero ou em Caso. Na língua chicheŵa, em que o locativo não é um Caso, mas sim um gênero, o acordo entre o locativo e o verbo explica-se porque gênero é universalmente uma categoria de concordância sujeito-verbo, enquanto que, em inglês, os locativos são PPs, isto é, um argumento oblíquo com o qual, geralmente, a concordância verbal é um processo incompatível.<sup>5</sup>

Para a autora, nas línguas em que há sujeitos oblíquos, o verbo suspende o acordo com o sujeito, assumindo ou uma forma invariável, ou concordando com o argumento mais alto, com Caso direto, que no inglês é o nome pós-verbal. Pode-se, assim, generalizar e afirmar que o verbo concorda com o argumento mais proeminente na estrutura segundo uma hierarquia funcional.

<sup>4</sup> Por ora, basta sabermos que a concordância do verbo em chicheŵa *bwér* (*to come*) com o locativo é percebida graças ao classificador afixal '17-', presente em ambos os itens.

<sup>5</sup> Para maiores detalhes, cf. Bresnan (1994), que demonstra que uma grande distinção entre PPs e NPs baseia-se numa distinção casual: enquanto os PPs são argumentos oblíquos ou indiretos, os NPs constituem-se como argumentos diretos.

Ainda de acordo com as relações casuais que se estabelecem na inversão locativa, Bresnan & Kanerva (1989) assumem que o verbo atribui Caso inerente ao NP pós-verbal em chichewa, mas não em inglês – assim, o NP tema em chichewa pode permanecer na posição interna a VP, enquanto em inglês ele será forçado a mover-se para receber Caso. Em inglês, já que o locativo ocupa a posição de sujeito, o NP se moverá para uma posição de adjunção a VP, onde ocorrerá uma atribuição de Caso nominativo à direita pela flexão. Dessa forma, isso permite manter a ideia de que a concordância segue a direção da atribuição de Caso nominativo: em chichewa acontece para a esquerda com o sujeito locativo e em inglês acontece para a direita com o objeto tema.

## 1.2 Uma análise discursiva

De acordo com Levin & Rappaport Hovav (1995), que trabalharam mais detidamente com o inglês, utilizando um amplo e variado *corpus* de linguagem literária, nas construções de inversão locativa, o objeto de um verbo inacusativo na Estrutura Profunda (DS, do inglês *Deep Structure*) não se torna um sujeito na Estrutura Superficial (SS, do inglês *Superficial Structure*), mas somente se mantém na posição pós-verbal – é um sintagma preposicionado, tipicamente um PP locativo ou direcional, que aparece na posição pré-verbal, caracterizando a ordem não canônica [PP V NP]. Em (9) abaixo, Levin & Rappaport Hovav (1995, p. 218) apresentam uma sentença do inglês na ordem canônica [NP V PP], enquanto em (10) temos a sua contraparte com o fenômeno da inversão locativa.

(9) The towers and spires of a town which greatly resembled Oxford appeared in the distance.

(10) In the distance appeared the towers and spires of a town which greatly resembled Oxford.

As autoras, ao analisarem as construções de inversão locativa no inglês, começam por afirmar que elas se tratam, superficialmente, de um fenômeno de inacusatividade tal como nas construções com o expletivo *there*. No entanto, ao longo da análise que vão elaborando, elas encontram argumentos contra essa posição inicial, pois somente uma subclasse semanticamente coerente de verbos inacusativos está representada na construção, além de certos verbos inergativos e transitivos passivizados também aparecerem na inversão locativa.

As autoras terminam sua exposição negando que a inversão locativa seja um diagnóstico de inacusatividade e afirmando que é a função discursiva que determina o tipo de verbo que surge nesse tipo de construção.

Como mostram Levin & Rappaport Hovav (1995, p. 220-222), a inversão locativa é encontrada com verbos inacusativos considerados prototípicos da classe intransitiva, como os verbos de aparecimento, os verbos de existência e os verbos de movimento direcionado inerente, como representado nos exemplos em (11)-(13) abaixo, respectivamente. Outras classes semânticas de verbos intransitivos são encontradas na inversão locativa, como os verbos de modo de movimento e, menos frequentemente, os verbos de emissão sonora quando selecionam complementos direcionais, como exemplificado, respectivamente, em (14) e (15). E a inversão locativa também pode ser encontrada com verbos transitivos na forma passivizada, como visto em (16).

- (11) Over the shoulder appeared the head of Jenny's mother.
- (12) At night, under the lights, (...) and the bus debarkation point, existed that stricken awareness of a dire event (...).
- (13) (...) out of the house came a tiny old lady and three of four enormous people (...).
- (14) Up the stairs bounded Senator Dickerson, wearing an outlandish Hawaiian shirt.
- (15) Through the orchards rattled the field station's Ford pickup (...).
- (16) On the house roof has been mounted a copper lightning rod (...).

Levin & Rappaport Hovav (1995, p. 222-223) notam, todavia, que nem todos os verbos intransitivos parecem ser compatíveis com a inversão locativa, como pode ser percebido no conjunto de exemplos em (17)-(19), com a ordem canônica e sua respectiva contraparte agramatical com o fenômeno de inversão. Tais exemplos sugerem que esses verbos intransitivos caem na classe semântica cujos membros são verbos inergativos, que selecionam, na maior parte, argumentos agentivos.

- (17) a. Local residents shop at the supermarket on Main St.  
b. \*At the supermarket on Main St. shop local residents.
- (18) a. Many artists talk in the cafés of Paris.  
b. \*In the cafés of Paris talk many artists.

- (19) a. Half a dozen newborn babies smile in the nursery.  
 b. \*In the nursery smile half a dozen newborn babies.

E, finalmente, como visto em (20) abaixo, verbos transitivos não são encontrados na inversão locativa, com exceção, claro, quando são passivizados, como no exemplo visto anteriormente em (16).

- (20) a. An electrician mounted a copper lightning rod on the house roof.  
 b. \*On the house roof mounted an electrician a copper lightning rod.  
 c. \*On the house roof mounted a copper lightning rod an electrician.

Levin & Rappaport Hovav (1995, p. 224) afirmam que todas essas propriedades distribucionais da construção de inversão locativa são aquelas esperadas para um diagnóstico de inacusatividade, com os verbos inacusativos e transitivos passivizados funcionando de forma diferente dos verbos inergativos e transitivos, justamente pelos primeiros selecionarem um argumento interno, mas não um argumento externo. Apesar disso, as autoras levantam dois problemas para essa afirmação: o primeiro deles diz respeito aos inacusativos, em que nem todos os verbos dessa classe semântica são encontrados na construção de inversão locativa, em particular, os verbos de mudança de estado, como pode ser visto em (21) abaixo; o segundo problema envolve os verbos inergativos, dos quais uma pequena classe permite a inversão locativa, como nos verbos de atividade com sujeitos animados ilustrados em (22).

- (21) a. \*On the top floor of the skyscraper broke many windows.  
 b. \*On the streets of Chicago melted a lot of snow.  
 c. \*On backyard clotheslines dried the weekly washing.

- (22) a. On the third floor worked two young women called Maryanne Thomson and Ava Brent (...).  
 b. Behind the wheel lounged a man uniformed with distinct nautical flavour.  
 c. At one end, in crude bunks, slept Jed and Henry (...).

Levantada essa problemática, Levin & Rappaport Hovav apontam algumas possíveis soluções para o problema, como tratar os casos vistos em (21) e (22) como excepcionais ou propor que os verbos inergativos em (22) assumem um segundo significado,

o qual estaria associado a uma análise inacusativa como uma consequência da divisão da classe intransitiva. As autoras, entretanto, assumem uma terceira possibilidade, argumentando que a função discursiva da inversão locativa restringe o grupo de verbos que participa da construção.

Mais precisamente, assumindo a proposta de Birner (1994), Levin & Rappaport Hovav (1995) descrevem que o verbo no fenômeno de inversão locativa é “informacionalmente leve”, o que explicaria por que alguns grupos de verbos são favorecidos ou desfavorecidos na construção. Nos verbos transitivos, por exemplo, que são excluídos da construção de inversão locativa, a informação nova sobre o sujeito é dada pelo verbo e pelo objeto juntos – não é esperado, portanto, que o sujeito de uma sentença desse tipo represente uma informação menos familiar. Por outro lado, os verbos de mudança de estado, como aqueles vistos em (21) acima, estão ausentes da construção de inversão locativa, pois eles não são informacionalmente leves, ou seja, eles predicam a mudança de estado de seus argumentos, atuando sobre uma causa externa, não previsível. Portanto, entre os verbos inacusativos, somente os verbos de existência e de aparecimento são inerentemente compatíveis com a função discursiva da inversão locativa.

Com relação aos verbos de movimento direcionado, algumas evidências apontam que eles sejam inacusativos, todavia, o que os inclui nas construções de inversão locativa não é a sua inacusatividade, mas o seu caráter informacionalmente leve. Levin & Rappaport Hovav propõem que eles são encontrados na inversão locativa apenas quando descrevem “aparecimento” no contexto, como visto anteriormente com o verbo *come* no exemplo (13), que é usado para descrever o aparecimento de uma determinada entidade em uma cena. Da mesma forma, os verbos de emissão ocorrem na inversão locativa apenas nos sentidos de “aparecimento” ou “vir a existir”, como foi mostrado em (15). E já nas construções de inversão locativa com verbos de modo de movimento, não só o DP pós-verbal deve ser menos familiar que o DP complemento do PP pré-verbal, mas o PP deve ser “escolhido” para dar sentido de “aparecimento” na cena, como mostra o exemplo em (23) abaixo, além do exemplo em (14) visto anteriormente.

(23) (...) from out its hole crawled a gigantic monarch iguana (...).

Por sua vez, os verbos transitivos passivizados usados na inversão locativa também seriam informacionalmente leves, além de portarem a estrutura argumental [tema, locativo]. As autoras apresentam uma longa lista de subclasses semânticas de verbos

transitivos que são compatíveis com a inversão locativa, como verbos de criação (*build, cook*) e de percepção (*discern, see*).

### 1.3 Uma análise formal

Nas subseções seguintes, apresentamos algumas propostas formais que se debruçaram sobre o fenômeno de inversão locativa. Inicialmente, veremos a análise de Coopmans (1989), que adota uma teoria gerativa pré-minimalista, e, em seguida, expomos com mais detalhes o trabalho de Doggett (2005), que já emprega conceitos da versão minimalista (Chomsky, 1995 e obras posteriores).

#### 1.3.1 Abordagem pré-minimalista

Coopmans (1989, p. 729) argumenta que o fenômeno de inversão locativa envolve características puramente sintáticas, em que um sintagma locativo adverbial é anteposto, com a conseqüente inversão entre o verbo e o sujeito, como pode ser acompanhado nos exemplos abaixo em (24); apesar de a inversão depender da anteposição do PP, a derivação da sentença sem o sintagma nominal invertido também é possível, como visto em (25) para o exemplo (24a).

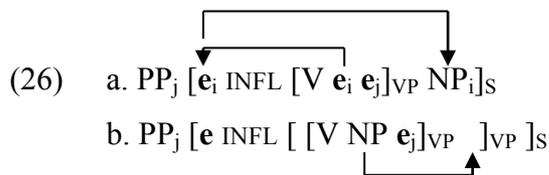
- (24) a. Down the hill rolled the baby carriage.  
 b. Out of the house strolled my mother's best friend.  
 c. Down the stairs fell the baby.  
 d. On that table was put a valuable book.  
 e. Into the room walked John.

- (25) Down the hill the baby carriage rolled.

Para o autor, a inversão locativa não pode ser explicada como um caso de posposição do sujeito, isto é, um movimento do sintagma nominal para a direita, pois não existe movimento para a direita a partir da posição de sujeito; se tal movimento existe, ele se aplicará a partir de uma posição interna ao sintagma verbal (VP, do inglês *Verbal Phrase*) para uma posição em que poderá funcionar como foco apresentacional.

Considerando que apenas verbos inacusativos e que estão passivizados admitem a inversão locativa, conforme os exemplos em (24), a proposta de Coopmans se assenta no fato de que os sujeitos dos verbos que permitem a inversão são, na verdade, argumentos internos de V em DS. Dessa forma, mesmo verbos tidos normalmente como inergativos, como os de movimento *walk* ou *run* do inglês, terão seus sujeitos gerados como argumentos internos na DS.<sup>6</sup>

Para Coopmans (1989, p. 731), então, há duas possíveis derivações para a estrutura. Na primeira delas, como pode ser acompanhado em (26a) abaixo, há a subida do NP para a posição de sujeito, com a conseqüente posposição do sujeito engatilhada pelo PP frontado; já em (26b) não há nenhum movimento, embora o NP possa adjungir-se a VP – nesse caso, o PP frontado poderá, de alguma forma, permitir que a posição de sujeito seja ocupada por um expletivo vazio.



Dando preferência à derivação em (26b), Coopmans parte da constatação de que a inversão locativa com verbos transitivos não é permitida, como revela o exemplo (27a) abaixo, talvez porque as relações casuais não sejam mantidas, com a adjacência entre o verbo e seu objeto sendo quebrada pela interveniência do sujeito *John*; porém, em (27b) percebe-se que existe a adjacência entre o verbo transitivo e seu objeto (o sujeito extraposto *John* herdaria Caso da posição estrutural de sujeito), mas mesmo assim a sentença é agramatical.

- (27) a. \*Into the room \_\_\_ pushed John his sister.  
 b. \*Into the room \_\_\_ pushed his sister John.

Para explicar tal situação, o autor, então, defende que, assim como no holandês, o inglês é uma língua que também exhibe o fenômeno de “*semi-pro-drop*” em determinados contextos. Acompanhem os exemplos em (28) a seguir do holandês.

<sup>6</sup> Como notado por Coopmans (1989) e, também, Hoekstra & Mulder (1990), quando um verbo de movimento inergativo é combinado com algum tipo de complemento adverbial, que indique um alvo ou uma fonte, ele se torna inacusativo, como indica o contraste abaixo.

- (i) a. \*In the room ran a shrieking child.  
 b. Into the room ran a shrieking child.

- (28) a. Er werd [e gevoetbald]<sub>s</sub>  
           there was played.football  
       b. Op straat werd [e gevoetbald]<sub>s</sub>  
           on street was played.football

Verbos intransitivos do holandês, como *voetballen* ('to play football') em (28), podem ser passivizados, resultando em uma estrutura em que nenhum papel temático é projetado; contanto que algum elemento adverbial preencha a primeira posição (que seria uma posição de tópico em holandês), a posição de sujeito pode ser deixada vazia, ou seja, a posição de sujeito não precisa ser foneticamente realizada, pois não há nenhuma função temática externa nessa posição, logo, pode ser preenchida pelo expletivo vazio *pro*. Da mesma forma como em holandês, em construções específicas do inglês, como naquelas com verbos inacusativos, em que não há uma posição temática externa que precisa ser atribuída à posição de sujeito, elementos adverbiais como PPs locativos podem ocupar a primeira posição da sentença.

Definidas as condições do fenômeno de inversão locativa, Coopmans apresenta a seguinte asserção em (29) abaixo.

- (29) Um PP adverbial topicalizado licencia semi-*pro-drop* em inglês.

Todavia, nem todas as sentenças que denotam a afirmação em (29) resultam gramaticais em inglês. Em (30) abaixo, os PPs adjuntos adverbiais expressando maneira, razão, instrumento e tempo, respectivamente, são agramaticais. Segundo Coopmans, apenas aqueles PPs subcategorizados pelo verbo podem suportar a inversão em inglês – justamente aqueles que exprimem direção ou posição, que são complementos dos verbos, como se viu no conjunto de exemplos em (24).

- (30) a. \*With great care walked John into the room.  
       b. \*Despite the cold ran Mary into town.  
       c. \*On his bicycle appeared John (in the classroom).  
       d. \*At 10 o'clock arrived the train.

Na discussão sobre o local de pouso do PP fronteado, Coopmans assume COMP, que abriga elementos movidos pelo processo de topicalização e movimento *wh*, como o local para onde o PP fronteado se move, lexicalmente regido pelo verbo. Essa posição receberá o

índice do elemento que contém, sendo capaz de identificar o elemento *pro*. A estrutura resultante da topicalização do PP será como aquela em (31).

(31) [COMP PP]<sub>i</sub> [e INFL [V NP t<sub>i</sub>]]<sub>s</sub>

Com o vestígio do PP sendo lexicalmente regido pelo verbo, COMP adquire um papel de licenciador, com o seu índice capaz de identificar localmente o sujeito vazio, que é não argumental – em outras palavras, essa indexação de COMP permite-lhe funcionar como um núcleo lexical que subcategoriza a posição de sujeito. Visto que COMP “cobre” o sujeito vazio, ele possibilita que INFL mantenha o sujeito em VP, atribuindo-lhe o Caso nominativo.

### 1.3.2 Abordagem minimalista

Assumindo uma abordagem minimalista, Doggett (2005) investiga a inversão locativa no inglês, como nos exemplos em (32) abaixo, objetivando relacionar três propriedades do fenômeno por meio de um único mecanismo. Tais propriedades, que são consideradas fundamentais à construção, são as seguintes: (i) o comportamento como um sujeito exibido pelo PP frontado, que se move para a posição de [Spec,TP]; (ii) o caráter de foco apresentacional do sujeito lógico da sentença; e (iii) a incompatibilidade com verbos transitivos.

(32) a. *In the corner* was a lamp.  
b. *Down the hill* rolled Mary.

Nessas sentenças, o PP locativo ou direcional, destacado em itálico, ocorre pré-verbalmente, enquanto o DP argumento do verbo, que normalmente ocorreria naquela posição, ocorre depois do verbo.

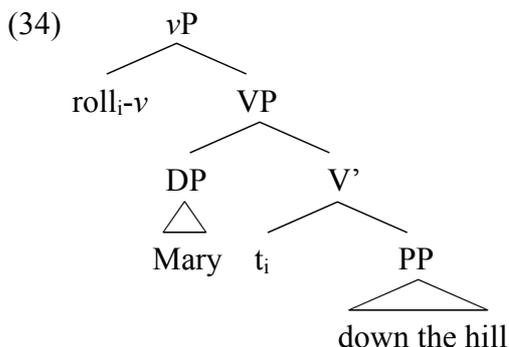
A ocorrência do DP à direita do verbo, numa posição de especificador à direita de vP, cria uma “válvula de escape” (condição de *escape hatch*) para o PP, permitindo-o alçar-se para a posição de [Spec,TP]. Esse alçamento seria uma aparente violação das restrições de localidade sobre o movimento, tais como estabelecidas pela Minimalidade Relativizada (do inglês, *Relativized Minimality* (Rizzi, 1990)) e pela Condição de Elo Mínimo (do inglês, *Minimal Link Condition* (Chomsky, 2001)). Sendo assim, a análise de Doggett (2005) para a

inversão locativa pretende, primordialmente, desenvolver um mecanismo geral que evite essa violação de localidade.

Fundamentalmente, o tipo de violação de localidade a que Doggett se refere é aquela definida abaixo em (33).

- (33) Dadas duas categorias X e Y, em que X ocorre numa posição mais baixa na árvore do que Y, o alçamento de X para uma posição W deveria ser proibido se Y também pode se mover para W.

Para permitir o alçamento de X (correspondente ao PP nas construções de inversão locativa) para uma posição mais alta, passando sobre Y (o DP sujeito), a autora sugere uma mudança na ordem hierárquica entre X e Y antes de X alçar-se para a posição W. Em resumo, dado um núcleo Z interveniente entre Y e W contendo dois traços que requerem movimento para seus especificadores, a categoria Y se moverá primeiro para [Spec,Z] para satisfazer um traço, já que se situa mais próxima de Z; em seguida, a categoria X também se moverá, só que para uma posição de especificador ainda mais alta, para satisfazer o segundo traço. Dessa forma, esse movimento reverte a ordem hierárquica entre os elementos X e Y, fornecendo uma válvula de escape para X mover-se para W sem violar as condições de localidade, dado que agora X é um elemento que está mais alto na árvore do que Y. Exemplificando, Doggett (2005, p. 44) assume a representação arbórea em (34) abaixo para uma sentença como aquela vista em (32b).



Em (34), o DP *Mary*, que é a categoria que pode entrar em uma relação de concordância com T, é concatenado em uma posição mais alta do que o PP *down the hill*; numa construção de inversão locativa, o PP alça-se para [Spec,TP] passando por cima do DP, o que é, de certo modo, surpreendente, já que envolve uma aparente violação da Condição de Elo Mínimo (e

das condições de localidade em geral), visto que o PP move-se sobre um potencial alvo, o DP. Para explicar o correto funcionamento desse mecanismo em inglês, sem a violação de princípios da gramática, Doggett levanta uma série de suposições, como pode ser acompanhado a seguir.

Segundo a autora, nas construções de inversão locativa, o PP, de fato, comporta-se como um sujeito, pois se encontra em [Spec,TP], e não em uma posição mais alta do que T. O caráter de sujeito oracional exibido pelo PP locativo/direcional pode ser evidenciado formalmente por meio de vários fenômenos, como as construções de alçamento descritas por Bresnan (1994), em que o PP frontado pode ser alçado da mesma forma que os DPs sujeitos tipicamente o fazem, como exemplificado em (35) abaixo; já nos exemplos em (36), percebe-se que os PPs frontados são sensíveis ao efeito *that-trace*, como o são tipicamente os sujeitos DPs.

- (35) a. Mary<sub>i</sub> seems t<sub>i</sub> to talk all the time.  
 b. [Over my windowsill]<sub>i</sub> seems t<sub>i</sub> to have crawled an entire army of ants.  
 c. [On that hill]<sub>i</sub> appears t<sub>i</sub> to be located a cathedral.  
 d. [In these villages]<sub>i</sub> are likely t<sub>i</sub> to be found the best examples of this cuisine.
- (36) a. It's [a child]<sub>i</sub> that we all believe t<sub>i</sub> was found in the park.  
 b. \*It's [a child]<sub>i</sub> that we all believe that t<sub>i</sub> was found in the park.  
 c. It's [in the park]<sub>i</sub> that we all believe t<sub>i</sub> was found a child.  
 d. \*It's [in the park]<sub>i</sub> that we all believe that t<sub>i</sub> was found a child.

Doggett (2005) vai contra a análise de autores como Lumsden (1988) e Coopmans (1989), que defendem que um expletivo, foneticamente nulo ou apagado quando um PP locativo ou direcional é preposto, ocorreria em [Spec,TP] no lugar do PP, que se posicionaria, por sua vez, numa posição de tópico mais alta. De acordo com essa análise, o aparente comportamento do PP frontado como um sujeito não seria devido ao movimento do PP, mas sim ao movimento adicional do expletivo nulo a partir da posição de sujeito – o alçamento dos PPs em (35), então, seria reduzido à habilidade do expletivo de realizar o alçamento, como exemplificado em (37).

- (37) a. [Over my windowsill] there<sub>i</sub> seems t<sub>i</sub> to have crawled an entire army of ants.  
 b. [On that hill] there<sub>i</sub> appears t<sub>i</sub> to be located a cathedral.

- c. [In these villages] there<sub>i</sub> are likely t<sub>i</sub> to be found the best examples of this cuisine.

A análise que envolve a presença de um sujeito expletivo nas construções de inversão locativa pode ser defendida por alguns fatos empíricos, como a inserção visível do pronome expletivo *there* em posição de sujeito, ilustrado nos exemplos acima em (37), e a similaridade entre a construção de inversão locativa e as sentenças existenciais, em que o verbo exibe concordância com o DP pós-verbal e não com o constituinte em [Spec,TP]. Contudo, esse tipo de análise apresenta alguns problemas. Como levantado por Bresnan (1994), enquanto a análise do sujeito expletivo fornece boas explicações para os dados de alçamento em (35), há problemas para se explicar as restrições de extração exibidas em (36) – comparando-se a má formação de (36d), repetido como (38a), com o exemplo gramatical (38b) abaixo, vemos que a presença visível do expletivo permite a extração do PP quando o pronome *there* ocorre adjacente a *that*.

- (38) a. \*It's in the park that we all believe that was found a child.  
 b. It's in the park that we all believe that there was found a child.

Em (38a), há a presença de um expletivo nulo que deve obedecer a certos requerimentos de licenciamento nas construções de inversão locativa, segundo Doggett (2005). Assumindo que esses requerimentos garantiriam que o expletivo se tornasse adjacente ao PP locativo em algum ponto da derivação, o PP frontado em (38a) teria que ter passado por uma posição entre o expletivo nulo e o complementizador *that* da sentença encaixada, para então subir para a primeira posição, como exemplificado em (39) abaixo, em que o símbolo  $\emptyset$  indica o expletivo nulo.

- (39) It's [in the park]<sub>i</sub> that we all believe that t<sub>i</sub>  $\emptyset$  was found a child.

A configuração em (39) não é uma derivação possível e, conseqüentemente, a sentença em (38a) é rejeitada, porque o efeito *that-trace* simplesmente descarta qualquer configuração em que *that* é seguido por um vestígio (Chomsky & Lasnik, 1977). Por outro lado, o PP frontado em (38b) não teria que passar por uma posição adjacente a *there*, visto que os requerimentos

de licenciamento só se aplicam a expletivos nulos, logo, a sentença não viola nenhuma regra da gramática e é gramatical.<sup>7</sup>

No que diz respeito ainda às diferenças entre as construções de inversão locativa e aquelas com o pronome expletivo *there*, Doggett (2005) apresenta outros três fenômenos sintáticos que vão contra a análise do expletivo nulo, evidenciando que o PP frontado na inversão locativa ocorre na posição de sujeito, enquanto que o PP frontado em sentenças com um expletivo visível não ocorre em tal posição.

Primeiramente, como notado por Hoekstra & Mulder (1990), o PP frontado permite a formação de interrogativas sem que haja a inversão do verbo auxiliar, como em (40a) abaixo; pelo contrário, quando há a presença do auxiliar *do*, a sentença torna-se agramatical, como exibido em (40b). Esse tipo de comportamento é o mesmo exibido pelas construções sem inversão locativa em (41), que são interrogativas que recaem sobre o sujeito.

- (40) a. Down which hill rolled a small child?  
b. \*Down which hill did roll a small child?

- (41) a. Which small child rolled down the hill?  
b. \*Which small child did roll down the hill?

Por outro lado, quando a posição de sujeito é preenchida pelo expletivo *there*, a inversão do verbo auxiliar é obrigatória, como mostram os exemplos em (42).

- (42) a. \*Down which hill there roll a small child?  
b. Down which hill did there roll a small child?

O segundo argumento apresentado por Doggett (2005) mostra que as construções de inversão locativa e aquelas com o expletivo *there* funcionam diferentemente quando possuem DPs coordenados: enquanto em sentenças existenciais e apresentacionais com *there* o verbo concorda apenas com o primeiro elemento do DP coordenado, como exemplificado

---

<sup>7</sup> Doggett (2005) afirma que essa extensão da hipótese do expletivo nulo explicaria definitivamente a questão do efeito *that-trace* nas construções de inversão locativa, todavia, realça também a fraqueza principal da proposta: o fato de que um expletivo nulo precisa ser postulado e que, dada a existência de um expletivo nulo, uma condição específica de licenciamento teria que ser proposta para restringir sua ocorrência nas construções de inversão locativa.

em (43) abaixo, em construções de inversão locativa o verbo pode concordar tanto com o primeiro elemento do DP quanto com o DP inteiro, como em (44).

- (43) a. There was/\*were a man and a woman in the garden.  
 b. In the woods there was/\*were found a lost child and her teddy bear.
- (44) a. In the woods was found a lost child and her teddy bear.  
 b. In the woods were found a lost child and her teddy bear.

A terceira diferença entre sentenças expletivas e a inversão locativa é encontrada no inglês britânico, em que grupos nominais morfologicamente singulares podem induzir a uma concordância ou no plural ou no singular quando eles ocorrem em posição pré-verbal, como mostram os exemplos abaixo.

- (45) a. The committee is meeting today.  
 b. The committee are meeting today.

Contudo, como visto em (46) abaixo, quando esses nomes ocorrem em sentenças expletivas com *there* numa posição pós-verbal, apenas a concordância no singular é possível.

- (46) a. There was a committee meeting today.  
 b. \*There were a committee meeting today.

Por outro lado, quando esses mesmos nomes aparecem em construções de inversão locativa, ambos os padrões de concordância são possíveis novamente, como exemplificado em (47).

- (47) a. In the room next door was meeting the committee.  
 b. In the room next door were meeting the committee.

Por fim, a análise do expletivo nulo também é incapaz de explicar o fato de que o PP locativo exibe propriedades típicas de movimento A, que são suscetíveis aos efeitos de *Weak Crossover* (WCO), e não movimento A-barrado. Como pontuado por Culicover & Levine (2000), construções de inversão locativa são sensíveis aos efeitos de WCO, como mostrado

abaixo em (48a), em que o PP encontra-se numa posição A, e em (48b), em que o PP está topicalizado.

- (48) a. In every dog<sub>i</sub>'s cage hung its<sub>i</sub> collar.  
 b. \*In every dog<sub>i</sub>'s cage hung on a hook its<sub>i</sub> most attractive and expensive collar.

O contraste em (48) pode ser explicado se se assume que o PP locativo moveu-se para [Spec,TP], uma posição A; porém, nada pode ser afirmado se se toma o movimento A-barrado do PP para uma posição de tópico, como é postulado pela análise do expletivo nulo.

Diante de todos esses contrastes, Doggett (2005) rejeita a análise do expletivo nulo para as construções de inversão locativa, assumindo que o PP frontado ocorre em [Spec,TP] em algum ponto da derivação.

Em consonância com essa ideia, autores como Freeze (1992) já postularam a ideia da ocorrência de PPs em posições destinadas prototipicamente a sujeitos. O autor propõe que em construções existenciais e possessivas do russo um PP locativo move-se para [Spec,TP], como pode ser acompanhado nos exemplos abaixo, em que (49a) indica uma sentença existencial e (49b), uma possessiva. Segundo Freeze, a habilidade de mover-se para [Spec,TP] não parece ser uma propriedade dos PPs em geral, mas exclusiva dos PPs locativos e direcionais, o que os torna especiais na constituição da gramática de uma língua.

- (49) a. [na stole]<sub>i</sub> byla kniga *t<sub>i</sub>*.  
 on table.LOC was book.NOM.FEM  
 'There is a book on the table'  
 b. [u menja]<sub>i</sub> byla sestra *t<sub>i</sub>*.  
 at 1SG.GEN was sister.NOM  
 'I have a sister'

Doggett (2005) apresenta ainda outra particularidade dos PPs locativos, que é a sua maior referencialidade em comparação a outros PPs, sendo possível substituí-los pelo pronome locacional/direcional *there*, uma propriedade também restrita a DPs, em princípio. Diante das características apresentadas, acentuando o fato de PPs locativos entrarem em uma relação de concordância com T e, por conseguinte, moverem-se para [Spec,TP], o autor afirma que tais PPs são, em certa medida, como os DPs, pois contêm também traços- $\phi$  e um traço de Caso não interpretável. Porém, o que torna os PPs locativos inerentemente distintos

dos DPs é que os traços- $\phi$  dos PPs locativos não são completos, o que, conseqüentemente, impede-os de apagar completamente o conjunto de traços- $\phi$  de T, tarefa que cabe ao DP, por possuir um conjunto completo de traços- $\phi$  – isso explica por que o verbo concorda com o DP pós-verbal nas construções de inversão locativa.<sup>8</sup> Além do mais, Doggett assume para a sua análise que o PP locativo contém, em adição ao traço de Caso não interpretável, um traço de pessoa, que o permite entrar em uma relação de concordância com o núcleo T.<sup>9</sup>

Com relação à função discursiva apresentada pelas construções de inversão locativa, em que o DP pós-verbal é apresentado como uma informação nova, Doggett argumenta que o traço de foco sobre o núcleo  $v$  deriva a interpretação de foco apresentacional, o que força o DP a mover-se para uma posição de especificador à direita de  $v$ . O autor apresenta algumas evidências para essa posição do DP à direita, como pode ser acompanhado nos exemplos abaixo em (50) extraídos de Bresnan (1994, p. 87), que envolvem restrições sobre a extração de DPs pós-verbais – nas construções de inversão locativa, o DP pós-verbal nem qualquer subparte dele podem ser extraídos, o que indica, de fato, que eles ocorrem numa posição de foco à direita.

- (50) a. \*?What kind of mushrooms do you think on these trails can be found \_\_\_?  
 b. \*?What kind of mushrooms do you think on these trails can be found specimens of \_\_\_?

Assumindo que os movimentos na gramática podem ocorrer tanto para esquerda como para a direita (cf. Rochemont & Culicover, 1990), Doggett (2005) se questiona como que a direcionalidade é guiada. O autor propõe, então, o esquema em (51) a seguir para a direcionalidade do movimento.

<sup>8</sup> A análise proposta por Doggett (2005) para os traços dos PPs locativos aproxima-se das ideias de Chomsky (2000, 2001) para as sentenças com um elemento expletivo, em que é proposto que os expletivos possuem um traço de Caso não interpretável e um único traço- $\phi$  – por essa razão, o expletivo pode alçar-se para [Spec,TP], contudo, os traços- $\phi$  de T não são completamente checados.

<sup>9</sup> Os traços- $\phi$  incompletos do argumento locativo (não pronominal) é uma propriedade que pode, aparentemente, variar entre as línguas. Como visto anteriormente na subseção 1.1, no *chicheŵa* o verbo não concorda com o DP pós-verbal, mas, pelo contrário, com o argumento locativo frontado, o que indica que o locativo contém um conjunto completo de traços- $\phi$ , capaz de apagar todos os traços- $\phi$  não interpretáveis de T – conclui-se, portanto, que a distinção entre PPs locativos e DPs não existe em *chicheŵa*, o que, de fato, condiz com a ideia de Bresnan (1994) de que o argumento locativo nessa língua não é um PP, mas um argumento nominal.

- (51) Há dois traços que (potencialmente) requerem movimento:
- (i) LEPP (*left-EPP*<sup>10</sup>): é checado pela ocorrência de um item no especificador à esquerda do núcleo que o contém;
  - (ii) REPP (*right-EPP*): é checado pela ocorrência de um item no especificador à direita do núcleo que o contém.

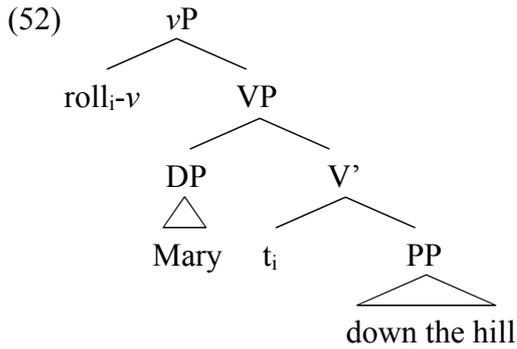
Postulada a bifurcação do EPP em LEPP e REPP, Doggett propõe que na inversão locativa o núcleo  $v$  contém o traço de foco F, que, por sua vez, contém o traço REPP, criando, assim, uma posição de especificador à direita de  $v$ . A dependência do REPP sobre F torna o especificador à direita de  $v$  uma posição focal, de modo que qualquer constituinte que aí resida será marcado como o foco da sentença. A ocorrência de F sobre o núcleo  $v$  explica o caráter de foco apresentacional característico das construções de inversão locativa, o que não se percebe nas construções de não inversão.<sup>11</sup>

Com todas as ferramentas estabelecidas para a derivação completa das sentenças de inversão locativa, a saber, os traços de foco e REPP sobre o núcleo  $v$ , além do traço LEPP comum aos verbos inergativos, inacusativos e transitivos, Doggett defende que todos esses traços trabalham juntos para criar uma válvula de escape para o PP mover-se livremente para [Spec,TP]. Em linhas gerais, o traço F de  $v$  é capaz de mover o argumento DP o suficiente para permitir que o PP locativo mova-se sobre ele. Uma vez que o DP pós-verbal se situa no especificador à direita de  $v$ , ele não está mais dentro do domínio de alcance desse núcleo, o que torna o PP livre para mover-se para o especificador à esquerda de  $v$ , satisfazendo o traço LEPP sem violar as restrições de localidade sobre o movimento. O PP, então, está livre para realizar o movimento para [Spec,TP], visto que ele está agora em uma posição mais alta do que o DP.

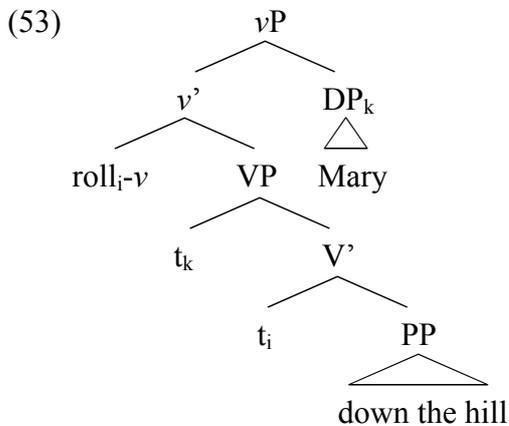
Acompanhemos a partir de (52) a seguir a derivação de uma construção de inversão locativa com verbo inacusativo. Assumindo uma configuração como aquela esboçada anteriormente em (34), o núcleo  $v$  contém um traço LEPP e um traço F, que, por sua vez, contém um subtraço REPP.

<sup>10</sup> Do inglês, *Extended Projection Principle* (Princípio de Projeção Estendida).

<sup>11</sup> É interessante de se analisar a dependência entre o traço de foco e o REPP, isto é, por que o traço de foco não pode ser satisfeito apenas pelo movimento para a direita. Segundo Doggett (2005), essa parece ser uma propriedade geral de todos os casos de movimento para a direita, que conduz à focalização do constituinte que é movido.



Considerando que o núcleo  $v$  dos inacusativos e, também, dos transitivos passivizados não atribui papel temático aos seus especificadores, o REPP de F pode apenas ser satisfeito pelo movimento de um alvo para a posição de especificador à direita, visto que a concatenação de algum outro argumento diretamente nessa posição violaria as condições temáticas. Dessa forma,  $v$  sonda na árvore um alvo que contenha algum traço não interpretável, achando *Mary*: o DP, então, torna-se ativo e capaz de entrar em uma relação de concordância com o núcleo  $v$ , como visto abaixo na representação em (53). Com a relação estabelecida, o DP é alçado para o especificador à direita de  $vP$ , o que satisfaz F e, ao mesmo tempo, o seu traço de Caso.



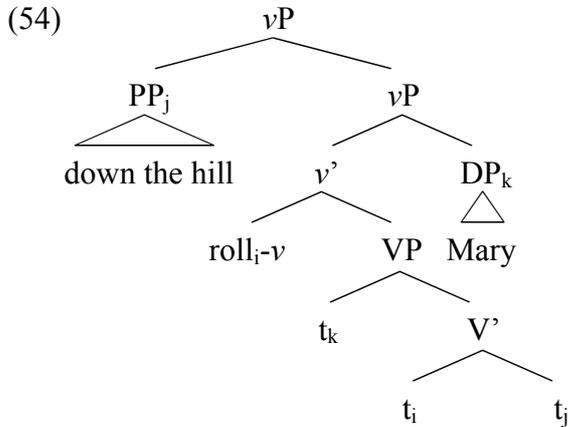
A sonda  $v$ , então, inicia novamente sua busca para a satisfação do seu traço LEPP. Como o PP possui um traço de Caso não interpretável, ele torna-se o alvo ideal para a relação de concordância com  $v$ <sup>12</sup>, logo, o PP alça-se para o especificador à esquerda de  $vP$ , satisfazendo o

<sup>12</sup> Poderíamos pensar que o vestígio deixado pelo DP ao mover-se para o especificador à direita de  $vP$  é um potencial alvo para a sondagem de  $v$ , visto que ele está no seu domínio. Doggett (2005) apresenta evidências, todavia, de que vestígios não podem entrar em relação de concordância com sondas, como em (i) abaixo.

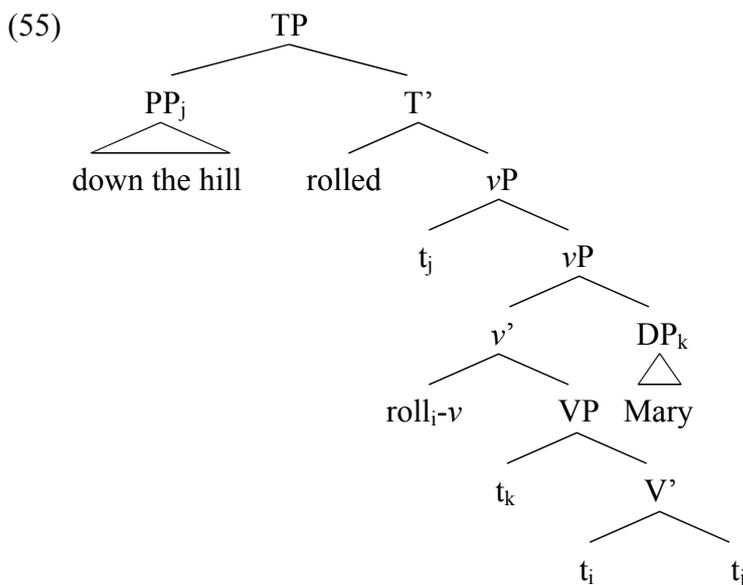
(i) There<sub>i</sub> is likely [<sub>TP</sub> t<sub>i</sub> to be a big scene].

Em (i), o T da sentença matriz entrou em uma relação de concordância com *there*, que se move para [Spec,TP] para satisfazer o LEPP. Como *there* não possui um conjunto completo de traços- $\phi$ , ele não pode apagar os traços- $\phi$  de T, que sonda mais uma vez na árvore até achar o DP *a big scene*, com quem entra em uma relação de

traço LEPP de  $v$ , como visto abaixo. Portanto, é dessa maneira que é criada uma válvula de escape para que o PP possa ser movido para TP sem ferir nenhuma condição gramatical.



Seguindo Pesetsky & Torrego (2001), para quem os traços checados não são apagados até o fim de uma derivação, Doggett (2005) assume que, apesar de o PP ter seu traço de Caso checado, ele ainda permanece visível, com o PP permanecendo ativo para outros movimentos. Com o PP situando-se numa posição mais alta do que a posição em que o DP ocorre, o núcleo T, ao sondar por uma categoria que contenha traços- $\phi$ , alcança o PP primeiramente, alçando-o para o seu especificador, como representado na derivação final da estrutura em (55) abaixo.




---

concordância, apagando os seus traços- $\phi$  e o traço de Caso do DP. Se o vestígio do pronome expletivo que se moveu servisse como um potencial bloqueador para a sondagem de T, violando a Condição de Elo Mínimo, então T e *a big scene* não entrariam numa relação de concordância, o que não é verdade, já que a sentença é gramatical, com o verbo concordando, ao final, com o DP pós-verbal.

Em (55), apesar de estar situado em [Spec,TP], o PP não é capaz de apagar os traços- $\phi$  de T, pois seu conjunto de traços não é completo. O núcleo T, então, sonda novamente na árvore e entra em uma relação de concordância com o DP pós-verbal, que possui um conjunto completo de traços- $\phi$ .

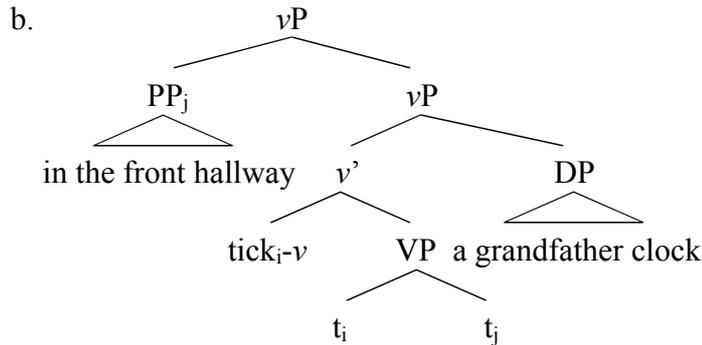
Como foi dito anteriormente ao iniciarmos a análise da sentença de inversão locativa com verbos inacusativos, a derivação, ao atingir o ponto do núcleo  $v$ , configura-se com um  $v$  que contém um traço LEPP e um traço F, que, por sua vez, contém um traço REPP. Tal composição de traços permitiria, em princípio, duas derivações possíveis, uma em que o LEPP é satisfeito antes e outra em que o traço F é atendido em primeiro lugar. Como foi visto, a derivação que converge é aquela em que o traço F é atendido primeiramente; caso o traço LEPP fosse checado antes, a derivação fracassaria. Em detalhes, isso aconteceria porque o DP seria forçado a alçar-se para o especificador à esquerda de  $v$  para satisfazer o LEPP, já que é a categoria mais próxima de  $v$ ; o PP, por sua vez, seria alçado para o especificador à direita de  $v$  para satisfazer o traços F e o REPP que ele contém. A partir desse ponto, exatamente, a derivação fracassa, pois não há nenhuma categoria disponível para ser alçada para [Spec,TP], visto que o PP está incapaz de sofrer mais um movimento, já que ele se encontra em uma posição de foco à direita, da qual o movimento é proibido, como comprovado anteriormente a partir dos exemplos em (50).

Passando agora à derivação das sentenças de inversão locativa com verbos inergativos, a diferença básica em relação àquelas com verbos inacusativos reside na satisfação do traço REPP, que não é feita via uma operação de movimento, mas sim de concatenação. A derivação se inicia da mesma forma como descrito anteriormente, com o núcleo  $v$  contendo os traços REPP (via o traço F) e LEPP. Como verbos inergativos atribuem papel temático, um DP precisa ser concatenado ao seu especificador; nas construções de inversão locativa, o DP é concatenado no especificador à direita de  $v$ <sup>13</sup>, onde ele também satisfaz o traço F, recebendo, por fim, a atribuição de foco. Em seguida, o núcleo  $v$  inicia a sondagem na árvore a fim de satisfazer o seu traço LEPP, achando como alvo ideal o PP, que é alçado para a posição de especificador à esquerda de  $v$ , como pode ser acompanhado na representação arbórea em (56b) a seguir para uma sentença como aquela exemplificada em (56a).

---

<sup>13</sup> O papel temático pode ser atribuído tanto ao especificador à direita como à esquerda de  $v$ ; para Doggett (2005), porém, não é a direção do especificador que é relevante, mas sim que ele seja a posição mais próxima de  $v$ .

(56) a. In the front hallway ticked a grandfather clock.



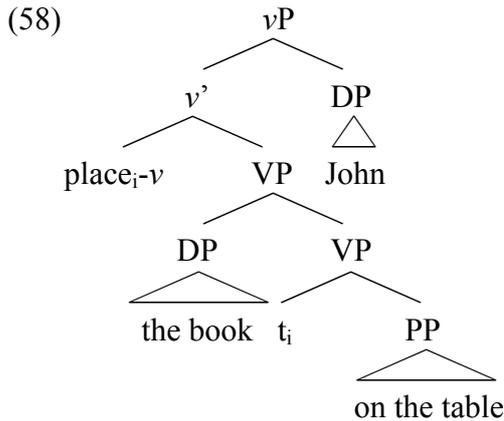
A partir dessa configuração, o PP locativo pode se mover para [Spec,TP], pois ele se encontra em uma posição mais alta do que o DP. Mais uma vez, percebe-se que o traço de foco permite que o traço LEPP sobre  $v$  crie uma válvula de escape para o PP: se aquele traço não estivesse presente na derivação, o argumento DP seria concatenado na posição de especificador à esquerda de  $v$ , impedindo que o PP entrasse em uma relação de concordância com T e se movesse para [Spec,TP].

Já com verbos transitivos, Doggett (2005) mostra que o fenômeno de inversão locativa é incompatível, como revelam os exemplos agramaticais abaixo.

(57) a. \*On the table placed the book John.

b. \*On the table placed John the book.

Considerando que nas sentenças transitivas o núcleo  $v$  também possui os traços F e LEPP, qualquer um desses traços pode ser satisfeito por meio da concatenação de um argumento no especificador de  $v$ . Dado isso, quando um argumento externo de um verbo transitivo entra na derivação de uma sentença de inversão locativa, ele pode ser concatenado no especificador à direita ou à esquerda de  $v$  – em qualquer uma dessas derivações, porém, a Condição de Elo Mínimo impedirá que o PP seja alçado passando por cima de outro DP para a posição [Spec,TP]. Dessa forma, paralelamente à derivação de uma sentença de inversão locativa com verbo inergativo, como visto anteriormente em (56), tomemos a representação arbórea em (58) a seguir para o conjunto de exemplos em (57), iniciando a derivação com a concatenação do DP *John* no especificador à direita de  $v$ , onde o traço F é satisfeito.



Como pode ser visto claramente na representação acima, enquanto o DP sujeito não intervém entre o  $v$  e o PP locativo, o objeto *the book* aparece entre esses dois elementos – assim, não há uma maneira do PP ser alçado para o especificador de  $vP$  sem violar os requerimentos de localidade. Da mesma forma, caso o argumento externo seja concatenado no especificador à esquerda de  $v$ , satisfazendo, dessa vez, o traço LEPP, a derivação não convergirá, pois mais uma vez o DP objeto se configurará como um elemento interveniente entre o núcleo  $v$  e o PP. Crucialmente, em construções locativas com verbos transitivos não há como o PP mover-se para fora da projeção VP sem violar a Condição de Elo Mínimo, visto que o objeto direto sempre impedirá que o PP locativo seja alçado para [Spec,TP].

Todavia, caso a inversão locativa ocorra com um verbo transitivo passivizado, a sentença resultará gramatical, como exemplificado abaixo em (59).

- (59) a. On the wall was pinned an oversized poster of Marilyn Monroe.  
 b. On the table were placed four cups and a pitcher of lemonade.

Em sentenças passivas, o argumento externo é suprimido, criando um  $vP$  que, como o dos verbos inergativos e inacusativos, contém apenas um DP argumento, além do PP locativo. Esse argumento pode ser concatenado no especificador à direita de  $v$  para a checagem de traços, permitindo, conseqüentemente, que o PP locativo seja alçado para o especificador à esquerda de  $v$  e, por fim, para [Spec,TP].

A análise de Doggett (2005), então, fornece uma explicação unificada para três propriedades cruciais presentes nas construções de inversão locativa: o comportamento do PP frontado como um sujeito, o caráter de foco apresentacional do DP pós-verbal e a incompatibilidade com verbos transitivos. Tal conjunto de propriedades é derivado a partir do

traço de foco sobre *v*, que difere as sentenças de inversão daquelas de não inversão, em interação com outras propriedades gerais da gramática.

#### 1.4 Síntese do capítulo e perspectivas

Neste capítulo foi discutido, de maneira particular para o inglês, o fenômeno de inversão locativa, com suas principais propriedades esmiuçadas em diferentes abordagens linguísticas.

De modo geral, a inversão locativa é observada em contextos de intransitividade, de modo mais difundido em inacusativos, e, também, com verbos transitivos passivizados, segundo vários autores, como Bresnan & Kanerva (1989), Coopmans (1989), Hoekstra & Mulder (1990), Bresnan (1994), Levin & Rappaport Hovav (1995) e Doggett (2005). Porém, como se verá no próximo capítulo, o português, além de admitir a inversão locativa nos contextos apresentados acima, também apresenta o fenômeno com verbos transitivos, como em (60) abaixo, apresentado por Pereira (1998, p. 13) para a variedade europeia; já na variedade brasileira, o sistema gramatical se mostra mais inovador, com a inversão locativa se manifestando com verbos transitivos ergativizados, como exemplificado com (61).

- (60) a. Neste hotel recebeu o rei os seus convidados.  
b. Neste jardim ofereceu o João uma flor à Maria.

- (61) Naquele mercado aceita cartões de crédito e de débito.

Como será explorado no Capítulo 2 a partir de dados históricos e contemporâneos, o português se constitui como uma língua particular ao manifestar o fenômeno de inversão locativa nos mais variados contextos, contrariando propriedades gerais que foram descritas no início deste capítulo, como o fato de apresentar sentenças com inversão com vários tempos verbais e com o uso de modais e em contextos subordinados.

Uma característica importante apresentada neste capítulo e que será fundamental para o encaminhamento de nossa hipótese é o fato de que os PPs (locativos e direcionais, vistos como especiais na gramática de uma língua, segundo Freeze (1992)), para serem fronteados numa construção de inversão locativa, devem figurar na estrutura oracional com um caráter de complemento, sendo subcategorizados pelo verbo, como defendido por

Coopmans (1989) e Bresnan (1994). O PP movido terá como local de pouso a posição [Spec,TP], como propõe Doggett (2005), o que nos permite advogar em favor de um comportamento típico de sujeito desse constituinte, com consequências para a gramática de uma língua como o português do Brasil, por exemplo, que exhibe concordância com o sujeito locativo, como mostram Pontes (1987), Galves (1998), Avelar (2009), Munhoz (2011), Andrade & Galves (2014) *inter alia*.

Enfim, as análises em nível oracional apresentadas aqui parecem não lidar de modo satisfatório com os dados de uma língua como o português, por exemplo. Portanto, defendemos nesta tese uma análise pormenorizada dos domínios verbal e preposicional, que se debruce sobre as propriedades intrínsecas aos verbos e às preposições capazes de permitir o fenômeno de inversão locativa.

## CAPÍTULO 2

# INVERSÃO LOCATIVA NO PORTUGUÊS

---

Como visto no capítulo anterior, autores como Bresnan (1994), Levin & Rappaport Hovav (1995) e Doggett (2005) atestam que, com raras exceções, o verbo nas construções locativas deve ser inacusativo (incluindo verbos de aparição, de existência, de movimento, de maneira de movimento e, menos frequentemente, verbos de emissão de som; além de verbos transitivos em construções passivas). No entanto, no português, tanto brasileiro (doravante, PB) quanto europeu (doravante, PE), o fenômeno da inversão locativa parece ser mais generalizado, ocorrendo também com verbos inergativos e transitivos.

Nas próximas seções serão apresentados, exclusivamente, estudos sobre a inversão locativa no português nas variedades europeia e brasileira, bem como algumas particularidades presentes em cada língua, como por exemplo, o fato de o PB atual apresentar construções de tópico-sujeito locativo, não atestadas no PE. Além disso, na seção 2.2, em especial, serão expostos quantitativamente os dados históricos extraídos de nosso *corpus* de pesquisa, que fazem parte do Projeto Tycho Brahe.

Vale lembrar que não pretendemos fazer uma comparação pormenorizada entre o PB e o PE de como ocorre o fenômeno de inversão locativa ou, em termos mais amplos, o fenômeno de alternância causativa. A comparação nesta tese, como se verá mais adiante no Capítulo 5, resume-se à verificação de (a)gramaticalidade que ambas as línguas exibem quando confrontadas diante das construções de inversão, bem como às entradas lexicais estabelecidas para cada preposição, que, em princípio, são as mesmas.

### 2.1 Estudos sobre a inversão locativa em PE

Barbosa (1989), por meio de dados de aquisição e de *parsing*, procura relacionar as expressões espaço-temporais e a presença de locativos em posição inicial nas sentenças com o fenômeno de inacusatividade. Apesar de não tratar tais construções especificamente como “inversão locativa”, a autora esboça de forma pioneira um tratamento para o fenômeno em PE, evidenciando características como o estatuto do locativo como argumento da sentença, a função exercida pelo locativo ao preencher a posição de sujeito da sentença, a

natureza dos verbos que ocorrem na construção e a função discursiva exibida pelos sintagmas na sentença.<sup>1</sup>

Comparando os verbos copulativos do português *ser* e *estar*, selecionados por predicados adjetivais *individual-level* e *stage-level* (no sentido de Kratzer (1988)), respectivamente, a autora mostra que esses dois verbos exibem comportamentos sintáticos distintos, conforme os exemplos abaixo.<sup>2</sup>

- (1) a. Alguns estudantes estavam doentes.  
b. Estavam estudantes doentes.
- (2) a. Alguns estudantes eram inteligentes.  
b. Eram estudantes inteligentes.
- (3) a. Os estudantes estavam.  
b. Estavam estudantes.
- (4) a. \*Os estudantes eram.  
b. Eram estudantes.

De acordo com Barbosa (1989), o paradigma acima mostra que, nas sentenças com o verbo *ser*, [Spec,IP] é uma posição temática, isto é, uma posição à qual é atribuído um papel temático pelo predicador adjetival. Esta é a razão pela qual (4a) é agramatical, pois o sujeito não recebe papel temático; a sentença (2b), por sua vez, é bem formada considerando-se a presença de um *pro* em [Spec,IP].

Por outro lado, nas sentenças com o verbo *estar* em (1) e (3), nenhum papel temático é atribuído a [Spec,IP], pois tal posição não precisa ser preenchida por um argumento. Dessa forma, o NP *estudantes* em (1b) recebe seu papel temático e Caso de V, o

<sup>1</sup> Apesar de uma análise teórica incipiente e de julgamentos de gramaticalidade questionáveis, a análise de Barbosa (1989) lança luz a uma série de questões sobre o fenômeno de inversão locativa em português.

<sup>2</sup> A gramaticalidade de certas sentenças é questionável, necessitando de um contexto discursivo muito específico, principalmente para falantes do PB. Por exemplo, para o conjunto de sentenças em (3), (3a) seria uma resposta adequada a uma pergunta como “Os estudantes estavam na escola?”; para a sentença (3b), por sua vez, uma pergunta ideal seria “Quem estava na escola?”, ressaltando que, para uma boa resposta, o NP deveria ser definido.

que é confirmado pelo efeito de definitude exibido pelo NP.<sup>3</sup> Logo, enquanto *ser* comporta-se como uma cópula “genuína”, que liga um sujeito a um predicado, *estar* exhibe todas as características de um verbo inacusativo, como pode ser percebido pela comparação das sentenças (1) e (3) com o paradigma em (5) abaixo, composto pelo verbo inacusativo *chegar*.

- (5) a. Os estudantes chegaram.  
 b. Chegaram alguns estudantes.  
 c. Chegaram alguns estudantes doentes.<sup>4</sup>  
 d. Os estudantes chegaram doentes.

Retomando a ideia de Kratzer (1988), que sugere que predicados *stage-level* contêm um argumento extra para localizações espaço-temporais e que expressões locativas deveriam ser analisadas como predicados desse argumento, com a ausência do locativo sendo suprida por informações contextuais, Barbosa apresenta sentenças bem formadas do português em que o locativo pode preceder o verbo, porém, quando ambos o sujeito e o locativo precedem o verbo, a sentença é agramatical, como pode ser visto abaixo no conjunto em (6), o que acontece de forma paralela ao conjunto de exemplos em (7), com um verbo inacusativo.

- (6) a. Ali está a Maria.  
 b. A Maria está ali.  
 c. \*Ali a Maria está.
- (7) a. Ali apareceu um gato.  
 b. O gato apareceu ali.  
 c. \*Ali o gato apareceu.

Estabelecida a semelhança entre as sentenças com localização espaço-temporal e a inacusatividade, Barbosa recorre ao trabalho de de Vincenzi (1989) sobre o processamento de sujeitos nulos no italiano para tentar explicar tal relação. De Vincenzi sugere que verbos

<sup>3</sup> Nos exemplos em (1b) e (3b), pelo contrário, não há nenhum efeito de definitude nas sentenças do português – isso é apenas constatado nas glosas em inglês apresentadas pela autora, com a presença do determinante *some* (vide nota seguinte).

<sup>4</sup> Os exemplos (5b) e (5c), que são comparáveis aos exemplos (3b) e (1b), respectivamente, aparecem dessa vez com o determinante *alguns*, o que demonstra que o efeito de definitude é imprescindível para a boa formação de uma sentença desse tipo em questão.

inacusativos referem-se a situações dinâmicas no mundo extralinguístico, as quais estão sem o controle de um agente, ou seja, são acontecimentos que possuem inerentemente uma mudança de estado; por sua vez, verbos inergativos denotam situações que estão sob o controle de um agente – atos, ações ou processos em que há um agente que produz uma mudança de estado.

Assumindo que a localização espaço-temporal é essencial na descrição linguística de uma mudança de estado e seguindo a ideia de Kratzer (1988) de que predicados *stage-level* selecionam um argumento extra de localização espaço-temporal, de Vincenzi (1989) sugere que nos inacusativos do italiano o argumento locativo pode ser realizado em [Spec,IP], pois o NP, quando indefinido, pode ser realizado como irmão de V, ou seja, na posição de objeto. A autora sustenta sua análise mostrando que, no italiano, PPs podem ser sujeitos e que, em sentenças em que o PP locativo precede um verbo inacusativo, o locativo pode atuar como antecedente para *pro* ou controlador de PRO. Tal fato, então, mostra-se como uma evidência de que o PP tem a opção de ser um argumento na representação sintática de um verbo inacusativo, o que não acontece com verbos inergativos. Como pontua Barbosa (1989), a maioria dos verbos inacusativos em diferentes línguas contém uma localização implícita no seu léxico, como *estar* em português e *arrive, leave, happen, go* etc. em inglês.

Ao contrário da análise de Vincenzi (1989), para quem a posição [Spec,IP] está disponível para o argumento locativo apenas quando o NP é indefinido, Barbosa (1989) apresenta sentenças do português envolvendo foco apresentacional que não requerem a indefinidade do NP, exigindo apenas que ele seja uma informação nova, como em (8) abaixo. Além disso, a autora ainda apresenta construções com argumentos espaço-temporais na posição de sujeito com outros tipos verbais, como verbos inergativos (9) e transitivos passivizados (10).

- (8) Junto da praia apareceu o corpo do estudante desaparecido.
- (9) No bar da Faculdade de Letras jantaram os membros da Associação.
- (10) Ontem foram vistas as crianças a roubar chocolates.

Ambar (1992), por sua vez, analisa a inversão locativa em PE considerando-a, no entanto, no quadro das construções com constituintes antepostos. A autora afirma que nos contextos de constituintes antepostos, a inversão poderá ser obrigatória ou facultativa. A inversão do sujeito é obrigatória sempre que o verbo é “semanticamente fraco”, que é aquele verbo que, depois de “localmente desprovido do constituinte que lhe servia de argumento (o constituinte anteposto), não tem lexicalmente incorporado um argumento implícito” (Ambar,

1992, p. 185-186). Ou seja, em exemplos agramaticais como (11b) abaixo, se o locativo é anteposto, o verbo deixa de ter um argumento lexicalmente incorporado e a frase torna-se agramatical, necessitando, portanto, que haja uma inversão entre o verbo e o sujeito, como atestado no exemplo gramatical em (11c).

- (11) a. O Pedro mora em Lisboa.  
 b. \*Em Lisboa o Pedro mora.  
 c. Em Lisboa mora o Pedro.

Segundo Ambar, nos casos em que o verbo não é semanticamente fraco, a inversão é facultativa, havendo, contudo, exemplos em que a forma com inversão do sujeito é claramente melhor do que a forma sem inversão, como é o caso dos exemplos em (12b) e (13b).

- (12) a. ?Nesse navio, o assassino embarcou.  
 b. Nesse navio embarcou o assassino.
- (13) a. ?Pelas escadas abaixo, a bola rolou.  
 b. Pelas escadas abaixo rolou a bola.

A autora defende ainda que quando o verbo seleciona um objeto, a inversão locativa não é obrigatória, característica que está ligada à classificação dos verbos como semanticamente fracos ou não. A partir do momento em que existe um objeto, o verbo tem pelo menos um argumento e não faz, por isso, parte dos verbos semanticamente fracos que exigem a inversão sujeito-verbo (os que não integram implícita ou explicitamente nenhum argumento). Esse fato, segundo Ambar, separa os verbos transitivos dos inergativos e inacusativos relativamente à exigência ou não de inversão. Para a autora, então, será mais aceitável uma frase em que um verbo inacusativo aparece numa construção com locativo inicial e NP em posição pré-verbal do que a mesma construção com um verbo inergativo, que possui pelos menos um argumento, como revela o contraste nas sentenças em (14) e (15).

- (14) a. Em Lisboa uma tragédia aconteceu.  
 b. Pelo chão a cobra deslizou.

- (15) a. ?Neste restaurante vários atletas almoçaram.  
 b. ?Ao fundo do quintal alguns cães ladraram.

Vale considerar ainda a análise de Pereira (1998) para o PE moderno, em que a autora sugere uma maior flexibilidade na aceitação de sentenças com inversão locativa, apresentando os exemplos em (16) abaixo com verbos inacusativos, inergativos e transitivos, respectivamente; a autora chama atenção ainda para o fato de que respectivas frases com a ordem [PP NP V] também são possíveis em PE, embora sejam ligeiramente marginais.

- (16) a. À festa chegou um homem estranho.  
 b. Ao fundo do quintal ladram os cães.  
 c. Neste hotel recebeu o rei os seus convidados.

Para Pereira, que trabalhou na vertente minimalista da gramática gerativa, a inversão locativa é caracterizada por uma estrutura informacional específica, em que os traços formais de certas categorias funcionais definem a estrutura discursiva e a própria estrutura da frase, resultando, por conseguinte, no movimento do PP para uma posição argumental no início da sentença, já que ele possui uma informação discursiva prévia, enquanto que o NP sujeito posiciona-se pós-verbalmente, caracterizando-se como o foco da frase, responsável por introduzir informação nova. Como procuramos defender aqui, Pereira também considera a inversão locativa como correspondendo a um conjunto variado de construções, visto que ela pode ocorrer em sentenças com os mais diversos tipos de verbos e também em sentenças simples e complexas.

## 2.2 Dados históricos do PE e a gramática V2

Se levarmos em conta que o fenômeno de inversão locativa em português é muito mais flexível, ou melhor, pode ser atestado com qualquer tipo verbal, como acredita Pereira (1998), não é de se admirar que na diacronia do português constituintes quaisquer diferentes do sujeito e do verbo podem ocupar a primeira posição de sentenças declarativas raízes. Portanto, o fato de ainda atualmente um sintagma locativo ser alçado a primeiro constituinte da sentença parece ser bastante compreensível, apesar das grandes mudanças pelas quais a gramática do português passou. Antes de apresentarmos os dados históricos de *corpus*

utilizados nesta tese, que evidenciam um padrão gramatical particular do PE, expomos a seguir como se configura o modelo de gramática V2, representativo, principalmente, das línguas germânicas.

A configuração gramatical que revela um sintagma XP em primeira posição e um verbo imediatamente contíguo na sentença é caracterizadora do padrão V2, amplamente difundido em línguas germânicas, por exemplo. O português atual não exhibe tal padrão, contudo, diversos trabalhos, como os de Ribeiro (1995), Torres Morais (1995), Galves (1997), Paixão de Sousa (2004), Gibrail (2010), Antonelli (2011) e Pinto & Antonelli (2014), defendem que, em estágios passados, essa língua manifestava características de um sistema V2.

O sistema gramatical V2 é atestado nas sentenças declarativas matrizes de todas as línguas germânicas modernas, com exceção do inglês. Tal sistema é caracterizado como uma restrição de ordem de palavras que estabelece como primeiro constituinte da sentença um XP de qualquer natureza sintática e, imediatamente após, em segunda posição, o verbo finito, do que deriva o nome do fenômeno sintático. Os exemplos em (17) abaixo, de Roberts (1993, p. 5), ilustram a ordem V2 em orações declarativas matrizes do alemão, com os verbos aparecendo negritos em segunda posição.

- (17) a. Ich **habe** schon letztes Jahr diesen Roman gelesen.  
 I have already last year this book read  
 ‘I read this novel last year already’  
 b. Diesen Roman **habe** ich schon letztes Jahr gelesen.  
 c. Schon letztes Jahr **habe** ich diesen Roman gelesen.  
 d. \*Schon letztes Jahr ich **habe** diesen Roman gelesen.

Nas orações declarativas raízes em (17) do alemão, diferentes tipos de constituintes sintáticos podem preceder o verbo finito, tais como o sujeito em (17a), o argumento direto em (17b) ou o adjunto em (17c); por sua vez, a sentença em (17d) resulta como agramatical pois a sequência linear V2 é violada, já que há o frontamento de dois constituintes na sentença – o adjunto e o sujeito, respectivamente –, ficando o verbo finito em terceira posição. Vale lembrar ainda que, em consequência da restrição determinando que o verbo finito seja o segundo constituinte em ordem linear, sempre que o sujeito não aparece em primeira posição, como é o caso das sentenças em (17b) e (17c), ele vem imediatamente posposto ao verbo, caracterizando, assim, uma inversão verbo-sujeito.

Em termos gerais, a definição do fenômeno V2 está relacionada a duas operações sintáticas distintas: o movimento do verbo finito para o núcleo funcional mais à esquerda C° e o movimento de um constituinte XP qualquer para a posição de especificador do mesmo núcleo funcional, isto é, [Spec,CP]. Tomando a análise do movimento V-para-C como ponto de partida e a constatação de que as línguas germânicas não funcionam de maneira uniforme quanto ao fenômeno V2, Vikner (1995, p. 65) propõe uma tipologia das línguas V2, estabelecendo quatro tipos distintos, como descritos a seguir:

- (i) línguas V2 residuais: o inglês é o representante único entre as línguas germânicas dessa categoria, exibindo o padrão V2 em apenas um grupo específico de contextos, que ocorrem quase que exclusivamente em interrogativas-*wh* e contextos de inversão negativa e comparativa;
- (ii) línguas V2 assimétricas: característico de línguas como o alemão e o holandês, o fenômeno V2 ocorre apenas em ambientes matrizes, já que, em sentenças encaixadas, o verbo ocupa a posição final, uma vez que a segunda posição está ocupada por um complementizador visível;
- (iii) línguas V2 limitadas: línguas como o dinamarquês, o feroês, o norueguês e o sueco pertencem a esse grupo e caracterizam-se por exibir, além do mesmo padrão de ordem de palavras do tipo encontrado em (ii), o V2 em contextos encaixados de complementos sentenciais de verbos-ponte, como *dizer* e *pensar*;
- (iv) línguas V2 simétricas: exibem o fenômeno V2 em todos as sentenças matrizes e encaixadas, como o islandês e o iídiche.

É importante notar que, devido à configuração sintática de como se dá o padrão V2 nas línguas germânicas (com exceção do inglês, por apresentar o fenômeno residualmente), é incongruente falar em inversão locativa nessas línguas, visto que é um requerimento gramatical estabelecido pelo próprio sistema dessas línguas de que o sujeito apareça imediatamente após o verbo quando um XP adjunto (no caso, locativo) ocupa a primeira posição da sentença.

No âmbito da língua portuguesa, o estudo de Ribeiro (1995), que abarca o português arcaico, compreendido entre os séculos XIII e XVI, demonstra que nesse estágio o português apresentava um sistema V2 característico das línguas germânicas modernas (ocidentais e setentrionais, com exceção do inglês), ou seja, o verbo aparecia em segunda posição, derivado a partir das duas regras de movimento como já citadas anteriormente. Como

visto nos exemplos em (18) abaixo de Ribeiro (1995, p, 100), diferentes tipos de sintagmas podem ser fronteados para o início da sentença, precisamente para a posição de especificador da projeção cujo núcleo hospeda o verbo finito, isto é, [Spec,CP].

- (18) a. E a cabo de pouco **veo** o homen de Deus calçado de sas calças.  
 b. E estes dizimos **quis** Nostro Senhur pera as eygreyas fazer.  
 c. Com estas e outras taaes rrazoões **arrefeço** el-rrei de sua brava sanha.  
 d. (...) acabada amisa **tirou** o padre a vestim<sup>ta</sup> decjma.

O fenômeno V2 ainda é fortemente característico dos dados do português clássico compreendido entre os séculos XVI e XIX, como atestam os resultados de várias pesquisas desenvolvidas junto ao *Corpus Tycho Brahe* (cf., por exemplo, Torres Morais, 1995; Paixão de Sousa, 2004; Gibrail, 2010; Antonelli, 2011). É a partir do século XVIII que se percebe a mudança de comportamento sintático no licenciamento das sentenças V2, em que cada vez menos sintagmas fronteados com funções gramaticais diferentes daquelas de sujeito são atestados em posição pré-verbal.

Antonelli (2011), pesquisando mais detidamente sobre a posição do verbo na diacronia do PE em 11 textos anotados sintaticamente do Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe, observa que a proporção percentual durante os séculos XVI e XVII entre a ordem de palavras [S V] (sentenças com sujeito pré-verbal) e a ordem de palavras [XP V S] (fronteamento de um sintagma qualquer com posposição do sujeito) apresenta uma configuração diferente daquela que é atestada para o período de tempo que corresponde aos séculos XVIII e XIX. Essa diferença pode ser visualizada na Tabela 1 abaixo.

**Tabela 1** – Sentenças matrizes com ordem linear V2

	[S V]		[XP V]	
	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>	<i>ocorrências</i>	<i>porcentagem</i>
<b>Séc. XVI</b>	461	52,38	419	47,62
<b>Séc. XVII</b>	542	44,20	684	55,80
<b>Séc. XVIII</b>	2088	81,75	466	18,25
<b>Séc. XIX</b>	1140	84,82	204	15,18

Fonte: adaptado de Antonelli (2011, p. 112)

De acordo com a Tabela 1, nos textos escritos por autores nascidos até o fim do século XVII, as taxas de porcentagem entre as sentenças com sujeito pré-verbal e as sentenças com um elemento não sujeito precedendo o verbo giram em torno de 50%, não parecendo haver uma ordem preferencial. Em contraste a esse padrão, o que se observa a partir do século XVIII é, claramente, uma curva de aumento na frequência de estruturas [S V], com um índice de 81,75% no século XVIII e 84,82% no século XIX, resultando, por conseguinte, no decréscimo de estruturas de fronteamto com ordem [V S], com taxas menores do que 20% nos séculos XVIII e XIX.

Antonelli defende que a gramática do PE dos séculos XVI e XVII pode ser caracterizada como possuindo um sistema V2, posto que os números relativos ao padrão de frequência da ordem [S V] dessa língua nos séculos XVI e XVII constituem uma evidência quantitativa bastante robusta, comparável a sistemas gramaticais V2 típicos, como o do ramo germânico. Por sua vez, do século XVIII em diante, a gramática do PE não se caracteriza mais como um sistema V2, pois o sujeito se superficializa antes do verbo, uma ordem que se configura como uma espécie de opção *default*. Segundo Pinto & Antonelli (2014), essa observação é corroborada pelo fato de que, na variante atual do PE, o fronteamto de sintagmas para o início da sentença, em maior parte os adjuntos, não altera, necessariamente, a superficialização do sujeito em posição pré-verbal, o que se constituiria também como uma evidência de que a ordem [S V] é, de fato, uma estrutura do tipo *default*.

Em relação ao *corpus* utilizado nesta tese, que também faz parte do Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe, utilizamos 15 textos anotados sintaticamente de diferentes autores, compreendidos em um período de quatro séculos.<sup>5</sup> Levando-se em conta a periodização sugerida por Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006), os nossos dados históricos compreendem o Português Médio, que se situa entre a virada dos séculos XIV e XV até o início do século XVIII, e o Português Europeu Moderno, que começa no início do século XVIII, em que se tem a emergência de uma nova gramática na língua portuguesa. Além dos dados históricos, também fazem parte da pesquisa dados contemporâneos de *corpus* e também de intuição do PE e do PB, referidos ao longo da tese.

---

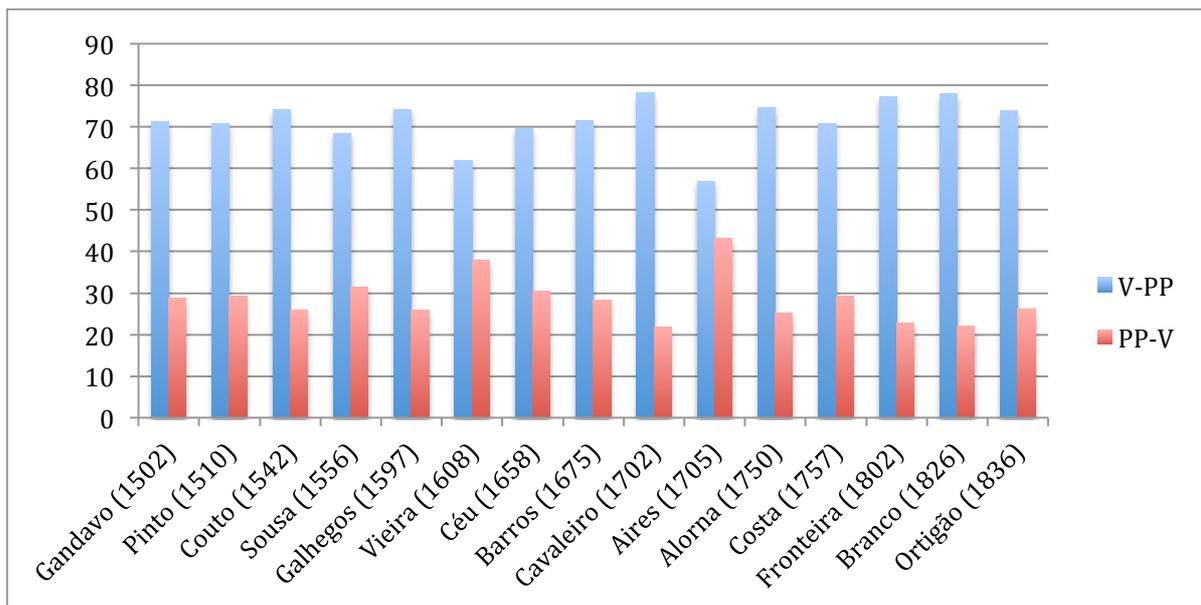
<sup>5</sup> Os 15 textos anotados sintaticamente do Corpus Tycho Brahe, com as respectivas datas de nascimento dos autores, são os seguintes: Pero Magalhães de Gandavo (1502), Fernão Mendes Pinto (1510), Diogo do Couto (1542), Luis de Sousa (1556), Manuel de Galhegos (1597), Padre Antonio Vieira (1608), Maria do Céu (1658), André de Barros (1675), Cavaleiro de Oliveira (1702), Matias Aires (1705), Marquesa de Alorna (1750), José Daniel Rodrigues da Costa (1757), Marquês de Fronteira e d'Alorna (1802), Camilo Castelo Branco (1826) e Ramalho Ortigão (1836). Para maiores detalhes sobre o Projeto Tycho Brahe, consultar a página eletrônica <<http://www.tycho.iel.unicamp.br>>.

O *corpus* histórico analisado contém ao todo 30037 sentenças. Nas orações matrizes, foram contabilizadas 14015 ocorrências de PPs, divididas entre sintagmas preposicionados locativos (PP-LOC), sintagmas preposicionados temporais (PP-TMP), sintagmas preposicionados dativos (PP-DAT), sintagmas preposicionados passivos (PP-PAS) e outros sintagmas preposicionados, que correspondem a PPs circunstanciais, comitativos, instrumentais etc. e, ainda, àqueles de difícil caracterização.<sup>6</sup> Apesar de nossos dados não parecerem tão robustos e padronizados, como se verá à frente, o que queremos mostrar com eles é a particularidade dos PP-LOCs em relação aos outros tipos de PPs, já que, num padrão de inversão [PP V S], são justamente os sintagmas locativos e direcionais que se mostram mais numerosos em primeira posição. A evolução de tal ordem durante os séculos pesquisados pode ser um apontador de que os PP-LOCs funcionam diferentemente de outros tipos de PPs, já que, não obstante a perda do fenômeno V2 no português a partir do século XVIII, os PP-LOCs, mesmo em proporções menores, persistem em primeira posição na sentença, sendo que efeitos mais drásticos são percebidos na gramática do português atual, principalmente na variedade brasileira.

A posição dos PPs em relação ao verbo matriz é bastante reveladora, ao longo dos séculos, do fenômeno de fronteamto de PPs. Porém, como é de se esperar, a presença de PPs após o verbo, isto é, à direita, é predominante, em razão de essa ser a posição prototípica dos PPs em português, que correspondem em sua grande maioria a adjuntos (vale lembrar que existem PPs argumentais, como os dativos, arrolados em nosso *corpus*). Ao todo, 70,45% do total de PPs em sentenças matrizes de nosso *corpus* encontram-se após o verbo (correspondendo, em valores absolutos, a 9873 casos), contra 29,55% de PPs antes do verbo (equivalente a 4142 casos). Na Figura 1 a seguir, é apresentada a porcentagem de PPs antes e após o verbo em todos os textos catalogados em nosso *corpus*.

---

<sup>6</sup> Ao contrário do que foi afirmado no Capítulo 1 sobre as propriedades gerais das construções de inversão locativa, de que elas ocorrem somente em sentenças raízes, em português, pelo menos, o fenômeno também se observa em sentenças encaixadas (cf. nota de rodapé 11 adiante para alguns exemplos históricos). Todavia, a discussão aqui levará em conta apenas as sentenças matrizes, sendo que as sentenças subordinadas apresentam, estatisticamente, os mesmos padrões numéricos, porém, em menores proporções.



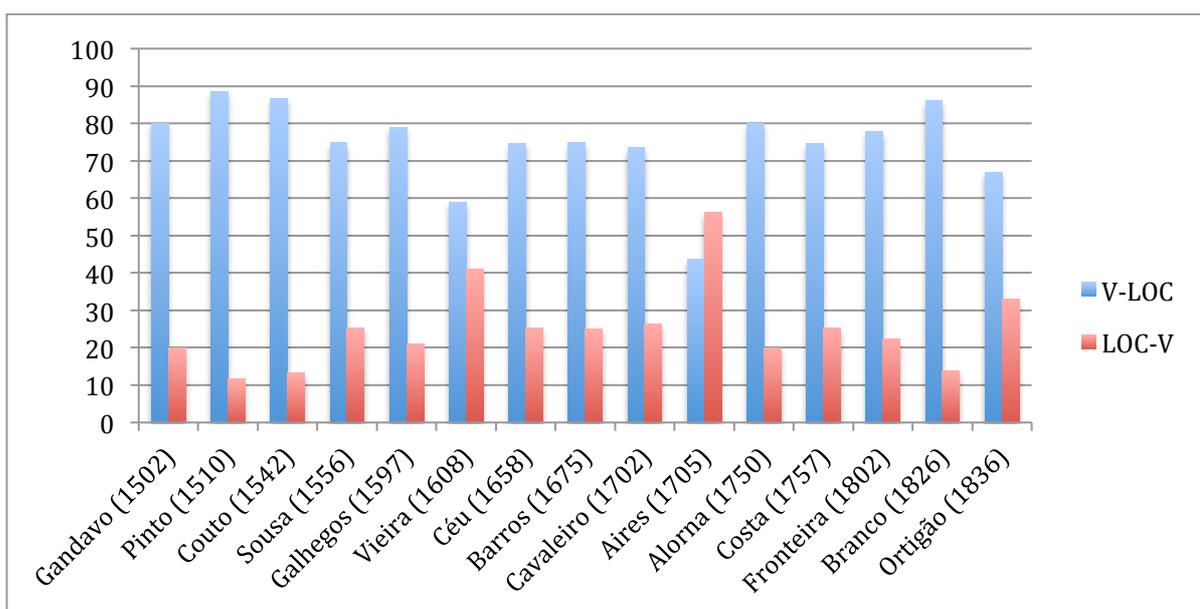
**Figura 1** – Posição do PP em relação a V

Como se nota a partir da Figura 1, a posição do PP ao longo dos séculos é, predominantemente, depois do verbo. Os casos de PPs prepostos ao verbo giram em torno de 30% e não mostram uma curva linearmente descendente, como seria de se esperar em uma gramática que passou de características V2 para não V2 a partir do século XVIII, como discutido anteriormente nesta seção. Todavia, se levarmos em conta a pesquisa de Gibrail (2010), que também trabalhou com dados do projeto Tycho Brahe, porém com um amplo *corpus* de 39 textos de autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX, podemos concluir que, diacronicamente, o uso de sintagmas preposicionados fronteados sofreu uma grande queda ao longo dos séculos. A autora, descrevendo as formas de manifestação de estruturas de tópico e foco no PE, aponta que, de forma generalizada, o uso de sintagmas fronteados diferentes da função de sujeito, como objetos e PPs, decresceu diacronicamente no padrão de ordem V2 a partir do século XVIII.<sup>7</sup> Segundo Gibrail (2010, p. 203), a média de frequência de ocorrência dos PPs em posição pré-verbal nos textos de autores nascidos entre os séculos XVI e XVII é de 19,85%; já no século XVIII, período em que se aponta uma

<sup>7</sup> Nas estruturas V2, os sintagmas adverbiais, por sua vez, mantiveram-se praticamente estáveis em posição pré-verbal ao longo dos séculos, girando em torno de 20%. A frequência elevada de advérbios prepostos é explicada, de acordo com Gibrail (2010), graças à mudança prosódica estabelecida no português a partir do século XVIII, em que os segmentos mais altos e mais baixos do CP são definidos como fronteiras prosódicas e as estruturas de adjunção revelam-se como parte integrante do contorno entoacional da frase.

mudança, é de pouco mais de 8% e, no século XIX, a média de frequência com que os PPs se apresentam prepostos ao verbo é ainda menor, contabilizando apenas 3,4%.<sup>8</sup>

No universo total de PPs coletados em nosso *corpus*, ou seja, 14015 sintagmas matrizes encabeçados por alguma preposição, 15,73% correspondem a PP-LOCs<sup>9</sup>, que indicam o evento em uma localização no espaço, ou, em termos mais específicos, um Evento de Movimento, como será melhor detalhado no Capítulo 3. Do total de PP-LOCs, ou seja, 2205 sintagmas encabeçados por uma preposição espacial, 71,88% (ou, em valores absolutos, 1585 casos) correspondem a sentenças exibindo a ordem [V PP-LOC], isto é, nas quais o verbo precede o sintagma encabeçado por uma preposição de caráter locativo ou de trajetória, enquanto 28,12% (620 casos, em valores absolutos) exibem a ordem inversa, com o PP-LOC ocupando uma posição anterior ao verbo. O valor percentual de PP-LOCs aparecendo antes ou depois do verbo em cada texto anotado de nosso *corpus* pode ser acompanhado na Figura 2 abaixo.



**Figura 2** – Posição do PP-LOC em relação a V

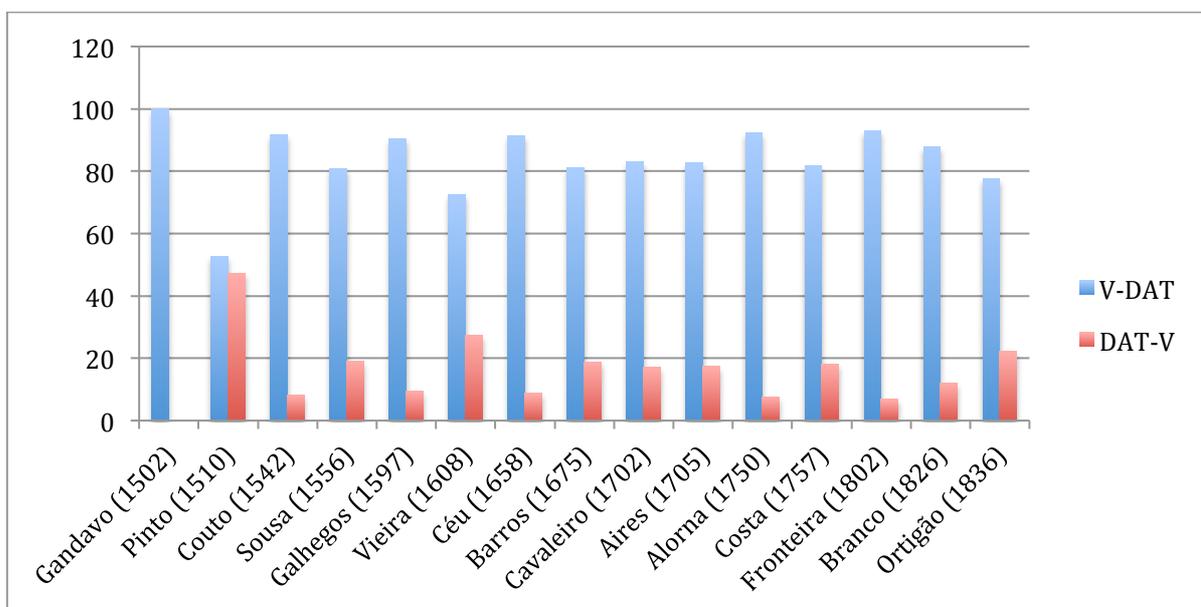
Da mesma forma como notado na Figura 1 anteriormente, na Figura 2 as razões proporcionais entre a ordem [V PP-LOC] e [PP-LOC V] não seguem um padrão curvilíneo uniforme.

<sup>8</sup> Gibrail (2010) chama a atenção para o fato de que, além dos sintagmas locativos, um tipo de PP bastante comum em posição pré-verbal são os PPs temporais, que exibem um funcionamento semelhante aos PPs locativos, como já afirmado nesta tese.

<sup>9</sup> Não estão incluídos nessa porcentagem os PP-LOCs de sentenças impessoais e daquelas sem a presença de um sujeito explícito, marcadas, em termos gerativistas, como possuindo um sujeito expletivo e um sujeito *pro*, respectivamente.

Esperava-se, ao contrário, que, enquanto as taxas de ordem [V PP-LOC] fossem aumentando ao longo dos séculos, particularmente a partir do século XVIII, quando o PE perde o seu estatuto V2, as taxas de ordem [PP-LOC V] fossem diminuindo significativamente. Porém, o que se tem na Figura 2 é uma grande oscilação de valores entre cada autor ao longo dos anos, se mantendo constante apenas o fato de que a ordem preferida é [V PP-LOC] (com exceção do arquivo de Aires (1705), em que a ordem [PP-LOC V] ultrapassa os 50%).

Para efeitos de comparação, o argumento PP-DAT aparece num total de 440 casos, correspondendo a 3,14% do universo total de PPs oracionais em nosso *corpus*. A Figura 3 abaixo exhibe percentualmente as ocorrências de PP-DAT em todos os arquivos de nosso *corpus*, repetindo que tais dados não seguem um padrão significativo de mudança diacronicamente.



**Figura 3** – Posição do PP-DAT em relação a V

Postas lado a lado as Figuras 2 e 3, a média de frequência com que os argumentos locativos ocorrem pré-verbalmente é de 28,12%, enquanto os argumentos dativos aparecem 17,05% antes do verbo.<sup>10</sup> Se levarmos em consideração apenas os casos característicos do padrão gramatical V2, com o sujeito imediatamente contíguo ao verbo, ou seja, aquelas sentenças com a ordem [PP V S], os índices de PP-LOC e PP-DAT em primeira posição na sentença são de, respectivamente, 17,82% e 10% – a proporção significativamente maior dos

<sup>10</sup> Estamos considerando aqui todas as seis possíveis ordens de palavras, isto é, aquelas em que o sujeito ocorre antes do verbo – [S V PP], [S PP V] e [PP S V] – e aquelas em que o sujeito aparece após o verbo – [V S PP] e [V PP S] e [PP V S].

argumentos locativos, então, é reveladora do caráter especial de tais constituintes, como queremos defender neste trabalho.

Portanto, os dados mais relevantes de nossa coleta dizem respeito ao típico fenômeno V2 com PPs, já que nesse tipo de construção são justamente os PPs do tipo locativo aqueles que mais aparecem em primeira posição na sentença, revelando um legítimo caso de inversão locativa, como demonstram alguns exemplos abaixo em (19), representativos de todos os 15 arquivos arrolados em nosso *corpus*, com os respectivos autores e seus anos de nascimento em parênteses.<sup>11</sup>

- (19) a. (...) e em cada uma delas **assiste** seu governador com a mesma alçada.  
(Gandavo, 1502)
- b. (...) e nos de peleja **entravam** quatro mil estrangeiros, turcos, abexins, malavares, guzarates, e lusões da ilha de Bornéo (...).  
(Pinto, 1510)
- c. Na Côrte **andou** este Rei dous anos (...).  
(Couto, 1542)
- d. Do meio das estantes **pendia** um pequeno retábulo de Nossa Senhora do Rosário.  
(Sousa, 1556)
- e. Na Comarca de Miranda **falou** um menino mudo:  
(Galhegos, 1597)
- f. De Troia **disse** Ovidio: *Jam seges est ubi Troia fuit*.  
(Vieira, 1608)
- g. (...) e na Esperança **deixou** Deos lugar para Deos (...).  
(Céu, 1658)
- h. Pelo famoso rio dos Tocantins acima, duzentas léguas do Pará, **demoravam** estes Índios;  
(Barros, 1675)
- i. No meio deste bárbaro suplício **morria** o menino (...).  
(Cavaleiro, 1702)
- j. Neste delírio de antiguidade, e por consequência de Nobreza, **entraram** os Citas, os Frígios, os Persas, e os Egípcios;  
(Aires, 1705)

<sup>11</sup> Em nosso *corpus* histórico também encontramos, em uma proporção menor, o fenômeno de inversão locativa em sentenças subordinadas, como revelam alguns exemplos abaixo.

- (i) a. (...) porque da terra lhe **acudiram** logo muitas almadias.  
(Couto, 1542)
- b. No assalto de Alconchel se achou na algibeira de um castelhano prisioneiro uma carta, que de Segóvia **escreveu** um amigo a outro, que vive em Albuquerque.  
(Galhegos, 1597)
- c. Estavaõ os veos passando a ser de tafetá, ainda que em algumas Religiosas **presistiaõ** os de pano com habitos de estamemha.  
(Céu, 1658)
- d. (...) e quando se manifesta, é também quando em nós **começa** a aparecer o entendimento;  
(Aires, 1705)
- e. Parece que pelo espinhaço acima lhe **sobem** os conceitos em borbotões (...).  
(Costa, 1757)
- f. A falta de instrutores era grande, porque o nosso exército ocupava as províncias e em Lisboa apenas **estava** a Guarda Real de a Polícia.  
(Frenteira, 1802)

k. (...) e no zêlo que eu ponho na execução **lerá** Vossa Alteza Real as mais claras expressões dos meus sentimentos. (Alorna, 1750)

l. Ao Bairro Alto **fomos** todos de passeio. (Costa, 1757)

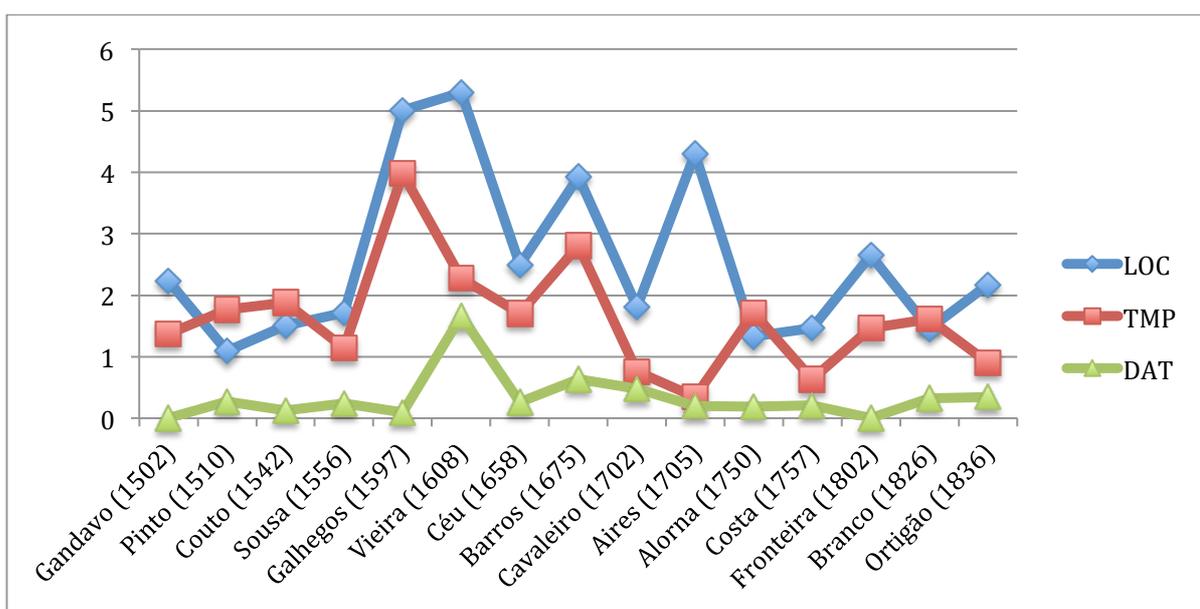
m. De todos os lados **saíram** entusiásticos vivas ao Príncipe Regente e aos ingleses (...). (Fronteira, 1802)

n. Na cozinha não **estava** ninguém, quando ela atravessou de passagem para o quinteiro. (Branco, 1826)

o. No palácio **tinha** eu reparado para os pés de todas as senhoras do corpo diplomático. (Ortigão, 1836)

O conjunto de exemplos em (19) abarca uma variada amostra de casos de inversão locativa que ocorre no PE médio e moderno, contemplando verbos inacusativos, inergativos e transitivos, tanto isolados quanto em sua forma negativa ou com verbo auxiliar. Além do mais, é importante chamar a atenção para o fato de que, em português, *em* é a principal preposição utilizada para encabeçar PP-LOCs nas construções de inversão locativa, correspondendo, ao todo, a 68,45% dos casos coletados em nosso *corpus*.

A Figura 4 abaixo apresenta comparativamente os casos de fronteamento do PP e a conseqüente inversão entre o sujeito e o verbo com sintagmas locativos e dativos, além dos temporais, que caminham quase que paralelamente com os PP-LOCs no percurso histórico abrangido por nosso *corpus*, que vai do início do século XVI à metade do XIX.



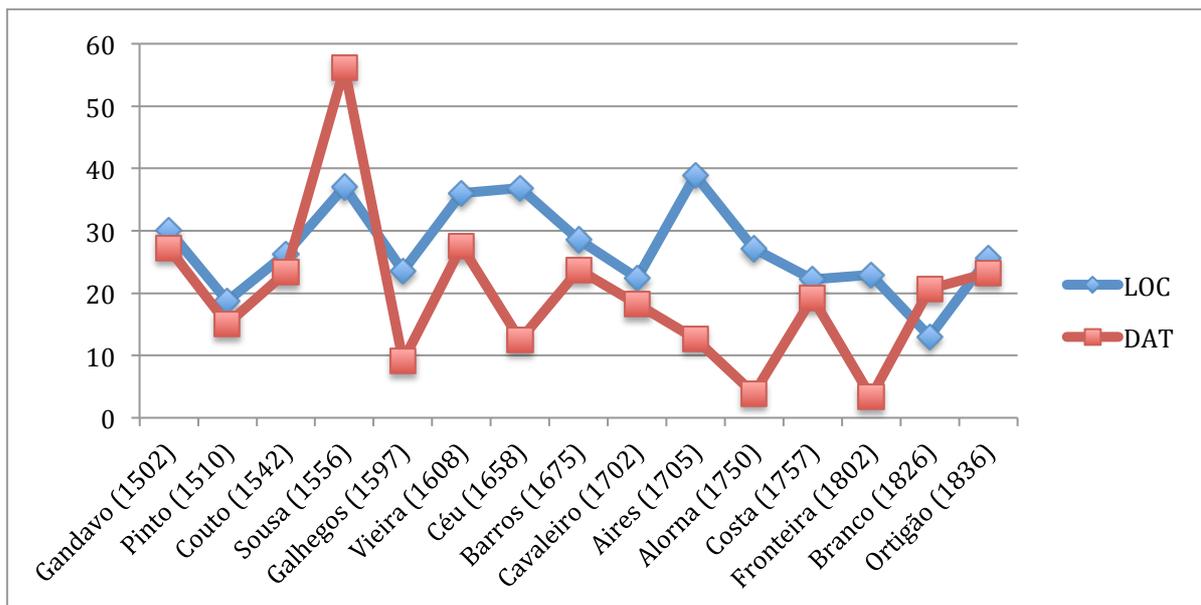
**Figura 4** – Sentenças V2 com PP-LOC, PP-TMP e PP-DAT

Levando-se em conta as conclusões de autores como Ribeiro (1995), Torres Morais (1995), Galves (1997), Paixão de Sousa (2004), Gibrail (2010), Antonelli (2011) e Pinto & Antonelli (2014), cujas pesquisas revelam uma gramática do PE consistentemente V2 até o final do século XVII e uma mudança significativa em tal sistema a partir do século XVIII, como detalhado anteriormente, podemos notar na Figura 4 que as construções de V2, em termos gerais, sofreram uma diminuição ao longo do tempo. Apesar de índices extremamente baixos, beirando, ao máximo, os 5% frente a todos os PPs matrizes coletados em nosso *corpus*, é a partir da metade do século XVIII, com o arquivo de Alorna, que os índices de fronteamto de PP se mantêm mais estáveis, com os PP-LOCs ficando entre 1,33 e 2,65% (taxa pertencente a Fronteira (1802)).<sup>12</sup>

Com o intuito ainda de assinalar que os PP-LOCs evoluem desigualmente de outros PPs na diacronia do português, apresentamos a seguir a Figura 5, que confronta novamente PP-LOCs e PP-DATs em construções com inversão. Diferentemente do que foi apontado na nota de rodapé 9 deste capítulo, em que sentenças com sujeito expletivo e com o sujeito *pro* foram excluídas da contabilização geral dos dados, no gráfico da Figura 5 estão incluídas, em conjunto com as sentenças [PP V S], aquelas orações sem a presença explícita de um sujeito, marcadas no Corpus Tycho Brahe como possuindo um *pro*. Isso se deve porque a ordem [PP V], sem um sujeito pleno ou pronominal, é, de certa forma, a mesma que a ordem V2 clássica [PP V S]. Sem a presença de um sujeito realizado foneticamente na estrutura, seria de se supor que outros tipos de constituintes se movessem para [Spec,TP] devido a requerimentos gramaticais do traço EPP, por exemplo (cf. Holmberg, 2000; Svenonius, 2002).

---

<sup>12</sup> Se desconsiderarmos o arquivo de Aires (1705), que apresenta uma taxa de 4,3% de PP-LOCs em primeira posição em um contexto V2, podemos agrupar todos os textos a partir do século XVIII como possuindo um enfraquecimento consistente do fenômeno V2. A exclusão de tais dados pode ser justificada pelo alto índice de repetição de locativos dêiticos que o autor utiliza em primeira posição, como “neste (lugar)”.



**Figura 5** – Ordem [PP V (S)] com PP-LOC e PP-DAT

Com padrões curvilíneos não regulares, a Figura 5 mostra que os PP-LOCs prevalecem sobre os PP-DATs em construções em que o PP ocupa a primeira posição da sentença. Para termos uma melhor visão dos valores do gráfico, se considerarmos a média de frequência dos séculos XVI e XVII em oposição aos séculos XVIII e XIX, período em que houve uma mudança expressiva na gramática do português, enquanto os PP-DATs diminuíram de 24,32% para 14,47%, os PP-LOCs apresentaram uma mudança expressivamente menor, de 29,63% para 24,60%.

Enfim, apesar de nossos dados não possuírem tanta robustez e valores estatísticos mais convincentes, o que queremos demonstrar com eles, principalmente, é que os locativos configuram-se como uma categoria preposicional particular na gramática do português, posto que eles aparecem mais vezes em primeira posição iniciando uma sentença do que os PP-TMPs e os PP-DATs, mesmo após o século XVIII, com a gramática do PE não se configurando mais como um sistema V2. Acreditamos que esse fenômeno se reflita até os estágios atuais da língua portuguesa, tanto europeu como brasileiro, com reflexos mais impactantes no sistema gramatical do PB<sup>13</sup>, como será visto na seção seguinte.

<sup>13</sup> É importante considerar que as construções típicas de V2 diminuíram generalizadamente no português, tanto europeu como brasileiro. Massagardi Mendes (2004), trabalhando com o PB moderno, analisou o movimento de PPs em oposição à posição canônica *in situ* em um *corpus* formado por anúncios, peças de teatro e cartas de leitores e de redatores publicados em jornais. Apesar de trabalhar com variados tipos de PPs, tanto argumentais como adjuntos, a autora notou que o movimento de PPs em estruturas encaixadas declinou generalizadamente do século XIX ao XXI.

### 2.3 Estudos sobre a inversão locativa em PB

É interessante observar que o PB se comporta de maneira bastante diferente do PE no que diz respeito ao licenciamento de sintagmas locativos funcionando como sujeitos. Muito disso se deve principalmente às mudanças atestadas no atual estágio do PB em relação aos processos de concordância e do EPP, bastante diferenciados do PE.

O traço EPP<sup>14</sup> exige em uma sentença que o núcleo projete um especificador ou, em relação a T, que a sentença tenha um sujeito. Em inglês, a posição de sujeito será sempre foneticamente realizada, com [Spec,TP] podendo ser ocupado por um argumento do verbo ou por um expletivo (cf. Holmberg, 2000; Svenonius, 2002), conforme o exemplo em (20) abaixo.

- (20) a. A boy arrived.  
b. There arrived a boy.

Mas, diferentemente de línguas como o inglês e o francês, por exemplo, que possuem em seu léxico pronomes expletivos foneticamente realizados como *it*, *there*, *il*, o português, pelo contrário, dispõe de um pronome expletivo nulo, ou seja, um *pro*. Esse pronome pode ocupar a posição de especificador de TP de maneira análoga aos expletivos pronunciados, como se observa no exemplo em português em (21c).

- (21) a. It rains.  
b. Il pleut.  
c. *pro* Chove.

Na literatura gerativista, essa distinção é referida como parâmetro *pro-drop* ou parâmetro do sujeito nulo: as línguas se dividem entre as que exibem sujeitos foneticamente nulos e as que exibem sujeitos sempre realizados foneticamente, quer seja um DP pleno ou um expletivo (cf. Figueiredo Silva, 1996).

Porém, estudos sobre a diacronia do português, como os de Duarte (1993), apontam uma mudança paramétrica no PB quanto à possibilidade dessa língua exibir sujeitos

---

<sup>14</sup> Vale notar que, em Chomsky (1981), o EPP é tratado como um princípio que exige que todas as línguas devam ter sujeito, realizado foneticamente ou não; na versão minimalista (Chomsky, 1995), o EPP é codificado como um traço não interpretável, localizado em T, que exige que a posição de [Spec,TP] seja preenchida.

nulos. Esse processo, associado a uma redução no paradigma pronominal, vem refletindo em profundas mudanças em comparação ao PE. Dada a redução das distinções flexionais, as consequências seriam, de um lado, o enfraquecimento da concordância e, de outro, a crescente necessidade de preenchimento da posição de sujeito no PB. Segundo Barbosa, Duarte & Kato (2006), diante desses fatos, o PB, então, estaria trazendo outras estratégias de preenchimento do sujeito, não por meio de um expletivo lexical como o inglês e o francês, mas por meio de elementos referenciais plenos, tais como o argumento interno de verbos inacusativos (22a), o locativo em sentenças existenciais (22b) ou com verbos que exprimem fenômeno da natureza (22c), o sujeito de orações com *parecer* (22d), o complemento de verbos transitivos em sentenças ergativas (22e) ou o elemento possuidor em uma relação genitiva (22f).

- (22) a. O pneu do carro furou.  
 b. Londres tem prédios lindos.  
 c. Essas florestas chovem muito.  
 d. Quando eu brigo, eu pareço que eu vou explodir de raiva.  
 e. Com a reforma, meu jardim destruiu inteirinho.  
 f. Minhas pernas racharam a pele.

Sendo assim, esse novo paradigma do PB estaria possibilitando a concordância entre o verbo e elementos tidos, em princípio, como não argumentais. Bresnan & Kanerva (1989) e Bresnan (1994), como visto no capítulo anterior, mostram que essa possibilidade de um constituinte locativo em posição pré-verbal desencadear concordância é clara em chichewa, de acordo com os exemplos em (23) abaixo, em que os classificadores afixados no constituinte locativo e no verbo são os mesmos.

- (23) a. Ku-mu-dzi uku ku-na-bwér-á a-lendô-wo.  
 17-3-village 17.this 17SUBJ-REC.PST-come-FV 2-visitor-2those  
 ‘To this village came those visitors’  
 b. M-mi-têngo mw-a-khal-a a-nyani.  
 18-4-tree 18-PERF-sit-FV 2-baboons  
 ‘In the trees are sitting baboons’

Mas, diferente do chicheŵa, que admite a inversão locativa, preferencialmente, em construções inacusativas, no PB seria um fenômeno mais generalizado, ocorrendo em uma variedade ampla de construções. Avelar & Cyrino (2008, p. 61) apresentam uma série de exemplos em que o PB, ao contrário das demais línguas românicas, admite a inversão locativa em sentenças construídas também com verbos inergativos e transitivos, além daquelas com verbos inacusativos. Os exemplos em (24-27) abaixo mostram a ocorrência de um locativo pré-verbal sem que qualquer DP/NP argumental apareça na posição de sujeito.

(24) **verbos inacusativos**

- a. Na casa da Maria chegou algumas cartas.
- b. No meio da festa apareceu uns convidados estranhos.
- c. Naquele documento consta o nome da Maria.

(25) **verbos inergativos**

- a. Naquele quarto dormiu várias pessoas.
- b. Naquela fábrica trabalha muitos amigos meus.
- c. Na universidade estuda a filha de uma amiga minha.

(26) **verbos transitivos ergativizados**

- a. Naquele bairro aluga casa de todos os preços.
- b. Na loja do Pedro não conserta sapato de couro.
- c. Naquele fazenda plantava beterraba.

(27) **verbos transitivos e inergativos sem tema e/ou agente**

- a. Nas cidades do interior não sequestra tanto como nas grandes capitais.
- b. Na casa do João cozinha todos os dias.
- c. Na casa da Maria dorme cedo.

Um outro contraste com o PE, apresentado em Avelar (2009, p. 232-233), é que o PB ainda admite construções de inversão locativa sem a presença da preposição encabeçando o PP, conforme os exemplos em (28-30a) a seguir com verbos transitivos, em oposição àqueles exemplos em (28-30b) com uma preposição visivelmente expressa.

- (28) a. Aquela loja vende livro.

b. Naquela loja vende livro.

- (29) a. O meu DVD grava qualquer tipo de filme.  
b. No meu DVD grava qualquer tipo de filme.

- (30) a. Esse restaurante serve todo tipo de salada.  
b. Nesse restaurante serve todo tipo de salada.

O autor mostra que para obter o mesmo significado conferido às sentenças em (28-30b), falantes do PE utilizam o pronome impessoal *se*, como em (31a) abaixo, ou recorrem à estratégia de indeterminação em que o verbo é flexionado na terceira pessoa do plural, conforme (31b).

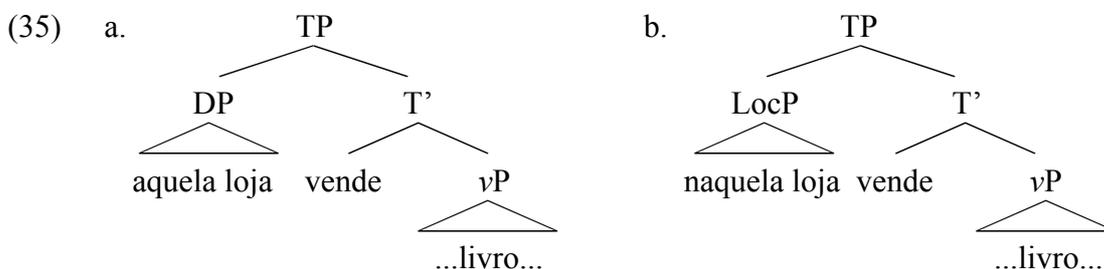
- (31) a. Naquela loja se vende(m) livros.  
b. Naquela loja vendem livros.

Avelar (2009, p. 234-235) ainda mostra que no conjunto de exemplos a seguir, o PP-LOC é opcional nas sentenças em que o sujeito argumental é pré-verbal, como mostram as sentenças em (32-34a). Todavia, caso o sujeito argumental seja pós-verbal, como em (32b), ou ele não é manifestado, como em (33b) e (34b), a construção é agramatical sem a presença do constituinte locativo, como revela o contraste com as sentenças gramaticais em (32-34c). É de se notar que, em (33b) e (34b), a má formação das sentenças deve-se à não saturação da grade temática dos verbos *vender* e *sequestrar*, respectivamente, já que o argumento externo não se encontra realizado; já em (32a), o verbo monoargumental *dormir* é saturado pela ocorrência do sintagma nominal *várias pessoas*, logo, a mesma explicação dada às sentenças em (33) e (34) não pode ser aplicada a esse tipo de construção.

- (32) a. (Naquele quarto) várias pessoas dormiram.  
b. \*Dormiu/Dormiram várias pessoas.  
c. Naquele quarto dormiu/dormiram várias pessoas.
- (33) a. (Naquela loja) o Pedro vende todos os tipos de livro.  
b. \*Vende todos os tipos de livro.  
c. Naquela loja vende todos os tipos de livro.

- (34) a. (No interior) o tráfico não sequestra tanto (como nas capitais).  
 b. \*Não sequestra tanto (como nas grandes capitais).  
 c. No interior não sequestra tanto (como nas capitais).

Para além da descrição dos casos de inversão locativa atestados no PB, Avelar procura dar uma explicação em termos minimalistas para o fenómeno, sugerindo que, na inversão locativa, o PP-LOC em primeira posição na estrutura oracional é, antes de tudo, um requerimento gramatical e não argumental ou semântico, visto que o constituinte locativo ocupa a mesma posição que um sujeito argumental ocuparia caso este último estivesse presente na sentença e/ou realizado na posição pré-verbal. O autor assume, então, que o [Spec,TP] é a posição de sujeito para onde o DP se move a fim de ser casualmente marcado (cf. Bošković, 2007). Assumindo uma configuração clausal para os PPs na esteira de Svenonius (2007)<sup>15</sup>, o autor argumenta que o PP locativo é licenciado também em [Spec,TP], condição que o leva a apresentar as mesmas propriedades identificadas entre os sujeitos argumentais em posição pré-verbal. Estruturalmente, a representação de uma sentença como (28b) seria idêntica à (28a), por exemplo, conforme as configurações arbóreas em (35) abaixo.



Para Avelar (2009), o movimento do LocP/PP-LOC para [Spec,TP], como em (35b), é apenas efetivado se um pronome adverbial, como por exemplo, *aí*, *aqui* e *lá* (foneticamente realizado ou nulo), entrar na derivação requerendo que lhe seja atribuída uma marcação casual. De forma detalhada, a análise do autor toma como premissa a ideia de Avelar (2006) de que os locativos preposicionados são tratados como projeções nucleadas por pronomes adverbiais que podem ser foneticamente nulos, como (*aqui*) *na sala*, (*ai*) *embaixo da mesa*, (*lá*) *na cidade* – sendo assim, tais categorias devem ser tratadas como um constituinte nominal, já que advérbios normalmente o são. Os exemplos a seguir de Avelar (2009, p. 241) demonstram que o pronome adverbial pode ser realizado isoladamente na posição de sujeito, como em (36a) e (37a), ou cocorrer, na mesma posição, junto com o PP-

<sup>15</sup> Cf. Avelar (2006) e Pires (2010) para maiores detalhes em PB.

LOC, como em (36b) e (37b), ou, ainda, configurar como uma categoria nula, como em (36c) e (37c).

- (36) a. Lá vende muitos livros.  
 b. Lá no shopping vende muitos livros.  
 c. No shopping vende muitos livros.
- (37) a. Aqui dorme criança.  
 b. Aqui nesse quarto dorme criança.  
 c. Nesse quarto dorme criança.

Não é de se estranhar, portanto, que um PP-LOC como *naquela loja* em (35b) possa ocupar uma posição destinada a constituintes que precisam receber Caso, já que corresponde à projeção de uma categoria nominal; da mesma forma, o fato de os traços- $\phi$  de T desencadearem concordância com o PP-LOC torna-se justificável, dado o estatuto pronominal deste último. Porém, como chama a atenção Avelar (2009, p. 241), o PP-LOC pode ocorrer também no final da sentença, como mostram os exemplos em (38) abaixo, cuja posição claramente não é a de sujeito, do que se deduz que, como o PP-LOC não precisa ser realizado na posição gramatical de sujeito, associar a sua ocorrência ao requerimento de Caso não seria o mais correto.

- (38) a. Vende muitos livros (lá) naquele shopping.  
 b. Dorme criança (aqui) nesse quarto.  
 c. Planta todos os tipos de legume (aí) nessa fazenda.  
 d. Estuda muita gente conhecida (lá) na Unicamp.

Para explicar a derivação do PP-LOC em primeira posição na sentença, Avelar assume, então, a proposta de Chomsky (2000, 2001) de que a operação de concordância se estabelece à distância, isto é, a interação entre os traços- $\phi$  de T e os traços- $\phi$  do DP se dá antes de o sujeito ser movido para [Spec,TP]. Assumindo que o PP-LOC se encontra em uma posição de adjunção a  $vP$ , devido à sua natureza inerentemente adverbial, ele é capaz de ser detectado pelos traços- $\phi$  de T, que entra, por fim, em uma relação de concordância com o PP-LOC.<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Vale lembrar que, quando não exige Caso, o PP-LOC permanece em sua posição *in situ*, ou seja, à direita de V, de acordo com Avelar (2009).

Munhoz (2011) e Munhoz & Naves (2012), por sua vez, desdobram-se nas construções de tópico-sujeito do PB<sup>17</sup>, que se constituem como uma particularidade da língua desde a década de 1980. Atentando-se para as estruturas de tópico-sujeito genitivo e locativo, as autoras concluem que, enquanto as primeiras são formadas por inacusativos monoargumentais, as segundas são formadas por inacusativos biargumentais, com dois argumentos internos. Ao apontarem alguns aspectos idiossincráticos da classe dos inacusativos, o trabalho das autoras revela uma heterogeneidade nesse grupo verbal, como os casos de alternância sintática.

Restringindo-nos aqui somente às construções com locativo, o tópico-sujeito locativo é, em termos semânticos, uma construção que pode ser expressa pela presença (ou ausência) de um elemento tema em um local ou, ainda, o aparecimento (ou desaparecimento) desse elemento em um local. Nessas construções, o verbo pode selecionar um argumento tema e outro locativo, de forma que o locativo alçado à posição de sujeito não exibe a preposição, configurando-se, assim, como um DP locativo, de acordo com os exemplos abaixo, extraídos de Munhoz (2011, p. 70).

- (39) a. Seu cabelo está faltando queratina.  
b. O rosto da Ana está aparecendo um monte de manchas de sol.

O caráter autônomo do argumento locativo em relação ao tema pode ser evidenciado por alguns testes sintáticos, como o apagamento do locativo, que resulta em agramaticalidade da sentença, como pode ser observado nas sentenças em (40) abaixo, extraídas de Munhoz & Naves (2012, p. 252).

- (40) a. \*Bate bastante sol.  
b. \*Bastante sol bate.

Outrossim, como o sintagma locativo e o tema não se concatenam para formar um único constituinte, pois ambos são selecionados pelo verbo e são projetados em posições sintáticas

---

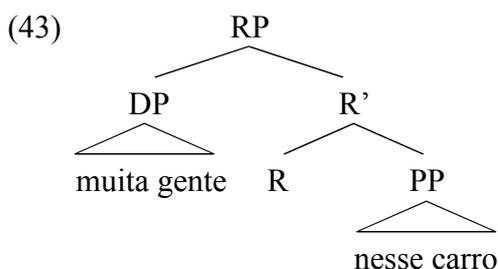
<sup>17</sup> As construções de tópico-sujeito, bastante particulares do PB, já que o diferencia do PE e de outras línguas românicas, caracterizam-se por terem um elemento de natureza tópica se comportando como sujeito da oração. Tal fenômeno pode se relacionar à posição de sujeito ativa em cada língua, às propriedades de flexão de concordância, à marcação do parâmetro *pro-drop* ou, ainda, à classificação tipológica do PB. Para maiores detalhes sobre a configuração do PB como uma língua de tópico, cf. Pontes (1987), Galves (1998) e Negrão (1999).

distintas, testes de constituição revelam tal independência, como demonstram os exemplos em (41), também extraídos de Munhoz & Naves (2012, p. 252).

- (41) *Essa casa bate sol*
- \*O sol nessa casa, ele bate.
  - O sol, ele bate nessa casa.
  - \*É sol nessa casa que bate.
  - É sol que bate nessa casa.

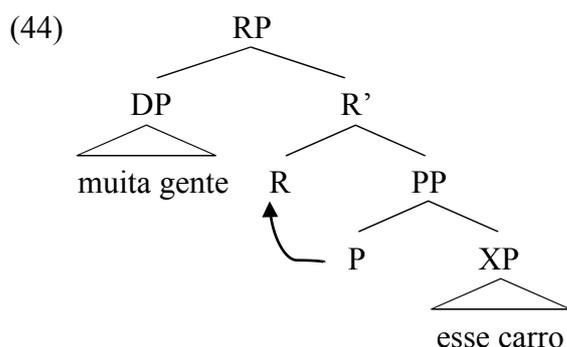
Ainda sobre os casos de locativos alçados à posição de sujeito sem a presença de uma categoria preposicional, Andrade & Galves (2014), procurando unificar o tratamento dado aos casos de alternância sintática com tópicos-sujeito genitivo e locativo, recorrem à teoria de predicação de den Dikken (2006), que diz que todas as relações de predicação são mediadas por um núcleo funcional abstrato RP (do inglês, *Relator Phrase*), responsável por estabelecer a relação correta entre um predicado e o seu sujeito. Segundo Andrade & Galves (2014), nos casos de tópico-sujeito locativo, o locativo não se constitui como um argumento do verbo, mas de uma predicação secundária, que codifica uma relação de continente-conteúdo, em que os argumentos, selecionados pelo verbo, estão em uma relação de predicação dentro do domínio mínimo do sintagma RP, como representado na estrutura arbórea em (43)<sup>18</sup> a seguir para uma sentença como aquela em (42), apresentada por Andrade & Galves.

- (42) a. Cabe [muita gente] [nesse carro].  
 b. [Muita gente] cabe [nesse carro].  
 c. [(N)esse carro] cabe [muita gente].



<sup>18</sup> Den Dikken (2006) propõe que a categoria RP é abstrata e pode se realizar de diferentes formas na gramática, como por exemplo, em inglês, por meio da cópula *be*, *as*, *for* etc. ou, ainda, não ter realização fonética. Na estrutura em (43), o núcleo R não é lexicalizado pois já há uma preposição locativa em seu complemento.

Os autores explicam a variação observada nas sentenças em (42) afirmando que, como o núcleo do predicado já está licenciado pela preposição, a inversão de predicado não é necessária e nenhum argumento será projetado, como exemplifica (42a); para as sentenças em (42b) e (42c), esta última com a presença da preposição, o DP em [Spec,RP] ou seu complemento estão hábeis para mover-se para a posição de tópico-sujeito; já na sentença em (42c) sem a preposição, o DP locativo consegue se mover sozinho para a posição de sujeito pois a preposição foi incorporada por R, como exemplificado na estrutura em (44) abaixo.



## 2.4 Síntese do capítulo e perspectivas

Este capítulo tratou do fenômeno de inversão locativa exclusivamente em português. Ao contrário das propriedades gerais apresentadas no Capítulo 1, nessa língua o fenômeno se mostra mais disperso, exibindo construções com variados tipos verbais e também com diferentes tempos verbais, usos de modais e padrões de concordância, além da presença de inversão tanto em sentenças matrizes como encaixadas.

Para além dos casos clássicos de inversão locativa, ou seja, aqueles que se comportam de acordo com o padrão V2, com concordância entre o verbo e o sujeito lógico, como demonstram os dados de nosso *corpus* histórico, os casos mais interessantes correspondem àqueles do PB moderno com verbos intransitivos, em que não se nota a concordância verbal, com verbos transitivos ergativizados e com transitivos e inergativos sem tema e/ou agente e, também, àqueles que não exibem visivelmente uma preposição encabeçando o argumento locativo.

Como apontaram os dados de nosso *corpus*, apesar de o PE ter perdido o aspecto V2 a partir do século XVIII, PP-LOCs mostram-se como especiais na gramática da língua, pois persistem, de forma menos acentuada, obviamente, na primeira posição da sentença.

Como será visto no próximo capítulo, com a decomposição do domínio preposicional em diferentes núcleos, o caráter locacional do PP é fundamental para que o fenômeno de inversão ocorra.

Além do mais, assumindo a maquinaria em termos minimalistas de Avelar (2009), veremos que a decomposição do verbo em diferentes subeventos, como será empreendido no Capítulo 4, mostrará que uma arquitetura especial na composição de traços é necessária para que haja o fenômeno de inversão locativa, lembrando que o locativo precisa figurar como um complemento na estrutura, como levantando neste capítulo por autores como Barbosa (1989), de Vincenzi (1989), Munhoz (2011) e Munhoz & Naves (2012).

## CAPÍTULO 3

# DECOMPOSIÇÃO DO SINTAGMA PREPOSICIONAL E A NANOSSINTAXE

---

Em busca de uma análise mais apurada para o fenômeno de inversão locativa, que explique, entre outras questões, por que apenas certos tipos de PPs podem fazer parte da estrutura não canônica [PP V DP], analisamos, neste capítulo, o domínio preposicional, em especial, aquelas preposições que veiculam alguma noção locacional e/ou direcional, cerne deste trabalho. Para tanto, nos aproveitamos de um novo modelo para a arquitetura da gramática que vem sendo desenvolvido na Universidade de Tromsø, na Noruega: a *nanossintaxe*, uma teoria não lexicalista que sugere que os “átomos” da linguagem são muito menores que palavras e, até mesmo, morfemas.

Nas seções seguintes, é discutido, primeiramente, o domínio preposicional e suas particularidades; após, com base essencialmente no trabalho de Pantcheva (2011), é apresentada a teoria da nanossintaxe, enfocando os princípios e pressupostos que serão importantes para a nossa pesquisa.

### 3.1 O domínio preposicional

Nesta seção, temos como foco o estudo das preposições. São discutidos aspectos sintáticos e semânticos dessa categoria, bem como se detalha a proposta decomposicional que Pantcheva (2011) faz para a projeção PP, dividindo-a em várias outras camadas conceptuais, o que acaba enriquecendo o domínio preposicional, já que o torna mais específico diante dos diversos sentidos que ele pode veicular.

#### 3.1.1 O Evento de Movimento

As pesquisas linguísticas em torno dos sintagmas preposicionais e morfemas espaciais têm sido bastante frutíferas dentro da abordagem da semântica cognitiva. Para além desse campo, os trabalhos de Talmy (1985, 2000) têm contribuído de forma bastante

significativa, principalmente, para a tipologia linguística.<sup>1</sup> Talmy, em suas pesquisas, explora elementos gramaticais tais como verbos, adposições, sentenças subordinadas e satélites<sup>2</sup> que são capazes de expressar relações semânticas como Movimento, Trajetória, Figura, Fundo, Modo ou Causa.<sup>3</sup> O objetivo do autor é buscar que tipo de padrões tipológicos e princípios universais estão em jogo quando se toma um *Evento de Movimento* (do inglês, *Motion Events*).

O que é importante para o nosso trabalho é a noção de que, ao cunhar o termo Evento de Movimento, Talmy afirma que ele não ocorre apenas em situações que envolvem um deslocamento, um movimento em si, como o próprio nome em princípio sugeriria, mas o Evento de Movimento também se refere a situações estáticas no mundo, ou seja, o Movimento pode ser tanto um movimento no sentido restrito da palavra quanto uma localização fixa.

Sendo assim, o Evento de Movimento, que corresponde num sentido amplo às situações em que um objeto se move ou se localiza/situa em relação a outro objeto, compreende quatro ingredientes: Figura, Fundo, Trajetória e Movimento. Figura corresponde a um objeto que se move ou se localiza em relação a outro objeto, o Fundo – esses dois primitivos semânticos são caracterizados como elementos centrais na teoria de Talmy. Já Trajetória é definido como sendo o curso percorrido pela Figura relativamente ao Fundo; e Movimento, por fim, diz respeito à presença em si de Movimento (MOVE) ou Locação (BE<sub>LOC</sub>) no próprio Evento de Movimento. No que diz respeito às relações semânticas de Modo e Causa, elas são vistas, por sua vez, como elementos externos que podem ser configurados como coeventos a um Evento de Movimento.

Todas essas entidades semânticas podem ser vistas no esquema em (1) a seguir, em que o evento principal possui um traço de Movimento, dividido entre Movimento e Locação, enquanto o coevento pode denotar Modo ou Causa. Já Figura seria representado pelo DP *the pencil*, ao passo que Fundo seria expresso pelo DP *the table*. Trajetória, por sua vez, representaria a transição do Movimento estabelecida entre os elementos Figura e Fundo,

<sup>1</sup> Cf. Shay & Seibert (2003), Hickmann & Robert (2006) e Asbury *et al.* (2008) para outros estudos tipológicos envolvendo sintagmas preposicionais e, por extensão, os domínios espaciais das línguas naturais.

<sup>2</sup> Talmy (1985, p. 102) define “satélites” como afixos ou palavras livres (que não sejam marcas flexionais, auxiliares ou argumentos nominais) que estão em relação de irmandade com a raiz verbal, como por exemplo, as partículas verbais do inglês *across*, *into*, *out* e *over*.

<sup>3</sup> No original, as relações semânticas são, respectivamente, *Motion*, *Path*, *Figure*, *Ground*, *Manner* e *Cause*. Tais elementos serão sempre identificados em maiúsculo ao longo de todo o texto, como é de praxe na literatura linguística.

isto é, se a Figura realiza uma trajetória orientada para fora ou não dos domínios do Fundo, por exemplo.<sup>4</sup>

(1)	<i>Modo</i>	<i>Causa</i>
a. <i>Movimento</i>	The pencil rolled off the table.	The pencil blew off the table.
b. <i>Locação</i>	The pencil lay on the table.	The pencil stuck on the table (after I glued it).

### 3.1.2 Preposições

Pode-se considerar, em um sentido amplo, que as preposições (ou, em termos mais gerais, as adposições, que englobam o conjunto de preposições, posposições e circumposições) constituem uma classe fechada nas línguas naturais, aparecendo, de acordo com cada língua, como afixos ligados a nomes ou como morfemas livres acompanhando sintagmas nucleados por diferentes categorias (verbos, nomes, advérbios etc.). Como descrito por Pires (2010, p. 13-19), esses itens relacionadores podem veicular diversas informações semânticas, como por exemplo, locação, direção, benefactividade, companhia, instrumento e posse, como visto respectivamente em destaque nos exemplos em (2) abaixo; esses elementos podem, ainda, ocorrer em contextos que não apresentam um sentido bem delineado, com uma semântica imprecisa, como nos exemplos em (3) a seguir.<sup>5</sup>

(2)	a. O João pôs o livro <b>na estante</b> .	(locativo)
	b. A Ana viajou <b>de São Paulo para Campinas</b> ontem.	(direcional)
	c. O Paulo deu o livro <b>ao amigo</b> .	(benefactivo)
	d. A Maria jantou <b>com a mãe dela</b> .	(comitativo)
	e. Ele cortou o pão <b>com a faca</b> .	(instrumental)
	f. O carro <b>do Pedro</b> quebrou.	(posse)

<sup>4</sup> Analisando as sentenças em (1), podemos perceber que uma tradução delas para o português, transmitindo a mesma quantidade de informação que as sentenças do inglês transmitem, exigiria orações complexas, tanto coordenadas ou mesmo subordinadas, como por exemplo, “O lápis caiu da mesa rolando” para a sentença “*The pencil rolled off the table*”.

<sup>5</sup> As expressões sublinhadas em (3) não contam com uma informação semântica bem delimitada como aquelas em (2). Por exemplo, em (3d), *da padaria* pode corresponder *ao moço que mora na padaria, que trabalha na padaria, que construiu a padaria, que roubou a padaria* etc., o que mostra que, para a preposição *de* ser realizada em contextos fráscicos desse tipo, basta que seja estabelecida uma relação entre os DPs *moço* e *padaria*, não importando a natureza dessa relação. Para uma discussão mais detalhada, cf. Avelar (2006).

- (3) a. A Joana insistiu na conversa.  
 b. Os professores estão **para** sair da greve.  
 c. **Com** as provas sendo corrigidas, os alunos poderão ser avaliados.  
 d. O moço da padaria morreu.

Poggio (2002) destaca que o uso das preposições era reduzido no latim quando comparado com as línguas que dele se originaram em razão da força significativa das flexões casuais, expressada, algumas vezes, apenas pela diferença na duração da vogal final do vocábulo. Sendo assim, as preposições latinas serviam basicamente como elementos desambiguadores em contextos de formas casuais idênticas ou muito semelhantes. Um maior uso desses itens só vai acontecer na evolução do latim para as línguas românicas, marcadas pelo enfraquecimento do sistema flexional. Uma das consequências dessa mudança foi o desenvolvimento de um sistema preposicional que, dentre outros aspectos, determinou um padrão frásico mais rígido, com menor flexibilidade na ordem das palavras, diferentemente do latim.

Na tradição da teoria gerativa, as preposições são tratadas como núcleos lexicais que portam os traços distintivos [-N, -V], o que traduz a ideia de não apresentarem nem traços nominais de gênero e número, nem traços verbais de tempo, modo e pessoa (cf. Raposo, 1992; Haegeman, 1994; Culicover, 1997 *inter alia*). Muitos autores questionam, contudo, se as preposições são, assim como os nomes, verbos e adjetivos, realmente categorias lexicais (cf., por exemplo, Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2013)), no sentido de serem produtivas na língua (por exemplo, a partir de um mesmo radical, como /am-/, pode-se derivar o nome *amor*, o adjetivo *amado* e o verbo *amar*, o que não acontece com a classe das preposições). O que permite advogar em favor da manutenção desses itens no grupo das categorias lexicais é a capacidade de selecionar semanticamente (s-seleção) seus argumentos. A título de exemplo, analisemos as preposições *sobre* e *em* nas sentenças em (4) e (5), respectivamente.

- (4) a. O João desmaiou sobre a cama.  
 b. \*O João desmaiou sobre a terça-feira.
- (5) a. O João desmaiou na mesa.  
 b. O João desmaiou na terça-feira.

Pelo contraste entre os dois conjuntos de sentenças, percebemos que *sobre*, em (4a), faz uma s-seleção do seu complemento, exigindo que ele seja um DP interpretado como lugar, propriedade que não é compatível com o DP *a terça-feira*, o que faz com que a sentença (4b) seja pragmaticamente estranha. A preposição *em*, por sua vez, s-seleciona tanto DPs interpretados como lugar quanto DPs interpretados como tempo, logo, as duas sentenças em (5) são bem formadas. Dessa forma, conclui-se que, assim como nomes, verbos e adjetivos, as preposições também podem ser arroladas como categorias lexicais.

Há, todavia, preposições que não apresentam propriedades de s-seleção, mas apenas de seleção categorial (c-seleção), como os itens *de* e *em* nas construções em (6) abaixo.

- (6) a. A Ana gosta de refrigerante.  
b. A Maria confia nos seus filhos.

Em (6a), por exemplo, a preposição *de* somente subcategoriza que tipo de complemento (no caso, um DP) ela pode receber, não contribuindo em nada semanticamente para essa escolha, que é restringida pelo verbo *gostar*. Isso pode ser comprovado pelo exemplo abaixo, em que o complemento da preposição pode ser um sintagma infinitivo.

- (7) a. A Ana gosta [<sub>PP</sub> de [<sub>InfP</sub> tomar refrigerante]]

Como já pôde ser percebido por alguns exemplos discutidos previamente, as preposições, em geral, introduzem uma relação entre duas entidades ou conjuntos de entidades, portanto, podem ser vistas como intermediadoras de uma relação semântica entre uma estrutura que a precede, como por exemplo, um verbo, e outra que a segue, como um nome. A primeira entidade é frequentemente um tipo de “argumento externo”, enquanto a segunda é aquela encabeçada pela preposição. As preposições selecionam, em geral, constituintes nominais, mas também podem selecionar proposições, sendo que elas apresentam as suas próprias restrições seletivas. Em um exemplo apresentado por Saint-Dizier (2006, p. 4-5), em um VP com complemento PP como em (8) abaixo, as restrições seletivas impostas pelo verbo sobre seu complemento devem, de alguma forma, coincidir com o tipo de PP e com o tipo de DP dentro do PP.

- (8) *to run to school*

Em detalhes, o verbo *run* requer um caminho que especifique a área em que ele ocorre, requisito satisfeito pela preposição *to*; por sua vez, *to* exige um DP que seja algo bem delimitado, possivelmente um grande espaço, condição a qual *school* atende.

Numa longa análise sobre critérios seletivos no inglês, Saint-Dizier apresenta as preposições do tipo *around*, *away*, *in*, *out* como capazes de serem utilizadas com um objeto vazio, como nos exemplos *stroll around* e *go away*. Preposições como *in*, *into*, *without* selecionam um DP complemento, como em *in the room* e *without sugar*, enquanto preposições como *from*, *out* podem selecionar complementos DP ou PP, como *from under the table* e *out in the streets*. Já preposições tais como *between* selecionam um DP plural, como *between John and Mary* e *between my five best friends*. Para o autor, ainda, as preposições não constituem uma classe gramatical estritamente fechada, pois elas podem combinar-se com nomes (*sur le côté de*, *on the left of*, *al lado de*), adjetivos (*proche de*, *close to*) e formas gerundivas (*se rapportant à*, *with respect to*) compondo as chamadas preposições complexas ou, em termos tradicionais, locuções prepositivas. Esses compostos desempenham as mesmas funções das preposições expressas por uma única palavra e, devido à combinação com outras classes, podem dar origem a novos elementos.

Rammé (2012, p. 85), concentrando-se no estudo de preposições espaciais e direcionais, nota que esses elementos raramente têm traduções exatas de uma língua à outra, como pode ser observado nos exemplos em (9) abaixo do inglês, português e francês, respectivamente – como defendido por alguns teóricos, esse fato, por conseguinte, definiria as preposições como vazias semanticamente, visto que seus sentidos seriam arbitrários de língua para língua.

(9) a. There are now *Occupy Wall Street* camps in hundreds of cities **across** the United States.

b. Agora há acampamentos *Occupy Wall Street* em centenas de cidades **de um lado ao outro** dos Estados Unidos.

c. Il y a maintenant des camps *Occupy Wall Street* dans des centaines de villes **à travers** les États-Unis.

Como visto no conjunto acima, enquanto o inglês utiliza a preposição simples *across* e o francês utiliza a locução prepositiva *à travers* para expressar a ideia de “de um lado até/para o outro considerando todo o espaço entre um ponto e outro”, o português, para expressar a mesma ideia, emprega expressões ainda mais complexas, como aquela vista em (9b).

### 3.1.3 Semântica das preposições

Considerando a possibilidade de combinação das preposições com outros elementos e ainda as mais variadas versões para um mesmo arranjo espacial translinguisticamente, como visto na subseção anterior, pode-se dizer que determinados traços são inerentes a essas distintas maneiras de se falar do espaço. De acordo com Jackendoff (1983), esses traços intrínsecos, arrolados numa preposição simples ou numa locução prepositiva ou, ainda, em sintagmas mais complexos, acionam no nosso sistema cognitivo justamente a ideia de distribuição espacial. Em conformidade com Jackendoff, as preposições não expressam simplesmente um lugar por si só, mas sim estabelecem uma relação entre seu significado conceptual e seu objeto de referência para determinar o lugar a ser referido. Em termos lógicos, o autor assume que as preposições são uma “função-de-lugar” (do inglês, *place-function*), com a notação formal expressa em (10) abaixo.

$$(10) \quad [\text{LUGAR } x] \rightarrow [\text{LUGAR FUNÇÃO-DE-LUGAR } ([\text{COISA } y])]^6$$

Tal notação, como captada globalmente por Saint-Dizier (2006), revela que os mais diversos PPs codificam conceitos de lugar de distintas maneiras, ou seja, diferentemente de uma preposição intransitiva ou adverbial como *here*, em que a notação em (10) não se aplica devido ao fato de *here* expressar um lugar por si só, uma preposição transitiva como *on*, pelo contrário, expressa uma função-de-lugar em que seu objeto subcategorizado DP tem o papel de representar o objeto de referência, isto é, o argumento *y* em (10).

Da mesma forma, segundo Jackendoff (1983), cada função-de-lugar é capaz de impor restrições conceptuais quanto à natureza do objeto de referência, de modo que cada preposição imporá restrições seletivas sobre seu complemento. A função-de-lugar *IN*, por exemplo, requer que seu objeto de referência seja considerado uma área ou volume delimitado; contudo, enquanto a preposição *in* expressa uma relação mais ampla, como exemplificado em (11a) a seguir, a função-de-lugar expressa pela preposição *on* parece ser mais saliente, pois requer que seu objeto de referência tenha uma superfície superior/exterior visível e bem delimitada, como em (11b), o que revela haver condições específicas para a entrada no sistema de *on*.

---

<sup>6</sup> No original, a notação em inglês é representada como em (i) abaixo.

(i)  $[\text{PLACE } x] \rightarrow [\text{PLACE PLACE-FUNCTION } ([\text{THING } y])]$

- (11) a. John lives in New York.  
b. The fly on the ceiling.

Pode-se perceber mais claramente essa propriedade das preposições ao se analisá-las translinguisticamente, observando a variação de uso entre uma língua e outra. Rammé (2012, p. 86-87), investigando a preposição *sobre*, observa que, enquanto o português requer apenas que seu objeto de referência tenha uma superfície voltada para cima, as preposições *on* do inglês e *sur* do francês exigem, além dessa característica supracitada, que haja contato entre os dois objetos relacionados. O contraste pode ser percebido no conjunto abaixo, em que não há agramaticalidade no uso da preposição *sobre* em português em (12) e (13), ao passo que os exemplos em inglês e em francês em (12a) e (12b), respectivamente, são estranhos devido à falta de contato entre os dois objetos relacionados, segundo a autora.

- (12) a. \*Joana flew on NYC.  
b. \*Joana a volé sur Paris.  
c. Joana voou sobre Goiânia.
- (13) a. Joana slid the note on the table.  
b. Jeanne a glissé la note sur la table.  
c. Joana deslizou o bilhete sobre a mesa.

Porém, a mais importante distinção dentro da classe de possíveis sentidos de PPs espaciais, segundo Jackendoff (1983), é a diferenciação entre LUGAR e TRAJETÓRIA.<sup>7</sup> De acordo com o autor, LUGAR é o sentido mais simples, que projeta para um ponto ou região imóvel no espaço. Numa estrutura de um evento ou estado, o LUGAR é normalmente ocupado por uma COISA, como exemplificado em (14) abaixo.

- (14) ([COISA] ocupa [LUGAR])  
a. John is in the room.  
b. The lamp is standing on the floor.  
c. The mouse stayed under the table.

<sup>7</sup> O uso em versalete dos termos “lugar” (do inglês, *place*) e “trajetória” (do inglês, *path*) refere-se a um termo mais amplo, isto é, ao conceito de “lugar” e “trajetória” e não a um lugar ou trajetória específicos.

Já TRAJETÓRIA possui uma estrutura mais complexa e variada. De maneira análoga à função-de-lugar apresentada em (10), a estrutura interna de uma TRAJETÓRIA usualmente consiste de uma função-de-trajetória (do inglês, *path-function*) e um objeto de referência; contudo, a complexidade reside no fato de o argumento de uma função-de-trajetória poder ser um *lugar*, como na expressão *from under the table*, em que *from* expressa uma função-de-trajetória e *under the table* indica o lugar de referência. A estrutura conceptual subjacente às expressões de TRAJETÓRIA pode ser representada como em (15) abaixo.

(15) [TRAJETÓRIA FUNÇÃO-DE-TRAJETÓRIA [LUGAR FUNÇÃO-DE-LUGAR ([COISA *y*)]]<sup>8</sup>

Jackendoff observa ainda que, no inglês, preposições como *into* e *onto* expressam, simultaneamente, uma função-de-lugar e uma função-de-trajetória, significando, em termos aproximados, *to in* e *to on*, respectivamente. Dessa forma, as estruturas conceptuais para os exemplos em (16a) e (16b) abaixo seriam aquelas representadas em (16a') e (16b').

- (16) a. The mouse ran from under the table.  
 a'. [TRAJETÓRIA FROM ([LUGAR UNDER ([COISA *the table*)])]  
 b. The mouse ran into the room.  
 b'. [TRAJETÓRIA TO ([LUGAR IN ([COISA *the room*)])]

Diferentemente de um exemplo como (16b), em que se nota na preposição *into* claramente um complexo formado pelas preposições *in* e *to*, ou seja, um complexo representado por função-de-trajetória TO + função-de-lugar, muitas outras preposições, conforme analisado por Jackendoff, são ambíguas entre uma função-de-lugar pura e uma função-de-trajetória TO + função-de-lugar, como é o caso das preposições *above*, *between*, *in*, *on*, *over* e *under*, como pode ser acompanhado em (17) abaixo para a preposição *under*.

- (17) a. The mouse is under the table.  
 a'. [LUGAR UNDER ([COISA *the table*)]  
 b. The mouse ran under the table.  
 b'. [TRAJETÓRIA TO ([LUGAR UNDER ([COISA *the table*)])]

<sup>8</sup> A notação em inglês é representada como em (i) abaixo.

(i) [PATH PATH-FUNCTION [PLACE PLACE-FUNCTION ([THING *y*)]]

Para exemplificar ainda a ambiguidade que as línguas exibem no uso das preposições, Jackendoff mostra que no alemão é utilizada uma marcação gramatical distinta no complemento da preposição quando esta é usada como uma função-de-lugar ou como uma função-de-trajetória – enquanto preposições usadas como função-de-lugar requerem o Caso dativo, preposições usadas como função-de-trajetória requerem o Caso acusativo, como demonstram respectivamente os exemplos abaixo em (18d), em que Maria faz um movimento dentro da piscina, e (18e), em que Maria faz um movimento em direção à piscina; por outro lado, as traduções de tal exemplo do alemão para o português, inglês e francês, exemplificadas respectivamente em (18a-c), revelam uma certa ambiguidade, pois não há como saber se a piscina é o lugar do movimento ou se é o alvo do deslocamento de Maria.

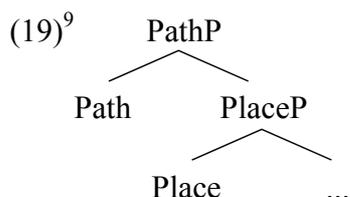
- (18) a. Maria pulou na piscina.  
 b. Mary jumped in the pool.  
 c. Marie a sauté dans la piscine.  
 d. Maria springt im (in dem) Schwimmbecken.  
 e. Maria springt ins (in das) Schwimmbecken.

Como será detalhado no Capítulo 5, nossa proposta prevê que, na verdade, as preposições não são ambíguas entre uma função e outra, segundo os termos de Jackendoff. Na verdade, é a combinação entre uma preposição e um verbo que fará com que determinado sentido seja acionado.

### ***3.1.4 Sintaxe das preposições***

Assume-se, geralmente, que a estrutura sintática subjacente às expressões espaciais e direcionais envolve, pelo menos, duas projeções: uma de Lugar, que codifica locações estáticas, e outra de Trajetória, onde são codificados marcadores direcionais, segundo autores como Koopman (2000), van Riemsdijk & Huybregts (2002), Zubizarreta & Oh (2007), den Dikken (2010) e Svenonius (2010). De acordo com tais autores, o núcleo Trajetória domina o núcleo Lugar, como pode ser visto na configuração arbórea em (19) a seguir. Para Koopman (2000), a estrutura de sintagmas adposicionais em uma língua como o holandês consiste de um núcleo Trajetória combinado com alguma projeção do núcleo Lugar; van Riemsdijk & Huybregts (2002) argumentam que o núcleo Trajetória (núcleo Dir para os autores) e o núcleo Lugar (núcleo Loc para os autores) são posições sintaticamente visíveis e

têm uma contraparte morfológica em algumas línguas; Zubizarreta & Oh (2007), den Dikken (2010) e Svenonius (2010), por sua vez, adotam a ideia de dois núcleos distintos codificando elementos locativos e direcionais (Lugar e Trajetória, respectivamente) na estrutura sintática de expressões espaciais e direcionais. Pode-se dizer que todas essas abordagens refletem, de certa forma, a estrutura conceptual para as expressões espaciais e direcionais de Jackendoff (1983), em que a função-de-trajetória domina a função-de-lugar.

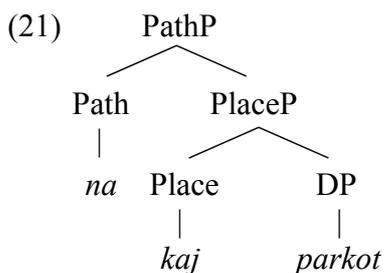


Pantcheva (2011, p. 36) mostra que as posições sintáticas na estrutura acima em (19) têm suas respectivas contrapartes morfológicas em muitas línguas, como por exemplo, no macedônio, que combina uma preposição direcional com uma preposição locativa em expressões indicando ALVO (do inglês, *goal*), como pode ser visto no exemplo em (20) abaixo.

- (20) a. Kaj parkot sum.  
         at park.DEF be.1SG  
         ‘I am at the park’  
     b. Odam na-kaj parkot.  
         go.1SG to-at park  
         ‘I am going to the park’

No exemplo em (20b), a expressão ALVO é formada pela adição da preposição dativa *na* à preposição locativa *kaj*, resultando no marcador bimorfêmico *nakaj*. Sendo assim, pode-se considerar que a preposição *na* lexicaliza o núcleo Trajetória na representação em (19), enquanto a preposição locativa *kaj* ocupa o núcleo Lugar – a exemplificação da estrutura na árvore sintática pode ser vista em detalhes em (21) a seguir.

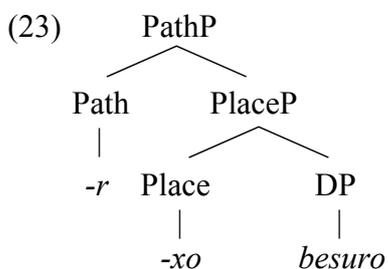
<sup>9</sup> Por questões mnemônicas, nas representações arbóreas será mantida a nomenclatura em inglês das categorias sintáticas.



Pantcheva (2011, p. 37) observa também que essa mesma configuração pode ser aplicada a línguas em que as expressões espaciais são formadas por afixos casuais, como é o caso dos exemplos em (22) abaixo da língua tsez, falada no sudoeste da Rússia, que combina os afixos de Caso locativo e direcional.

- (22)
- a. besuro-xo  
 fish-at  
 ‘at the fish’
- b. besuro-xo-r  
 fish-at-to  
 ‘to the fish’

Como pontuam van Riemsdijk & Huybregts (2002) e Svenonius (2010), os sufixos de caso em línguas que possuem sistema de Caso lexicalizam os núcleos Lugar e Trajetória da mesma forma que os morfemas dependentes o fazem em línguas como o macedônio, por exemplo, discutido anteriormente em (21). A configuração arbórea para o exemplo em (22b) pode ser acompanhada abaixo em (23), com *-xo* ocupando o núcleo Lugar e *-r*, o núcleo Trajetória.

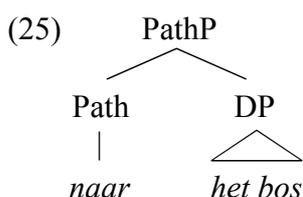


É visível, dados os exemplos representados anteriormente em (21) e (23), que quando se têm dois morfemas independentes em uma dada expressão, dois núcleos serão preenchidos na estrutura sintática, cada um correspondendo a um morfema. Todavia, o mapeamento da estrutura morfológica para a estrutura sintática torna-se discutível quando não

se tem uma relação de combinação entre a quantidade de morfemas e a quantidade de núcleos sintáticos. Vejamos abaixo um exemplo do holandês, em que se tem uma expressão veiculando ALVO, conforme Pantcheva (2011, p. 41).

- (24) naar het bos  
‘to the woods’

De acordo com Pantcheva, uma maneira de lidar com essa aparente falta de combinação entre a quantidade de morfemas e núcleos, isto é, a representação do morfema simples *naar* numa estrutura como aquela representada em (19), é assumir que a estrutura sintática para expressões direcionais em holandês não contém dois núcleos, mas apenas um. Visto que *naar* é uma expressão estritamente direcional, o núcleo sintático que será projetado será, obviamente, o núcleo Trajetória, como mostrado em (25).



Porém, tal ideia não pode ser levada adiante, pois ao se assumir que a representação das expressões direcionais do holandês é diferente daquela vista anteriormente para o macedônio e o tsez, por exemplo, a ideia de que as estruturas sintáticas são universais para todas as línguas naturais é perdida, já que vai contra o Princípio de Uniformidade formulado por Chomsky (2001, p. 2), como apresentado em (26) abaixo.

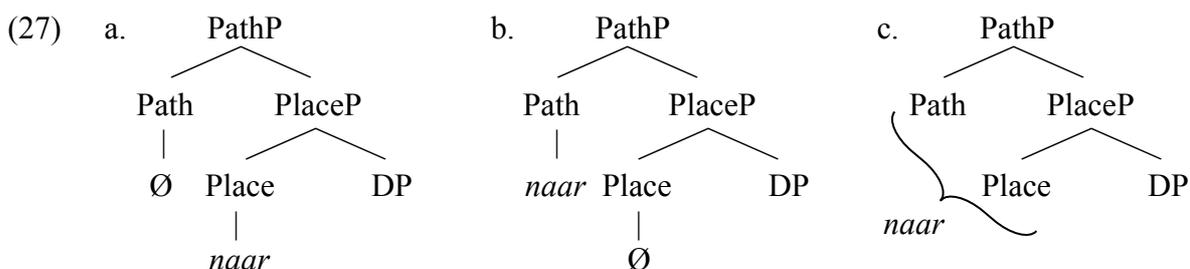
- (26) *Princípio de Uniformidade:*

Na ausência de evidências convincentes do contrário, assume-se que as línguas são uniformes e as variações são restritas a propriedades facilmente detectáveis dos enunciados.<sup>10</sup>

Portanto, considerando o Princípio de Uniformidade (Chomsky, 2001) e também as ideias da abordagem cartográfica (Cinque & Rizzi, 2010), Pantcheva (2011, p. 43) assume

<sup>10</sup> Tradução nossa do original: “*Uniformity Principle: In the absence of compelling evidence to the contrary, assume languages to be uniform, with variety restricted to easily detectable properties of utterances.*”

que em todas as línguas a estrutura sintática das expressões direcionais envolve uma projeção Trajetória tomando como complemento uma projeção Lugar, mesmo que em muitas línguas isso não seja morfologicamente transparente. Dessa forma, para a expressão *naar* do holandês, Pantcheva apresenta três possibilidades de esquematização na estrutura arbórea, exibidas em (27) abaixo.

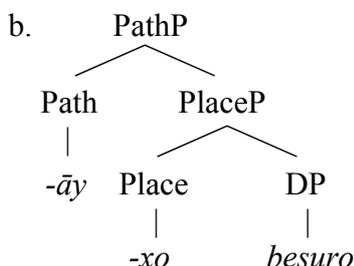


Na primeira representação em (27a), teríamos a preposição *naar* concatenada ao núcleo Lugar, com o núcleo Trajetória sendo preenchido por uma preposição direcional vazia, como é sugerido, de fato, por Koopman (2000); em (27b), pelo contrário, como é sugerido por den Dikken (2010), *naar* ocupa o núcleo Trajetória, com o núcleo Lugar sendo ocupado desta vez pela preposição locativa vazia; Pantcheva (2011), considerando ambas as possibilidades em (27a) e (27b) insustentáveis dentro da teoria, assume ser possível que um único item lexical possa lexicalizar mais do que um núcleo na estrutura sintática, elegendo, então, a possibilidade em (27c) como a configuração ideal na representação das expressões direcionais das línguas naturais. A autora utiliza os princípios da nanossintaxe para tal empreitada, cujos detalhes serão apresentados na seção 3.2.

### 3.1.5 Decomposição do núcleo Trajetória

Tomando o exemplo em (22b) e sua respectiva representação arbórea representada em (23) discutidos anteriormente, em que temos uma expressão direcional indicando ALVO, Pantcheva (2011) nota que o núcleo Trajetória é assumido como o hospedeiro padrão para todos os tipos de elementos direcionais expressando alguma trajetória no espaço, como é o caso do exemplo em (28a) da língua tsez e sua respectiva representação em (28b) a seguir, em que temos, em vez de uma expressão direcional indicando ALVO como aquela do exemplo (22b), um afixo de caso indicando FONTE (do inglês, *source*).

- (28) a. besuro-x-āy  
 fish-at-from  
 ‘from the fish’



Considerando o exposto acima e o trabalho de Jackendoff (1983), que propõe uma divisão do conceito semântico de TRAJETÓRIA em trajetórias delimitadas (do inglês, *bounded paths*), direcionadas (do inglês, *direction paths*) e de rota (do inglês, *route paths*)<sup>11</sup>, Pantcheva (2011), em seu estudo tipológico com 81 línguas genealogicamente diversas<sup>12</sup>, propõe a decomposição do núcleo Trajetória em cinco diferentes núcleos: Alvo (*Goal*), Fonte (*Source*), Rota (*Route*), Escala (*Scale*) e Limite (*Bound*), que são detalhados nas subseções seguintes.

### 3.1.5.1 Trajetórias de ALVO e FONTE

Em primeiro lugar, Pantcheva (2011) confronta os núcleos Alvo e Fonte, afirmando que eles possuem valores diferentes em relação à orientação que eles exibem no espaço: ALVO configura-se como uma trajetória com transição em que a Figura desloca-se de um ponto inicial (precisamente localizado ou não) para um ponto final representado pelo Fundo – a condição locativa, então, está orientada para o estágio final do evento; FONTE, pelo contrário, exibe uma trajetória de transição da Figura de um ponto inicial específico, representado pelo Fundo, para um ponto final (localizado ou não).

Na amostra analisada pela autora, a maioria das línguas exibe uma igual complexidade morfológica na codificação dos núcleos Alvo e Fonte. Como exemplo de marcação monomorfêmica, segundo Pantcheva (2011, p. 46), tem-se o gaélico escocês, como

<sup>11</sup> Em detalhes, a classificação de Jackendoff (1983) para TRAJETÓRIA é a seguinte:

- (i) Trajetórias delimitadas: trajetórias-alvo (*Goal-paths*), representadas como função-A (*TO-function*), e trajetórias-fonte (*Source-paths*), representadas como função-DE (*FROM-function*);
- (ii) Trajetórias direcionais: representadas como função-PARA (*TOWARDS-function*) e função-DESDE (*AWAY FROM-function*);
- (iii) Trajetórias de rota: representadas como função-POR (*VIA-function*).

<sup>12</sup> Os exemplos utilizados nesta subseção em especial, retirados de Pantcheva (2011), servem para explicitar, em termos gerais, a proposta da autora. Para uma análise mais detalhada e exaustiva dos exemplos de língua, com quadros comparativos e estatísticos, cf. Pantcheva (2011).

em (29) abaixo; já uma marcação bimorfêmica é encontrada no tsez, como visto anteriormente nos exemplos em (22b) e (28a) e repetidos a seguir em (30).

- (29) a. gu bocsa  
to box  
'to (a) box'
- b. bho bocsa  
from box  
'from (a) box'
- (30) a. besuro-xo-r  
fish-at-to  
'to the fish'
- b. besuro-x-āy  
fish-at-from  
'from the fish'

Contudo, existem línguas em que a igualdade morfológica entre os marcadores de ALVO e FONTE não se mantém, como é o caso do quechua, que exhibe um rico sistema casual com um Caso locativo, expressando locação estática, um Caso alativo, expressando trajetórias orientadas para um alvo, e um Caso ablativo, expressando trajetórias orientadas para uma fonte, como pode ser acompanhado respectivamente em (31); da mesma forma, a língua chamalal, falada no sudoeste da Rússia, não exhibe uma relação análoga de morfemas na expressão dos diferentes núcleos sintáticos, como visto em (32) a seguir. Como observado por Pantcheva (2011, p. 46-47), o fato interessante nessas duas línguas é que em ambas há uma relação de continência entre o marcador de FONTE e o marcador de ALVO, isto é, o marcador ablativo contém o marcador alativo.

- (31) a. Utavalu-pi kawsa-ni.  
Otavalo-LOC live-1  
'I live in Otavalo'
- b. Utavalu-man ri-ni.  
Otavalo-ALL go-1  
'I go to Otavalo'

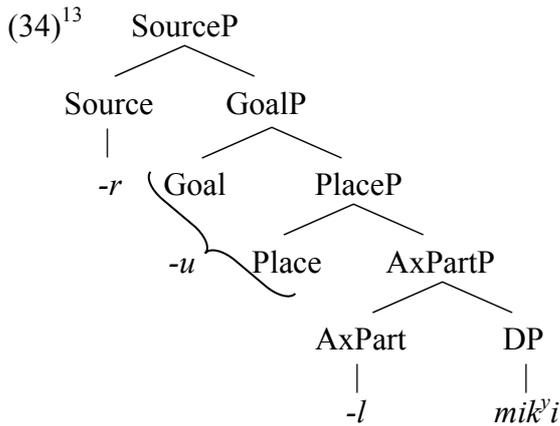
- c. Utavalu-manda shamu-ni.  
 Otavalo-ABL come-1  
 ‘I come from Otavalo’

- (32) a. mik<sup>y</sup>i-l-a  
 road-ON-LOC  
 ‘on the road’  
 b. mik<sup>y</sup>i-l-u  
 road-ON-ALL  
 ‘onto the road’  
 c. mik<sup>y</sup>i-l-u-r  
 road-ON-ALL-ABL  
 ‘off the road’

Levando-se em conta tal fato, a autora afirma que as expressões de FONTE nas línguas naturais são construídas a partir da adição de um morfema às expressões indicando ALVO. Como a complexidade morfológica é indicativa de uma complexidade sintática, Pantcheva (2011, p. 50) propõe que a estrutura sintática das expressões de ALVO está encaixada numa estrutura sintática de expressões de FONTE, como pode ser acompanhado nos diagramas abaixo em (33a) para um sintagma Fonte e em (33b) para um sintagma Alvo.



Sendo assim, um exemplo como aquele em (32c) do chamalal pode ser adequadamente decomposto numa estrutura como aquela em (33a), como exibido em (34) a seguir, de acordo com Pantcheva (2011, p. 50). Tal configuração, segundo a autora, está presente em todas as línguas, mesmo naquelas que não são morfológicamente visíveis ou em que não há uma relação de continência evidente entre os morfemas de ALVO e FONTE, como é o caso do gaélico escocês ou do tsez.



### 3.1.5.2 Trajetórias de ROTA

Em busca de um maior refinamento e precisão da projeção semântica TRAJETÓRIA, Pantcheva (2011) segue esmiuçando o núcleo Trajetória, confrontando, desta vez, as trajetórias orientadas no espaço FONTE e ALVO com aquelas trajetórias não orientadas, isto é, trajetórias de ROTA, em que ambos os pontos inicial e final são igualmente definidos no espaço como localizados ou não localizados.

No exemplo dado por Pantcheva (2011, p. 52) em (35a) abaixo, os sintagmas de ROTA do eslovaco são formados a partir da adição da preposição *po* a um PP expressando uma trajetória de ALVO; sem tal preposição, como exibido em (35b), o PP tem uma leitura de ALVO simplesmente.

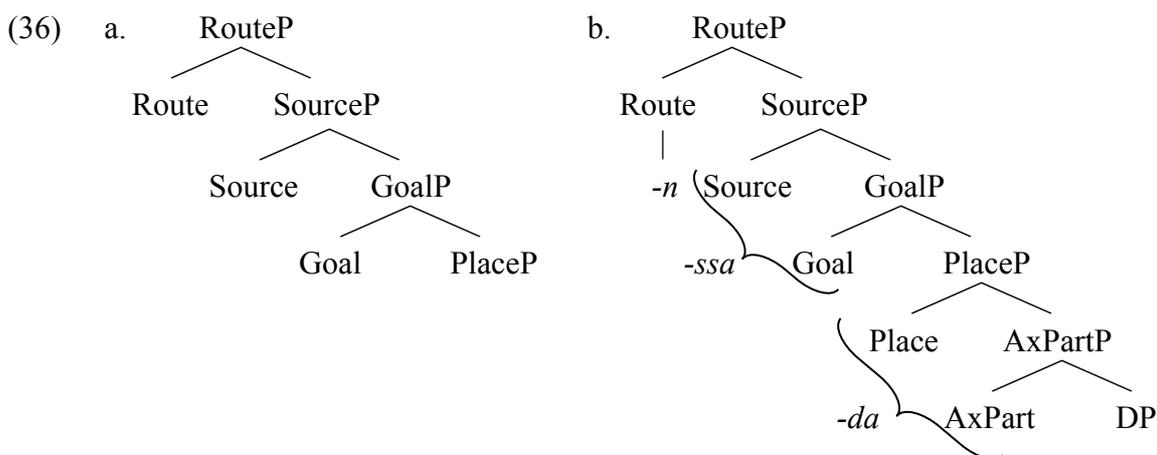
- (35) a. Na Forum Romanum      vstupujeme po-pod    oblúk-Ø Tita.  
          on Forum Romanum.ACC   enter.1PL    *po*-under arch-ACC of.Tito  
          ‘We entered the Forum Romanum by going under Tito’s arch’ (lit.: via under)
- b. Slamu dal      pod    stôl-Ø.  
          hay    put.3SG under table-ACC  
          ‘He put the hay under the table’

Da mesma forma, línguas como o akhvakh, falado no sudoeste da Rússia e no Azerbaijão, e o avar, falado também nas mesmas regiões que as anteriores além ainda do Cazaquistão e da Turquia, exibem um marcador de ROTA afixado desta vez a um marcador de Caso ablativo, ou seja, a uma expressão indicando FONTE. Na língua akhvakh, tem-se a adição

<sup>13</sup> Pantcheva (2011) assume o núcleo AxPart, que traduziria um conceito axial, relativo a eixo, como abrangendo elementos que codificam noções semânticas como EXTERIOR, INTERIOR, CIMA, BAIXO etc. Para maiores detalhes sobre o sistema AxPartP, cf. Svenonius (2006).

do morfema de ROTA *-ne* ao sufixo ablativo *-u*, assim derivando o complexo translativo (indicador de ROTA) *-u-ne*; em avar, encontra-se o mesmo processo, com a adição do sufixo casual perlativo (indicador de ROTA) *-n* aos compostos ablativos.

Portanto, a representação arbórea dos sintagmas de ROTA, conforme Pantcheva (2011, p. 55), compreende as trajetórias orientadas de FONTE e ALVO, como exibido abaixo em (36a); em (36b), tal representação é aplicada ao exemplo em avar *-da-ssa-n*, que pode ser traduzido como “*on top of*”.



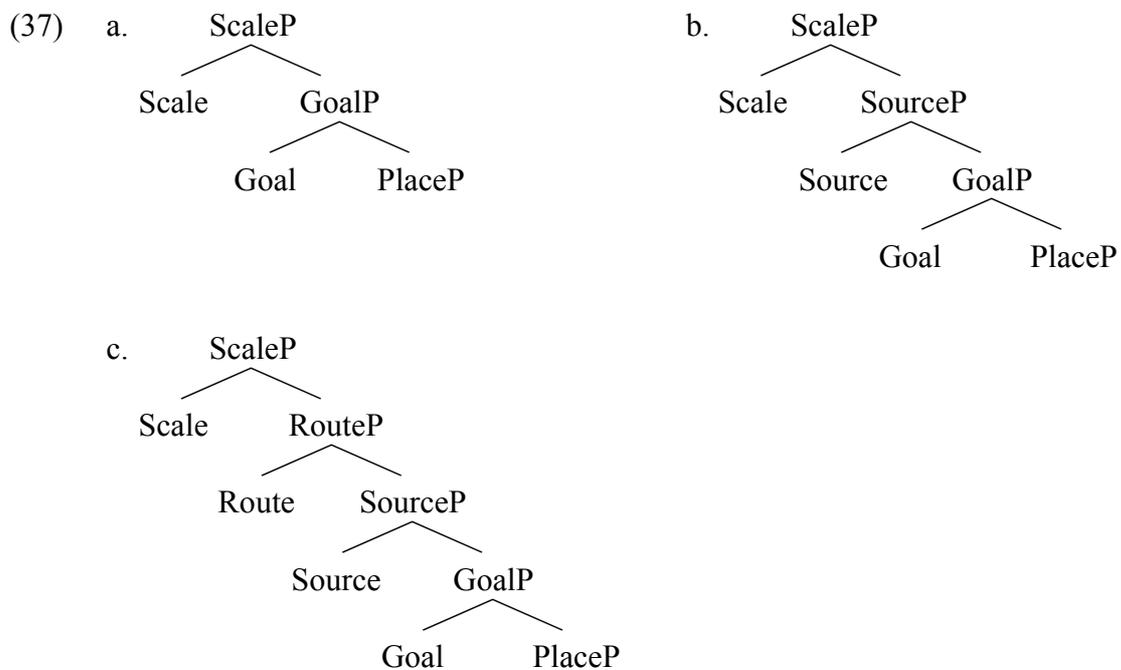
### 3.1.5.3 Trajetórias de ESCALA

A próxima projeção que Pantcheva (2011) apresenta é o núcleo Escala, que abriga trajetórias não transicionais. Temos como exemplo a preposição do inglês *towards*, que se revela mais complexa do que a preposição transicional indicando ALVO *to*. De acordo com a autora, a preposição *to* está contida na preposição *towards*, visto que se encontra o morfema *-wards* em outros elementos espaciais do inglês, como por exemplo, *outwards*, *inwards* etc., contribuindo no sentido da expressão com a ideia de “em direção” – dessa forma, em *towards*, o sentido seria “em direção a (algum lugar)”, enquanto que em *outwards*, o sentido seria “(em direção) para o exterior” e assim por diante.

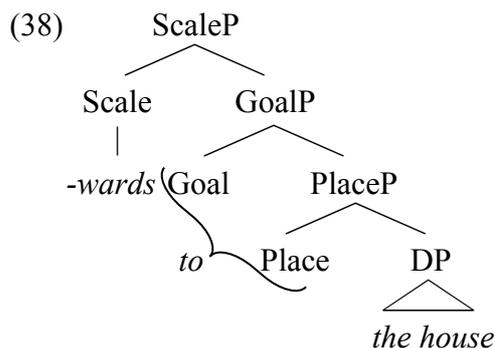
O mesmo fenômeno é observado em outras línguas, como no avar e no tabassarão (falado no sul da Rússia), que possuem morfemas espaciais que são afixados a nomes marcados pelo Caso alativo, o que resulta em uma expressão de ALVO orientado de forma não transicional (*towards*), ou nomes marcados pelo ablativo, o que, por sua vez, resulta em uma expressão de FONTE orientada de forma não transicional (*away from*).

Da mesma forma que anteriormente, Pantcheva (2011, p. 57) conclui que a estrutura sintática subjacente a trajetórias não transicionais de ALVO ou FONTE é construída acima dos seus respectivos núcleos transicionais – ou seja, é assumido que o núcleo Escala é

projetado acima de qualquer núcleo transicional, transformando-o, por conseguinte, em uma trajetória não transicional, como pode ser visto abaixo em (37a) para as trajetórias de ALVO não transicional (em termos casuais, aproximativo) e em (37b) para as trajetória de FONTE não transicional (em termos casuais, recessivo). O mesmo seria esperado para a trajetória não orientada de ROTA, porém Pantcheva confirma não ter achado nenhuma língua em sua amostra que correspondesse a tal característica, o que, talvez, deva-se ao fato da projeção ROTA não ser rotineiramente descrita como tal nas gramáticas; todavia, a autora afirma que alguns dados do inglês indiretamente confirmam a hipótese de que uma trajetória prolativa contém uma trajetória transitiva, logo, a configuração em (37c) abaixo pode ser representativa de um núcleo Rota encaixado num núcleo Escala.



A partir das estruturas acima, o morfema em inglês *-wards* lexicaliza então o núcleo Escala, como mostrado abaixo em (38) para a expressão aproximativa “*towards the house*”.



### 3.1.5.4 Trajetórias de LIMITE

Por fim, Pantcheva (2011) ocupa-se da diferenciação entre trajetórias delimitadas, que expressam uma transição em que um dos pontos extremos é estabelecido como o limite para o movimento (como é o caso da expressão *up to* do inglês), e trajetórias não delimitadas, que não impõem tal condição aos seus pontos extremos (como é o caso de *to* em inglês).

As trajetórias delimitadas podem ser divididas em dois tipos: as trajetórias terminativas, que têm um ponto final delimitado, como exemplificado em (39a) abaixo, e as trajetórias egressivas, que têm um ponto inicial delimitado, como visto em (39b). As trajetórias não delimitadas, por seu turno, seriam simples expressões orientadas para o ALVO (cofinal) e para a FONTE (coincial).

- (39) a. The boy ran up to the house.  
b. The boy ran starting from the house.

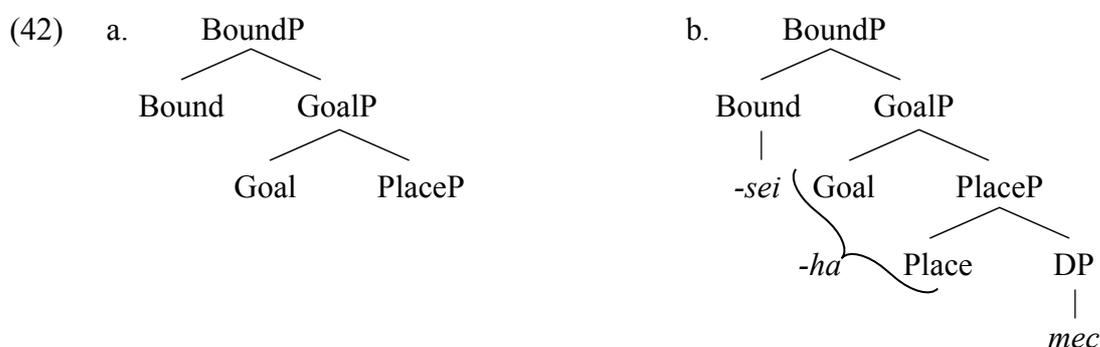
Pantcheva (2011, p. 60) mostra que as trajetórias terminativas são formadas com base nas trajetórias de ALVO não delimitadas, como é o caso da expressão em inglês *up to* vista em (39a), que contém uma preposição cofinal *to*. Outros exemplos vêm do basco, como em (40) abaixo, e do vepes, uma língua falada no noroeste da Rússia, como exemplificado em (41).

- (40) a. etxe-ra  
house-ALL  
'to the house'  
b. etxe-raino  
house-TERM  
'up to the house'

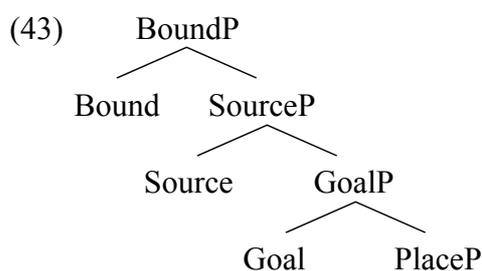
- (41) a. mec-ha  
forest-ILL  
'to the forest'  
b. mec-hasei  
forest-TERM  
'up to the forest'

Os dados em (40) e (41) revelam que os sufixos de Caso terminativo em basco e vepes, respectivamente, são complexos e consistem de um sufixo de ALVO (o marcador alativo *-ra* em basco e o marcador ilativo *-ha* em vepes) e um morfema indicando uma ideia de “delimitador” (*-ino* em basco e *-sei* em vepes).

Como visto ao longo desta subseção, ao assumir que a identificação de um morfema revela a presença de pelo menos um núcleo sintático na estrutura, Pantcheva (2011, p. 60-61), da mesma forma, posiciona as trajetórias terminativas acima das trajetórias cofinais pela adição de um núcleo sintático especial rotulado como Limite, como pode ser acompanhado na representação arbórea em (42a) abaixo, com o exemplo em vepes em (41b) ilustrando a estrutura em (42b).

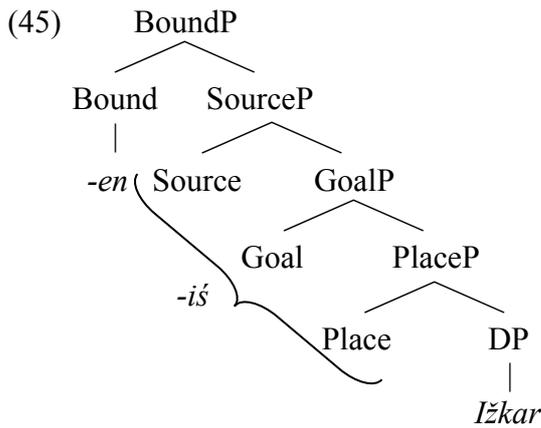


Da mesma forma que acontece com as trajetórias de ALVO, as trajetórias de FONTE também podem ser combinadas com trajetórias delimitadas, resultando em uma estrutura sintática de trajetória egressiva, como apresentado em (43) abaixo.



Tal estrutura de continência do núcleo Limite no núcleo Fonte é morfologicamente transparente numa língua como o udmurte, falada na região centro-oeste da Rússia, em que o sufixo de Caso egressivo *-isen* morfologicamente contém o Caso elativo *-is*, um marcador de trajetória coincial, como pode ser acompanhado nos exemplos a seguir em (44). A representação arbórea do sintagma egressivo em (44b), levando-se em consideração a estrutura em (43), pode ser vista em (45) a seguir, conforme Pantcheva (2011, p. 62).

- (44) a. Anaj gurt-iś pot-i-z.  
 mother village-EL leave-PRET-3SG  
 ‘Mother came out of the village’
- b. Ižkar-išen Moskva-oź pojesdn-en min-i.  
 Iževsk-EGR Moscow-TERM train-INSTR go-PRET.1SG  
 ‘I went by train from Iževsk to Moscow’



Como será visto nos Capítulo 5, a divisão do PP em diferentes núcleos sintáticos, elaborada por Pantcheva (2011), será importante para analisarmos de forma mais detalhada os diferentes tipos de construções do Evento de Movimento que podem figurar no fenômeno de inversão locativa.

### 3.2 Nanossintaxe

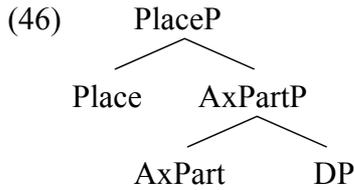
Diante da complexidade dos exemplos de expressões locativas e direcionais e de suas respectivas representações sintáticas discutidas na seção anterior, Pantcheva (2011) assume que um modelo de lexicalização que dê conta de tais estruturas deve, primeiramente, permitir que um morfema simples seja capaz de lexicalizar múltiplos nós terminais, além de permitir que um dado morfema lexicalize mais do que uma estrutura sintática. Uma abordagem sintática que trabalha nesses moldes é a *nanossintaxe*, um modelo de gramática desenvolvido pelo *Center for Advanced Study in Theoretical Linguistics* (CASTL) da Universidade de Tromsø, na Noruega.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Para trabalhos seminais da teoria da nanossintaxe, cf. Fábregas (2007), Ramchand (2008), Caha (2009), Starke (2009, 2011), Svenonius *et al.* (2009), Pantcheva (2010, 2011), Taraldsen (2010) *inter alia*. Para outras

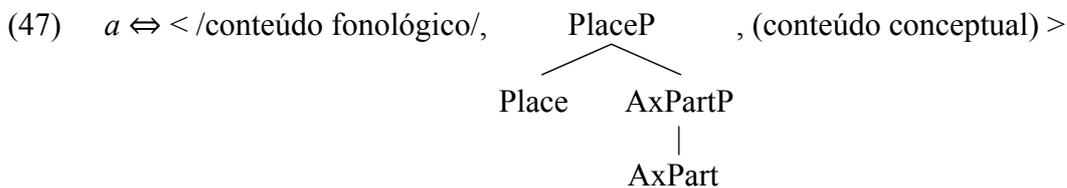
De certa forma, como aventam Ramchand & Svenonius (2014), a nanossintaxe surge para conjugar dois modelos teóricos dentro da teoria gerativa amplamente difundidos na comunidade linguística: o programa minimalista (Chomsky, 1995 e obras posteriores) e o modelo cartográfico, liderado por Cinque (1999). Na nanossintaxe, então, utiliza-se uma computação mínima para dar conta da adequação explicativa do modelo, ao mesmo tempo em que se aciona uma hierarquia funcional granular, ricamente detalhada em diversas projeções funcionais.

A abordagem nanossintática da linguagem tenta estabelecer uma unificação entre sintaxe e morfologia, visto que o formato dos morfemas e a maneira como eles se combinam em palavras e, em seguida, sintagmas são diretamente determinados pela sintaxe. De acordo com Starke (2011), na nanossintaxe, o léxico vem estritamente após a sintaxe, ou seja, a teoria é considerada como não lexicalista. O modelo teórico ainda assume que os nódulos terminais nas representações sintáticas são submorfêmicos, isto é, cada nódulo terminal representa um único traço, ordenado através de uma hierarquia, logo, cada morfema corresponde a pelo menos um núcleo terminal, de forma que a identificação de um morfema em uma dada língua é evidência para a presença de um núcleo sintático correspondente. Além disso, um único morfema pode lexicalizar uma estrutura sintática com múltiplos nódulos terminais, permitindo, assim, uma não coincidência entre o número de nódulos terminais e o número de morfemas. Como cada nódulo terminal corresponde a um único traço, esses traços são ordenados em uma hierarquia universal chamada de sequência funcional (do inglês, *functional sequence*). Percebe-se, então, que a nanossintaxe opera com terminais sintáticos muito “pequenos”, que é de onde deriva o termo “nano” empregado no nome da teoria.

Na nanossintaxe, a sintaxe é capaz de construir uma estrutura tomando os traços e arranjando-os por meio de uma operação de concatenação em estruturas sintáticas que estão de acordo com a ordem hierárquica determinada pela sequência funcional. Os morfemas, então, são apenas o reflexo de como os pedaços dessas estruturas sintáticas são estocados no léxico. Por exemplo, consideremos a estrutura em (46) a seguir, que combina os traços atômicos Lugar e AxPart.

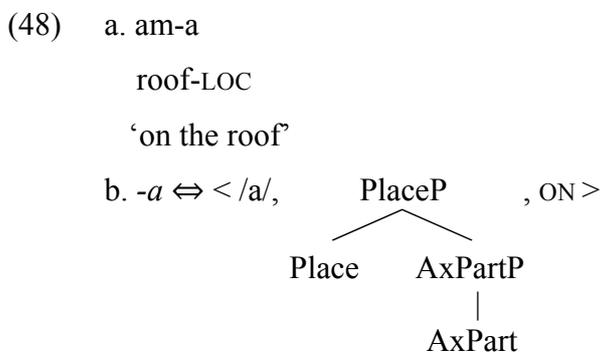


Tal estrutura pode ser estocada no léxico como uma unidade em que se combinam um expoente fonológico *e*, opcionalmente, um conteúdo conceptual. Rotulada como *a*, essa unidade representará, então, um morfema e sua entrada lexical será do formato representado em (47) abaixo.



Sendo assim, sob a visão da nanossintaxe, morfemas são pedaços de estrutura sintática estocados no léxico e combinados com um conteúdo fonológico (e conceptual); a sintaxe, por conseguinte, determinará o “formato” do morfema, isto é, quais traços ele terá e como eles serão ordenados geometricamente. Em outras palavras, o léxico é simplesmente uma lista de entradas em que fragmentos de árvores sintáticas são combinados com uma representação fonológica e um conteúdo conceptual.

Como exemplo, Pantcheva (2011, p. 107) apresenta o marcador serial *-a* da língua bagvalal, falada ao sudoeste da Rússia, que expressa locação bem como uma configuração espacial, como pode ser visto abaixo em (48a) com sua respectiva entrada lexical em (48b).



Pantcheva chama a atenção para o fato de que podem existir línguas que não estocam no léxico a estrutura [<sub>PLACEP</sub> Place [<sub>AXPARTP</sub> AxPart]], como apresentada em (48b), como uma

unidade, mas estocam apenas [Place] e [AxPart] isoladamente. Cada uma dessas duas estruturas, então, será pareada com um conteúdo fonológico e tais línguas terão dois morfemas: um para o núcleo Lugar e outro para o núcleo AxPart, como é o caso, por exemplo, do chamalal, que possui um sufixo locativo *-i* que se liga a um marcador serial. Pantcheva (2011, p. 107) apresenta como exemplo do chamalal a expressão *-ni*, que combina o marcador serial *-n* (BEHIND) com o sufixo locativo *-i*; a entrada lexical para o marcador serial é a informação dada em (49a) abaixo, enquanto o sufixo locativo apresenta a informação em (49b).

- (49) a. *-n* ⇔ < /n/, AxPart, BEHIND >  
 b. *-i* ⇔ < /i/, Place >

A estrutura em (49b) não apresenta conteúdo conceptual, o que é explicado por Pantcheva pelo fato de ela não ser associada com o tipo de informação “enciclopédica” que distingue semanticamente, por exemplo, um “gato” de um “cachorro”. O morfema *-i* carrega apenas informação semântica formal, como “relação espacial estativa”, que vem da contribuição do núcleo na estrutura sintática estocada na entrada lexical.

A fim de permitir um modelo de *Spell-out* que seja capaz lexicalizar um ou múltiplos nós terminais em uma estrutura sintática, a teoria nanossintática assume uma série de princípios e hipóteses para dar conta da linearização da estrutura, como discutido na subseção a seguir.

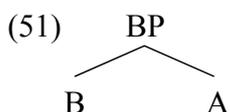
### 3.2.1 Princípios da nanossintaxe

Na nanossintaxe, o procedimento de *Spell-out* é definido como uma substituição de um pedaço de árvore sintática por uma entrada lexical vinda do léxico, “abastecendo”, assim, a estrutura sintática com conteúdos fonológicos e conceptuais. Para a correta substituição, a estrutura sintática estocada no léxico deve coincidir com a estrutura sintática que a entrada substitui. Como a árvore sintática estocada na entrada lexical pode envolver múltiplos terminais, uma entrada lexical pode ser usada para substituir uma estrutura sintática que contenha múltiplos terminais – dessa forma, assume-se que entradas lexicais podem ser inseridas em nós sintagmáticos, eliminando-se, assim, a assimetria entre nós terminais e sintagmáticos (Caha, 2009; Fábregas, 2009; Starke, 2009).

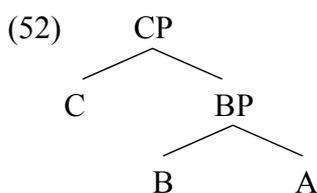
Outra hipótese a respeito da lexicalização da estrutura sintática é que ela procede de uma maneira cíclica, de modo que cada operação de concatenação externa (do inglês, *External Merge*) define um ciclo. Segundo Pantcheva (2011, p. 111), o léxico é acessado sempre que um novo traço é adicionado à derivação, conforme (50) abaixo.

(50) Há uma rodada de acesso lexical após cada operação de concatenação externa.<sup>15</sup>

Tomando as letras A, B e C como um conjunto de traços e os nódulos de uma árvore, acompanhemos a seguir a lexicalização de uma estrutura sintática abstrata. A primeira operação em uma derivação é a concatenação externa do traço A com o traço B, como exemplificado em (51), caracterizando o primeiro ciclo da derivação.<sup>16</sup>



Levando-se em conta (50), a operação em (51) é seguida de uma rodada de lexicalização, em que o léxico é inspecionado para entradas lexicais que se combinem com os nódulos criados nesse ciclo ou, mais precisamente, que coincidam com os nódulos A, B e BP de (51). Após finalizada essa operação, há uma nova operação de concatenação, com a entrada de C na estrutura, como exibido abaixo em (52).



Como houve mais uma operação de concatenação externa, uma nova rodada de lexicalização é empreendida, com a busca no léxico de itens que possam lexicalizar a estrutura em (52). Neste ponto, Pantcheva levanta a questão de se os nódulos A, B e BP, que sofreram *Spell-out* no ciclo anterior, são inspecionados novamente para lexicalização. Segundo a autora, a operação de lexicalização, após formada a estrutura em (52), tem como alvo apenas os novos

<sup>15</sup> Tradução nossa do original: “*There is a round of lexical access after each External Merge operation.*”

<sup>16</sup> De acordo com Chomsky (2001, p. 3), a operação de concatenação externa envolve dois objetos sintáticos que se juntam para criar um novo objeto sintático. Logo, o primeiro ciclo na derivação em (51) incluirá A, B e o novo objeto sintático BP.

nódulos C e CP, já que a lexicalização mantém uma espécie de rastro dos ciclos anteriores de *Spell-out* e tem como alvo apenas os novos nós criados no novo ciclo.

Definido o *Spell-out* cíclico, tem-se como consequência que a lexicalização obedece a uma certa ordem, acontecendo da direita para a esquerda, dado que o *Spell-out* do nó BP em (52), que está à direita de C, aconteceu antes, isto é, BP foi alvo de lexicalização numa etapa anterior a C porque BP estava em um ciclo anterior; de modo similar, o nó CP será lexicalizado antes do nó à sua esquerda, que será criado quando um novo traço, digamos D, for concatenado à estrutura em um próximo ciclo. É de se notar também que o *Spell-out* acontece de baixo para cima, visto que cada processo de concatenação de um novo traço engatilha um processo de lexicalização, acompanhando o crescimento da árvore sintática de baixo para cima.<sup>17</sup>

Ainda sobre o procedimento de *Spell-out*, admite-se que cada traço em um dado ciclo tem que ser lexicalizado antes que a derivação proceda para o próximo ciclo, pois caso haja um traço não lexicalizado, a derivação fracassa. Pantcheva (2011, p. 113) adota a formulação em (53), com o princípio mantendo-se até o fim da derivação.

(53) *Lexicalização Exhaustiva Cíclica:*

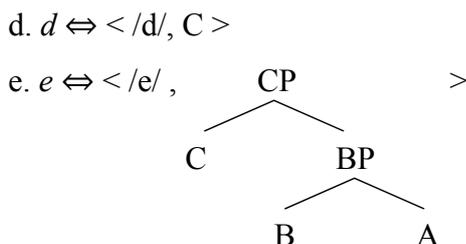
Todo traço sintático deve ser lexicalizado ao fim de um ciclo.<sup>18</sup>

Levando-se em consideração novamente a estrutura em (52), ao alcançar os nós BP e CP, a estrutura sintática construída até esses pontos será enviada ao léxico para sofrer *Spell-out*, posto que tais nós sintagmáticos são considerados o fim de um ciclo. Com a operação de *Spell-out* envolvendo a busca por uma entrada lexical que coincida com a estrutura sintática a ser lexicalizada e inserida no nó relevante, suponhamos as seguintes entradas lexicais arroladas em (54).

- (54) a.  $a \Leftrightarrow \langle /a/, A \rangle$   
 b.  $b \Leftrightarrow \langle /b/, B \rangle$   
 c.  $c \Leftrightarrow \langle /c/, \begin{array}{c} \text{BP} \\ \diagdown \quad \diagup \\ \text{B} \quad \text{A} \end{array} \rangle$

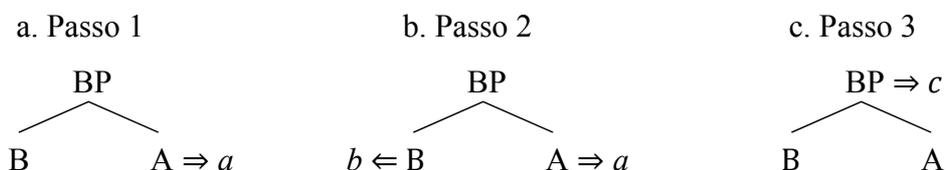
<sup>17</sup> Para manter a uniformidade da teoria, Pantcheva (2011) assume que, para os nós mais baixos A e B na estrutura em (52), que não são confrontados com a hipótese sobre ciclos, já que não há ciclos precedentes (cf. nota de rodapé 16), a lexicalização também ocorre da direita para a esquerda e em direção a níveis mais altos.

<sup>18</sup> Tradução nossa do original: “*Cyclic Exhaustive Lexicalization: Every syntactic feature must be lexicalized at the end of a cycle.*”



Como detalhado anteriormente, o primeiro estágio da derivação de (52) constitui-se como a concatenação do elemento A com B, assim gerando o nóculo BP. A estrutura, então, torna-se alvo de *Spell-out*, uma vez que, ao fim da operação de concatenação externa, deve haver uma rodada de lexicalização. Como o nóculo A se encontra mais abaixo e à direita na estrutura, o procedimento de lexicalização se inicia com ele. Analisando a lista em (54), nota-se que *a*, em (54a), é a entrada lexical que coincide com a estrutura sintática, logo, ela é uma boa candidata para a inserção, como se vê em (55a) abaixo; o próximo alvo, o nóculo B, também possui uma entrada coincidente, (54b), que é inserida na estrutura, conforme (55b); por fim, em (55c) é visto que o processo de lexicalização insere o item *c* no nóculo sintagmático BP, já que também há coincidência entre o item lexical estocado no léxico, (54c), e a árvore sintática, (55c).

(55) 1º ciclo

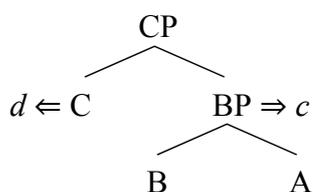


Pantcheva chama a atenção para o fato de que, no segundo estágio da derivação, a estrutura sintática será pronunciada como /b/ + /a/; porém, no terceiro estágio, a mesma estrutura sintática será pronunciada como /c/ e os morfemas *a* e *b* “desaparecerão” – isso acontece, segundo a autora, porque a inserção de *c* no nóculo BP descarta todos os materiais lexicais inseridos previamente nos nósculos mais baixos, contudo, é necessário que se mantenha o conteúdo conceptual de tais nósculos.

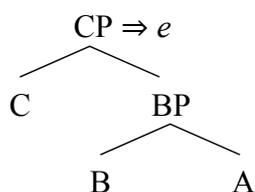
Dando continuidade à derivação exemplificada em (52), há a concatenação externa de C à estrutura, do que deriva o nóculo sintagmático CP. Nesse estágio, ocorre outra rodada de lexicalização, com o item lexical em (54d) inserido sob o nóculo C e, conseqüentemente, a inserção da entrada em (54e) no nóculo sintagmático CP, como pode ser acompanhado em detalhes em (56) a seguir.

(56) 2º ciclo

a. Passo 4

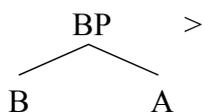
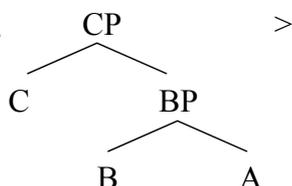


b. Passo 5



Da mesma forma como estabelecido anteriormente, a entrada  $e$  no nóculo CP, representado em (56b), descarta os itens  $d$  e  $c$  e a estrutura passa a ser, então, pronunciada como /e/ em vez de /d/ + /c/.

Um ponto interessante levantado por Pantcheva (2011, p. 115 *et seq.*) é o caso em que o léxico não dispusesse de todas as cinco entradas dispostas em (54), mas de apenas algumas delas, como na reformulação em (57) abaixo, em que as entradas lexicais que fazem o *Spell-out* de apenas nóculos terminais são descartadas.

(57) a.  $c \Leftrightarrow \langle /c/ ,$ b.  $e \Leftrightarrow \langle /e/ ,$ 

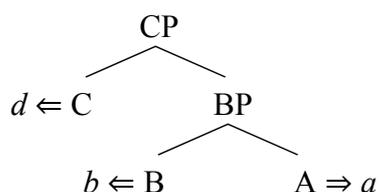
Segundo Pantcheva, nesse caso, nenhuma inserção ocorreria nos passos 1, 2 e 4 representados em (55) e (56) anteriormente, pois não há correspondência entre a estrutura arbórea disposta no léxico e os nóculos que são alvos para inserção. A estrutura é lexicalizada, somente, nos passos 3 e 5, ao final de cada ciclo, pela inserção dos itens  $c$  no nóculo BP e  $e$  no nóculo CP, como esboçado já antes em (55c) e (56b), respectivamente. A derivação, ao fim, tem sucesso porque a entrada  $c$  contém todos os traços do primeiro ciclo e a entrada  $e$  contém todos os traços do segundo ciclo, o que obedece à Lexicalização Exaustiva Cíclica, já que, em cada ciclo, todos os traços expressos na árvore sintática são lexicalizados, de forma que os traços A, B e C estão todos incluídos nas entradas lexicais.

Pantcheva ainda traz outra situação hipotética em que o léxico, desta vez, não possui as entradas sintagmáticas  $c$  e  $e$ , mas apenas as entradas terminais  $a$ ,  $b$  e  $d$ , como representado em (58) a seguir.

- (58) a.  $a \Leftrightarrow \langle /a/, A \rangle$   
 b.  $b \Leftrightarrow \langle /b/, B \rangle$   
 c.  $d \Leftrightarrow \langle /d/, C \rangle$

Como exibido abaixo em (59), a lexicalização procederá, então, com os passos 1 e 2 no primeiro ciclo, como representado, respectivamente, em (55a) e (55b), e o passo 4 no segundo ciclo, conforme representado anteriormente em (56a), com a diferença de que o nóculo BP não será alvo de lexicalização por não conter uma entrada lexical que coincida com a sua estrutura – logo, o material lexical dos nóculos terminais A, B e C não poderá ser descartado, visto que o conteúdo conceptual de nenhum deles é abarcado pelos nóculos dominantes BP (no caso dos nóculos terminais A e B) e CP (no caso do nóculo terminal C), ou seja, o descarte só pode acontecer quando os conteúdos conceptuais do item descartante coincidirem com os do item descartado.

- (59) 2º ciclo



Conclui-se, portanto, que o princípio de Lexicalização Exaustiva Cíclica pode ser satisfeito tanto pela inserção de entradas lexicais em cada terminal quanto pela inserção de uma entrada lexical diretamente no nóculo sintagmático.

Como visto até aqui, a operação de *Spell-out* configura-se como a inserção de um item lexical coincidente na estrutura sintática, isto é, um item lexical cuja entrada contenha uma estrutura sintática idêntica. Contudo, o fenômeno de sincretismo que é exibido por diversas línguas sugere que o requerimento de identidade entre a estrutura sintática e a árvore estocada no léxico é bastante restritivo.

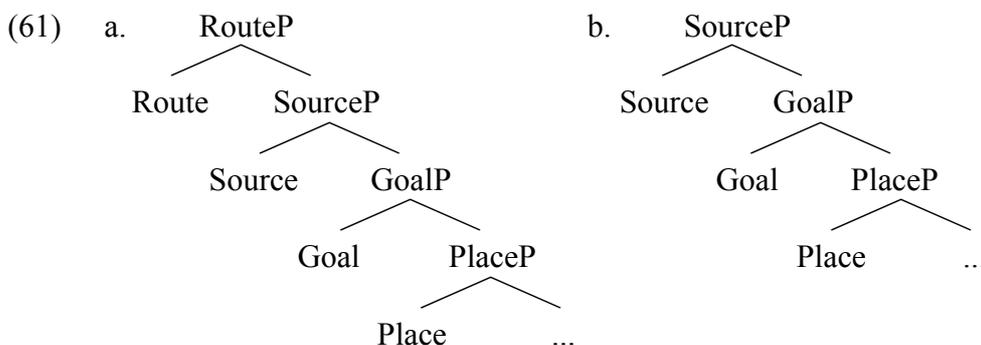
Como exemplo de sincretismo, Pantcheva (2011, p. 118 *et seq.*) traz o dado do hindi em (60) a seguir com o marcador ablativo *-see*, que mostra uma ambiguidade entre uma leitura de trajetória de ROTA e outra de FONTE. Como detalhado na subseção anterior, tais trajetórias devem exibir representações sintáticas diferentes, como repetido em (61a) e (61b), respectivamente.

(60) Baccaa kaar-ke saamne-see calaa.

child car-GEN front-ABL walk.PERF

(i) ‘The child walked via in front of the car’ (ROTA)

(ii) ‘The child walked from in front of the car’ (FONTE)



De acordo com Pantcheva, os dois sentidos admitidos pelo ablativo em hindi, representados pelas estruturas em (61), estão em uma relação de subconjunto-superconjunto, isto é, os traços sintáticos que constituem uma expressão de FONTE são um subconjunto próprio dos traços sintáticos de uma expressão de ROTA.

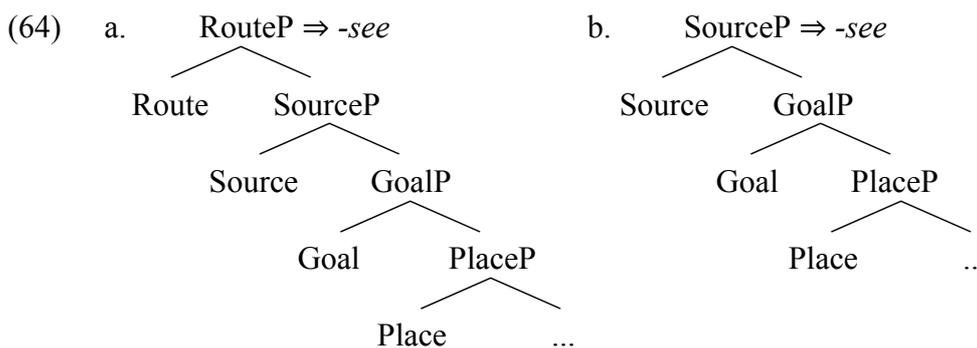
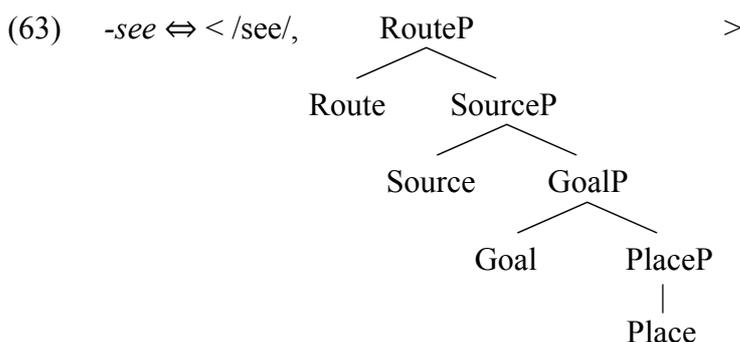
Antes de prosseguirmos, é importante relevar que os casos de sincretismo nas línguas são tratados pela Morfologia Distribuída assumindo-se uma subespecificação de itens lexicais pelo Princípio de Subconjunto, que diz que um item lexical lexicaliza um nó terminal em uma árvore sintática se a especificação do traço do item é um subconjunto dos traços expressos no terminal. Tal princípio, contudo, esbarra em pressupostos contrários à nanossintaxe como vistos até aqui, pois se admite que um nó terminal contenha mais que um traço, que a inserção lexical seja restrita apenas a terminais e, mais importante, que os traços em uma árvore sintática permaneçam não lexicalizados, o que vai contra o princípio de Lexicalização Exaustiva Cíclica apresentado anteriormente em (53), que requer que cada traço sintático em uma árvore seja plenamente lexicalizado ao fim de cada ciclo.

Dessa forma, Pantcheva (2011, p. 120) segue Caha (2009) e Starke (2009) e reformula o conceito de Princípio de Subconjunto elaborado pela Morfologia Distribuída nos termos de (62) a seguir para poder, assim, capturar os casos de sincretismo nas línguas naturais como aquele exibido pelo hindi em (60), além de manter os pressupostos da operação de *Spell-out* sintagmático.

(62) *Princípio de Superconjunto:*

Um item de vocabulário combina-se com um nóculo se sua entrada lexical é especificada para um constituinte contendo aquele nóculo.<sup>19</sup>

Assim, é exigido que uma árvore sintática estocada em um item lexical seja idêntica ou maior que o nóculo onde ela é inserida. Dado que a estrutura de uma trajetória de ROTA é maior que a estrutura de uma trajetória de FONTE, a árvore estocada na entrada lexical do ablativo *-see* em hindi deverá ser especificada para a estrutura ROTA, posto que ela é maior – sendo assim, isso fará com que também seja possível usar a mesma estrutura para lexicalizar a estrutura menor de FONTE. A especificação da entrada lexical do ablativo em hindi *-see* pode ser vista abaixo em (63), cuja estrutura é capaz de lexicalizar ambas as configurações de ROTA e FONTE, como exibido, respectivamente, em (64a) e (64b).



No caso de um sintagma de ROTA, como em (64a), *-see* é inserido em um nóculo que é idêntico à estrutura sintática da entrada lexical em (63); já em um sintagma de FONTE, a operação de *Spell-out* coloca *-see* como um subconstituente da árvore sintática para o qual ele é especificado, deixando, por conseguinte, o traço de ROTA “não utilizado”. Ou seja, o

<sup>19</sup> Tradução nossa do original: “*The Superset Principle: A vocabulary item matches a node if its lexical entry is specified for a constituent containing that node.*”

Princípio de Superconjunto permite que, no sincretismo em hindi entre os traços de ROTA e FONTE, uma dada entrada lexical lexicalize estruturas sintáticas que sejam idênticas ou menores que a estrutura para a qual ela é especificada, deixando expresso todos os traços na árvore sintática e restringindo os traços não expressos à entrada lexical.

Por fim, do Princípio de Superconjunto deriva mais um princípio da nanossintaxe, de acordo com Pantcheva (2011): a condição *Elsewhere*, originalmente proposta por Kiparsky (1973) e reformulada por Neeleman & Szendrői (2007, p. 685), como descrita em (65) abaixo.

(65) *Princípio Elsewhere*:

Considere que  $R_1$  e  $R_2$  sejam regras em competição que têm  $D_1$  e  $D_2$  como seus respectivos domínios de aplicação: se  $D_1$  é um subconjunto próprio de  $D_2$ , então  $R_1$  bloqueia a aplicação de  $R_2$  em  $D_1$ .<sup>20</sup>

Tomando como exemplo a língua avar, já vista na subseção 3.1.5.2, temos como marcadores espaciais indicando a série preposicional ON os seguintes itens: para o núcleo Lugar, o morfema *-da*; para o núcleo Alvo, o morfema *-d-e*; para o núcleo Fonte, o morfema *-da-ssa*; e, para o núcleo Rota, o morfema *-da-ssa-n*. Com a entrada lexical em (66) abaixo, o marcador de FONTE *-ssa* é capaz de lexicalizar as estruturas de ALVO e FONTE.

(66) *-ssa*  $\Leftrightarrow$   $\langle$  /ssa/ ,

SourceP

Source
GoalP

|

Goal

$\rangle$

Isto é, de acordo com o Princípio de Superconjunto em (62), *-ssa*, quando combinado com um marcador locativo que lexicaliza o núcleo Lugar, pode lexicalizar tanto uma estrutura FONTE quanto uma estrutura ALVO. A razão para isso é que ambas as estruturas estão contidas na árvore estocada na entrada lexical para o marcador ablativo *-ssa* na língua avar – porém, isso não é o que ocorre, já que expressões de ALVO são lexicalizadas pelo morfema *-da+-e* (pronunciado como /de/), como exemplificado em (67) a seguir, conforme Pantcheva (2011, p. 124).

<sup>20</sup> Tradução nossa do original: “*Elsewhere Principle*: Let  $R_1$  and  $R_2$  be competing rules that have  $D_1$  and  $D_2$  as their respective domains of application. If  $D_1$  is a proper subset of  $D_2$ , then  $R_1$  blocks the application of  $R_2$  in  $D_1$ .”

- (67) wácc-ass-de (da-e)  
 brother-ERG-ON.TO  
 ‘onto the brother’

A escolha do sufixo alativo *-e* para lexicalizar uma estrutura de ALVO, em vez do sufixo ablativo *-ssa*, é justificada pelo formato de sua entrada lexical, como em (68) abaixo – como o marcador alativo *-e* em *avar se* afixa ao marcador locativo *-da*, ele não pode lexicalizar o núcleo Lugar; da mesma forma, como ele não carrega um conceito de FONTE, ele não pode ser especificado para ocupar o núcleo Fonte.

- (68)  $-e \Leftrightarrow \langle /e/, \text{Goal} \rangle$

Contudo, considerando as duas possíveis entradas em (66) e (68) para lexicalizar a estrutura de ALVO, como representadas em (69a) e (69b) abaixo, respectivamente, percebe-se que ambas podem participar da derivação.

- (69) a.
- b.

Em (69a), o marcador alativo é inserido no núcleo Alvo, o que revela uma combinação perfeita entre a entrada lexical e a árvore sintática; já em (69b), o núcleo Alvo é lexicalizado pelo marcador ablativo, uma entrada lexical maior que a estrutura que ele lexicaliza, opção que também está disponível graças ao Princípio de Superconjunto, o que resulta no não uso do núcleo Fonte da entrada lexical. Mas, como se viu no exemplo em (67), o padrão de lexicalização escolhido é aquele representado em (69a), de onde se conclui que o procedimento de *Spell-out* escolhe inserir a entrada lexical que deixará o menor número de traços não utilizados – tem-se aí a aplicação do Princípio *Elsewhere*, em que o domínio de aplicação do marcador alativo é um subconjunto próprio do domínio de aplicação do marcador ablativo, portanto, em virtude de (65), o marcador alativo vence a competição para a inserção na estrutura de ALVO.

Diante do sistema de princípios e hipóteses que regem a lexicalização da estrutura na nanossintaxe, na próxima subseção é apresentada a aplicação de tais pressupostos na

formação de sintagmas espaciais em algumas línguas, além da adoção do modelo de movimento engatilhado pelo *Spell-out*, formulado por Pantcheva.

### 3.2.2 Linearização da estrutura

Para dar conta da correta linearização da estrutura, obedecendo principalmente à ordem sufixal de grande parte dos marcadores espaciais encontrados em sua pesquisa, Pantcheva (2011) desenvolve em maiores detalhes a ideia, originalmente proposta por Starke (2011), de que o movimento pode ser desencadeado pela necessidade de se criar a configuração ideal para o *Spell-out*, ou, nas palavras da autora, o “movimento impulsionado pelo *Spell-out*” (do inglês, *Spell-out driven movement*).

Como estabelecido por Kayne (1994) e trabalhos da linha cartográfica (Rizzi, 1997; Cinque, 1999), a estrutura sintática é universalmente ordenada de modo que núcleos estão à esquerda de seus complementos e especificadores estão à esquerda de seus núcleos. Pantcheva (2011, p. 133), então, adota a definição clássica do Axioma de Correspondência Linear (do inglês, *Linear Correspondence Axiom (LCA)*)<sup>21</sup> de Kayne (1994), reformulando-o, porém, para abarcar, além de nódulos terminais, também os nódulos não terminais, uma vez que itens lexicais são também capazes de lexicalizar os nódulos sintagmáticos na teoria nanossintática, como descrito em (70) abaixo.

(70) *Axioma de Correspondência Linear (Spell-out sintagmático):*

Se um X não terminal c-comanda assimetricamente um Y não terminal, então tudo o que *spell-out* X precederá tudo o que *spell-out* Y.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> O Axioma de Correspondência Linear (LCA) é definido por Kayne (1994, p. 33) como em (i) abaixo.

- (i) Se um X não terminal c-comanda assimetricamente um Y não terminal, então todos os nódulos terminais dominados por X precederão todos os nódulos terminais dominados por Y.

O c-comando assimétrico significa que X c-comanda Y, mas Y não c-comanda X. A relação de c-comando é definida em (ii) abaixo, segundo Kayne (1994, p. 16).

- (ii) C-comando:  
X c-comanda Y sse X e Y são categorias e X exclui Y e toda categoria que domina X domina Y.

Exclusão, por sua vez, é definido como em (iii) abaixo, conforme Chomsky (1986b, p. 9).

- (iii) Exclusão:  
X exclui Y se nenhum segmento de X domina Y.

<sup>22</sup> Tradução nossa do original: “*Linear Correspondence Axiom (Phrasal Spell-out formulation): If a non-terminal X asymmetrically c-commands a non-terminal Y, then whatever spells out X precedes whatever spells out Y.*”

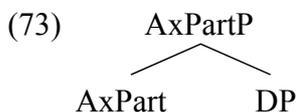
Para exemplificar o modelo de movimento impulsionado pelo *Spell-out*, Pantcheva (2011, p. 133 *et seq.*) recorre ao sistema de casos espaciais da língua karata, falada no sudoeste da Rússia. Na série preposicional que indica a relação ON, marcada pelo morfema *-t'*, que lexicaliza o núcleo AxPart, o karata possui o alomorfe locativo *-a* ocupando a projeção de Lugar, o sufixo alativo *-r*, que indica o marcador de ALVO e se afixa ao marcador locativo, e o sufixo elativo *-gal*, sincrético entre uma marcação de FONTE e outra de ROTA, que também se afixa ao marcador locativo. As especificações lexicais associadas com as suas respectivas entradas dos morfemas locativo, alativo e elativo são apresentadas em (71) abaixo.

- (71) a. Place AxPart DP  
       |       |  
       -a     -t'
- b. Goal Place AxPart DP  
       |     |     |  
       -r    -a    -t'
- c. Source Goal Place AxPart DP  
       |       |     |     |  
       -gal    -a    -t'
- d. Route Source Goal Place AxPart DP  
       |       |     |     |  
       -gal    -a    -t'

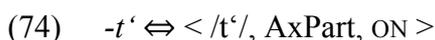
A partir de (71) e tomando os exemplos em (72) abaixo com o nome *bajdan*, que significa “praça” (*square*), acompanhemos, passo a passo, como se dá a lexicalização dos casos espaciais em karata até a estrutura maior de ROTA, tendo em mente os princípios da nanossintaxe.

- (72) a. bajdan-t'-a  
       square-ON-LOC  
       ‘on the square’
- b. bajdan-t'-a-r  
       square-ON-LOC-GOAL  
       ‘to the square’
- c. bajdan-t'-a-gal  
       square-ON-LOC-ROUTE  
       ‘from/through the square’

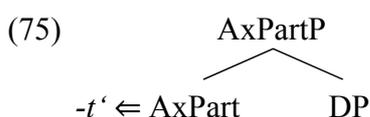
No primeiro estágio da derivação, tem-se a concatenação externa de AxPart com o DP, como em (73) abaixo, ao qual se segue, imediatamente, uma rodada de acesso lexical, conforme estabelecido pela assertiva em (50), na subseção anterior.



O procedimento de lexicalização, primeiramente, faz o *Spell-out* do nóculo DP com o nome *bajdan*.<sup>23</sup> Em seguida, obedecendo ao requerimento de que a lexicalização ocorre da direita para a esquerda e em direção a níveis mais altos, AxPart é o próximo alvo, de forma que o procedimento de lexicalização busca uma entrada no léxico que possa lexicalizá-lo; como foi sugerido em (71) que o marcador serial *-t'* lexicaliza o núcleo AxPart, uma hipótese plausível é que sua entrada lexical tenha o formato em (74).



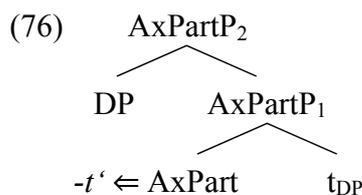
Dessa forma, assumindo que a entrada para *-t'* realize o *Spell-out* de apenas o núcleo AxPart, a lexicalização acontece como em (75) abaixo.



Dando continuidade, o procedimento de lexicalização busca no léxico um item lexical que possa ser inserido diretamente no nóculo não terminal AxPartP. Como não há nenhum item no léxico que realize a operação de *Spell-out* do AxPart junto com o DP, nada é inserido. Assim sendo, o requerimento de Lexicalização Exaustiva Cíclica é satisfeito, mesmo que o nóculo AxPartP não tenha sido lexicalizado, já que todos os seus filhos o foram.

Em consonância com os exemplos em (72), o DP em karata precisa preceder o marcador serial, logo, o DP deve c-comandar assimetricamente o núcleo AxPart para a correta linearização. Isso pode ser obtido com o alçamento de DP sobre o nóculo AxPartP, como exemplificado na representação em (76) a seguir.

<sup>23</sup> Como o foco do estudo de Pantcheva (2011) é o domínio preposicional, os complementos das preposições, ou seja, os DPs, não serão marcados por inserção de material lexical nas representações arbóreas.

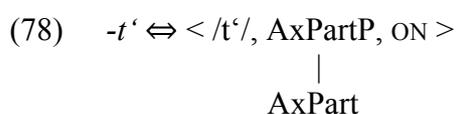


Com a nova representação em (76), que se configura como uma estrutura de adjunção, em que há uma categoria de dois segmentos (anotadas com numerais subscritos para facilitar a discussão), o DP c-comanda AxPart, porém AxPart não c-comanda o DP, portanto, a relação de c-comando assimétrico entre esses dois elementos é convertida em uma relação de precedência e a estrutura pode ser linearizada.

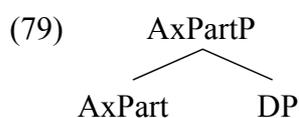
Todavia, tal movimento carece de motivação, a não ser pela necessidade de se obter a ordem correta de palavras. Pantcheva (2011, p. 137), então, baseada na ideia de Starke (2011) para o *Spell-out* sintagmático, revisa o requerimento de compatibilidade entre os itens lexicais e os nódulos arbóreos. Sendo assim, o requerimento de compatibilidade deve ser como o descrito em (77) abaixo.

- (77) Um item de vocabulário combina-se com um nódulo se sua entrada lexical é especificada para o constituinte contendo aquele nódulo, ignorando-se vestígios.<sup>24</sup>

Para dar continuidade à derivação dos exemplos em questão do karata, a autora muda também o formato da entrada lexical do morfema *-t'*, que se configura como em (78) abaixo, em vez daquele em (74), como apresentado anteriormente.

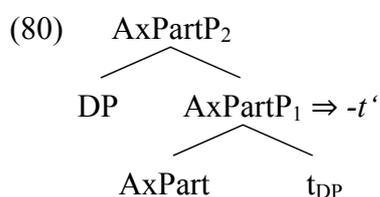


Dando início novamente à derivação, após o processo de concatenação externa, repetido em (79) abaixo, ela possui os mesmos dois passos iniciais vistos anteriormente: o *Spell-out* de DP e do núcleo AxPart.



<sup>24</sup> Tradução nossa do original: “A vocabulary item matches a node if its lexical entry is specified for a constituent containing that node, ignoring traces.”

Pelo Princípio de Superconjunto, o item lexical em (78) é compatível com o nóculo AxPart em (79) e é escolhido para a lexicalização, visto que sua entrada é especificada para a estrutura que contém esse nóculo. Dando prosseguimento, a operação de *Spell-out* tenta lexicalizar o próximo nóculo na estrutura, AxPartP, que, dessa vez, possui um potencial candidato à escolha para lexicalização, já que a entrada lexical em (78) está disponível. Porém,  $-t'$  em (78) não é satisfatoriamente coincidente, uma vez que ele não contém o nóculo DP – para a compatibilidade ser obtida, o DP deve, então, mover-se e deixar um vestígio, que será ignorado para os propósitos de compatibilidade, como descrito pelo princípio em (77) acima.



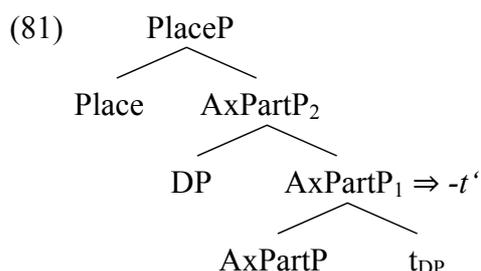
A representação em (80) acima difere-se daquela em (76) pelo fato de o marcador serial  $-t'$  ter sido inserido no nóculo sintagmático em vez de num nóculo terminal. A linearização dos elementos, por sua vez, resulta, crucialmente, na mesma coisa, com o DP c-comandando AxPartP, mas AxPartP não c-comandando o DP porque ele não o exclui, logo, o material lexical que ocupa DP, que no caso é o nome *bajdan* em karata, precede o material lexical que ocupa AxPartP, o sufixo  $-t'$ .

Com essa proposta, há um gatilho para o movimento em (80), pois, como a lexicalização procede de nóculo a nóculo e tenta combinar-se com um item lexical em cada etapa, uma vez que ela atinge o nóculo não terminal AxPartP, haverá uma compatibilidade com a entrada lexical em (78) e isso causará o movimento do DP. Em outras palavras, a evacuação do DP é um movimento impulsionado pelo *Spell-out* causado justamente pelo procedimento de *Spell-out* ao lexicalizar o nóculo não terminal AxPartP com a entrada em (78).

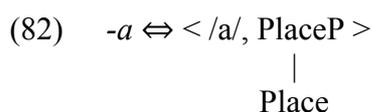
É de se notar também que, em ambas as derivações em (76) e (80), o requerimento de Lexicalização Exaustiva Cíclica é alcançado, portanto, o movimento em (80) não é engatilhado pela necessidade de lexicalizar todos os traços presentes na árvore. Assim, se a entrada para  $-t'$  fosse especificada apenas para o núcleo AxPart, como descrito primeiramente em (74), o *Spell-out* ocorreria sem qualquer movimento e o nóculo AxPartP seria lexicalizado por herança, em vez de diretamente, visto que os seus filhos estão todos

lexicalizados. Contudo, a derivação em (80) pressupõe que a lexicalização direta é preferível à lexicalização por herança mas sem movimento ou, em outras palavras, dado que o procedimento de lexicalização tenta achar um material lexical que combine com um nóculo sintático na árvore, se há uma potencial compatibilidade que requer um movimento de evacuação de traços não combinantes, a evacuação ocorrerá.

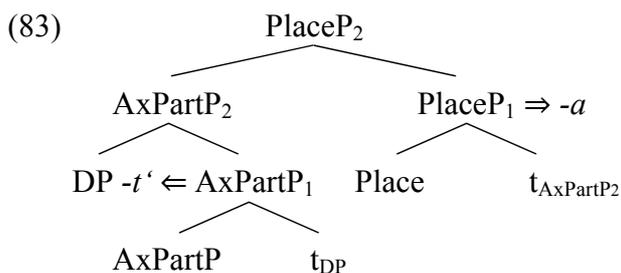
Dando continuidade à derivação do sintagma de LUGAR em karata, a estrutura faz a concatenação do núcleo Lugar à árvore, como exibido em (81) abaixo.



O marcador locativo *-a* é sufixal e afixa-se a um nome marcado por um marcador serial – no nosso exemplo, ao item *-t'*, que indica a noção ON. Aplicando a mesma estratégia vista anteriormente, Pantcheva (2011) assume que o sufixo *-a* engatilha um movimento de AxPartP para uma posição de onde ele seja assimetricamente c-comandado. O formato da estrutura estocada na entrada lexical para *-a* será, portanto, como em (82) abaixo.

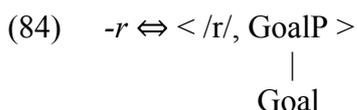


Continuando com a derivação da estrutura, o procedimento de lexicalização tem como alvo, primeiramente, o núcleo Place em (81), que, pelo Princípio de Superconjunto, tem como entrada compatível o item em (82), já que ele é especificado para uma estrutura que contenha esse constituinte. Após, o nóculo PlaceP é sujeito à lexicalização e a entrada *-a* é escolhida novamente, visto que há também compatibilidade, dessa vez usando sua especificação plena. Para a correta configuração do *Spell-out*, o nóculo AxPart<sub>2</sub> precisa mover-se, adjungindo-se à PlaceP, como mostrado em (83) a seguir.

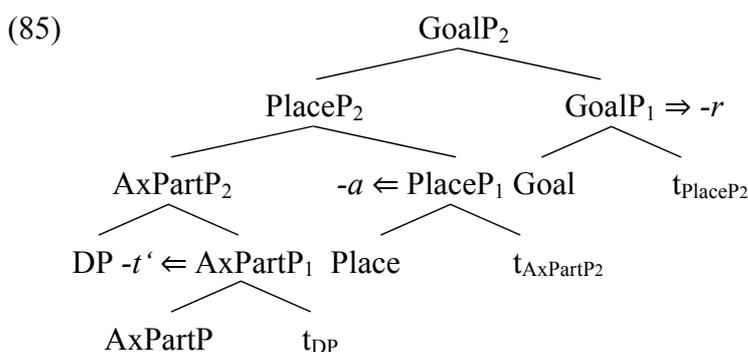


Na árvore em (83), o DP c-comanda assimetricamente AxPartP e AxPartP c-comanda assimetricamente PlaceP, o que resulta na correta linearização do sintagma em karata, que, em tal exemplo, possui a ordem DP-*t'*-*a*.

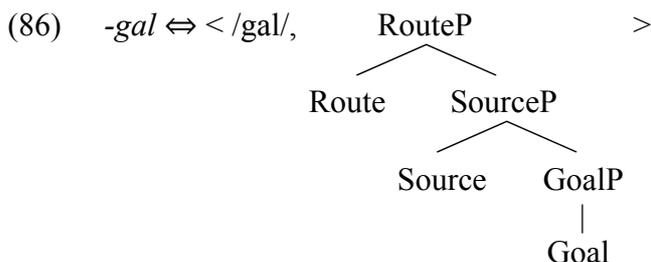
Em relação à derivação da expressão indicando ALVO, exemplificada em (72b), a mesma estratégia pode ser utilizada, iniciando-se com o formato do item lexical *-r*, como apresentado em (84) abaixo.



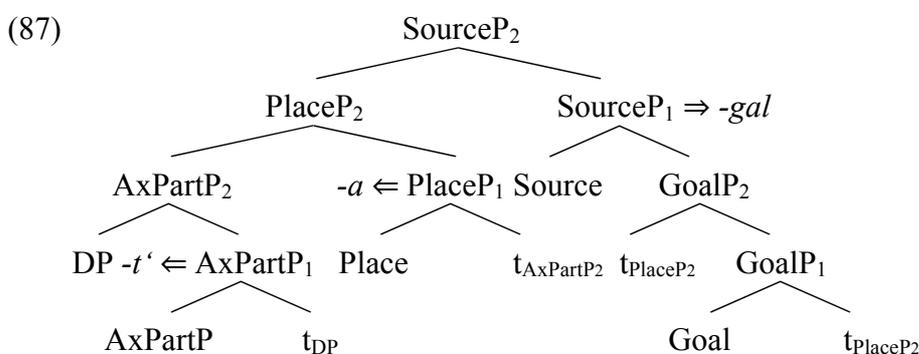
O *Spell-out* de GoalP por *-r* engatilhará um movimento de evacuação do complemento de Goal, resultando na estrutura representada em (85).



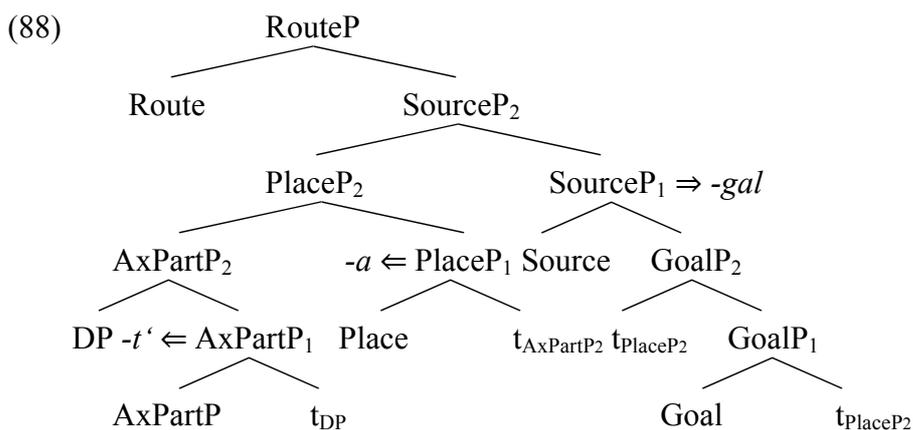
A derivação torna-se diferente ao alcançar os núcleos Fonte e Rota, ambos lexicalizados pelo morfema *-gal*. De modo similar ao sufixo de ALVO *-r*, *-gal* afixa-se a um nome marcado pelo Caso locativo, porém, ele corresponde a, precisamente, três traços: ALVO, FONTE e ROTA. A entrada do item lexical *-gal* deve, portanto, ter o formato descrito na representação em (86) a seguir.



Tal entrada pode ser utilizada para a lexicalização de uma expressão indicando FONTE em virtude do Princípio de Superconjunto, como indica (87) abaixo, em que o nódulo PlaceP<sub>2</sub> move-se para que haja a devida compatibilidade de (86) com o nódulo SourceP.<sup>25</sup>

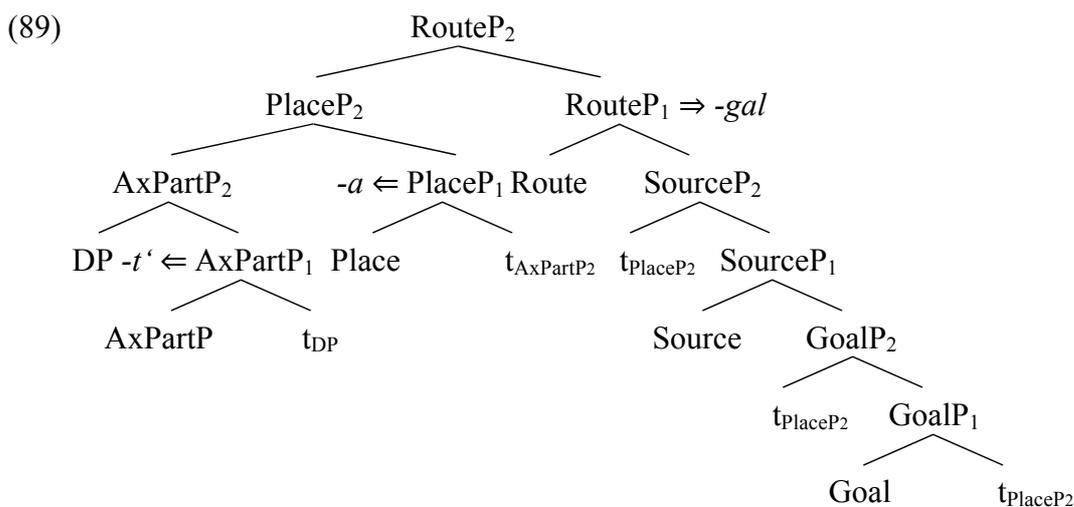


Finalmente, a estrutura maior indicando ROTA é derivada a partir da concatenação de Rota acima da projeção de Fonte, como representado em (88) abaixo.



<sup>25</sup> Pantcheva (2011, p. 167) chama a atenção para a distinção entre categorias e segmentos, uma vez que na representação arbórea em (87) a categoria GoalP contém dois segmentos, enquanto que na entrada em (86) há apenas um segmento. Em princípio, tal fato feriria os requerimentos de compatibilidade, entretanto, conforme a autora, ambas as opções – compatibilidade por categorias ou compatibilidade por segmentos – exibem resultados corretos ao longo da derivação. Mas Pantcheva, por fim, assume a compatibilidade por categorias, afirmando que entradas lexicais mais simples são preferíveis a uma computação envolvendo muitos movimentos, ou seja, o espaço de armazenamento de itens lexicais é mais custoso em comparação à computação sintática com mais etapas.

Após a concatenação externa, o núcleo *Route* é alvo de lexicalização, combinando-se com a entrada em (86) pelo Princípio de Superconjunto; em seguida, o nóculo sintagmático *RouteP* também encontra na entrada em (86) um item lexical compatível à inserção, entretanto, *PlaceP<sub>2</sub>* precisa ser evacuado. O formato da entrada lexical de *-gal* engatilha o movimento cíclico e sucessivo de *PlaceP<sub>2</sub>*, como pode ser visto em detalhes na derivação abaixo em (89), o que permite a inserção de *-gal* em *RouteP<sub>1</sub>*, por fim.



Enfim, o movimento impulsionado pelo *Spell-out* fornece uma ferramenta importante para capturar a linearização de sufixos em línguas de rica morfologia como o karata, que resultam como sufixais por causa da configuração particular de suas árvores estocadas em suas entradas lexicais, que, por sua vez, engatilham movimentos de evacuação dos nóculos que obstruem a compatibilidade.

Como será visto no Capítulo 5, línguas preposicionais, como é o caso do português, lidam de forma diferente com o sistema de *Spell-out*. Com base em Caha (2010), veremos que, nas entradas lexicais para as preposições, faltam projeções máximas; por conseguinte, as preposições não podem lexicalizar nóculos sintagmáticos e, portanto, não induzem um movimento de evacuação do DP.

### 3.3 Síntese do capítulo e perspectivas

Neste capítulo discutimos as preposições, ou melhor, as adposições e suas particularidades semânticas e sintáticas. É de se considerar que, nas construções de inversão locativa, os PPs que participam da derivação não são somente aqueles veiculando uma noção

estrita de locação, mas também aqueles cujo conteúdo semântico abarca um deslocamento, um movimento no espaço. Portanto, os PPs que figuram no fenômeno de inversão locativa fazem parte de um Evento de Movimento (Talmy, 1985, 2000), que se refere às situações em que uma entidade se move ou se localiza/situa em relação a outro objeto.

Dessa forma, o PP não pode ser considerado como um item unitário, com apenas um núcleo, ele deve ser decomposto em diferentes núcleos para abarcar os mais diferentes sentidos, tanto locacional como direcional. A partir do trabalho de Pantcheva (2011), o PP foi dividido, para além do núcleo estático de Lugar, em Alvo, Fonte, Rota, Escala e Limite – são esses e somente esses os núcleos sintáticos capazes de figurar em uma construção de inversão locativa.<sup>26</sup>

Com a rica divisão em sentidos bem delineados do PP, elegemos a nanossintaxe como modelo teórico para lidar com a estrutura granular exibida pelas preposições, por trabalhar com representações sintáticas submorfêmicas em que cada nóculo terminal representa um único traço específico, ordenado em uma hierarquia. Por meio de itens estocados no léxico, a nanossintaxe opera tomando os traços e dispondo-os em estruturas sintáticas que estão de acordo com a ordem hierárquica determinada pela sequência funcional.

Para os casos de inversão locativa em português tratados no Capítulo 5, utilizaremos alguns dos princípios apresentados neste capítulo, como o *Spell-out* cíclico, em que há a substituição de um pedaço de árvore sintática por uma entrada lexical vinda do léxico, a Lexicalização Exaustiva Cíclica, que diz que todo traço sintático deve ser obrigatoriamente lexicalizado, e o Princípio de Superconjunto, que impõe regras sobre a escolha de um item de vocabulário, estabelecendo que a árvore sintática estocada em um item não precisa ser necessariamente idêntica ao nóculo onde ela é inserida, mas pode ser, também, maior.

---

<sup>26</sup> Vale lembrar que os PPs temporais também podem fazer parte das construções de inversão locativa (cf. nota de rodapé 1 no Capítulo 1).

## CAPÍTULO 4

### DECOMPOSIÇÃO DO EVENTO VERBAL

---

Além de informações sobre a categoria sintática, as entradas lexicais também trazem informações relacionadas às suas propriedades seletivas. Como notado no contraste entre as sentenças abaixo, em (1) e (2), as especificações a respeito da complementação sintática revelam a diferença entre verbos transitivos e intransitivos, enquanto em (3) e (4) vemos verbos que podem tomar um complemento CP ou não.

- (1) a. A Maria fez um bolo.  
b. \*A Maria fez.
- (2) a. \*A Maria mentiu uma história.  
b. A Maria mentiu.
- (3) a. O João quer que o Flamengo vença a partida.  
b. \*O João quer o Flamengo vença a partida.
- (4) a. \*O João deseja que vencer a partida.  
b. O João deseja vencer a partida.

Entretanto, nem sempre as informações seletivas dos verbos são consideradas suficientes para se determinar o predicado verbal, visto que parece haver generalizações relacionadas ao tipo semântico do argumento que participa da derivação, determinando, assim, o comportamento linguístico de diferentes tipos de classes verbais (cf. Haegeman, 1994; Culicover, 1997 *inter alia*). Por exemplo, um sujeito experienciador parece comportar-se diferentemente de um sujeito agentivo em uma estrutura com um verbo transitivo, como pode ser observado em (5) abaixo; da mesma forma, em estruturas com verbos intransitivos, um argumento paciente (inacusativo) comporta-se de modo diferente de um argumento agente (inergativo), como mostram os exemplos em (6) a seguir.

- (5) a. O João teme cobras.

b. O João mata cobras.

(6) a. A jarra caiu.

b. O João pulou.

Da mesma forma, um grande número de verbos funciona sistematicamente em uma versão intransitiva, com um único argumento, bem como em uma versão transitiva, com um argumento agente e outro argumento tema, como exemplificado com *furar* e *quebrar* em (7) e (8) abaixo, respectivamente.

(7) a. O pneu furou.

b. Maria furou o pneu da bicicleta.

(8) a. O vaso quebrou.

b. João quebrou o vaso.

Diante de tais fatos, comuns nas línguas naturais, Ramchand (2008) rejeita a existência de traços seletivos formais no léxico. As alternâncias nas estruturas argumentais dos verbos parecem oferecer, segundo a autora, evidências para processos sistemáticos mais internos ao léxico. Destarte, a ideia de Ramchand é criar, dentro do domínio verbal, uma sequência funcional que articule as generalizações seletivas e o significado enciclopédico do item verbal, oferecendo, assim, uma sintaxe articulada com uma interpretação semântica sistemática. A proposta, então, considerada como um modelo incipiente dentro da teoria da nanossintaxe, é nomeada como Sintaxe de Primeira Fase (do inglês, *First Phase Syntax*), e tem como objetivo fazer uma simplificação radical da arquitetura da gramática, reduzindo o conjunto de combinações entre o predicado e seus argumentos, e explicar a natureza e flexibilidade dos itens lexicais translinguisticamente.

Nas próximas seções é apresentado de forma detalhada o sistema de Sintaxe de Primeira Fase de Ramchand, explorando as diferentes camadas eventivas que participam da formação do domínio verbal. Tal empreendimento servirá para, em conjunto com a decomposição do domínio preposicional aos moldes da nanossintaxe, dar conta dos nossos dados envolvendo o fenômeno de inversão locativa, como será trabalhado no Capítulo 5.

#### 4.1 A Sintaxe de Primeira Fase

Ramchand (2008) explora em seu trabalho a exclusão da ideia de que o léxico seja um módulo independente, com seus próprios primitivos e modos de combinação. A autora não pretende, com isso, negar que haja itens dentro da língua que necessitem ser listados/memorizados ou que eles sejam associados com informação gramatical. Pelo contrário, o comportamento lexical é sistemático e generalizável não por causa de processos internos ao léxico, mas sim devido ao modos sintáticos pelos quais os itens lexicais se combinam. Em outras palavras, em sua teoria sobre a arquitetura da gramática, Ramchand admite que o léxico é um constituinte do módulo sintático, referido pela autora como Sintaxe de Primeira Fase<sup>1</sup>, um sistema universal e que opera anteriormente à inserção.

A teoria da gramática elaborada por Ramchand procura eliminar os problemas detectados para explicar o léxico nas abordagens léxico-temática (vista na seção 1.1 do Capítulo 1) e construcionista. Enquanto que na abordagem léxico-temática as informações relevantes para a estrutura são projetadas a partir do léxico, já que ele possui uma classificação temática que “liga” um determinado papel semântico a uma posição específica na estrutura, a abordagem gerativo-construcionista permite a construção livre de terminais sintáticos e delega ao conhecimento enciclopédico o papel de decidir se um determinado item de vocabulário entra ou não no nó terminal. Com a Sintaxe de Primeira Fase, Ramchand esboça a ideia de que existe apenas um módulo combinatório, com apenas um conjunto de primitivos e um conjunto de operações. Dessa forma, tal perspectiva de concepção da linguagem simplifica a análise e elimina a necessidade de se procurar explicar, por exemplo, regras de ligação entre a estrutura lexical, profunda, e a estrutura sintática, de superfície – ou seja, o sistema recursivo que subjaz à computação das línguas naturais reside em um módulo particular que não necessita ser duplicado em outros módulos da gramática.

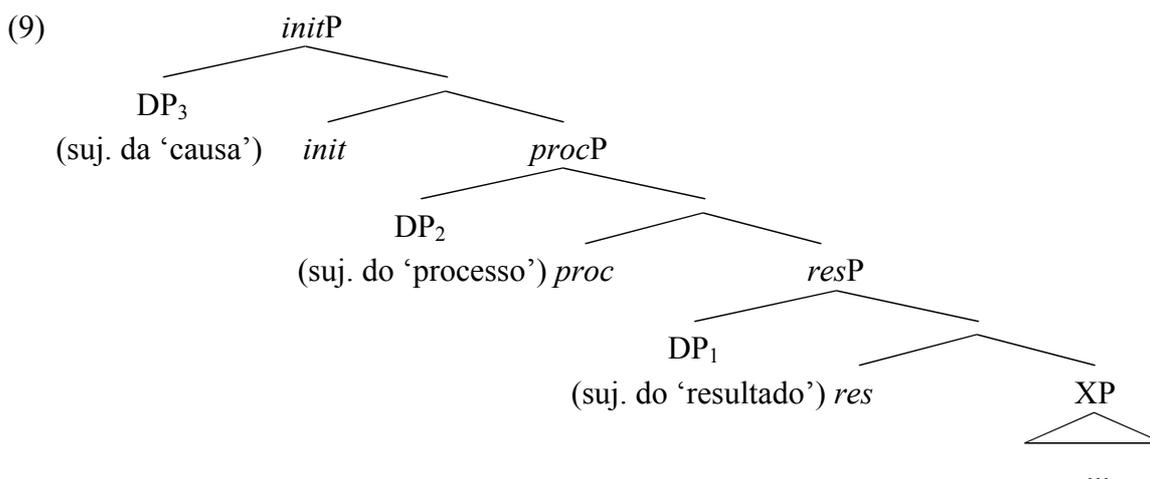
No sistema de Sintaxe de Primeira Fase, busca-se estabelecer a existência de uma noção primitiva que corresponda à realidade linguística de como os falantes concebem os eventos e seus componentes. Na verdade, tais noções primitivas caminham de mãos dadas com os elementos primitivos da decomposição do evento, uma vez que os participantes do evento só serão definidos por meio do papel que desempenham no evento ou subevento. Assim sendo, para Ramchand, a projeção sintática dos argumentos na Sintaxe de Primeira

---

<sup>1</sup> O termo “primeira fase” de Ramchand (2008) deve ser entendido como uma prioridade lógica do sistema, a parte edificante de um evento, que vem antes mesmo de qualquer outro sistema como concordância, marcação/checagem, tempo etc. Além do mais, ele não deve ser confundido com a noção de “fase” no sentido de Chomsky (2001, 2008).

Fase é baseada na estrutura de eventos, em que a semântica que é construída composicionalmente pela sintaxe pode apenas incluir aqueles aspectos de significado que são genuinamente predizíveis e sistemáticos, com muitos aspectos, como o papel temático, por exemplo, sendo excluídos pelo sistema.

Ramchand, então, estabelece que a sintaxe da estrutura de evento pode conter três importantes componentes eventivos: um subevento de causa, denominado INICIADOR (representado pelo núcleo *init*, do inglês, *Initiator*); um subevento denotando um processo, denominado SOFREDOR (representado pelo núcleo *proc*, do inglês, *Undergoer*)<sup>2</sup>; e um último subevento que corresponde a um estado resultante, denominado RESULTADO (representado pelo núcleo *res*, do inglês, *Resultee*). Cada um desses subeventos é representado com sua própria projeção e ordenado segundo uma relação hierárquica, como pode ser acompanhado em (9) abaixo, de acordo com Ramchand (2008, p. 46).<sup>3</sup>



Como pontuado por Ramchand, o sistema em (9) demonstra a cisão do que normalmente se toma como o domínio verbal representado por V, nos mesmos moldes que a cisão do sistema C de Rizzi (1997) e a cisão de Infl em T e Agr de Pollock (1989). A estrutura representa a máxima decomposição possível de um evento, em que *init* é uma projeção mais externa de causação, sendo responsável por introduzir um argumento externo (de maneira similar, assim como o argumento externo introduzindo *v*, como defendido por Hale & Keyser (1993)); a projeção central, representada por *procP*, indica um processo dinâmico; e, por fim, a projeção mais baixa é o nóculo *res*, que indica um subevento de resultado.

<sup>2</sup> A projeção sintática do primitivo SOFREDOR é representada por “*proc*” em referência ao sintagma de processo, isto é, à entidade que sofre mudança ou um processo em um evento.

<sup>3</sup> Nas representações arbóreas será mantida a nomenclatura em inglês das categorias sintáticas.

A autora ainda chama a atenção para o fato de que a noção de verbo é, na verdade, um compósito que envolve algum, alguns ou todos os três elementos exibidos em (9), sendo que uma projeção dinâmica pode existir sem *init* ou *res*, enquanto que o núcleo *proc* é primordial para a estrutura. Isto é, a projeção *procP* é uma condição essencial em todos os predicados dinâmicos, pois é a única projeção que indica uma mudança no tempo, sendo seu especificador preenchido pelo argumento SOFREDOR. Por sua vez, *initP* e *resP*, que são preenchidos pelos argumentos INICIADOR e RESULTADO, respectivamente, são subeventos estativos e não precisam, necessariamente, estar presentes em predicados dinâmicos: o núcleo *initP*, que é um traço que não necessita ser obrigatoriamente realizado e é, comumente, codificado como argumento externo, propriedade que justifica sua posição mais alta na estrutura, está presente apenas quando existe um subevento que expressa causa, ou seja, uma entidade que inicia um processo; já o núcleo *resP* está presente quando há um resultado no evento, justificando, assim, sua posição mais baixa na hierarquia.

Nas subseções seguintes, é apresentada cada projeção eventiva do domínio verbal, bem como suas motivações dentro da estrutura.

#### **4.1.1 O núcleo de INICIADOR**

De acordo com Ramchand (2008, p. 30 *et seq.*), um INICIADOR é uma entidade cujas propriedades são responsáveis pela eventualidade vir a existir. O núcleo *init* introduz o evento de causação e é capaz de licenciar o argumento externo da estrutura.

A hipótese para a existência de tal núcleo permeia a distinção do caráter agentivo que diferencia argumentos externos e internos, que tem sido utilizada como uma propriedade definidora das classes verbais, como por exemplo, a classe dos inacusativos em oposição à dos inergativos dentro do grupo maior dos verbos intransitivos. Segundo Ramchand, apesar de a agentividade desempenhar um papel relevante para o sucesso de uma sentença, em determinadas ocasiões ela não contribui para especificar de modo eficaz classes sintaticamente relevantes, já que, em muitos casos, nomes não agentivos podem tomar a posição de argumentos externos, como pode ser visto no conjunto de exemplos em (10) abaixo.

- (10) a. John broke the window.  
 b. The hammer broke the window.  
 c. The storm broke the window.

- d. John built that house.
- e. John's money built that house.

Os exemplos acima, com verbos transitivos, mostram que os argumentos externos podem figurar na estrutura com um caráter claro de volição, como é o caso em (10a) e (10d); como agentes instrumentais, que é o caso de (10b); ou, ainda, como uma causa/fonte abstrata, como em (10c) e (10e) – apesar das diferenças, para Ramchand há apenas um primitivo subjacente a essa distinção, capaz de dar origem à eventualidade: o primitivo abstrato INICIADOR.

#### **4.1.2 Os núcleos de *SOFREDOR* e de *RESULTADO***

Além de trazer a noção de causação para abordar o primitivo INICIADOR, Ramchand (2008) trata também da telicidade, ou seja, o aspecto que uma atividade toma de acordo com o seu ponto de culminação ou não, para dar conta dos primitivos semânticos de *SOFREDOR* e de *RESULTADO*.

Tomando uma posição contrária a autores como van Hout (2000), Kratzer (2004) e Borer (2005), Ramchand (2008) sugere que, numa estrutura, não há uma correspondência direta entre o argumento interno e o traço semântico de telicidade, mesmo quando tal argumento é quantizado (no sentido de Krifka, 1992). Sendo assim, dados como os apresentados abaixo mostram que eventos sem argumentos internos, como em (11a), ou com argumentos internos quantizados, como em (11b), podem apresentar o traço [+télico]; de modo contrário, a existência de um argumento interno, como em (11c), não implica em um evento télico.

- (11)
- a. John stood up in a second.
  - b. They found gold in 3 hours.
  - c. John pushed the cart for hours.

Dessa forma, Ramchand rejeita teorias que atribuam ao argumento interno o papel de checar telicidade e quantização, estabelecendo, assim, distinções mais específicas sobre a forma como os argumentos internos são mapeados em um evento.

A autora coloca como primordial para a discussão a noção de “trajetória” (do inglês, *path*)<sup>4</sup>, assumindo que a percepção humana define a noção de mudança por meio de uma estrutura do tipo parte-todo. Nesse sentido, eventos dinâmicos são vistos como “mudanças” generalizadas análogas às trajetórias espaciais, em que argumentos externos de predicados dinâmicos estão relacionados ao evento como um todo, em articulação com o tipo semântico de causação, como visto na subseção anterior, enquanto que os argumentos internos, por outro lado, são internos à estrutura de trajetória do evento, logo, ele é interpretado como o argumento que sofre a mudança denotada pelo verbo. Por exemplo, em (12a) abaixo, *Maria* pode ser vista como participando do evento como um todo ou apenas como a iniciadora deste, enquanto que, em (12b), a duração do evento é determinada pelo tempo em que a bola se mantém em movimento.

- (12) a. A Maria rolou a bola.  
b. A bola rolou.

Ramchand postula, então, que os argumentos que sofrem alguma mudança ou passam por um processo, sejam eles momentâneos ou graduais, correspondem ao primitivo SOFREDOR, representado por *procP*, que é capaz de licenciar justamente a entidade que sofre mudança ou processo. Segundo a autora, a existência de um SOFREDOR na estrutura não implica necessariamente na telicidade do evento, mesmo quando ele é quantizado. Nos exemplos em (13) abaixo, de Ramchand (2008, p. 35), podem ser vistas estruturas intransitivas em que há uma mudança/transição identificável em relação à locação e ao estado final; em (14), por sua vez, têm-se estruturas transitivas com os objetos diretos sofrendo uma mudança em relação à locação, ao estado e às propriedades materiais, respectivamente.

- (13) a. The ball rolled down the hill.  
b. The mangoes ripened in the sun.
- (14) a. John pushed the cart.  
b. Mary dried the cocoa beans.  
c. Michael stretched the rubber band.

---

<sup>4</sup> Apesar de, semanticamente, significar a mesma coisa, não confundir com as noções de “trajetória” apresentadas no capítulo anterior.

Quando, porém, a estrutura representar um evento télico, a noção de TRAJETÓRIA entrará em jogo, pois, enquanto o SOFREDOR será o sujeito da mudança denotada pelo evento, a TRAJETÓRIA será definida como a classe diretamente mapeada sobre a extensão material do objeto, em que o limite de um evento ou a ausência deste dependerá da extensão material do objeto. Ou seja, os verbos não são necessariamente télicos, eles podem ser interpretados como télicos a partir do acarretamento desencadeado pela natureza do objeto direto e/ou a especificação do estado final na sintaxe, como mostram os exemplos abaixo de Ramchand (2008, p. 37), em que, em (15a), o DP *the coconut* é o experienciador da mudança de locação e o PP *along the beach* descreve apenas a trajetória do movimento, e, em (15b), a especificação da locação final cria a telicidade do evento.

- (15) a. John pushed the coconut along the beach.  
 b. John pushed the cart to the end of the garden.

Diferentemente de um verbo como *push* em (15), verbos como *break*, *find* e *arrive* comportam-se obrigatoriamente como télicos, dado que seus constituintes não passam simplesmente por uma mudança, mas também terminam em um estado final que já é especificado pelo verbo em si, como mostram os exemplos abaixo, que sistematicamente rejeitam locuções adverbiais do tipo “*for an hour*”, caracterizadoras de uma leitura atélica (cf. Vendler, 1967).

- (16) a. John broke the stick in a second/\*for seconds.  
 b. Michael found gold in just 10 minutes/\*for 10 minutes.  
 c. Mary arrived in two minutes/\*for two minutes.

Em (16a), *the stick* obtém uma mudança de estado identificável pela sua integridade material rompida; em (16c), a localização final da *Mary* é determinada pelo contexto dêitico; já no evento télico em (16b), a ação da *Michael* resulta no fato de o ouro ser encontrado, mesmo com o nome nu *gold* sendo massivo numa posição de objeto.

Ramchand (2008) afirma que os verbos em (16) precisam ser representados de forma diferente porque a telicidade deles é distinta da telicidade de um verbo como *push* em (15), que surge da combinação semântica do verbo com o seu objeto e, conseqüentemente, exibe a presença de um estado final implícito ou explícito. Em (16), os verbos resistem ao teste de telicidade porque seus objetos já estão definidos como possuidores de um estado

final, de forma que eles não passam por apenas uma mudança, eles terminam em um estado final conforme especificado pelo próprio verbo. Ramchand define esse tipo especial de relação na estrutura do evento como RESULTADO, que projeta uma categoria *resP* capaz de licenciar a entidade que passa a deter o estado resultante final.

Em vista disso, no sistema de Sintaxe de Primeira Fase de Ramchand, os primitivos SOFREDOR e RESULTADO distinguem-se na medida em que um SOFREDOR é um evento de processo ou mudança e o RESULTADO implica em um estado resultante final ou *telos*. O argumento interno que é SOFREDOR de uma mudança é distinto daquele que alcança um estado final, embora, em muitos casos, um único argumento é capaz de possuir ambas as propriedades. Por sua vez, TRAJETÓRIA é distinto de SOFREDOR (ou, na verdade, de RESULTADO) por apresentar propriedades de mudança no evento relativas à homogeneidade do objeto e do evento em si.

#### 4.1.3 Argumentos de verbos estativos

Completando o conjunto de primitivos semânticos, segundo Ramchand (2008, p. 40 *et seq.*), nem todos os predicados podem ser reduzidos em uma decomposição de subeventos aos primitivos semânticos INICIADOR, SOFREDOR e RESULTADO, pois eles fazem parte, apenas, de eventos dinâmicos. Com verbos estativos, os DPs e PPs argumentos não afetam a interpretação aspectual do mesmo modo como visto nas subseções anteriores, já que eles especificam ou descrevem um estado de coisas. Por exemplo, em (17) abaixo, não há dinamicidade, processo ou mesmo mudança envolvidos na predicação, apenas uma descrição do estado de coisas, em que o DP *Katherine* é o tema da predicação, isto é, a entidade da qual a descrição é predicada, enquanto que o DP *nightmares* é parte da descrição.

(17) Katherine fears nightmares.

A assimetria entre o tema e o rema, revelando a diferença entre o sujeito e a sua coda predicacional, é uma das características principais nos predicados estativos, também presente em estruturas com sintagmas adjetivais (AP, do inglês *Adjectival Phrase*) e PPs, como exemplificado em (18a) e (18b), respectivamente.

(18) a. Ariel looks happy.  
b. The cat is on the mat.

Ramchand, então, denomina os DPs, APs e PPs objetos de verbos estativos como “objetos remáticos” ou, simplesmente, REMA (do inglês, *rheme*), para indicar que eles não são sujeitos de qualquer subevento, mas parte da descrição do predicado.<sup>5</sup>

A autora chama a atenção, ainda, para o fato de que, na verdade, os objetos de TRAJETÓRIA, vistos na subseção anterior, parecem, na verdade, ser a versão dinâmica do REMA. No conjunto de exemplos em (19) abaixo, o verbo *jog* não toma argumentos internos como SOFREDOR, o que demonstra a agramaticalidade de (19b); todavia, um objeto como *2 miles*, como em (19c), que não pode ser considerado como SOFREDOR e nem mesmo como RESULTADO, visto que não sofre qualquer mudança e permanece o mesmo, indicando apenas a medida de trajetória que o argumento SOFREDOR atravessa, só pode ser considerado como o objeto remático em um evento dinâmico.

- (19) a. *Karena jogged.*  
 b. \**Karena jogged the child.*  
 c. *Karena jogged 2 miles.*

Dessa forma, ao analisar o comportamento linguístico e os acarretamentos semânticos da classe verbal, Ramchand isola diferentes primitivos dentro da estrutura do evento, que justificam a representação arbórea vista em (9) previamente. A distinção entre argumentos externos e internos revela que a propriedade de externalidade não deve ser tomada como definidora de uma classe, mas sim o primitivo INICIADOR, que estabelece uma relação de causação dentro do evento. Em relação aos argumentos classificados tradicionalmente como “internos”, SOFREDOR e RESULTADO constituem-se como temas do evento de processo e do evento de resultado, respectivamente. Já TRAJETÓRIA e REMA fazem parte da descrição do evento, com TRAJETÓRIA, particularmente, fornecendo uma estrutura parte-todo capaz de telicizar o evento. Nota-se que esses dois últimos elementos não estão presentes na configuração sintática em (9), pois eles não descrevem elementos que são

---

<sup>5</sup> Na verdade, Ramchand (2008, p. 43-44) admite que o termo REMA cobre os elementos caracterizados como Fundo (em termos comparativos, o Fundo seria o rema da predicação espacial e a Figura seria o tema (cf. Talmy 1985, 2000)) em predicações tanto estativas quanto dinâmicas, com TRAJETÓRIA fazendo referência a uma subclasse que existe apenas em predicações dinâmicas. Por exemplo, em (i) abaixo, com o verbo dinâmico *eat*, o DP argumento *the mango* em (ia) é uma TRAJETÓRIA delimitada, que cria um evento télico a partir da combinação com o verbo; já em (ib), o PP é um REMA de processo, porém, não delimitado, o que resulta em um evento atélico.

- (i) a. *Michael ate the mango (in an hour).*  
 b. *Michael ate at the mango (for an hour).*

individualizados predicacionalmente, mas sim constroem a propriedade predicacional específica, isto é, dinâmica ou estática, da qual se assevera que o argumento no evento possui.

Na próxima seção são apresentadas diferentes classes verbais de acordo com a maquinaria da Sintaxe de Primeira Fase, bem como suas respectivas derivações dentro da estrutura.

#### 4.2 Derivando as classes verbais

Definidos os primitivos semânticos que participam da decomposição do evento e organizados hierarquicamente em uma configuração sintática, como demonstrado na representação arbórea vista em (9) na seção 4.1, Ramchand (2008) explora as diferentes maneiras combinatórias com que o sistema pode ser utilizado para derivar os distintos tipos verbais na língua inglesa.

A autora justifica tal hierarquia de primitivos por meio de dados empíricos, em que as projeções estabelecidas são aquelas necessárias para expressar todas e apenas as generalizações sobre o significado e a flexibilidade verbal que se encontram nas línguas naturais. Sendo assim, o evento representado pelo INICIADOR e o evento representado pelo RESULTADO são considerados estados e as suas interpretações indicando causação e resultatividade, respectivamente, vêm de suas posições na hierarquia estrutural: na posição *init*, o estado introduzido pelo núcleo é interpretado como casualmente implicando um processo; por sua vez, na posição *res*, o estado introduzido pelo núcleo é interpretado como sendo casualmente implicado pelo processo eventivo.

Cada projeção representada em (9) forma uma relação predicacional no seu nível, com a posição de especificador sendo preenchida pelo “sujeito” ou “tema” de um (sub)evento particular e a posição de complemento sendo ocupada pelo sintagma que fornece o conteúdo daquele evento. Dessa maneira, as relações entre os participantes são construídas recursivamente, com o “encaixe” sucessivo da descrição do evento e do sujeito da predicação.

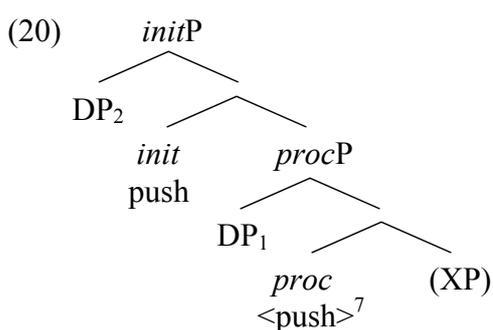
Ramchand assume que a Sintaxe de Primeira Fase é construída por meio da operação “concatenar” (do inglês, *merge*) e está sujeita a princípios de interpretação na interface. Os itens lexicais selecionados para a derivação carregam um feixe particular de traços que os permitem participar de uma configuração específica. Os “rótulos” que os itens lexicais possuem são a única informação necessária para regular o seu uso dentro da estrutura

e, além disso, a natureza mínima da informação sintaticamente relevante que eles têm resulta no uso lexical flexível dentro de uma língua.

Visto que o item lexical pode carregar mais do que um único rótulo, ele deve, por conseguinte, associar-se a diferentes núcleos sintáticos, sendo associado a mais do que uma posição simultaneamente. Ramchand assume, então, que os elementos podem ser concatenados e, em seguida, reconcatenados (do inglês, *remerge*) até o último estágio da derivação, isto é, se a concatenação de dois elementos é concebida como formando um conjunto, nada impede que um item particular desse conjunto seja membro de mais outro conjunto, conforme proposto originalmente por Starke (2001). Portanto, a reconcatenação de núcleos é defendida na Sintaxe de Primeira Fase pois os itens lexicais podem possuir mais do que um único rótulo categorial.<sup>6</sup>

Na Sintaxe de Primeira Fase, todas as projeções requerem um especificador preenchido, ou seja, as informações sobre quem é o causador de um evento, quem sofre uma mudança e quem é o detentor de um estado resultante necessitam ser especificadas sempre que *initP*, *procP* e *resP* existirem, respectivamente. Dessa maneira, a existência de uma categoria particular forçará a existência de um participante relevante especificando-a.

Para exemplificar com uma simples estrutura, Ramchand (2008, p. 69) traz a derivação de um verbo como *push*, exibido em (20) abaixo, que é especificado como [*init*, *proc*], já que seu conteúdo lexical enciclopédico identifica um processo, bem como um causador.



<sup>6</sup> Pode-se dizer que tal ideia, em certa medida, vai ao encontro dos princípios defendidos pela nanossintaxe, como visto no Capítulo 3, em que é permitido que um item lexical lexicalize múltiplos nós terminais.

<sup>7</sup> A reduplicação dos itens verbais nas diferentes posições sintáticas serve apenas para facilitar mnemonicamente a exposição e não deve ser confundida com uma cópia. Ramchand (2008) afirma que a operação de reconcatenação simplesmente cria uma nova linha de associação sem utilizar o passo redundante de se fazer uma cópia. Sendo assim, nas próximas representações arbóreas, a reconcatenação de um item lexical será identificada simplesmente através de sua duplicação.

O verbo *push*, inicialmente, é concatenado com um DP em seu especificador e projeta o rótulo *proc*. Visto que o verbo também possui um traço [*init*], *push* pode agora ser reconcatenado com *procP*, que agora projeta o rótulo *init*. Esse novo objeto sintático sofre uma operação de concatenação com o especificador para, enfim, projetar *initP*. Na interface semântica, a estrutura será interpretada como um processo de mudança caracterizada por um movimento translacional do qual o DP<sub>1</sub> é o SOFREDOR e o DP<sub>2</sub> é o INICIADOR, sendo este especificado como uma entidade possuidora de uma força física para colocar tal objeto em movimento.

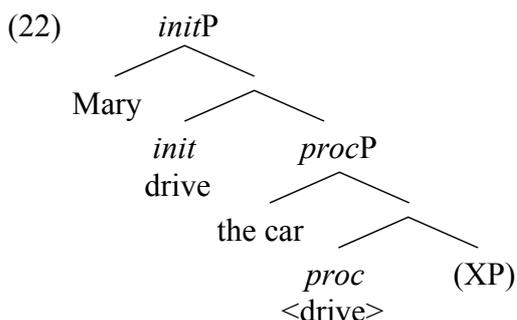
Nas próximas subseções, são apresentados diferentes tipos verbais de acordo com a combinação de primitivos semânticos que eles exibem.

#### 4.2.1 Verbos de causação e processo

A primeira combinação de elementos apresentada por Ramchand (2008) é aquela de verbos que exibem um componente de causação bem como um componente de processo. Dentro desse limite, contudo, há uma série de possibilidades diferentes exibidas pelo sistema, como verbos em que (i) o INICIADOR e o SOFREDOR são distintos; (ii) o INICIADOR e o SOFREDOR são ocupados pelos mesmo DP; e (iii) o argumento SOFREDOR é uma TRAJETÓRIA remática dentro do evento de processo. É de se notar que, a partir da combinação dos traços [*init*, *proc*], um número superficialmente diferente de verbos podem ser agrupados, tanto transitivos quanto intransitivos. As diferenças internas entre os verbos, como por exemplo, se a mudança sofrida por um DP objeto é de locação ou de propriedade material, não são diretamente codificadas pela sintaxe, mas são parte das propriedades de conhecimento enciclopédico da raiz verbal que identifica o processo.

O item (i) arrolado acima pode ser exemplificado com os verbos transitivos exibidos por Ramchand (2008, p. 73) como em (21) abaixo, com a representação arbórea de (21b), por exemplo, em (22) a seguir.

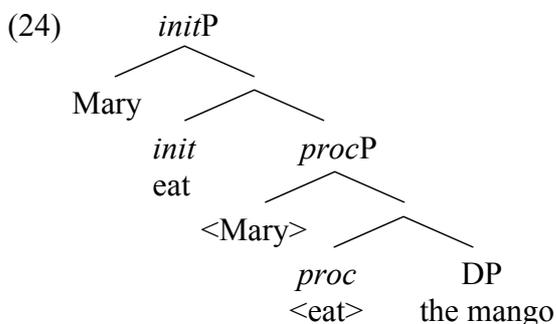
- (21) a. John pushed the cart.  
 b. Mary drove the car.  
 c. Michael dried the cocoa beans.  
 d. The sun melted the ice.  
 e. The clown reddened his cheeks.



Como discutido acima, os argumentos ocupam as posições de especificadores na Sintaxe de Primeira Fase, mesmo o argumento interno, como é o caso de *the car* em (22). Enquanto *Mary* é responsável pela causação do evento, com relação ao argumento SOFREDOR, o evento predica sobre alguma propriedade variante do argumento que se encontra em [Spec,*procP*]: essa propriedade não é inerente ao objeto, pelo contrário, é uma propriedade que o objeto possui em virtude da participação no evento. O ponto final do evento, então, será identificado com o estágio final sobre a propriedade ou o caminho espacial atingido pelo objeto.

Há estruturas transitivas, porém, que não possuem um argumento SOFREDOR, mas sim um argumento TRAJETÓRIA, em que a propriedade que é mapeada para o evento de processo é inerente ao DP.<sup>8</sup> Exemplos de verbos com DPs de TRAJETÓRIA, que correspondem à classe (iii) listada acima, são apresentados em (23), de acordo com Ramchand (2008, p. 74), com (23b) representado arboreamente em (24) a seguir.

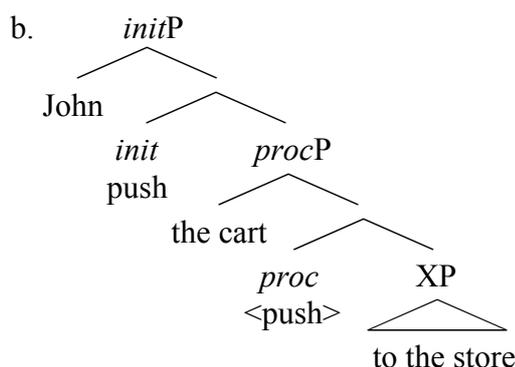
- (23) a. John read the article.  
 b. Mary ate the mango.  
 c. Michael walked the trail.



<sup>8</sup> O objeto TRAJETÓRIA de tais estruturas seria um tipo de objeto direto reconhecido como um “tema incremental”.

É de se notar em (24) que o DP objeto não ocupa a posição de especificador de *proc*, mas sim o argumento *Mary*, que foi reconcatenado em [Spec,*initP*] e é caracterizado como o experienciador contínuo do processo.<sup>9</sup> Todavia, em casos em que um PP de trajetória coocorre com objetos diretos, o objeto direto será SOFREDOR e o PP será interpretado como o caminho “percorrido” pelo SOFREDOR na composição do evento, como exemplificado abaixo em (25).

(25) a. John pushed the cart to the store.

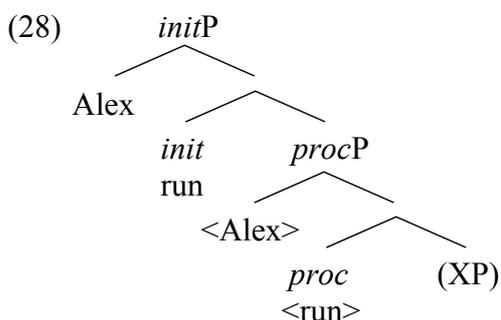


Ainda dentro do grupo de verbos que combinam os elementos de causação e processo, há um conjunto de verbos intransitivos, correspondente ao item (ii), que apresenta os itens [*init*, *proc*] e surge quando um único DP ocupa as posições de SOFREDOR e INICIADOR, atuando, assim, como uma entidade que sofre uma mudança mas que também causa o evento. Os dados em (26) abaixo, de Ramchand (2008, p. 79), exemplificam tal classe, que é composta majoritariamente por verbos de movimento; a marcação da entrada lexical para esses verbos, exemplificado com *run*, seria como (27), em que a coindexação entre *init* e *proc* o diferencia de verbos transitivos como os vistos acima; e a representação arbórea de (26a), por exemplo, pode ser vista em (28) a seguir.

- (26) a. Alex ran.  
 b. Katherine danced.  
 c. The soldiers marched.  
 d. Michael swam.  
 e. Karena jogged.

<sup>9</sup> Assumir que o DP objeto TRAJETÓRIA de uma estrutura transitiva ocupa uma posição de complemento seria afrouxar o requerimento de que todos os especificadores de projeções subeventivas são preenchidos em algum estágio da derivação. Sem nos comprometermos aqui com maiores detalhes, Ramchand (2008) assume que em estruturas de verbos transitivos com objetos remáticos, o argumento sujeito é sempre caracterizado como SOFREDOR-INICIADOR.

(27) Entrada lexical para *run*: [*init*<sub>i</sub>, *proc*<sub>i</sub>]



Percebe-se em tais exemplos que o argumento sujeito preserva os acarretamentos de SOFREDOR assim como de INICIADOR porque o DP em questão sofre uma mudança de locação/posição como uma consequência de sua atividade. Caso seja adicionado um PP direcional à estrutura, como exemplificado em (29) abaixo, o sujeito DP é aquele sobre o qual se afirma que perfez um percurso ao longo da trajetória.

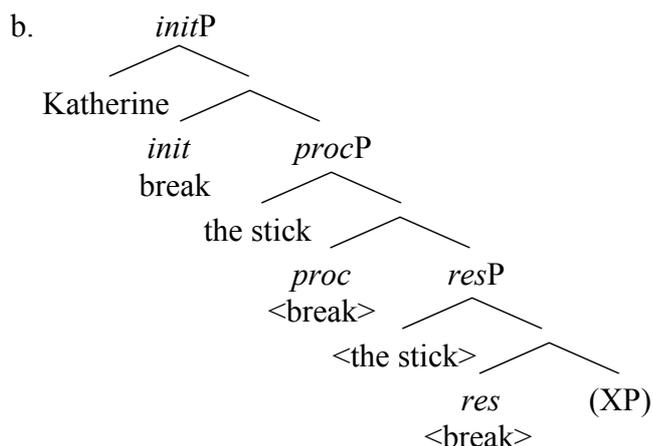
(29) The soldiers marched around the block.

#### 4.2.2 *Verbos de causação, processo e resultado*

A combinação entre os núcleos INICIADOR, SOFREDOR e RESULTADO assumidos por Ramchand (2008) resulta, da mesma forma com visto anteriormente, tanto em verbos transitivos como em intransitivos.

A primeira classe é composta por verbos transitivos como *break*, que codificam, além de um DP sujeito que causa o processo (o “quebrador”), o resultado final alcançado pelo DP objeto, que se torna “quebrado” – portanto, a entrada lexical do item *break* trará os elementos *proc* e *res* coindexados e o DP objeto, dessa forma, será SOFREDOR do processo e também RESULTADO. A representação arbórea para o exemplo em (30a) pode ser acompanhada em (30b) a seguir.

(30) a. Katherine broke the stick.

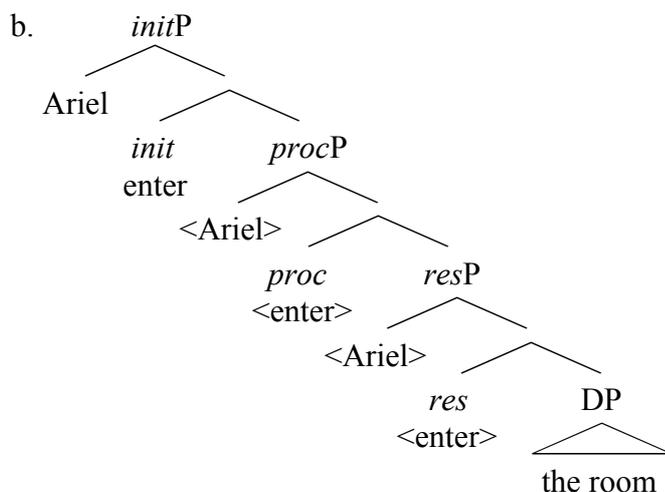


De acordo com Ramchand, os verbos dessa classe codificam *resP* pelo fato de poderem tomar PPs estativos locacionais como complemento remático de *res*, indicando um resultado final ou, mais especificamente, uma locação, como é o caso do exemplo em (31b), em que a bola torna-se “jogada” e tem como resultado final o fato de estar localizada no chão.

- (31) a. Katherine broke the stick in pieces.  
b. Ariel threw the ball on the ground.

A outra classe de verbos descrita por Ramchand (2008, p. 84) é aquela composta por verbos como *enter* e *find*, que possuem um DP remático descrevendo um resultado final, como exemplificado em (32) abaixo.

- (32) a. Ariel entered the room.

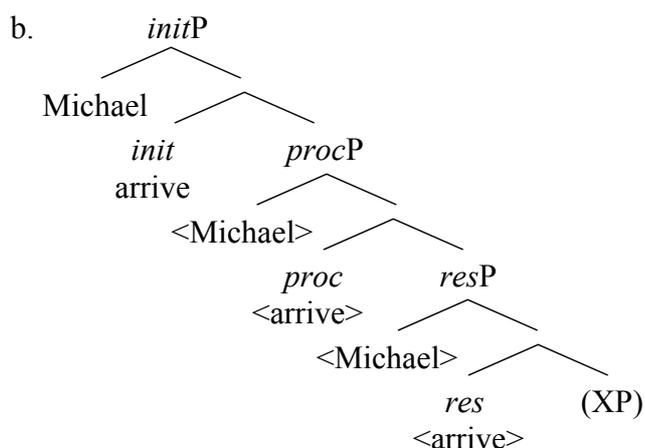


A representação acima traz o verbo *enter* com os núcleos *init* e *proc* coindexados e o DP sujeito *Ariel* fazendo parte de um evento como o INICIADOR de um processo do qual ela

também é SOFREDOR, além de carregar o RESULTADO ao obter a locação final descrita pelo DP Fundo *the room*.

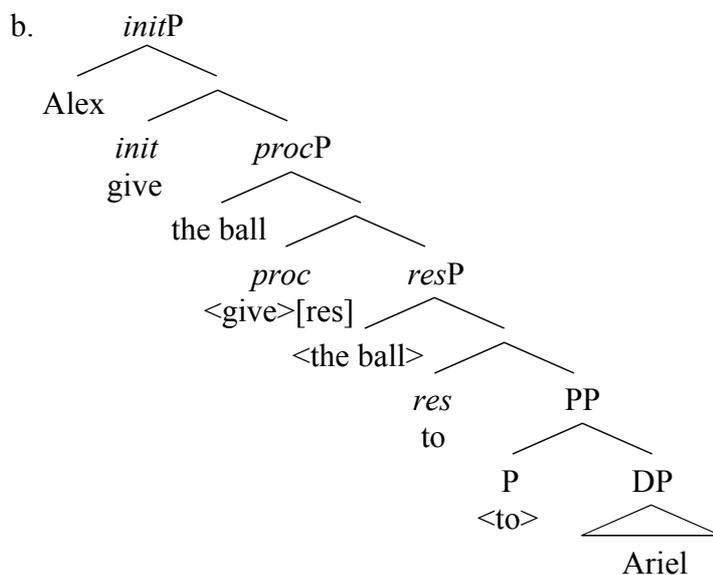
Já a classe dos intransitivos é representada por verbos como *arrive* e *fall*, que contêm um único argumento capaz de iniciar a sua própria transição para um estado final, ou seja, o DP argumento é simultaneamente INICIADOR, SOFREDOR e RESULTADO, como representado arboreamente em (33b) para a estrutura em (33a).

(33) a. Michael arrived.



É de se observar ainda que a classe dos verbos que apresentam o compósito INICIADOR, SOFREDOR e RESULTADO compreende os verbos bitransitivos, como exemplificado abaixo em (34).

(34) a. Alex gave the ball to Ariel.

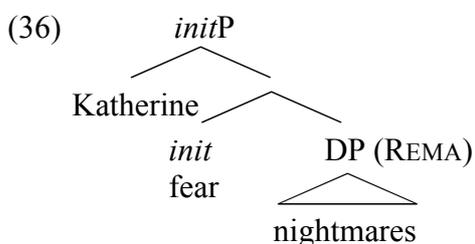


De acordo com Ramchand, o verbo *give* contém um traço *res* em sua entrada lexical, visto que ele resulta em um verbo pontual com um resultado definido. Além do mais, a preposição direcional *to* em inglês também contém um traço *res* em sua entrada lexical, o que permite que ela preencha o núcleo da projeção *resP*.<sup>10</sup>

### 4.2.3 Verbos estativos

Os verbos estativos, por sua vez, não contêm a projeção *proc*, responsável pelos predicados dinâmicos. Segundo Ramchand (2008, p. 115), verbos estativos tais como *fear*, *look* e *meet* surgem quando um núcleo *init* seleciona material remático em vez de um complemento de processo. O material remático pode compreender um DP, AP ou PP, como pode ser acompanhado em (35) abaixo, respectivamente, com (35a) exemplificado na projeção arbórea em (36).

- (35) a. Katherine fears nightmares.  
 b. Ariel looks tired.  
 c. The two rivers meet at the end of the field.



Ramchand assume o núcleo *init* como fazendo parte da entrada lexical de verbos estativos porque ele compartilha propriedades com o mesmo *init* de predicados dinâmicos, como o fato, primeiramente, de o DP argumento na posição de especificador ser a entidade cujas propriedades são a causa para o evento estativo ser obtido e o fato de que verbos estativos são capazes de atribuir Caso acusativo a seus objetos, uma característica também geralmente assumida para o núcleo *init* de predicados dinâmicos.

<sup>10</sup> Tais construções ainda envolvem maiores detalhes técnicos e ainda há em inglês as construções de duplo objeto, sem a preposição *to*, como em (i) abaixo. Como as construções bitransitivas não são o foco deste trabalho, não nos aprofundamos em maiores explicações. Para maiores detalhes, cf. Ramchand (2008, p. 108 *et seq.*).

(i) Alex gave Ariel the ball.

#### 4.2.4 Alternâncias transitivas

Ramchand (2008, p. 90 *et seq.*) chama a atenção para o fato de que verbos transitivos como *melt*, exemplificado na subseção 4.2.1, e *break*, exemplificado em 4.2.2, podem apresentar uma contraparte intransitiva, como é o caso das versões incoativas em (37b) e (38b); contudo, verbos da mesma classe, como *hammer* e *throw*, respectivamente, não apresentam tal alternância, como revela a agramaticalidade dos exemplos em (37d) e (38d) abaixo.

- (37) a. Karena melted the butter.  
 b. The butter melted.  
 c. Karena hammered the metal.  
 d. \*The metal hammered.

- (38) a. Alex broke the stick.  
 b. The stick broke.  
 c. Ariel threw the ball.  
 d. \*The ball threw.

Da mesma forma, as restrições seletivas sobre a posição de sujeito em verbos transitivos que permitem a alternância são menos rígidas que as restrições que atuam sobre verbos não alternantes. Os mesmos verbos *melt* e *break* parecem admitir um conjunto maior de agentes de causação em posição de sujeito, como mostram os exemplos em (39) de Ramchand (2008, p. 96-97), diferente de um verbo como *throw*, que parece ser mais restritivo, como exemplificam as construções marginalmente gramaticais em (40) a seguir.

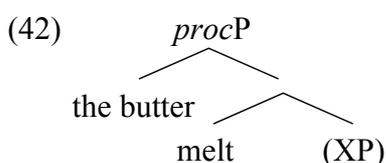
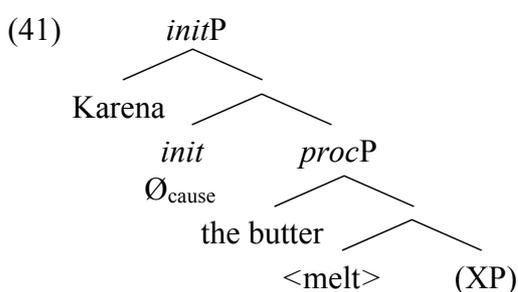
- (39) a. Michael broke the glass.  
 b. The sudden change in temperature broke the glass.  
 c. The storm broke the glass.  
 d. The sun melted the butter.

- (40) a. Michael threw the towel over the fence.  
 b. ??The sudden change in wind direction threw the towel over the fence.  
 c. ??The storm threw the towel over the fence.

Para Ramchand, então, verbos da classe de exemplos como aqueles em (37b) e (38b) são considerados como inacusativos e não possuem em sua entrada lexical o traço [*init*], logo, não possuem a projeção de INICIADOR capaz de licenciar argumentos de causação.

A autora questiona se as alternâncias transitivas que ocorrem em paradigmas como aqueles em (37) e (38) representam uma confluência entre os papéis de INICIADOR e SOFREDOR ou se o primitivo INICIADOR, de fato, não existe em tais verbos, o que se configuraria como um tipo de supressão. Ramchand rejeita a ideia de que haja alguma espécie de detransitivização em tal fenômeno e assume a alternância transitiva como um tipo de causativização, que seria permitida por causa da presença de um núcleo *init* nulo na especificação lexical dos verbos. Portanto, um verbo como *melt* seria especificado apenas como [*proc*] e um verbo como *break* teria a entrada [*proc, res*], com as versões transitivas devendo sempre conter o núcleo *init*, o que indica a semântica de causação inerente a eles. Logo, as diferenças no grau de aceitação entre (39) e (40) mostram que os verbos não alternantes, cujas entradas lexicais identificam [*init*], impõem requerimentos enciclopédicos específicos sobre o item lexical que atua como INICIADOR; os verbos alternantes, por outro lado, possuem um núcleo causador nulo identificando *init* em suas versões transitivas, de modo que os requerimentos sobre o sujeito são mais abstratos, concentrando-se apenas na semântica de causação.

Uma configuração ideal para um exemplo como (37a) seria a árvore em (41) abaixo, e não uma representação aos moldes de (22), como exibida anteriormente na subseção 4.2.1; a versão intransitiva, por sua vez, conteria apenas o núcleo *proc*, como esboçado em (42).



De acordo com Ramchand, a vantagem em se assumir a causativização para os processos de alternância transitiva é que nenhum mecanismo adicional é necessário para isolar a classe relevante de verbos que alternam entre uma versão transitiva e outra intransitiva além daqueles já assumidos pelo sistema de Sintaxe de Primeira Fase. Ou seja, os verbos que alternam são aqueles que não contêm um traço [*init*] em suas entradas lexicais; a versão transitiva, por sua vez, estará sempre disponível por causa da presença de um item lexical nulo (o “sufixo” causativo), pelo menos em línguas como o inglês e, também, o português.<sup>11</sup>

### 4.3 Síntese do capítulo e perspectivas

A partir da apresentação do sistema de Sintaxe de Primeira Fase de Ramchand (2008), pudemos constatar que o verbo é, na verdade, um composto que envolve algum, alguns ou todos os três primitivos semânticos participantes de um evento, ordenados segundo uma relação hierárquica: um subevento de causa (INICIADOR – *init*), um subevento denotando um processo (SOFREDOR – *proc*) e um último subevento que corresponde a um estado resultante (RESULTADO – *res*). A partir da combinação de tais primitivos, obtêm-se distintos tipos verbais, que formam o evento verbal em conjunto com os seus argumentos. O Quadro 1 a seguir sintetiza o sistema de Ramchand, com exemplos representativos em inglês de cada classe verbal.

---

<sup>11</sup> Cf. Ramchand (2008), Capítulo 6, que apresenta línguas como o hindi/urdu, cujo sistema gramatical exhibe visivelmente um sufixo causativo sobre as raízes verbais expressando, justamente, a alternância transitiva.

**Quadro 1** – Quadro-resumo das classes verbais segundo a Sintaxe de Primeira Fase<sup>12</sup>

		[ <i>init, proc</i> ]	
I	Transitivo	INICIADOR, SOFREDOR	<i>drive, dry</i>
	Transitivo	INICIADOR, TRAJETÓRIA	<i>eat, read</i>
II	Intransitivo	INICIADOR <sub>i</sub> , SOFREDOR <sub>i</sub>	<i>dance, run</i>
		[ <i>init, proc, res</i> ]	
III	Transitivo	INICIADOR, SOFREDOR <sub>i</sub> , RESULTADO <sub>i</sub>	<i>break, defuse</i>
	Transitivo	INICIADOR <sub>i</sub> , SOFREDOR <sub>i</sub> , RESULTADO-REMA	<i>enter, find</i>
IV	Intransitivo	INICIADOR <sub>i</sub> , SOFREDOR <sub>i</sub> , RESULTADO <sub>i</sub>	<i>arrive, fall</i>
V	Bitransitivo	INICIADOR, SOFREDOR, RESULTADO	<i>give</i>
		[ <i>proc</i> ]	
VI	Intransitivo	SOFREDOR	<i>melt, roll</i>
		[ <i>proc, res</i> ]	
VII	Intransitivo	SOFREDOR <sub>i</sub> , RESULTADO <sub>i</sub>	<i>break, tear</i>
		[ <i>init</i> ]	
VIII	Transitivo/Intransitivo	INICIADOR	<i>fear, look</i>

Fonte: adaptado de Ramchand (2008, p. 118)

Como será visto no próximo capítulo, o núcleo *res* precisa estar presente na estrutura para que haja o fenômeno de inversão locativa, pois será ele o responsável por abrigar o PP complemento na Sintaxe de Primeira Fase, que será, por sua vez, frontado em operações seguintes, caracterizando as construções de inversão locativa – sendo assim, as classes numeradas como III e IV no Quadro 1 são aquelas capazes de abrigar verbos que exibem o fenômeno de inversão.<sup>13</sup>

Da mesma forma, a classe VII também abrigará verbos capazes de exibir a inversão locativa, já que ela possui o núcleo *res*. A diferença aqui reside no fato de que essa classe é uma contraparte intransitiva da classe III, pois não possui o núcleo *init*. Como detalhado na subseção anterior, esse caso faz parte de uma alternância transitiva, em que se

<sup>12</sup> Os verbos de confluência (denominais e deadjectivais), isto é, aqueles verbos que são derivados a partir da incorporação abstrata do complemento no núcleo da projeção verbal, não são abordados no Quadro 1. Para maiores detalhes sobre todas as classes verbais, cf. Ramchand (2008, p. 100 *et seq.*).

<sup>13</sup> A classe V do Quadro 1 é excluída pois verbos bitransitivos, apesar de apresentarem o núcleo *res*, possuem um argumento PP mais encaixado com traços benefactivos e não traços locacionais, o que os exclui do fenômeno de inversão locativa. Para maiores detalhes, cf. a seção 5.3 do Capítulo 5.

obtem uma versão incoativa de um verbo transitivo. Esse fato será importante para podermos lidar com as estruturas de inversão locativa com verbos ergativizados do PB contemporâneo.

## CAPÍTULO 5

### CONFLUÊNCIA DOS DOMÍNIOS VERBAL E PREPOSICIONAL

---

Neste capítulo, ao contrário do que foi exposto nos Capítulos 1 e 2, em que a inversão locativa foi analisada sob perspectivas lexicais, funcionais, discursivas e gerativistas, segundo autores como Bresnan & Kanerva (1989), Coopmans (1989), Hoekstra & Mulder (1990), Bresnan (1994), Levin & Rappaport Hovav (1995), Pereira (1998), Doggett (2005), Avelar & Cyrino (2008), Avelar (2009), Munhoz (2011) e Munhoz & Naves (2012), objetivamos investigar o fenômeno em português para além do domínio puramente lexical e de questões minimalistas como concordância e checagem de traços, atentando-se, em vez disso, para o evento verbal projetado pelo verbo e também para o sintagma encabeçado pela preposição locativa ou de trajetória presentes na construção do Evento de Movimento. Para tanto, são utilizados como aparato teórico os princípios e pressupostos da Sintaxe de Primeira Fase (Ramchand, 2008) para o domínio verbal, como visto no Capítulo 4, e da nanossintaxe (Starke, 2009; Svenonius *et al.*, 2009; Pantcheva, 2011 *inter alia*) para o domínio preposicional, como apresentado no Capítulo 3 a partir da decomposição do PP.

A partir do que foi exposto até aqui nesta tese, a hipótese levantada para explicar os casos de inversão locativa em português é que há uma confluência entre traços específicos presentes nos domínios verbal e preposicional para que a inversão locativa ocorra. Mais especificamente, acreditamos que o fenômeno acontece em estruturas que combinam uma projeção verbal codificando argumentos de causação, processo e resultado (isto é, exibindo os núcleos *init*, *proc* e *res*, respectivamente) com um PP remático locativo de caráter argumental; e de modo especial para os casos inovadores do PB, ou seja, aqueles casos com verbos transitivos ergativizados e com verbos transitivos e inergativos sem tema e/ou agente, é que, a partir de uma alternância causativa, o argumento causador dá lugar ao PP locativo, que ocupa a posição inicial da sentença. Sendo assim, não se pode considerar que o fenômeno de inversão locativa está restrito a uma classe específica de verbos, como os intransitivos ou, de modo mais restrito, a verbos inacusativos e de movimento, como defendido por Levin & Rappaport Hovav (1995), conforme visto no Capítulo 1. Pelo contrário, a inversão locativa depende de um conjunto específico de primitivos semânticos presentes no evento verbal, mais especificamente, do compósito de traços [*init*, *proc*, *res*], correspondentes aos componentes

eventivos INICIADOR, SOFREDOR e RESULTADO, respectivamente, e no sintagma locativo e/ou de trajetória encabeçado por uma preposição contendo a ideia de LUGAR e/ou TRAJETÓRIA.

Como apresentado no Capítulo 2, Avelar & Cyrino (2008) levantam uma série de exemplos de inversão locativa que ocorre em PB com outros tipos de verbos além dos inacusativos, ao contrário das demais línguas românicas, que aceitam um conjunto de classes restrito de verbos. Em (1) abaixo, são repetidos alguns exemplos dos autores de inversão locativa com verbos inacusativos, inergativos, transitivos ergativizados, transitivos sem tema e agente e inergativos sem agente, respectivamente (vale lembrar que, em PE, tais sentenças não são aceitas).

- (1)
- a. Na casa da Maria chegou algumas cartas.
  - b. Naquela fábrica trabalha muitos amigos meus.
  - c. Naquele bairro aluga casa de todos os preços.
  - d. Nas cidades do interior não sequestra tanto como nas grandes capitais.
  - e. Na casa da Maria dorme cedo.

Os exemplos em (1a) e (1b) podem ser tratados como casos tradicionais de inversão locativa, em que a reorganização interna entre os constituintes da sentença revela que a ordem [V DP(sujeito)] está restrita a determinados tipos de verbo, além de condições impostas pelo DP, como traços de agentividade, definitude e especificidade (Coelho, 2000), ou, ainda, tal ordem só é licenciada graças à presença do elemento locativo (nulo ou manifesto) à esquerda da oração (Pilati, 2006).

Os exemplos mais interessantes em PB correspondem àqueles apresentados em (1c-e), por constituírem-se como ocorrências de alternância causativa, em que o argumento causador é deposto e o argumento locativo ocupa a primeira posição na sentença, com o argumento pós-verbal, caso ele de fato esteja presente, como em (1c), não correspondendo a um sujeito nem lógico, nem estrutural. O nome “inversão locativa” nesses casos, então, não corresponderia exatamente a uma inversão entre o sujeito e o verbo após a subida do constituinte locativo para a primeira posição na sentença, todavia, na falta de uma nomenclatura mais propícia na literatura linguística ao fenômeno amplamente atestado em uma língua como o PB, pelo menos, manteremos o termo.

É preciso ainda levar em consideração os casos de inversão locativa em que um argumento de caráter locativo ou de trajetória ocupa a primeira posição da sentença sem, contudo, exibir visivelmente uma preposição encabeçando tal constituinte, como demonstram

os exemplos abaixo em (2), apresentados por Munhoz & Naves (2012) e Avelar & Cyrino (2014).

- (2) a. Esse caminhão cabe toda a mudança.  
 b. As ruas do Centro não tão passando ônibus.  
 c. Apenas três desses cinco monitores aparecem imagens.

Como se nota acima, de modo visível nas sentenças em (2b) e (2c) de Avelar & Cyrino (2014), há concordância entre o argumento locativo e o verbo – dessa forma, na esteira de pesquisadores como Pontes (1987), Galves (1998), Munhoz (2011) e Andrade & Galves (2014), estaremos definindo o constituinte locativo em primeira posição na sentença como um sujeito locativo, já que ele é licenciado em [Spec,TP], a mesma posição em que PPs locativos em construção de inversão são licenciados, conforme defendido por Avelar (2009). A lexicalização do núcleo preposicional acontece por meio de sincretismo por conta dos traços presentes no verbo, já que o argumento locativo não apresenta claramente uma preposição encabeçando o sintagma.

Nas próximas seções, será desenvolvido um percurso em partes até culminar, na seção 5.3, na confluência dos domínios verbal e preposicional a fim de se tentar explicar o fenômeno de inversão locativa em português: primeiramente, em 5.1, serão detalhadas as entradas lexicais para as principais preposições locativas e direcionais do português, bem como será assumido o movimento de núcleo para essa língua, com o objetivo de se obter uma linearização adequada para os itens preposicionais; já em 5.2, será discutido o sincretismo espúrio em português, com o objetivo de se mostrar a importância do verbo em conjunção à preposição na lexicalização dos itens espaciais da língua. Por fim, em 5.4 serão apresentadas as construções de sujeito locativo, estruturas em que argumentos com conceitos espaciais, porém, sem a presença explícita de uma preposição, são alçados para a posição de sujeito, uma inovação do PB moderno.

### **5.1 Entrada lexical dos PPs locativos e direcionais e o movimento de núcleo**

Como visto no Capítulo 3, na nanossintaxe as entradas lexicais correspondem a pedaços de estrutura sintática estocados no léxico, cuja representação ainda abarca um conteúdo fonológico e outro conceptual. Por meio do procedimento de *Spell-out*, os itens

formam-se a partir da substituição de um pedaço de árvore sintática por uma entrada lexical, assim derivando a estrutura sintática.

A partir dos exemplos de intuição de inversão locativa já discutidos ao longo desta tese e também dos dados extraídos de *corpus* apresentados no Capítulo 2, constatamos que *em*, que é derivada da preposição latina *in* e pode indicar ainda outras relações semânticas, como modo, fim, matéria, causa e forma, é a preposição arquirrepresentante de lugar em português. Outras preposições que podem compor o Evento de Movimento em português, a partir da observação de dados, são, sem sermos exaustivos, *a*, *ante*, *até*, *de*, *entre*, *para*, *por*, *sob*, *sobre* e *trás*. Preposições complexas, que envolvem, geralmente, a combinação entre preposições e morfemas espaciais (cf. Pires, 2010), como *por baixo de*, *em cima de*, *em direção a*, *para fora de* etc., também podem figurar em construções que envolvem domínios espaciais e direcionais, em que percebemos visivelmente em português a conjunção entre mais de um núcleo sintático (em especial, em combinação com o núcleo AxPart), da mesma forma como observado visivelmente com algumas línguas aglutinantes exemplificadas no Capítulo 3 com os dados de Pantcheva (2011), em que cada afixo representa uma unidade significativa.

Concentrando-se, por ora, na preposição *em*, podemos ver em (3) abaixo que esse item lexical pode encabeçar um PP contendo um DP Fundo com as mais diferentes gradações de lugar, partindo de um lugar geográfico, o que se nota nitidamente em (3a), com o DP *Cuba*, até lugares mais abstratos, como *meu coração*, em (3e).

- (3)
- a. O Paulo vive *em Cuba*.
  - b. O mico-leão-dourado reside *nas florestas litorâneas do Brasil*.
  - c. A Maria mora *no fim da rua*.
  - d. O Carlinhos está escondido *no banheiro*.
  - e. A Joana habita *em meu coração*.

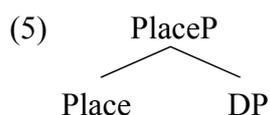
Como a noção semântica de LUGAR está claramente presente nas construções exemplificadas em (3), podemos definir a entrada lexical de *em* como em (4) abaixo, em que se combinam um expoente fonológico e uma estrutura estocada no léxico.

- (4) *em* ⇔ < /em/<sup>1</sup>, Place >

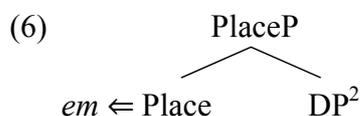
---

<sup>1</sup> As representações entre barras seguem uma transcrição mais fonêmica, uma vez que não estamos interessados aqui em uma representação fonética detalhada dos itens lexicais.

Seguindo os pressupostos da nanossintaxe já discutidos ao longo desta tese, a derivação de um PP como *em Cuba*, ilustrado em (3a), inicia-se com a concatenação externa do DP ao núcleo Lugar, como mostrado na representação em (5) abaixo, ao qual se segue, imediatamente, uma rodada de acesso lexical, já que tal configuração arbórea constitui-se como um ciclo completo.



Primeiramente, o procedimento de lexicalização faz o *Spell-out* do nó DP com o nome *Cuba*. Após, obedecendo ao requerimento de que a lexicalização ocorre ordenadamente da direita para a esquerda e em direção ao topo da estrutura, Lugar é o próximo alvo, de forma que o procedimento de lexicalização busca uma entrada no léxico que possa preenchê-lo: *em*, que possui a entrada lexical descrita em (4) anteriormente, é o item que lexicaliza o núcleo Lugar, já que é compatível perfeitamente com a árvore sintática, como representado abaixo em (6).



Preposições como *a* e *para*, por seu turno, carregam a noção semântica de ALVO, em que a Figura direciona-se para um ponto definido no espaço por meio de uma trajetória delimitada, ou seja, há uma transição de um domínio espacial para um outro domínio espacial complementar, que se configura como o ponto final da trajetória, representado pelo Fundo (cf. Zwarts, 2008). Em (7) abaixo, podem ser acompanhados alguns exemplos em português com o uso de *a* e *para*.<sup>3</sup>

- (7)
- a. Os meus pais viajaram *para Portugal*.
  - b. Eu vou caminhando todos os dias *para o meu trabalho*.
  - c. Ontem eu fui *ao teatro*.

<sup>2</sup> Como já referido em nota de rodapé no Capítulo 3 com o trabalho de Pantcheva (2011), os DPs complementos das preposições não serão marcados por inserção de material lexical nas representações arbóreas, visto que o foco desta tese é o domínio preposicional e verbal.

<sup>3</sup> Estudos na área da sociolinguística, como o de Mollica (1996), apontam para uma tendência, em PB, para a perda da preposição *a*, que vem sendo substituída por *para* e *em*; a mesma variação não se aplica para o PE, contudo.

d. O Pedro chegou *ao fundo do poço!*

É de se notar que, diferentemente dos exemplos trabalhados por Pantcheva (2011) e discutidos no Capítulo 3, o português é uma língua estritamente preposicional, que não contém elementos sufixais ou marcadores livres inseridos pós-nominalmente para expressar noções espaciais e direcionais. Como visto, ao decompor o núcleo Trajetória, Pantcheva se detém quase que exclusivamente, em sua análise, em línguas que exibem elementos sufixais ao nome para indicar uma ideia de espaço e/ou trajetória. A autora, então, lança mão de conceitos importantes dentro da nanossintaxe para dar conta da correta linearização da estrutura, como o movimento impulsionado pelo *Spell-out*, que evacua nódulos que obstruem a compatibilidade entre a entrada lexical e a árvore sintática.

Para preservar a correta linearização dos elementos adposicionais na estrutura oracional do português, assumimos, na esteira de Caha (2010)<sup>4</sup>, que as entradas lexicais não possuem projeções máximas, portanto, a diferença entre línguas prefixais/preposicionais e sufixais/posposicionais não reside, enfim, no conjunto de um determinado parâmetro, mas na variação do inventário lexical. Em detalhes, tal assunção deriva da afirmação abaixo em (8), apresentada por Caha (2010, p. 36).

(8) *Hierarquia preposicional:*

- a. Se a expressão de um caso em particular na sequência de Caso (abaixo) envolve uma preposição, então todos os casos à sua direita também envolvem uma preposição;
- b. Sequência de Caso: NOM-ACC-GEN-DAT-INS-COM.<sup>5</sup>

Para o autor, cada Caso em (8b) é relacionado a uma projeção funcional localizada acima do DP, ordenada em uma sequência funcional; sendo assim, a variação observada entre as línguas (ou dentro da própria língua) seria o resultado do movimento do DP dentro da sequência estabelecida, ou seja, a variação na altitude do movimento explicaria as diferenças entre uma marcação prefixal ou sufixal. Como o gatilho para o movimento não escaparia de

<sup>4</sup> A proposta de Caha (2010) procura explicar, dentre outros tópicos, as possibilidades de marcação casual nas línguas naturais – ou prefixal/preposicional ou sufixal/posposicional –, além da alternância dentro do sistema gramatical de uma mesma língua, como é o caso do árabe moderno, que passa de uma marcação sufixal em sintagmas de sujeito, objeto e possuidor, para uma marcação preposicional em argumentos dativos e instrumentais.

<sup>5</sup> Tradução nossa do original: “*The preposition hierarchy: a) If the expression of a particular case in the Case sequence (below) involves a preposition, then all cases to its right do as well; b) The Case sequence: NOM-ACC-GEN-DAT-INS-COM.*”

uma solução *ad hoc*, Caha assume o movimento como guiado pelo formato das entradas lexicais (cf. Svenonius *et al.*, 2009; seção 3.2.2 do Capítulo 3).

Outrossim, para uma língua preposicional como o português, a entrada lexical para as preposições obedeceria a um formato sem a presença da projeção máxima, logo, as preposições não podem lexicalizar nódulos sintagmáticos e, por conseguinte, não induzem a uma evacuação do DP, o que resultaria em uma posposição. A entrada lexical, então, para preposições como *a* e *para*, exemplificadas em (7), segue abaixo como em (9a) e (9b), respectivamente.<sup>6</sup>

- (9) a.  $a \Leftrightarrow \langle /a/, \begin{array}{c} \text{Goal} \\ \diagdown \quad \diagup \\ \text{Place} \quad \text{Goal} \end{array} \rangle$       b.  $para \Leftrightarrow \langle /para/, \begin{array}{c} \text{Goal} \\ \diagdown \quad \diagup \\ \text{Place} \quad \text{Goal} \end{array} \rangle$

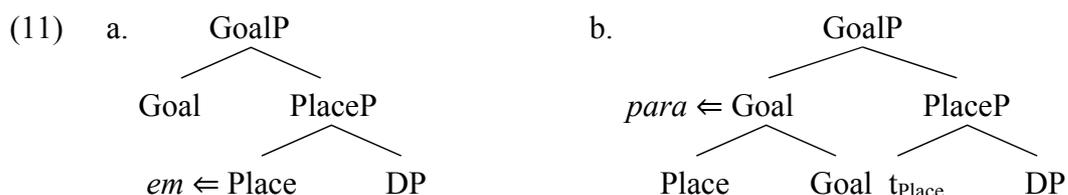
Para um PP como *para o meu trabalho*, exemplificado em (7b), teríamos, inicialmente, a configuração em (10a) abaixo, com a concatenação do núcleo Lugar ao DP, resultando na projeção máxima de Lugar. Como (10a) se constitui como um ciclo, uma rodada de lexicalização precisa acontecer e a Lexicalização Exaustiva Cíclica precisa ser satisfeita, com todo traço sintático sendo lexicalizado ao fim da operação. Após o DP sofrer *Spell-out*, um bom candidato para preencher o núcleo Lugar seria a preposição *em*, com sua entrada lexical apresentada anteriormente em (4) sendo compatível, como esboçado em (10b). Mesmo a projeção máxima de Lugar não sofrendo *Spell-out*, o requerimento de Lexicalização Exaustiva Cíclica é satisfeito, dado que todos os seus filhos são preenchidos com material lexical.

- (10) a.  $\begin{array}{c} \text{PlaceP} \\ \diagdown \quad \diagup \\ \text{Place} \quad \text{DP} \end{array}$       b.  $\begin{array}{c} \text{PlaceP} \\ \diagdown \quad \diagup \\ em \Leftarrow \text{Place} \quad \text{DP} \end{array}$

Passando para o próximo ciclo, o núcleo Alvo é concatenado à estrutura, resultando na configuração em (11a) a seguir. Com mais uma rodada de lexicalização empreendida, o núcleo Alvo e nem sua projeção máxima acham uma entrada lexical compatível com a estrutura. Dessa forma, para a correta compatibilidade, acontece um movimento do núcleo

<sup>6</sup> Como a preposição *a* vem sendo substituída por *para* (cf. nota de rodapé 3), estamos assumindo que ambas as preposições possuem as mesmas entradas lexicais, dado que o conceito subjacente a elas é, de fato, ALVO. Apesar de *para* carregar ainda, em determinados contextos, um estado de permanência no espaço delimitado pelo sintagma de Fundo que *a* não possui, tal preposição não pode ser comparada a *até*, por exemplo, que possui uma noção de LIMITE, com um estado terminativo bem delimitado.

Lugar para o núcleo Alvo, resultando em um núcleo complexo Alvo; a partir de tal movimento, a árvore sintática encontra um item lexical compatível com a sua estrutura, como o apresentado em (9b), e *para* é inserido, satisfazendo, assim, o requerimento de Lexicalização Exaustiva Cíclica, como visto em (11b). Ao fim, a preposição *em*, inserida no ciclo anterior, desaparece, já que a inserção de *para* no nóculo mais alto que encabeça o núcleo complexo Alvo descarta todos os materiais lexicais inseridos previamente nos nóculos mais baixos.<sup>7,8</sup>



Já preposições indicando FONTE, como é o caso de *de*, em português, possuem um sentido oposto àquele representado pelas preposições de ALVO, visto que, dessa vez, o elemento representado pelo Fundo indica um ponto inicial do movimento (cf. Zwarts, 2008). Em (12) abaixo, podem ser acompanhados alguns exemplos com a preposição *de*.

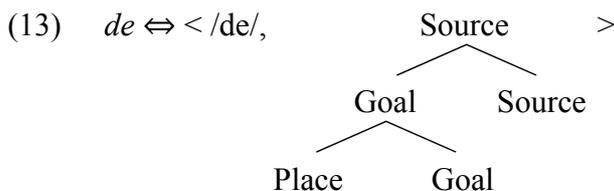
- (12) a. Muitos habitantes de São Paulo vieram *do continente asiático*.  
 b. A Maria saiu *da piscina* toda suja!  
 c. O assaltante pulou *do trem em movimento*.  
 d. Essas mensagens de amor foram tiradas *do fundo do meu coração*.

Desta vez, a entrada lexical para uma preposição como *de* abarcará os núcleos Alvo e Lugar, sendo, por sua vez, encabeçados pelo núcleo Fonte, como acompanhado a seguir em (13), posto que *de* carrega, prototipicamente, um conceito semântico de FONTE.

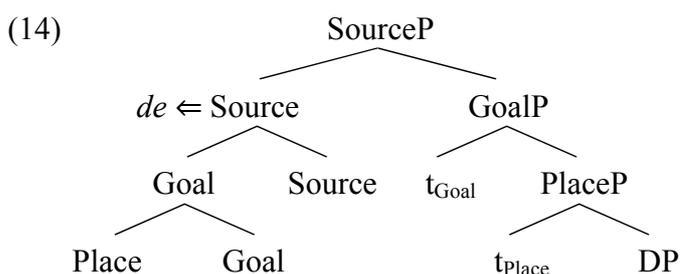
<sup>7</sup> Como o português não é uma língua aglutinante em que se percebe claramente a formação de palavras a partir da união de diversos morfemas, como grande parte das línguas vistas no Capítulo 3, assumimos aqui, para fins de exemplificação, que *em* participa de uma derivação como (11), tendo em mente que, na verdade, é um item lexical contendo o traço [Place] que está em jogo.

<sup>8</sup> É de se notar que, à primeira vista, a preposição *em*, em PB, também pode lexicalizar o núcleo Alvo em construções como aquelas em (i) a seguir. Porém, como será visto na subseção 5.2 adiante, o domínio preposicional de tais estruturas é lexicalizado com a colaboração do domínio verbal, numa configuração caracterizadora de sincretismo espúrio (cf. Son & Svenonius, 2008; Pantcheva, 2011).

(i) A Maria foi *na padaria/no cinema/na casa da minha mãe*.



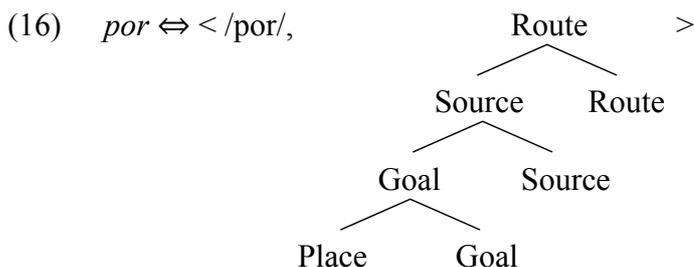
A derivação de um PP como *da piscina*, exemplificado em (12b), tem início com a concatenação do DP ao núcleo Lugar e a consequente rodada de lexicalização; em seguida, um novo ciclo é iniciado com a concatenação externa do núcleo Alvo e, consequentemente, mais um procedimento de *Spell-out*, atendendo, assim, aos requerimentos da Lexicalização Exaustiva Cíclica (tais passos podem ser visualizados a partir das derivações em (10) e (11) discutidas anteriormente e não serão repetidos aqui). Com a entrada do núcleo Fonte na derivação, ao sofrer *Spell-out*, todo o complexo encabeçado pelo núcleo Alvo é movido para o núcleo Fonte, resultando na correta compatibilidade entre a entrada lexical do item *de*, segundo (13) acima, e a árvore sintática, como pode ser visto abaixo em (14).



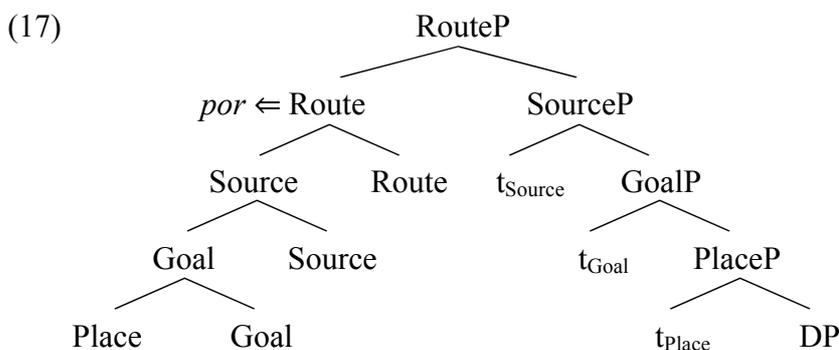
Expressões de ROTA, por sua vez, podem ser representadas em português por uma preposição como *por*, que indica algum ponto intermediário a respeito do espaço denotado pelo DP Fundo. Diferentemente de ALVO e FONTE, no Evento de Movimento representado por ROTA não se sabe exatamente os pontos inicial e final da trajetória, como pode ser percebido nos exemplos em (15).

- (15)
- a. Aquelas aves migratórias voaram *pela América*.
  - b. O teu amigo saiu *por aqui*.
  - c. O José passou correndo *pela multidão*.
  - d. O Zeca está passando *por uma situação difícil*.

Seguindo as derivações anteriores, na entrada lexical encabeçada pelo núcleo Rota estarão contidos ordenadamente os núcleos Fonte, Alvo e Lugar, como visto a seguir em (16).



Por seu turno, a derivação de um sintagma como *pela multidão*, em (15c), segue os mesmos passos vistos em (14) anteriormente. A partir, então, da concatenação externa de Rota, a lexicalização ideal se dá após o movimento nuclear do núcleo Fonte para o núcleo Rota, tornando, assim, a entrada lexical em (16) compatível com a árvore sintática, como pode ser acompanhado abaixo em (17).

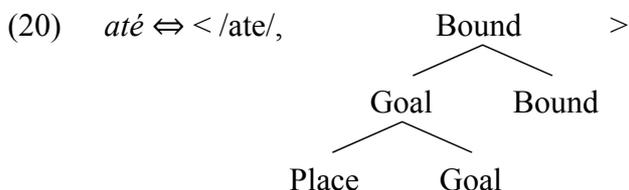


O último exemplo de que tratamos nesta seção é da preposição *até*, que porta um conceito de LIMITE, com uma trajetória terminativa. Alguns exemplos podem ser acompanhados em (18), em que o Evento de Movimento só é “completado” quando o DP Figura atinge o seu ponto final e aí se mantém. A diferença entre *até* e uma preposição como *para* é muitas vezes sutil, como se pode perceber pela comparação entre (18a) e (19) abaixo: enquanto que em (18a) tem-se a ideia de que o menino correu até a escola e ali parou, em (19) parece que o menino pode, além de parar diante da parede externa da escola, continuar correndo em volta da escola ou mesmo entrar nela, por exemplo.

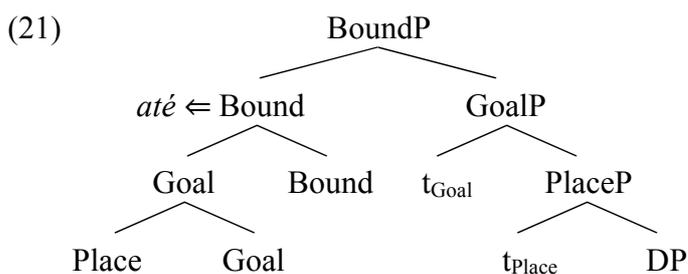
- (18) a. O menino correu *até a escola*.  
 b. O policial perseguiu o ladrão *até o fim da rodovia*.  
 c. Uma mãe defende seu filho *até as últimas consequências*.

- (19) O menino correu *para a escola*.

Como *até* compreende um LIMITE terminativo com um ponto final, a sua entrada lexical contém o núcleo Alvo, que, por sua vez, contém o núcleo Lugar, como esboçado em (20) abaixo.



A derivação da estrutura segue os mesmos passos daqueles vistos anteriormente, com a formação, ao fim, do núcleo complexo Limite após o movimento do núcleo Alvo para o seu domínio e a exata combinação entre a entrada lexical e a árvore sintática, como representado em (21).



A partir da apresentação das entradas lexicais para um conjunto de preposições que indicam a noção semântica de LUGAR e TRAJETÓRIA, como exposto ao longo desta seção, assumimos que somente aquelas que portam pelo menos um traço [Place] em seu inventário lexical é que serão capazes de figurar em uma construção de inversão locativa.<sup>9</sup> Sintagmas dativos/benefactivos, instrumentais, comitativos e genitivos, mesmo quando encaixados em algumas sentenças de inversão locativa aos moldes daquelas apresentadas em (1) no início deste capítulo, resultam em agramaticalidade ou marginalidade, como exemplificado em (22) abaixo.

- (22) a. ??À Maria chegou algumas cartas.  
 b. \*Para pessoas ricas aluga casa de todos os preços.  
 c. ??Com uma chave-inglesa trabalha muitos amigos meus.  
 d. \*Com a Maria dorme cedo.

<sup>9</sup> Da mesma forma, sintagmas com um núcleo temporal (relativo a um constituinte temporal e não a uma marca gramatical) também permitem a inversão locativa (cf. nota de rodapé 1 do Capítulo 1).

e. ??Do João pegou a Maria o guarda-chuva.

## 5.2 Sincretismo espúrio

Consideremos os exemplos abaixo em (23), em que a mesma preposição *em* é utilizada em diferentes construções.

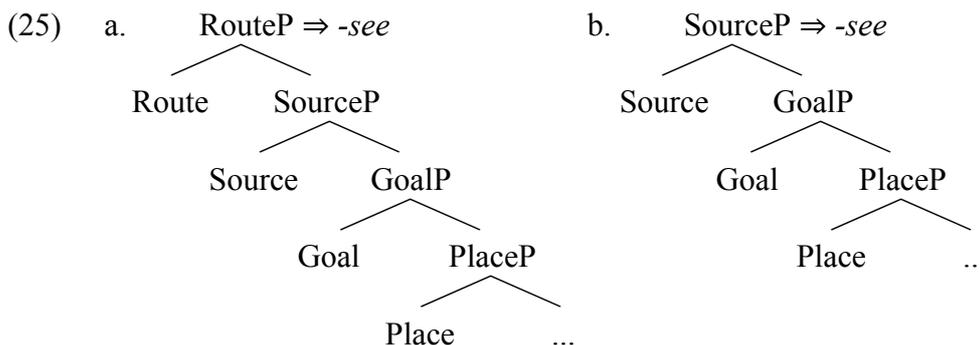
- (23) a. O João mora no Centro.  
b. O João foi na padaria.

Em (23a), *em* encabeça um PP meramente locativo, que é complemento do verbo estativo *morar*, enquanto que, em (23b), o PP encabeçado por *em* é complemento do verbo de movimento direcionado inerente *ir*, em que a noção semântica veiculada pela preposição é ALVO. Levando-se em conta que *em* possui a entrada lexical vista na seção anterior em (4), com a presença apenas de [Place], temos que considerar que a estrutura subjacente à expressão direcional de um PP como *na padaria*, visto em (23b), é lexicalizada com a colaboração do elemento verbal, como sugerido por Son & Svenonius (2008).

Pantcheva (2011) estabelece uma distinção entre línguas que apresentam um real sincretismo nos marcadores espaciais e direcionais daquelas que, na verdade, demonstram tal sincretismo com o auxílio de elementos verbais, logo, diz-se que o sincretismo é espúrio, ilegítimo. Para explicitar tal padrão nas línguas, a autora exemplifica com algumas estruturas do hindí, que apresenta um sincretismo real, e do persa, que é espúrio, assim como queremos defender no PB.

Como exibido na seção 3.2 do Capítulo 3, o hindí possui o marcador de Caso ablativo *-see*, ambíguo entre as trajetórias de ROTA e FONTE, como repetido abaixo em (24). A ambiguidade de *-see* deve-se ao fato de o procedimento de *Spell-out* atuar sobre duas diferentes estruturas: uma de Rota, como apresentado em (25a), e outra de Fonte, como em (25b) a seguir.

- (24) Baccaa kaar-ke saamne-see calaa.  
child car-GEN front-ABL walk.PERF  
(i) ‘The child walked via in front of the car’ (ROTA)  
(ii) ‘The child walked from in front of the car’ (FONTE)



Da mesma forma, diz-se que o persa também possui um marcador ambíguo entre ROTA e FONTE: a preposição *æz*. Em expressões de ROTA, contudo, tal preposição só é utilizada em combinação com os verbos *gozæshtæn*, que significa “ir”, e *ræd shodæn*, que significa “passar por”, como pode ser acompanhado nos exemplos abaixo em (26) de Pantcheva (2011, p. 197).

- (26) a. Bæchche æz baq gozæsht.  
 child from garden passed.3SG  
 ‘The child went via the garden’
- b. Bæchche æz pol ræd shod.  
 child from garden pass became.3SG  
 ‘The child passed by the bridge’

Quando combinada com qualquer outro verbo de movimento, o PP encabeçado por *æz* resulta apenas em uma interpretação de FONTE e nunca em um sentido de ROTA, como se nota pelo contraste abaixo.

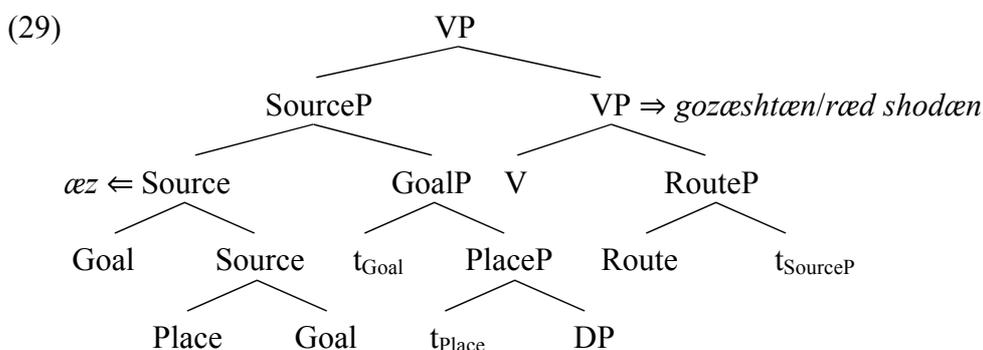
- (27) Bæchche æz baq doid.  
 child from garden ran.3SG
- (i) \*‘The child ran via the garden’ (ROTA)
- (ii) ‘The child ran from the garden’ (FONTE)

Os exemplos do persa são bastante diferentes daqueles do hindi, pois, em persa, o sentido de ROTA da preposição *æz* requer um verbo que porte um significado particular de ROTA, enquanto que, em hindi, o sentido de ROTA de *-see* está disponível com um conjunto irrestrito

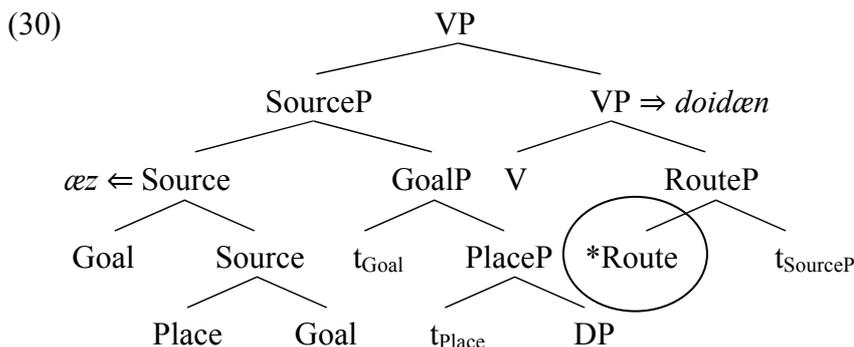
de verbos de movimento, como visto com o verbo traduzido como *walk* anteriormente em (24), e também com o verbo traduzido como *fly* em (28) abaixo.

- (28) CiRijaa Jhiil-ke upar-see uRi.  
 bird lake-GEN above-ABL flew
- (i) ‘The bird flew via above the lake’ (ROTA)  
 (ii) ‘The bird flew from above the lake’ (FONTE)

Pantcheva conclui, então, que a preposição *æz* em persa não é realmente ambígua entre ROTA e FONTE, já que expressa somente FONTE. Como ROTA está disponível apenas com dois verbos particulares – *gozæshtæn* e *ræd shodæn* –, pode-se assumir que eles lexicalizam um pedaço da estrutura sintática que é necessário para que a projeção de Fonte se torne uma projeção de Rota. Como detalhado na representação arbórea em (29) abaixo, o procedimento de *Spell-out* de *gozæshtæn* e *ræd shodæn* não é responsável apenas pela porção verbal da sequência funcional, mas também pelo núcleo Rota, com a preposição *æz* lexicalizando o núcleo complexo Fonte, formado pelo movimento nuclear dos núcleos Lugar e Alvo, dado que o persa é uma língua preposicional.



Por sua vez, de acordo com Pantcheva, verbos que não possuem uma contraparte de ROTA em suas entradas lexicais, como o verbo de maneira de movimento *doidæn* visto anteriormente em (27), não podem expressar uma trajetória de ROTA com PPs encabeçados por *æz*. Dessa forma, o núcleo Rota, ao fim da derivação, permanece não lexicalizado, o que fere os requerimentos de Lexicalização Exaustiva Cíclica, e a estrutura acaba fracassando, como esboçado em (30) a seguir.



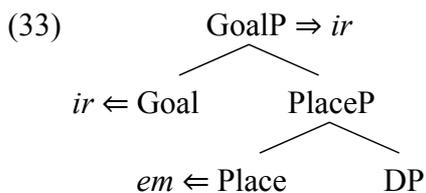
Da mesma maneira como acontece no persa, acreditamos que o sincretismo espúrio também ocorre em português, pelo menos com alguns verbos de movimento, como é o caso de *ir*. Como exemplificado em (23) anteriormente e repetido abaixo em (31), o PP nucleado por *em* pode tanto ser interpretado como LUGAR quanto ALVO.

- (31) a. O João mora no Centro. (LUGAR)  
 b. O João foi na padaria. (ALVO)

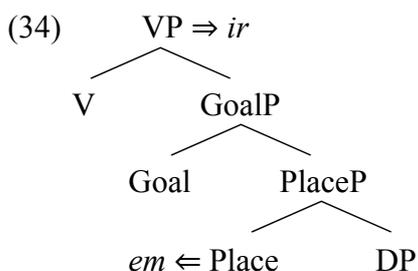
As especificações lexicais associadas com as suas respectivas entradas podem ser acompanhadas abaixo em (32), com (32a) correspondendo à construção em (31a) e (32b), ao exemplo em (31b).

- (32) a.     V     Place   DP  
           |     |  
           *morar*   *em*
- b.     { V     Goal }   Place   DP  
           |           |  
           *ir*         *em*

Sendo assim, na derivação de um predicado como *foi na padaria*, visto acima em (31b), o verbo *ir* participa, além da lexicalização de seu núcleo verbal, obviamente, também do núcleo Alvo, com a preposição *em* preenchendo o seu núcleo Lugar prototípico. Considerando que PPs encabeçados por *em* obedecem à derivação já descrita como em (6) na seção anterior, com a concatenação externa do núcleo Alvo, temos mais um ciclo formado, o que necessita de uma rodada de lexicalização em conformidade à Lexicalização Exaustiva Cíclica, com *ir* preenchendo a projeção de Alvo, como representado em (33) a seguir.



Visto que o verbo *ir* também é especificado para o núcleo Alvo (além de sua contraparte verbal), ele pode sofrer *Spell-out* em tal núcleo, mesmo com sua entrada lexical sendo maior, pois, pelo Princípio de Superconjunto, é permitido que uma dada entrada lexical lexicalize estruturas sintáticas que sejam menores que a estrutura para a qual ela é especificada. Ao fim, com a concatenação do verbo à estrutura, temos a lexicalização ideal, desta vez com a combinação idêntica entre a entrada lexical do verbo e a árvore sintática, como esboçado abaixo em (34).<sup>10</sup>



É interessante notar que sentenças com o verbo *ir* realmente precisam de um complemento Fundo para serem saturadas, pois senão resultam como agramaticais. Como notado por Eugênio Souto (2014), em construções não marcadas por interpretação de foco, por configuração do tipo pergunta-resposta, por discurso prévio ou, ainda, pelo uso de expressões pronominais, adverbiais e de negação, *ir*, em PB, subcategoriza dois elementos, sendo um deles de natureza locativa, como se nota pelo exemplo em (35) abaixo.

(35) A Maria foi \*(no zoológico).

A possível agramaticalidade da sentença exemplificada em (35), sem a presença do argumento *o zoológico*, pode ser explicada pelo fato de o verbo *ir* possuir, em sua entrada

<sup>10</sup> Vale lembrar que precisamos assumir, ainda, que a projeção Lugar deve se mover para que a entrada lexical de *ir* coincida com a árvore sintática, pois, pelo Princípio de Superconjunto, a árvore sintática nunca pode ser maior que a entrada lexical, ou seja, os traços não expressos devem se restringir à entrada lexical. Sem nos comprometermos com maiores detalhes aqui, podemos dizer que *na padaria*, na derivação em (34), sobe para domínios mais altos na estrutura em decorrência de requerimentos de Caso (cf. Caha, 2009).

lexical, a projeção do traço [Goal], que precisa de um PP com noções espaciais em sua configuração.<sup>11</sup>

O sincretismo espúrio também pode ser notado a partir da combinação entre verbos de maneira de movimento e PP-*em*, como revelam os exemplos abaixo em (36) e (37), com os sentidos de LUGAR e ALVO, respectivamente.

- (36) a. Os meus pais já voaram na Air France. (LUGAR)  
 b. A borracha voou na cabeça do professor. (ALVO)
- (37) a. A bola rolou na grama. (LUGAR)  
 b. A bola rolou no gol. (ALVO)

Porém, a mesma combinação com verbos como *correr* e *pular* pode gerar dúvidas se, de fato, o PB não possui também um sincretismo real como o descrito em hindi anteriormente. Em (38) abaixo, há ambiguidade, com a mesma construção podendo veicular simultaneamente os sentidos de LUGAR e ALVO. Apesar de tais exemplos, acreditamos que, para efeitos de uniformidade, o sincretismo seja espúrio, com o verbo sendo responsável pelo conceito semântico de ALVO.

- (38) a. O moleque correu no supermercado.  
 b. Todas as meninas pularam ao mesmo tempo na piscina.

Na verdade, se nos atentarmos ao domínio verbal e o decomposmos detalhadamente em um modelo de Sintaxe de Primeira Fase, como descrito no Capítulo 4, podemos ver que os verbos *correr* e *pular* possuem entradas lexicais distintas para um sentido de LUGAR ou de ALVO. Enquanto que para o sentido de LUGAR a entrada lexical seria correspondente ao descrito em (39a) a seguir, para a noção semântica de ALVO a entrada corresponderia a (39b). Isso pode ser comprovado a partir da derivação de uma sentença como (38a) em (40), em que, com locuções adverbiais do tipo “por X tempo”, o sentido de ALVO é barrado, já que verbos de causação, processo e resultado são obrigatoriamente télicos.

<sup>11</sup> Levando-se em conta o processo de mudança que ocorre em PB (cf. nota de rodapé 3), com a diminuição do uso da preposição *a*, que está dando espaço à preposição *em*, podemos aventar a hipótese de que, em construções de movimento com um alvo direcionado, *ir* vem “incorporando” o traço [Goal] em sua entrada lexical, já que *em* porta consigo apenas o traço [Place]. Em PE, pelo contrário, *ir* não possuiria o traço [Goal], já que a preposição *a*, que é usada em complementos direcionais nessa língua, carrega inerentemente o conceito de ALVO.

- (39) a. Entrada lexical para *correr/pular* (LUGAR): [*init<sub>i</sub>, proc<sub>i</sub>*]  
 b. Entrada lexical para *correr/pular* (ALVO): [*init<sub>i</sub>, proc<sub>i</sub>, res-REMA*]
- (40) a. O moleque correu no supermercado por três minutos. (LUGAR)  
 b. \*O moleque correu no supermercado por três minutos. (ALVO)

Em uma construção com a entrada em (39a), o PP-*em* seria um adjunto sobre o qual se afirma que o DP *Figura* fez uma trajetória; por outro lado, em (39b), o PP-*em* remático atua como um complemento do núcleo mais baixo, descrevendo o resultado final sofrido pelo DP *Figura* – ou seja, numa construção como em (38b), por exemplo, o estado final do evento corresponderia ao fato de todas as meninas encontrarem-se no interior da piscina após terem pulado; em tal construção, a porção final da entrada lexical do verbo carrega consigo também um traço [Goal], que resultará no conceito de ALVO veiculado pela estrutura.

Tendo em mente a confluência dos domínios verbal e preposicional na atuação de determinados fenômenos sintáticos, na próxima seção será visto como tais projeções atuam na realização das construções de inversão locativa.

### 5.3 Fusão dos domínios verbal e preposicional na inversão locativa

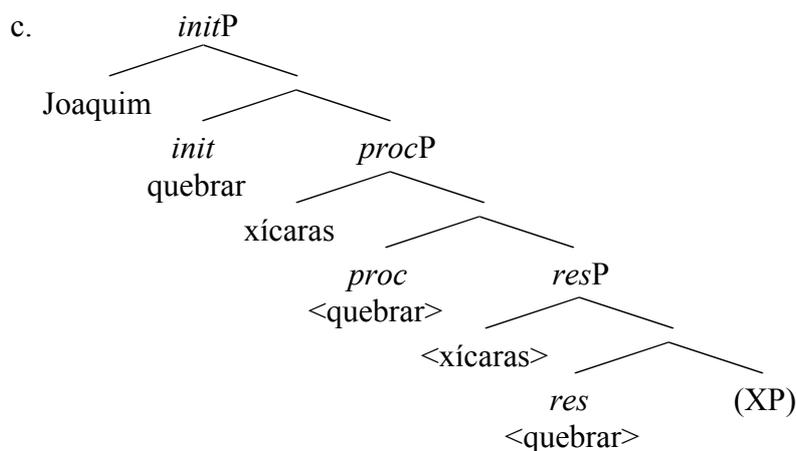
Visto que os domínios verbal e preposicional podem atuar juntos para a correta configuração final de uma estrutura, assumimos aqui que a inversão locativa acontece com verbos que contenham o traço [*res*] em sua entrada, de modo que o seu argumento preposicionado é parte de sua estrutura conceitual profunda e o local introduzido por tal preposição funciona como um complemento do verbo. Em construções típicas de inversão, principalmente aquelas com verbos inacusativos, inergativos e transitivos passivizados, o PP sobe para projeções mais altas e o verbo é invertido com o sujeito lógico da sentença; por outro lado, nas construções inovadoras do PB, em que há um “apagamento” do sujeito lógico da sentença, há um processo de alternância causativa, em que o argumento causador dá lugar ao PP, que passa, por fim, a ocupar a posição inicial da sentença.

Segundo Ramchand (2008), a classe de verbos de causação, processo e resultado, que carregam os primitivos semânticos de INICIADOR, SOFREDOR e RESULTADO, respectivamente, veiculam um evento pontual. Tais verbos resistem ao teste de telicidade porque seus objetos já são automaticamente definidos como carregando um estado final, que é

resultante, por sua vez, da especificação do verbo em si – ou seja, o evento não apresenta simplesmente uma mudança, mas também um estado final derivado do verbo, como em (41a), com o verbo transitivo *quebrar*, em que o argumento interno, ao fim, resulta como quebrado. Em (41b), pode ser vista a entrada lexical de *quebrar*, que conjuga os três núcleos propostos no sistema de Sintaxe de Primeira Fase; já em (41c), a representação arbórea é apresentada<sup>12</sup>.

(41) a. O Joaquim quebrou muitas xícaras de porcelana.

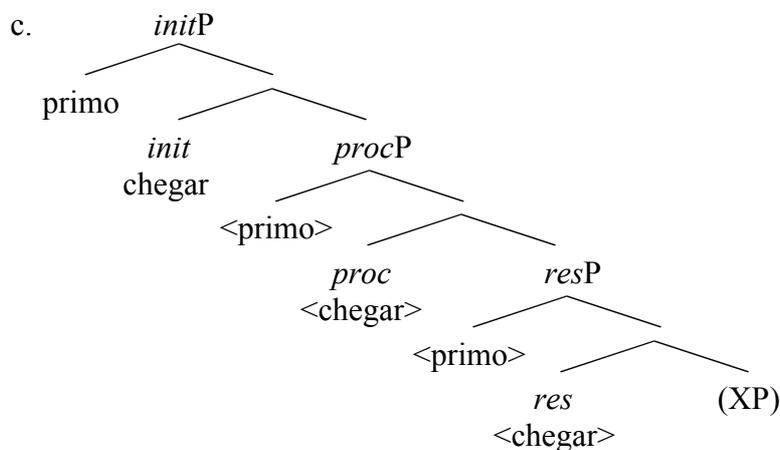
b. Entrada lexical para *quebrar*: [*init*, *proc*<sub>i</sub>, *res*<sub>i</sub>]



Da mesma forma, verbos tradicionalmente classificados como inacusativos, como *chegar*, também apresentam uma estrutura em que são combinados os três núcleos semânticos [*init*, *proc*, *res*], como pode ser visto no conjunto em (42) abaixo.

(42) a. O meu primo chegou.

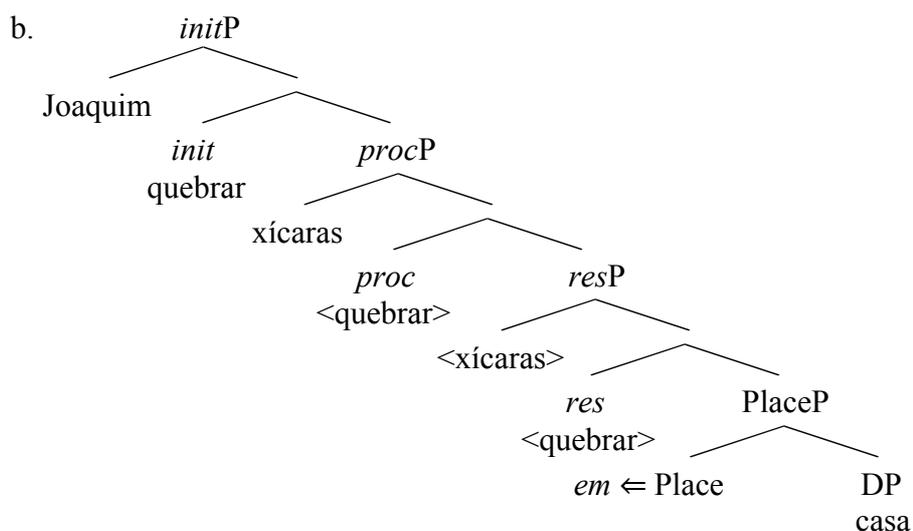
b. Entrada lexical para *chegar*: [*init*<sub>i</sub>, *proc*<sub>i</sub>, *res*<sub>i</sub>]



<sup>12</sup> Para efeitos de praticidade e exposição, a inserção dos itens lexicais nas representações arbóreas restringe-se apenas aos elementos nucleares.

A partir das configurações arbóreas em (41c) e (42c), podemos perceber que verbos de causação, processo e resultado trazem uma posição de complementação ao fim da estrutura. Como já visto no Capítulo 4 com exemplos do inglês, PPs locativos podem tomar a função de complemento remático de *res*, indicando um resultado final situado. Abaixo, (43a) representa uma possível derivação de (41a), com um PP locativo em posição de complemento da projeção *resP*, como representado arboreamente em (43b).

(43) a. O Joaquim quebrou muitas xícaras de porcelana na casa da vovó.



Por sua vez, para exemplos que envolvem um verbo de movimento direcionado inerente como (42) serem derivados em uma estrutura aos moldes de (43b), com um PP-*em* como complemento de *resP*, a nova configuração precisa abarcar o conceito de ALVO denotado pelo PP. De acordo com Ramchand (2008, p. 123-124), argumentos de Trajetória podem figurar como complementos do núcleo *res* na decomposição verbal, como demonstra o paradigma em (44) e (45) do coreano. Em (44a) e (44b) a seguir, os verbos de processo são combinados com os marcadores seriais *-ey* e *-(u)lo*, resultando em LUGAR e ALVO, respectivamente. Já em (45), o contraste indica que o argumento locativo, ao receber sufixalmente o marcador serial locativo *-ey*, como exemplificado em (45a), pode resultar em uma interpretação de ALVO quando ele é complemento de um verbo pontual (portador, deste modo, dos traços [*init*, *proc*, *res*]) de movimento direcionado, o que descarta a configuração em (45b) com o marcador serial de núcleos de Trajetória *-(u)lo*.

(44) a. Sean-i pang-ey iss-ta.

Sean-NOM room-LOC be-DEC

‘Sean is in the room’

b. Inho-ka kichayek-ulo kuphakey ttwi-ess-ta.

Inho-NOM train.station-DIR in a hurry run-PAST-DEC

‘Inho ran to the train station in a hurry’

(45) a. John-i patak-ey ssuleci-ess-ta.

John-NOM floor-LOC fell.down-PAST-DEC

‘John fell down on the floor’

b. \*John-i patak-ulo ssuleci-ess-ta.

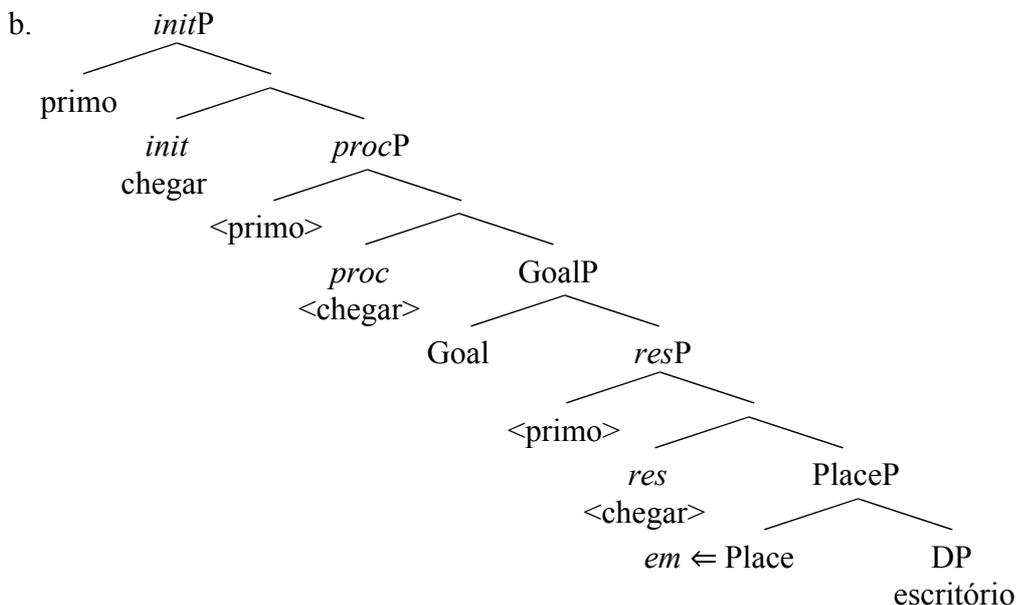
John-NOM floor-DIR fell.down-PAST-DEC

‘John fell down on the floor’

Levando-se em conta os exemplos acima, na verdade, o verbo do coreano traduzido como *to fall down* apresenta um padrão de sincretismo espúrio, como descrito na seção anterior, visto que ele conjuga em sua matriz lexical, além dos traços próprios do verbo, o traço [Goal], ficando a cargo do PP somente a noção de LUGAR.

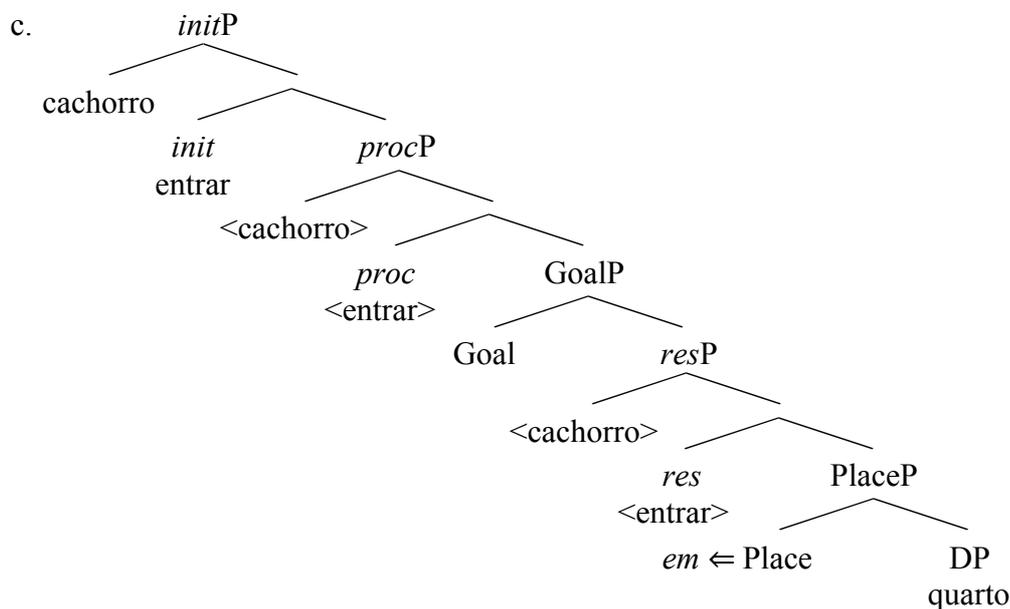
Voltando ao exemplo em (42), (46) abaixo apresenta uma possível derivação para a estrutura, com um PP portando o conceito de ALVO em complementação à projeção *resP*. Apesar de a preposição *em* veicular apenas uma ideia de LUGAR, é devido à presença do núcleo de Alvo na entrada lexical do verbo *chegar* que tal sentido é obtido.

(46) a. O meu primo chegou no escritório.



Como visto no Capítulo 4, verbos transitivos como *enter* e *find* também conjugam os núcleos [*init*, *proc*, *res*] em uma estrutura eventiva. Diferentemente dos verbos vistos acima, o DP objeto de tais verbos não se constitui como SOFREDOR do processo nem como RESULTADO, mas sim como um DP remático que descreve o resultado final do evento. Apesar de, em português, *entrar* ser considerado inergativo, cremos que ele possua a mesma entrada lexical do inglês, como representado em (47b) abaixo, já que, em um exemplo como (47a), *o cachorro* configura-se como INICIADOR de um processo do qual ele também é SOFREDOR, além de carregar RESULTADO ao obter a locação final descrita pelo DP Fundo *o quarto*, que, por sua vez, é encabeçado pela preposição prototipicamente locativa *em*, mas que, ao fim, assume uma ideia de ALVO por causa da especificação de tal traço no verbo de movimento *entrar* (outros verbos de movimento direcionado inerente, como *cair* e *sair*, funcionam de modo semelhante)<sup>13</sup>; em (47c) é exibida a árvore sintática, com o PP tomando sua posição de complemento já predita pela estrutura.

- (47) a. O cachorro pulguento entrou no quarto.  
 b. Entrada lexical para *entrar*: [*init*<sub>i</sub>, *proc*<sub>i</sub>, *res-REMA*]



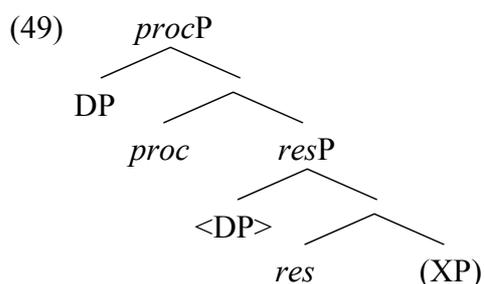
Consoante trabalhos como os de Barbosa (1989), Avelar (2009), Munhoz (2011) e Munhoz & Naves (2012) para o português, já discutidos em capítulos prévios, em construções de inversão locativa, a subida do elemento locativo para a posição inicial da sentença é

<sup>13</sup> Verbos como *encontrar*, que tomam um DP objeto, também exibem a mesma configuração, conjugando os núcleos [*init*, *proc*, *res*] – dessa forma, a inserção do PP locativo não encontraria espaço como complemento de *resP* na representação arbórea. Carecemos, entretanto, de uma maior análise dos fatos.

possível graças ao fato de ele constituir-se como um argumento na estrutura. As representações arbóreas apresentadas precedentemente mostram que, de fato, o elemento encabeçado por *PlaceP* é um argumento de *resP*, o que possibilita a subida do PP, como exemplificado em (48) abaixo, para domínios mais altos, mais precisamente, para a posição [Spec,TP], como defendido por Avelar (2009).

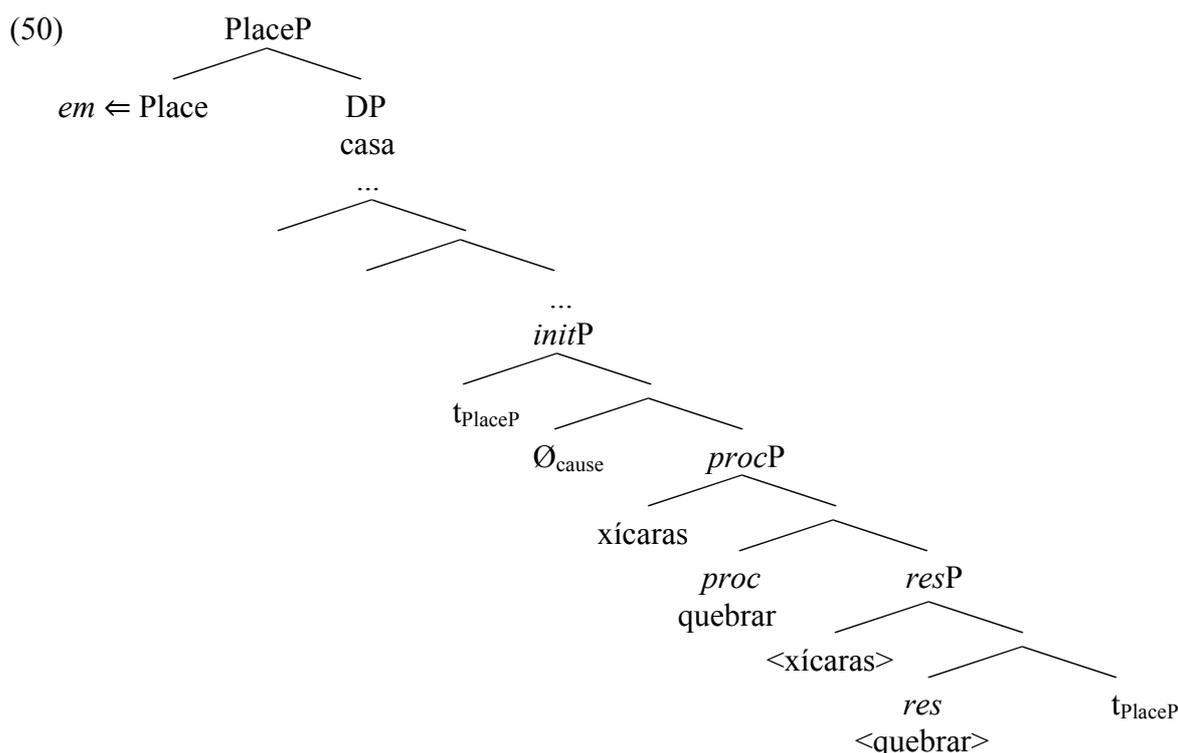
- (48) a. Na casa da vovó quebrou muitas xícaras de porcelana.  
 b. No escritório chegou o meu primo.  
 c. No quarto entrou o cachorro pulguento.

Em (48a), especificamente, com o verbo transitivo *quebrar*, a subida do PP *na casa da vovó* ocasiona a consequente omissão do argumento causador (se considerarmos uma sentença como (43a) vista anteriormente, teríamos o apagamento do argumento *o Joaquim*). Ramchand (2008) afirma que a mudança de uma entrada lexical abarcando todos os três núcleos assumidos na Sintaxe de Primeira Fase – [*init, proc, res*] – para somente [*proc, res*] é, na verdade, um tipo de causativização em que há a presença de um núcleo *init* nulo na especificação lexical de verbos como *quebrar*, que se configuram como alternantes, dado que o núcleo causador nulo é capaz de identificar *init* em suas versões transitivas – os requerimentos sobre a posição de sujeito, então, são mais abstratos, o que permite o seu apagamento. Em vista disso, a estrutura de (48a) precisa corresponder a uma configuração em que somente os núcleos [*proc, res*] estão presentes, como exibido em (49) abaixo.



Como em (49) não há uma posição específica para alocar o elemento PP movido, estamos assumindo aqui que o PP passa pela posição de [Spec,*initP*]: tal assunção deriva da ideia de que é o núcleo causador, e não o especificador, o elemento nulo na projeção de verbos alternantes no sistema de Sintaxe de Primeira Fase, portanto, o complemento remático pode ocupar a posição de [Spec,*initP*] sem, de fato, assumir um caráter de INICIADOR, já que a sua posição nuclear é vazia. A partir disso, o PP pode subir para domínios mais altos na estrutura

para atender a requerimentos puramente gramaticais, sendo licenciado em [Spec,TP], já que ele apresenta as mesmas propriedades identificadas entre os sujeitos argumentais em posição pré-verbal (cf. Holmberg, 2000; Svenonius, 2002, 2007; Avelar, 2009). A derivação para uma estrutura como (48a) pode ser vista em (50) abaixo, com o PP se movendo para [Spec,*initP*] e, em seguida, para a posição inicial da sentença, caracterizando uma construção de inversão locativa.<sup>14</sup>



No que tange especificamente à projeção do núcleo preposicional, é de se notar que a subida do PP deve obedecer, além da combinação dos núcleos eventivos, à especificação de LUGAR/TRAJETÓRIA veiculada pelo próprio PP. Em uma sentença como (51a) a seguir, que pode ser comparada a (43a), mas desta vez com um PP dativo no lugar do PP locativo, a subida do constituinte *para a vovó* para o início da sentença, em uma configuração de inversão locativa, torna a estrutura agramatical (ou marginal, com exigência de foco contrastivo sobre o constituinte), como revela (51b). Da mesma forma, em (52a), com o verbo bitransitivo *dar*, que também é caracterizado como um verbo que exhibe os primitivos

<sup>14</sup> Ramchand (2008) afirma que o material remático nunca pode ocupar a posição de especificador de um núcleo eventivo na Sintaxe de Primeira Fase, mas somente a posição de complemento, visto que objetos remáticos não descrevem elementos que são individualizados predicacionalmente, logo, eles não são sujeitos de qualquer subevento, pelo contrário, são parte da descrição do predicado. Apesar disso, acreditamos que em uma estrutura como (50) o PP pode ocupar a posição de [Spec,*initP*], já que o subevento de causa possui um núcleo nulo e os requerimentos impostos sobre o sujeito são mais abstratos.

INICIADOR, SOFREDOR e RESULTADO, a sentença com inversão locativa em (52b) é agramatical (ou marginal), uma vez que o argumento mais encaixado, apesar de ele ser tratado como um complemento do verbo, não possui traços locacionais.

(51) a. O Joaquim quebrou muitas xícaras de porcelana para a vovó.

b. \*?Para a vovó quebrou muitas xícaras de porcelana.

(52) a. O Joaquim deu muitas xícaras de porcelana para a vovó.

b. \*?Para a vovó deu muitas xícaras de porcelana.

Já PPs claramente direcionais, conforme os exemplos em (53) abaixo, podem também figurar em construções de inversão locativa, pois, levando-se em conta a hierarquia de Pantcheva (2011) apresentada no Capítulo 3, o núcleo de Lugar está contido na decomposição da projeção de Trajetória – sendo assim, o PP está apto para subir para projeções mais altas.

(53) a. De onde eu vim vieram somente pessoas batalhadoras.

b. Por debaixo daquela porta passou um barata gigante!

c. Pela rua jogam muito lixo.

d. Até o fim do palco foram os atores amadores.

Alguns dados extraídos de *corpus* envolvendo o fenômeno de inversão locativa podem ser vistos abaixo em (54), coletados por Avelar & Cyrino (2014) em uma amostragem sincrônica.

(54) a. No meu computador imprime a etiqueta corretamente.

b. Na propaganda falava que diminuía até três números de manequim.

c. No meu carro faz esse barulho de tuchos hidráulicos.

Tais casos apresentam eventos pontuais, em que os verbos portam a combinação dos traços [*init, proc, res*] assumidos pelo sistema de Sintaxe de Primeira Fase (com o detalhe de que *init* constitui-se como um núcleo causador nulo). Com essa configuração, o núcleo *res* dispõe de uma posição de complemento e o PP locativo/direcional pode subir para projeções mais altas na estrutura, resultando em uma configuração de inversão locativa.

A tríade composição dos primitivos semânticos, conjugada, obviamente, com um PP que descreva uma locação e/ou direção, é crucial para que a inversão locativa ocorra eficazmente. Nos casos agramaticais em (55) abaixo (ou marginalmente aceitos), a projeção *resP* não está presente, portanto, o PP não se configurará como argumento na estrutura e a subida para a posição inicial não será possível.

- (55) a. \*Em São Paulo dirige muito carro.  
 b. \*Na nossa cama lê muito livro.  
 c. \*Para fora da garagem empurrava o carro.  
 d. \*De cima do muro viu muitos homens.

#### 5.4 Argumentos preposicionais sem P na inversão locativa

Como já atestado por muitos autores como Pontes (1987), Galves (1998), Avelar & Cyrino (2008, 2014), Avelar (2009), Avelar & Galves (2011), Munhoz (2011) e Andrade & Galves (2014), um fenômeno muito difundido em PB, mas não em PE, é a ocorrência de inversão locativa com o PP deslocado para a posição inicial da sentença não contendo, visivelmente, uma preposição. Como mostram os exemplos clássicos de Pontes (1987, p. 34) abaixo, (56a) exibe uma interpretação mais neutra, enquanto, em (56b), a leitura é menos neutra ou menos impessoal, segundo a autora; outros exemplos, discutidos por Avelar (2009) e Avelar & Cyrino (2014), podem ser vistos em (57)-(59), de modo que (58b) e (59b) são exemplos coletados de *corpus* contemporâneo do PB.

- (56) a. Nessa casa bate bastante sol.  
 b. Essa casa bate bastante sol.
- (57) a. No meu DVD grava qualquer tipo de filme.  
 b. O meu DVD grava qualquer tipo de filme.
- (58) a. Em algumas concessionárias tá caindo o preço do carro.  
 b. Algumas concessionárias tão caindo o preço do carro.
- (59) a. No interior de SP e do Rio, em algumas cidades neva.

b. No interior de SP e do Rio, algumas cidades nevam.

Para explicar a presença da ordem [V DP], com o DP correspondendo a um sujeito pós-verbal, poderíamos adotar a ideia de Pilati (2006) de que o licenciamento de sujeitos após o verbo está relacionado à presença de um argumento do tipo locativo ou temporal, foneticamente realizado ou não. Caso esse argumento seja nulo, ele receberá uma interpretação dêitica, orientada na situação de fala pelos participantes do discurso.

Contudo, parece ser consenso de que os argumentos não preposicionados de estruturas como aquelas em (56-59b) sejam, de fato, sujeitos da oração (cf. Avelar & Galves, 2011; Munhoz, 2011; Munhoz & Naves, 2012), já que eles desencadeiam concordância com o verbo, como evidencia, por exemplo, o contraste em (60) abaixo, além de poderem ser coindexados a uma categoria vazia que desempenha o papel de sujeito em uma oração coordenada, como atesta (61).

(60) a. Essas casas batem bastante sol.

b. \*Essa casa batem muitos raios de sol.

(61) Essas casas<sub>i</sub> batem bastante sol pois e<sub>i</sub> ficam no alto do morro.

Destarte, defendemos aqui que, em estruturas de inversão locativa como aquelas vistas acima, ou melhor, em estruturas com sujeito locativo (cf. Pontes, 1987; Galves, 1998; Munhoz, 2011), os sintagmas não preposicionados veiculando uma ideia de LUGAR são, de fato, constituintes preposicionais. A subida de tais “PPs” sem a presença visível da preposição deve-se ao conteúdo locacional presente na estrutura subjacente dos argumentos, que se encontram em uma posição de complemento de *resP*.

Em detalhes, para uma sentença como aquela em (56b), por exemplo, a entrada lexical do verbo *bater* corresponderia à presença dos primitivos INICIADOR, SOFREDOR e RESULTADO, com este último configurando-se como um argumento remático, de acordo com o sistema de Sintaxe de Primeira Fase de Ramchand (2008). Porém, acreditamos que, nos casos de sujeito locativo, o verbo *bater* que participa da derivação não contém em sua entrada lexical o traço [*init*], logo, não possui a projeção de INICIADOR capaz de licenciar argumentos de causação, como representado em (62) a seguir – sendo assim, essa classe verbal também seria identificada como alternante, visto que ela possui um núcleo causador nulo identificando *init* em suas versões transitivas.

(62) Entrada lexical para *bater*: [*proc<sub>i</sub>, res-REMA*]

Por sua vez, para assumirmos que há um sincretismo espúrio, em que um elemento verbal como *bater* é capaz de lexicalizar a porção preposicional responsável pelo núcleo de Lugar (já que, de fato, a preposição *em* não faz parte da derivação visivelmente), consideramos as ideias levantadas por Gonçalves & Chimbutane (2004) e Gonçalves (2010) de que, na gramática do PB, assim como os autores o fazem para o português falado em Moçambique, a preposição *em*, responsável pelo conceito idiossincrático de LUGAR, atua como um marcador morfológico de Caso semântico locativo, e não como núcleo de um PP – dessa forma, estabelece-se uma classe nominal com propriedades sintático-semânticas específicas em que o PP é, na verdade, reanalisado como um nome encabeçado pela preposição, isto é, um *em*-NP, como pode ser visualizado no conjunto de dados do português moçambicano em (63) abaixo.<sup>15</sup>

- (63) a. Em casa dele é aqui à frente.  
 b. Conheci em casa dela.  
 c. Voltou em casa.  
 d. Está a sair no estúdio.  
 e. Aqui Maputo há muita gente.

Como se percebe nos exemplos em (63) do português de Moçambique, os argumentos encabeçados por *em* em (63a) e (63b) constituem-se como sujeito e argumento direto, respectivamente; a mesma preposição é utilizada para argumentos de verbos de movimento, como mostram (63c) e (63d); por fim, somente nomes prototipicamente definidos como um lugar são realizados como um simples NP, apesar de não ser obrigatório.<sup>16</sup> Porém,

<sup>15</sup> Não discutimos aqui a possibilidade de que o PB, em sua formação histórica, tenha sofrido influência do aporte linguístico africano, em especial, da família de línguas bantas, em decorrência do processo de escravização que houve no Brasil entre os séculos XVI e XIX (para detalhes nessa linha, cf. Avelar & Cyrino, 2008, 2014; Lucchesi, Baxter & Ribeiro, 2009). Pelo contrário, estamos levando em consideração o conceito de Gramática Universal como defendido pela teoria gerativa, que afirma que determinados princípios comuns subjazem a todas as línguas naturais (Chomsky, 1986a, 1995).

<sup>16</sup> O paradigma em (63) é explicado por Gonçalves (2010, p. 133 *et seq.*) como parte de evidências linguísticas geradas pela gramática de aprendentes do PE possuindo línguas bantas como L1, cujas ambiguidades desencadeiam, por fim, grandes mudanças paramétricas na gramática do português moçambicano. Por exemplo, nos dados em (i) a seguir de línguas bantas, os constituintes, mesmo exprimindo uma ideia de “lugar onde”, são normalmente realizados como NPs, podendo funcionar como sujeitos (ia) e objetos (ib), além, é claro, de desempenhar as funções oblíquas de argumento obrigatório do verbo (ic) e de adjunto (id) (os elementos negritos indicam que eles estão em uma relação de concordância, como visualizado pelos numerais idênticos nas glosas).

diferentemente do português moçambicano, que generaliza a preposição *em* diante de NPs nos mais variados contextos, realizando-a visivelmente, no PB ela seria foneticamente nula.

Se analisarmos as sentenças de sujeito locativo mais de perto, veremos que o PB também admite tais construções com verbos de movimento, inclusive, trazendo argumentos portando conceitos de FONTE, como demonstram os exemplos abaixo em (64), propostos por Avelar & Cyrino (2014).

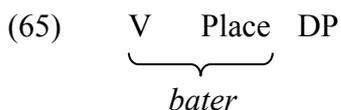
- (64) a. Minhas amígdalas tavam saindo sangue.  
 b. Meus seios estão saindo água, com veias roxas e grossas saltitantes.

Tomando a ideia de Gonçalves & Chimbutane (2004) e Gonçalves (2010) para a reanálise do PP como um *em*-NP, nos casos em (64) do PB também há uma generalização dos argumentos de verbos de movimento como um “lugar onde”. Dessa vez, porém, a reanálise do PP tomará a forma de um *de*-NP, uma vez que a generalização da classe nominal se dará com a preposição indicando FONTE *de*, que ocorrerá em diferentes contextos desde que exigido pelo verbo matriz.<sup>17</sup>

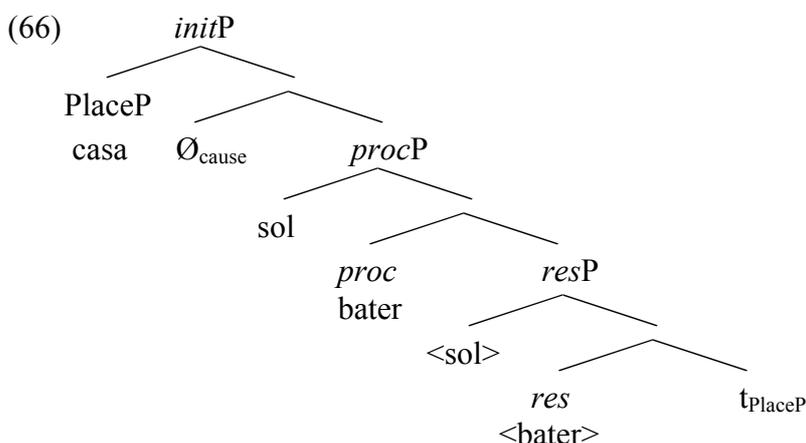
Diante dessas considerações, voltando ao exemplo com o verbo *bater*, uma estrutura como (56b), sem a presença explícita da preposição, teria a especificação lexical dos domínios verbal e preposicional como descrita em (65) a seguir.

- 
- (i) a. **Kerek-eni** ku-tsongo k-a hina **ku-sasek-ile**.  
 17igreja-LOC 17-pequeno 17-GEN nós 17MS-ser bonita-PS  
 Lit. “Em igreja pequena de nós é bonita”  
 ‘A nossa pequena igreja é bonita’
- b. Tin-tombhi t-a-**ku-tiv-a** (**kerek-eni**).  
 10-rapariga 10MS-PRE-17MO-conhecer-VF 17igreja-LOC  
 Lit. “Raparigas conhecem lá (em igreja)”  
 ‘As raparigas conhecem-na (a igreja)’
- c. Tin-tombhi ti-y-e **kerek-eni**.  
 10-rapariga 10MS-ir-PS 17igreja-LOC  
 Lit. “Raparigas foram em igreja”  
 ‘As raparigas foram à igreja’
- d. Tin-tombhi ti-yimb-a **kerek-eni**.  
 10-rapariga 10MS-cantar-VF 17igreja-LOC  
 Lit. “Raparigas estão a cantar em igreja”  
 ‘As raparigas estão a cantar na igreja’

<sup>17</sup> Na verdade, o correto seria afirmar que há um primitivo preposicional que atua diante de NPs sem uma forma definida, cabendo ao verbo matriz “selecionar” que tipo de preposição veiculará o conceito exato: ou de LUGAR, ou de ALVO, ou de FONTE etc.



Como não há a presença visível da preposição *em* na representação em (65), todavia, ali ela está, com o conceito de LUGAR e a conseqüente reanálise do argumento *essa casa* como encabeçado pela preposição, mesmo ela não estando foneticamente realizada, como é o caso do PB. A projeção de Lugar sofre *Spell-out*, então, com o auxílio da projeção verbal, já que ela é capaz de lexicalizar, além do próprio verbo, a projeção de Lugar – percebe-se, portanto, que a estrutura revela um caso de sincretismo espúrio.<sup>18</sup> A representação arbórea pode ser acompanhada na estrutura em (66) abaixo.



Dessa forma, como o “argumento preposicional” *essa casa* é complemento remático do núcleo eventivo *res* e possui uma projeção de Lugar, além de fazer parte de uma estrutura de alternância com o núcleo de INICIADOR nulo, o constituinte pode subir para a posição de [Spec,*initP*] e, em seguida, para domínios mais altos, atuando, assim, como um legítimo sujeito locativo.

<sup>18</sup> Nas sentenças em (i) abaixo, bastante produtivas em PB, pelo menos, o mesmo raciocínio pode ser aplicado para os argumentos temporais, já que não se nota visivelmente a presença de uma preposição encabeçando o nome destacado em itálico, cabendo, portanto, ao domínio verbal atuar em conjunto com o domínio preposicional para a correta lexicalização da estrutura.

- (i)
- a. Eu vou *essa semana* para a Europa.
  - b. A gente sempre se encontra no barzinho da esquina *sexta-feira*.
  - c. Ele brigou *mês passado* com a irmã.

## 5.5 Síntese do capítulo

Neste capítulo apresentamos detalhadamente a nossa proposta para o funcionamento das sentenças de inversão locativa em português, conjugando os domínios verbal e preposicional e elegendo como modelo teórico a nanossintaxe.

Foi assumido que a inversão locativa acontece em estruturas que exibem em seus verbos e preposições, pelo menos, os traços [*res*] e [*Place*], respectivamente. Isto é, o verbo precisa veicular um evento pontual, projetando um PP locativo e/ou direcional como complemento de *res*P. Nas construções tradicionais de inversão, percebe-se, de fato, uma inversão entre o verbo e o sujeito lógico da sentença após a subida do PP para projeções mais altas responsáveis por concordância, por exemplo; por outro lado, nas construções inovadoras, em particular aquelas do PB, o verbo que participa da estrutura é caracterizado como alternante, não possuindo em sua entrada lexical o núcleo [*init*], portanto, há o apagamento do sujeito lógico, com o PP ocupando a posição inicial da sentença.

Na apresentação da entrada lexical de diferentes preposições, conforme a decomposição sugerida por Pantcheva (2011), definimos, de acordo com Caha (2010), que o português exibe o movimento de núcleo na formação dos PPs, o que resulta, ao fim, na correta linearização dos expoentes. Em algumas estruturas, principalmente aquelas envolvendo a combinação entre a preposição *em* e um verbo de movimento, percebemos o sincretismo espúrio, em que a lexicalização depende da fusão entre ambos os domínios, de modo que o verbo participa do *Spell-out* também da camada preposicional.

Por fim, esboçamos uma explicação para os casos do PB de inversão locativa em que o argumento preposicional não exibe visivelmente uma preposição. Na esteira de Gonçalves & Chimbutane (2004) e Gonçalves (2010), a gramática do PB toma certas preposições, em especial *em* (e também *de*), como marcadores morfológicos de Caso semântico locativo, generalizando os argumentos do verbo como um “lugar onde” – logo, a preposição não se torna obrigatória, já que o nome carrega consigo uma ideia de LUGAR (ou ALVO, ou FONTE etc.). Como todos os traços na árvore sintática precisam ser expressos, a lexicalização do domínio preposicional acontece graças à projeção verbal, o que revela um caso de sincretismo espúrio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Neste trabalho tratamos da inversão locativa em português, tanto na variedade europeia quanto na brasileira. Para além de questões que concernem puramente ao domínio oracional sob a perspectiva minimalista, procuramos conjugar os domínios verbal e preposicional em busca de uma possível combinação de traços que evidenciasse o fenômeno em questão.

Tal empreendimento justificou-se pelo fato de as pesquisas sobre inversão locativa não tratarem de forma esclarecedora o fenômeno, principalmente para uma língua como o português e, de modo mais particular, para o PB, que apresenta sincronicamente construções inovadoras, como aquelas com verbos transitivos com leitura indeterminada ou com argumentos locativos sem a presença explícita de uma preposição.

A inversão locativa revela-se como um fenômeno sintático particular no português desde o século XVIII, pelo menos, período em que se observa a mudança de uma gramática V2 para a ordem canônica [S V O (XP)], com a superficialização do sujeito em primeira posição. Apesar de nossos dados coletados do Corpus Tycho Brahe não terem se mostrado estatisticamente relevantes, observou-se que os constituintes locativos e direcionais constituem-se como uma categoria especial mesmo após mudanças significativas na configuração da língua, já que eles se mantêm fronteados em primeira posição na sentença, comparado a argumentos dativos, por exemplo.

Para a inversão locativa acontecer, conforme observado por autores como de Vincenzi (1989), Barbosa (1989), Bresnan (1994) e Munhoz (2011), é essencial que o PP tenha um caráter de complemento na estrutura, para, assim, subir para domínios mais altos e ocupar a posição de [Spec,TP], exibindo um comportamento típico de sujeito, como defendido por Doggett (2005) e Avelar (2009). Além disso, o PP precisa exibir uma noção semântica espacial, já que a inversão não suporta PPs de outra natureza semântica.

A par de todas essas questões, elencamos como aparato teórico para esta pesquisa a nanossintaxe, que, de certa forma, concilia os esforços teóricos do programa minimalista de Chomsky (1995 e obras posteriores) e a abordagem cartográfica da gramática liderada por Cinque (1999). Concebida como uma teoria não lexicalista, na nanossintaxe, a sintaxe não opera agrupando unidades lexicais armazenadas no léxico (sejam elas palavras ou morfemas) e dispendo-as sequencialmente – pelo contrário, a sintaxe é vista como um componente pré-

lexical da faculdade da linguagem que opera sobre traços específicos, reunindo-os em árvores sintáticas ricamente detalhadas.

Sendo assim, tendo em mente que o Evento de Movimento que faz parte das construções de inversão locativa envolve situações estáticas e dinâmicas no mundo, ou seja, a forma como um objeto se move ou se localiza/situa em relação a um outro objeto, conforme o modelo proposto por Pantcheva (2011), decompomos o PP em mais projeções para além da projeção puramente de LUGAR, enriquecendo o domínio preposicional com outros cinco primitivos semânticos: ALVO, FONTE, ROTA, ESCALA e LIMITE.

Da mesma forma, aplicamos também a decomposição do evento verbal segundo o modelo de Sintaxe de Primeira Fase, desenvolvido por Ramchand (2008). Para a autora, os participantes de um evento só são definidos em uma estrutura por meio do papel que desempenham naquele evento ou subevento específico, logo, a projeção sintática dos argumentos na Sintaxe de Primeira Fase é baseada em uma semântica construída composicionalmente pela sintaxe. Com componentes logicamente previstos pelo sistema, os três primitivos assumidos por Ramchand são INICIADOR (*init*), SOFREDOR (*proc*) e RESULTADO (*res*), organizados em uma relação hierárquica e combinados consoante as especificidades de cada verbo.

Munidos das respectivas propostas teóricas para os domínios verbal e preposicional, partimos para a confluência das análises em prol da explicação dos casos de inversão locativa. Como se constitui como um evento pontual e com um PP locativo em posição de complemento, definimos nossa hipótese de que a inversão locativa acontece em estruturas que combinam uma projeção verbal codificando argumentos de causação, processo e resultado (os núcleos *init*, *proc* e *res*, respectivamente) com um PP remático locativo de caráter argumental; para os casos inovadores do PB (em especial, aqueles com verbos transitivos ergativizados e com verbos transitivos e inergativos sem tema e/ou agente), acontece uma alternância causativa, prevista pela Sintaxe de Primeira Fase, em que o argumento causador dá lugar ao PP locativo, que ocupa a posição inicial da sentença.

A análise das construções de inversão locativa segundo a nanossintaxe mostrou que nas estruturas tradicionais de inversão, percebe-se, de fato, uma inversão entre o verbo e o sujeito lógico da sentença após a subida do PP para [Spec,TP]; em contrapartida, nas construções inovadoras que caracterizam um padrão de alternância causativa, o sujeito é deposto e dá lugar ao PP movido, de forma que nenhuma inversão acontece e o fenômeno pode ser melhor caracterizado como, simplesmente, um caso de sujeito locativo.

A pesquisa ainda nos possibilitou esmiuçar o comportamento composicional da preposição em português, com a sua formação acumulando traços à medida em que se dirige a domínios mais altos na hierarquia funcional. Na esteira de Caha (2010), assumimos que as preposições em português formam-se via movimento de núcleo, o que resulta na correta linearização do item lexical. Para a preposição *em*, em especial, percebemos que, em muitas estruturas, principalmente com verbos de movimento, o *Spell-out* depende do sincretismo espúrio na combinação com algum verbo, ou seja, a lexicalização de tal item depende da fusão entre os domínios verbal e preposicional. Finalmente, as construções do PB de inversão locativa em que o argumento preposicional não exhibe visivelmente uma preposição foram definidas de acordo com a análise de Gonçalves & Chimbutane (2004) e Gonçalves (2010), que diz que os argumentos do verbo alçados para a posição de sujeito são concebidos genericamente como um “lugar onde”, carregando consigo o conceito locativo e/ou direcional e cabendo ao verbo, por sua vez, lexicalizar a respectiva projeção preposicional.

Este trabalho levantou questões importantes para uma teoria de mudança linguística, que, de acordo com a nanossintaxe, deve ser vista como uma variação no inventário lexical. Sendo assim, as diferenças entre o PB e o PE no que diz respeito às projeções verbal e preposicional podem ser explicadas pelas diferentes árvores sintáticas estocadas no léxico de cada língua. No caso das preposições, *a* em PB, por exemplo, vem gradativamente dando espaço a *em*, que, combinada a verbos de movimento, é capaz de participar de um PP veiculando a noção de ALVO; no PE, ao contrário, *em* atua exclusivamente em construções de LUGAR, enquanto *a* participa de estruturas de ALVO, já que seus traços são capazes de lexicalizar exaustivamente uma projeção de Alvo.

Já para o domínio verbal, para uma sentença como (1) abaixo, por exemplo, aceitável em PB mas agramatical em PE, as respectivas entradas lexicais para o verbo *aceitar* seriam, respectivamente, aquelas exibidas em (2a) e (2b).

(1) Naquele mercado aceita cartões de crédito e de débito. (PB: ✓; PE: \*)

(2) a. Entrada lexical para *aceitar* em PB: [*proc*<sub>i</sub>, *res*<sub>i</sub>]

b. Entrada lexical para *aceitar* em PE: [*init*, *proc*<sub>i</sub>, *res*<sub>i</sub>]

Enquanto em (2b) os três núcleos assumidos pelo sistema de Sintaxe de Primeira Fase são contemplados, em (2a) somente [*proc*] e [*res*] atuam na lexicalização da estrutura, pois o verbo se configura como alternante, possuindo um núcleo *init* nulo em sua especificação

lexical – sendo assim, a sentença em (1) é agramatical em PE dado que não há um argumento causador e a projeção *initP* não é lexicalizada.

Outra variação que pode ser apontada entre as duas línguas é em relação à exigência do traço EPP de que a posição [Spec,TP] seja ocupada. Ao passo que o PE ainda permite sentenças com sujeito nulo, sem conteúdo fonético, o PB parece que vem generalizando tal aplicação do traço com o movimento visível de quaisquer argumentos (no caso discutido em especial nesta tese, os locativos) para ocupar a posição de sujeito. A emergência da ordem [XP V (DP)], que, diacronicamente, permitia sujeitos nulos e passou, aos poucos, a estabelecer o constituinte XP como ocupando uma posição de sujeito, atualmente pode ser concebida como uma ordem em que o próprio XP toma as vezes de um legítimo sujeito, já que exibe processos de concordância com o verbo, por exemplo.

Enfim, sob um viés não lexicalista, a nanossintaxe, o recorte teórico utilizado neste trabalho, foi apenas mais um modelo de análise da linguagem para explicar um fenômeno sintático tão discutido na literatura. As questões e os desdobramentos levantados aqui não querem parecer pretensiosamente findados, já que as pesquisas em torno da inversão locativa ainda são proficuas no campo científico da linguística.

## REFERÊNCIAS

---

- AMBAR, Manuela. (1992) *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Lisboa: Colibri. (Coleção Estudos Linguísticos)
- ANDRADE, Aroldo; GALVES, Charlotte. (2014) A unified analysis for subject topics in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 13(1): 117-147.
- ANTONELLI, André. (2011) *Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ASBURY, Anna *et al.* (Eds.). (2008) *Syntax and semantics of spatial P*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. (Linguistics Today, 120)
- AVELAR, Juanito. (2006) *Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- \_\_\_\_\_. (2009) Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. *Matraga* 16: 232-252.
- AVELAR, Juanito; CYRINO, Sonia. (2008) Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 3: 55-75.
- \_\_\_\_\_. (2014) *Construções com SE e constituintes locativos no português brasileiro: indagações e hipóteses nos eixos sincrônico e diacrônico*. Handout apresentado no GSCP International Conference (Subsídios para o estudo histórico do português brasileiro: o *continuum* escrita-oralidade nos eixos sincrônico e diacrônico). Stockholms Universitet/Uppsala Universitet.
- AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. (2011) Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: COSTA, Armanda; BARBOSA, Pilar; FALÉ, Isabel (Orgs.). *Textos Selecionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, p. 49-65.
- BARBOSA, Pilar. (1989) Locative as subjects? Gathering some data from acquisition and parsing. *Linguistics* 611.
- BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia; KATO, Mary. (2006) Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 4(2): 11-52.
- BIRNER, Betty. (1994) Information status and word order: an analysis of English inversion. *Language* 70(2): 233-259.
- BORER, Hagit. (2005) *Structuring sense: an exo-skeletal trilogy*. New York: Oxford University Press.
- BOŠKOVIĆ, Željko. (2007) On the locality and motivation of Move and Agree: an even more minimal theory. *Linguistic Inquiry* 38(4): 589-644.
- BRESNAN, Joan. (1994) Locative inversion and the architecture of universal grammar. *Language* 70(1): 72-131.

- BRESNAN, Joan; KANERVA, Jonni. (1989) Locative inversion in Chicheŵa: a case study of factorization in grammar. *Linguistic Inquiry* 20(1): 1-50.
- CAHA, Pavel. (2009) *The nanosyntax of Case*. Ph.D. Dissertation, Universitetet i Tromsø, Tromsø.
- \_\_\_\_\_. (2010) The parameters of case marking and spell-out driven movement. In: van CRAENENBROECK, Jeroen (Ed.). *Linguistic Variation Yearbook 2010*. Amsterdam: John Benjamins, p. 32-77.
- CHOMSKY, Noam. (1981) *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- \_\_\_\_\_. (1986a) *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger.
- \_\_\_\_\_. (1986b) *Barriers*. Cambridge: The MIT Press, Cambridge. (Linguistic Inquiry Monograph, 13)
- \_\_\_\_\_. (1995) *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press.
- \_\_\_\_\_. (2000) Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, Roger; MICHAELS, David; URIAGEREKA, Juan (Eds.). *Step-by-step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge: The MIT Press, p. 89-155.
- \_\_\_\_\_. (2001) Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (Ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge: The MIT Press, p. 1-52.
- \_\_\_\_\_. (2008) On phases. In: FREIDIN, Robert; OTERO, Carlos; ZUBIZARRETA, Maria Luisa (Eds.). *Foundational issues in linguistic theory: essays in honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge: The MIT Press, p. 133-166.
- CHOMSKY, Noam; LASNIK, Howard. (1977) Filters and control. *Linguistic Inquiry* 8(3): 425-504.
- CINQUE, Guglielmo. (1999) *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press.
- CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi (Eds.). (2010) *The cartography of syntactic structures – vol. 6*. Oxford: Oxford University Press.
- COELHO, Izete. (2000) *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- COOPMANS, Peter. (1989) Where stylistic and syntactic processes meet: locative inversion in English. *Language* 65(4): 728-251.
- CULICOVER, Peter. (1997) *Principles and parameters: an introduction to syntactic theory*. New York: Oxford University Press.
- CULICOVER, Peter; LEVINE, Robert. (2001) Stylistic inversion in English: a reconsideration. *Natural Language & Linguistic Theory* 19(2): 283-310.
- den DIKKEN, Marcel. (2006) *Relators and linkers: the syntax of predication, predicate inversion, and copulas*. Cambridge: The MIT Press. (Linguistic Inquiry Monograph, 47)
- \_\_\_\_\_. (2010) On the functional structure of locative and directional PPs. In: CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi (Eds.). *The cartography of syntactic structures – vol. 6*. Oxford: Oxford University Press, p. 74-126.

- DOGGETT, Teal. (2005) A unified analysis of locative inversion. In: HIRAIWA, Ken; SABBAGH, Joseph (Eds.). *Minimalist approaches to clause structure* (MIT Working Papers in Linguistics 50). Cambridge: The MIT Press, p. 37-70.
- DUARTE, Maria Eugênia. (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 107-128.
- EMONDS, Joseph. (1976) *A transformational approach to English syntax*. New York: Academic Press.
- EUGÊNIO SOUTO, Keli. (2014) *Categorias funcionais e lexicais no licenciamento de verbos de trajetória: o caso do verbo 'ir'*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.
- FÁBREGAS, Antonio. (2007) The Exhaustive Lexicalization Principle. *Tromsø Working Papers on Language and Linguistics (Nordlyd)* 34(2): 165-199.
- \_\_\_\_\_. (2009) An argument for phrasal spell-out: indefinites and interrogatives in Spanish. *Tromsø Working Papers on Language and Linguistics (Nordlyd)* 36(1): 129-168.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. (1996) *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp.
- FREEZE, Ray. (1992) Existential and other locatives. *Language* 68(3): 553-595.
- GALVES, Charlotte. (1997) Do português clássico ao português europeu moderno: uma análise minimalista. *Estudos Linguísticos e Literários* 19: 105-128.
- \_\_\_\_\_. (1998) Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 34: 7-21.
- GALVES, Charlotte; NAMIUTI, Cristiane; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. (2006) Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, Annette; KEMMLER, Rolf; SCHÄFER-PRIEB, Barbara (Orgs.). *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, p. 45-75.
- GIBRAIL, Alba. (2010) *Contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português clássico*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GONÇALVES, Perpétua. (2010) *A gênese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- GONÇALVES, Perpétua; CHIMBUTANE, Feliciano. (2004) O papel das línguas Bantu na gênese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direccionais. *Papia* 14: 7-30.
- HAEGEMAN, Liliane. (1994) *Introduction to government and binding theory*. Oxford: Blackwell.
- HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. (1993) On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: \_\_\_\_\_ (Eds.). *The view from building 20: essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: The MIT Press, p. 53-109.
- HICKMANN, Maya; ROBERT, Stéphane. (2006) *Space in languages: linguistic systems and cognitive categories*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. (Typological Studies in Language, 66)

- HOEKSTRA, Teun; MULDER, René. (1990) Unergatives as copular verbs: locational and existential predication. *The Linguistic Review* 7(1): 1-79.
- HOLMBERG, Anders. (2000) Scandinavian stylistic fronting: how any category can become an expletive. *Linguistic Inquiry* 31(3): 445-483.
- van HOUT, Angeliek. (2000) Event semantics in the lexicon-syntax interface. In: TENNY, Carol; PUSTEJOVSKY, James (Eds.). *Events as grammatical objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. Stanford: CSLI, p. 239-282.
- JACKENDOFF, Ray. (1983) *Semantics and cognition*. Cambridge: The MIT Press.
- KAYNE, Richard. (1994) *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: The MIT Press. (Linguistic Inquiry Monograph, 25)
- KIM, Jeong-Seok. (1998) Is locative inversion an empirical argument for local economy?. *The Linguistic Association of Korea Journal* 6(2): 45-65.
- KOOPMAN, Hilda. (2000) Prepositions, postpositions, circumpositions, and particles. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *The syntax of specifiers and heads*. London: Routledge, p. 204-260.
- KRATZER, Angelika. (1988) Stage-level and individual-level predicates. In: KRIFKA, Manfred (Ed.). *Genericity in natural language*. Proceedings of the 1988 Tübingen Conference. Tübingen: SNS-Bericht, p. 247-284.
- \_\_\_\_\_. (2004) Telicity and the meaning of objective case. In: GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline (Eds.). *The syntax of time*. Cambridge: The MIT Press, p. 398-425.
- KRIFKA, Manfred. (1992) Thematic relations and links between nominal reference and temporal constitution. In: SAG, Ivan; SZABOLCSI, Anna (Eds.). *Lexical matters*. Stanford: CSLI, p. 29-53.
- LEVIN, Beth; RAPPAPORT HOVAV, Malka. (1995) *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: The MIT Press. (Linguistic Inquiry Monograph, 26)
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). (2009) *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA.
- LUMSDEN, Michael. (1988) *Existential sentences: their structure and meaning*. New York: Croom Heim.
- MASSAGARDI MENDES, Jaqueline. (2004) *O alçamento de sintagmas preposicionados no português brasileiro: século XIX*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. (2013) *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- MOLLICA, Maria Cecília. (1996) A regência variável no verbo *ir* de movimento. In: SILVA, Giselle; SCHERRE, Maria Marta (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 147-167.
- MUNHOZ, Ana Terra. (2011) *A estrutura argumental das construções de tópico-sujeito: o caso dos sujeitos locativos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

- MUNHOZ, Ana Terra; NAVES, Rozana. (2012) Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. *Signum* 15(1): 245-265.
- NEELEMAN, Ad; SZENDRŐI, Kriszta. (2007) Radical pro-drop and the morphology of pronouns. *Linguistic Inquiry* 38(4): 671-714.
- NEGRÃO, Esmeralda. (1999) *O português do Brasil: uma língua voltada para o discurso*. Tese de Livre-Docência – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. (2004) *Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem//Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PANTCHEVA, Marina. (2010) The syntactic structure of Locations, Goals and Sources. *Linguistics* 48(5): 1043-1082.
- \_\_\_\_\_. (2011) *Decomposing path: the nanosyntax of directional expressions*. Ph.D. Dissertation, Universitetet i Tromsø, Tromsø.
- PEREIRA, Célia. (1998) *Inversão locativa em português*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Porto, Porto.
- PESETSKY, David; TORREGO, Esther. (2001) T-to-C movement: causes and consequences. In: KENSTOWICZ, Michael (Ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge: The MIT Press, p. 355-426.
- PILATI, Eloisa. (2006) *Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem verbo-sujeito no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.
- PINTO, Carlos Felipe; ANTONELLI, André. (2014) O efeito V2 na história do espanhol e português europeus. *Filologia e Linguística Portuguesa* 16(Número Especial): 163-197.
- PIRES, Marcos Eroni. (2010) *A sintaxe de constituintes locativos no português brasileiro: restrição e predicação*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- POGGIO, Rosauta. (2002) *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: Editora da UFBA.
- POLLOCK, Jean-Yves. (1989) Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20(3): 365-424.
- PONTES, Eunice. (1987) *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- RAMCHAND, Gillian. (2008) *Verb meaning and the lexicon: a first phase syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RAMCHAND, Gillian; SVENONIUS, Peter. (2014) Deriving the functional hierarchy. *Language Sciences* 46(Part B): 152-174.
- RAMMÉ, Valdilena. (2012) *A expressão do deslocamento nas línguas naturais: análise da estrutura [V<sub>maneira</sub> + Prep<sub>loc</sub>]*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- RAPOSO, Eduardo. (1992) *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.

- RIBEIRO, Ilza. (1995) *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- van RIEMSDIJK, Henk; HUYBREGTS, Riny. (2002) Location and locality. In: van OOSTENDORP, Marc; ANAGNOSTOPOULOU, Elena (Eds.). *Progress in grammar: articles at the 20th anniversary of the Comparison of Grammatical Models Group in Tilburg*. Amsterdam: Meertens Instituut, p. 1-23.
- RIZZI, Luigi. (1990) *Relativized minimality*. Cambridge: The MIT Press. (Linguistic Inquiry Monograph, 16)
- \_\_\_\_\_. (1997) The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Ed.). *Elements of grammar: handbook in generative syntax*. Dordrecht: Kluwer, p. 281-337.
- ROBERTS, Ian. (1993) *Verbs and diachronic syntax: a comparative history of English and French*. Dordrecht: Kluwer.
- ROCHEMONT, Michael; CULICOVER, Peter. (1990) *English focus constructions and the theory of grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SAINT-DIZIER, Patrick. (2006) Introduction to the syntax and semantics of prepositions. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *Syntax and semantics of prepositions*. Dordrecht: Springer, p. 1-25.
- SHAY, Erin; SEIBERT, Uwe. (2003) *Motion, direction and location in languages: in honor of Zygmunt Frajzyngier*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. (Typological Studies in Language, 56)
- SON, Minjeong; SVENONIUS, Peter. (2008) Microparameters of crosslinguistic variation: directed motion and resultatives. In: ABNER, Natasha; BISHOP, Jason (Eds.). *Proceedings of the 27th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville: Cascadilla, p. 388-396.
- STARKE, Michal. (2001) *Move dissolves into merge: a theory of locality*. Ph.D. Dissertation, Université de Genève, Genève.
- \_\_\_\_\_. (2009) A short primer to a new approach to language. *Tromsø Working Papers on Language and Linguistics (Nordlyd)* 36(1): 1-6.
- \_\_\_\_\_. (2011) *Towards elegant parameters: language variation reduces to the size of lexically stored trees*. Ms., Universitetet i Tromsø, Tromsø.
- SVENONIUS, Peter (Ed.). (2002) *Subjects, expletives, and the EPP*. New York: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. (2006) The emergence of axial parts. *Tromsø Working Papers on Language and Linguistics (Nordlyd)* 33(1): 49-77.
- \_\_\_\_\_. (2007) Adpositions, particles, and the arguments they introduce. In: REULAND, Eric; BHATTACHARYA, Tanmoy; SPATHAS, Giorgos (Eds.). *Argument structure*. Amsterdam: John Benjamins, p. 63-103.
- \_\_\_\_\_. (2010) Spatial P in English. In: CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi (Eds.). *The cartography of syntactic structures – vol. 6*. Oxford: Oxford University Press, p. 127-160.
- SVENONIUS, Peter et al. (Eds.). (2009) *Tromsø Working Papers on Language and Linguistics (Nordlyd)* 36(1): Special issue on Nanosyntax.

- TALMY, Leonard. (1985) Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). *Language typology and syntactic description: grammatical categories and the lexicon* – vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, p. 57-149.
- \_\_\_\_\_. (2000) *Toward a cognitive semantics: typology and process in concept structuring*. vol. II. Cambridge, MA: The MIT Press.
- TARALDSEN, Tarald. (2010) The nanosyntax of Nguni noun class prefixes and concords. *Lingua* 120(6): 1522-1548.
- TORREGO, Esther. (1989) Unergative-unaccusative alternations in Spanish. In: LAKA, Itziar; MAHAJAN, Anoop (Eds.). *Functional heads and clause structure* (MIT Working Papers in Linguistics 10). Cambridge: The MIT Press, p. 253-269.
- TORRES MORAIS, Maria Aparecida. (1995) *Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- VENDLER, Zeno. (1967) *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.
- VIKNER, Steven. (1995) *Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages*. Oxford: Oxford University Press.
- de VINCENZI, Marica. (1989) *Syntactic parsing strategies in a null subject language*. Ph.D. Dissertation, University of Massachusetts Amherst, Amherst.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa; OH, Eunjeong. (2007) *On the syntactic composition of manner and motion*. Cambridge: The MIT Press. (Linguistic Inquiry Monograph, 48)
- ZWARTS, Joost. (2008) Aspect of a typology of direction. In: ROTHSTEIN, Susan (Ed.). *Theoretical and crosslinguistic approaches to the semantics of aspects*. Amsterdam: John Benjamins, p. 79-106.